

# Logares Selectos

DOS

## CLASSICOS PORTUGUEZES

Nos principaes generos de discurso prosaico,

PARA USO DAS ESCHOLAS.

POR

*A. Cardoso Borges de Figueiredo,*

Cavalleiro da Ordem da Conceição, Membro do Conselho Superior d'Instrucção Publica, Professor de Oratoria, Poetica e Literatura Classica no Lyceu de Coimbra, etc.

Nos bons livros acha o curioso ingenho-aviso e conselhos excellentes, e flores cheirosas e saudaveis, das quaes, á similhaça da abelha, sõe muitas vezes lavar doces favos de mel na colmêa da alma.

*Heitor Pinto, Dialogo 3.º cap. 17.º*



COIMBRA,

NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1845.

BIBLIOTHECA  
REGIA  
MAGNENSIS.

## PROLOGO.

Muito tempo ha que nas eschololas portuguezas se desejava uma collecção de *Logares Selectos dos nossos Classicos*; d'esses eminentes escriptores, que, acabando de fixar e polir as fórmas do patrio idioma, o falaram com singular pureza. A ninguem é desconhecido, quanto a lição d'aquelles mestres seja proveitosa, antes indispensavel aos nossos mancebos, chamados á vida literaria. Assim é que elles podem d'esde o berço tomar amor ás veneraveis cans de nossa antiga e casta linguagem: assim vão elles tambem, depois que lhes amanhece a luz da razão, formando o gosto por bons modelos nos varios generos de discurso; sendo que pouco valem os preceitos theoreticos, se ante os olhos se não põem convenientes exemplares.

A esta bem reconhecida necessidade acudiu em fim o zêlo do Conselho Superior de Instrucção Pública; o qual, entre os seus primeiros cuidados, teve o de encher uma lacuna tão estranhavel, commettendo a um de seus membros o trabalho de compilar uma *Selecta Classica*. Essa tarefa nos coube; procurámos desempenhal-a, quanto nol-o permittiam outras, em que lidamos; e hoje fazemos pública na estampa uma obra, de que a mocidade tanto carecia.

Destinado ás eschololas, devia este livro ministrar ás de Instrucção Primaria exercicios de leitura; ás de Latínidade materia para as versões latinas; ás d'Oratoria, Poetica e Literatura Clas-

sica, exemplos para analyse e prática nos diversos generos literarios. Com esta mira (mas occupando-nos, por ora, sómente da prosa, por já termos anthologias poeticas) rastejámos aquelles trechos, que na relação da doutrina, da linguagem e do estylo mais accommodados fossem assim á cultura moral e civil, como á literaria, dos mancebos. Abrindo pois os preciosos cofres, que nos legaram os *quinhentistas*, e ainda alguns escriptores do seculo 17.º, dos que têm character classico, extrahimos reliquias dos monumentos de *Barros, Osorio, Arraes, Heitor Pinto, Fernão Mendes, Lucena, Rodrigues Lobo, Fr. Luiz de Sousa, Soares Toscano, Freire de Andrade, D. Francisco Manoel de Mello, e Antonio Vieira*: dos quaes uns são recommendaveis pelo estylo; outros pela energia dos conceitos; estes pela precisão e propriedade dos termos; aquelles pela força d'eloquencia; e todos pela sã doutrina, e pela castidade da phrase.

E discorrendo gradualmente pelos principaes generos de discurso prosaico, appresentámos primeiro o *familiar* com dialogos, exemplos, gnomas, parabolas e apophthegmas. Após elle vem o *epistolar*, offerecendo modelos de cartas mandadeiras sobre varios assumptos. Seguem-se, no *descriptivo*, pinturas de characteres, e descripções de logares e d'outros objectos: e no *historico*, narrações de feitos memoraveis. Servindo de corôa a todos estes generos, apparece por ultimo o *oratorio*, trazendo discursos inteiros na eloquencia profana, e partes d'outros na sagrada.

O resultado da selecção não correrá parilhas com os nossos esforços; nem o nosso gosto acertaria (quem sabe?) com o dos philologos mais entendidos. A locução porém achareis que



é castiça: com quanto trajada á moderna, a ancianidade madura de nossa antiga linguagem vos apparecerá em seu donaire nativo. Se adoptámos a orthographia hodierna, foi porque já ninguem ahi ha, que diga — *assi, consume, pera, segre*, etc. — senão — *assim, consome, para, seculo*; — nem convinha que os meninos, ouvindo uma cousa na theoria, encontrassem outra na práctica. Quando for tempo, lá verão elles nos originaes o antigo traje das palavras.

Taes foram o fim e o plano do nosso trabalho: assim possa com elle a mocidade, na cultura das letras, colher o fructo, que lhe desejamos!





---

# Primeiro Genero.

## DISCURSO FAMILIAR.

### DIALOGOS.

#### I. (\*)

*Dos louvores da lingua portugueza.*

**U**Ma cousa vos confessarei eu, Sr. Leonardo (disse D. Julio), que os Portuguezes são homens de ruim lingua, e que tambem o mostram em dizerem mal da sua, que, assim na suavidade da pronunciação, como na gravidade e composição das palavras, é lingua excellente. Mas ha alguns nescios, que não basta que a falem mal, senão que se querem mostrar discretos, fazendo mal della: e o que me vinga de sua ignorancia, é que elles accreditaõ a sua opinião; e os que falam bem, desaccreditam a ella, e a elles. Bravamente é apaixonado o Sr. D. Julio (acudiu o doutor) pelas cousas da nossa patria; e tem razão, que é dividida, que os nobres devem pagar com maior pontualidade á terra, que os criou. E verdadeiramente que não tenho a nossa lingua por grosseira, nem por bons os argumentos, com que alguns querem provar que é essa; antes é branda para deleitar, grave para engrandecer, efficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, e accommodada ás materias mais importantes da práctica e escriptura. Para falar, é engraçada, com um modo

---

(\*) São interlocutores — *Leonardo*, senhor da casa; *Ivicio*, doutor; *D. Julio*, fidalgo; *Pindaro*, estudante; e *Scirino*, velho, etc.

senhoril: para captar, é suave, com um certo sentimento, que favorece a musica: para pregar, é substancial, com uma gravidade, que auctoriza as razões e as sentenças: para escrever cartas, nem tem infinita cópia, que dançe, nem brevidade esteril, que a limite: para historias, nem é tão florida, que se derrame, nem tão sècca, que busque o favor das alhêas. A pronunciaçào não obriga a ferir o céu da bôcca com aspereza, nem arrancar as palavras com vehemencia do gargalo. Escreve-se da maneira que se lê, e assim se fala. Tem de todas as linguas o melhor: a pronunciaçào da latina; a origem da grega; a familiaridade da castelhana; a brandura da franceza; a elegancia da italiana. Tem mais adagios e sentenças, que todas as vulgares, em fé de sua antiguidade. E se a lingua hebrêa, pela honestidade das palavras, chamaram santa, certo que não sei eu outra, que tanto fuja das palavras claras em materia descomposta, quanto a nossa. E para que diga tudo, só um mal tem, é que pelo pouco, que lhe querem seus naturaes, a trazem mais remendada, que capa de pedinte. Folguei estranhamente de vos ouvir (disse Solino), por não ficar tão covarde, como atégora estava, em ouvindo murmurar da lingua portugueza; e não ousava, ou não sabia dizer a minha opinião, a qual cuidava que me nascia do amor, que lhe tenho, e que cada um tem a suas cousas, como o corvo aos filhos, e Pindaro ás suas trovas. Porém, quando um homem tão bemfundado na razão, como o doutor, e tão auctorizado em seu parecer, sustenta esta parte, nenhuma haverá já tão rija, que me tire o atrevimento. Nem a lingua (disse Pindaro); pois não ha amizade, que vos faça perder o costume. Perdoai-me (tornou elle); que vos feri, por não perder o golpe.

*Definição de carta; tres generos das missivas.*

Agora começando a entrar na leitura das regras, sabemos que cousa é carta missiva ou mandadeira, e o para que foi inventada; que, pela definição de Marco Tullio, a quem todos sèguem, é uma mensa-

geira fiel, que interpreta o nosso animo aos ausentes, em que lhes manifesta o que queremos que elles saibão de nossas cousas, ou das quo a elles lhe relevam. Tres generos de *cartas missivas* assigna o mesmo Tullio, aos quaes alguns costumam reduzir muitas especies dellas. O primeiro é das *cartas de negocio, e de cousas, que tocão á vida, fazenda e estado de cada um*, que é o para que as cartas primeiro foram inventadas; que por tractarem de cousas familiares, se chamaram assim. O segundo, de cartas d'entre amigos. uns aos outros, de novas e cumprimentos, de galantarias, que servem de recreação para o intendimento, e de allivio e consolação para a vida. O terceiro, de materias mais graves e de pêso, como são de governo da républica, e de materias divinas, de advertencias a principes e senhores, e outras similhantes. O primeiro genero se divide em cartas domesticas, civis e mercantis. O segundo, em cartas de novas, de recommendação, de agradecimento, de queixumes, de desculpa, e de graça. O terceiro, que é mais grave e levantado, contém cartas reaes em materias de estado, cartas públicas, invectivas, consolatorias, laudativas, persuasorias, e outras, que se pagam a cada uma das que nomeei em todos os tres generos. E onde deixais (disse D. Julio) as cartas amatorias ou namoradas? que, se na vossa idade não tem logar, parece que o mereciam neste discurso. Bem sei eu (tornou Solino) quem as tomára no primeiro; mas o Sr. Leonardo já não joga com essas cartas. Não me esquecia de todo dellas (tornou elle); mas deixo-as, para que no fim das mais sejam melhor recebidas, e para proseguir a materia quem agora as podér apurar.

As do primeiro genero (disse o doutor) me parecem cartas muito sêccas, que é materia esteril para que empregueis nella sem fructo o vosso intendimento. Antes (disse Leonardo), como essas foram as primeiras, e dellas nascêram as leis e as regras para outras, será razão que debaixo deste genero tractemos das mais, repartindo o pouco, que eu soube dizer, por os logares de cada uma.

*Brevidade, clareza e propriedade do escrever nas cartas.*

E assim me parece, que, como a carta, que escrevemos ao amigo sobre seu negocio; ao criado sobre as cousas da casa; e o mercador ao outro sobre seus tractos e mercancia, é um aviso e uma relação, que lhe não podemos fazer em presença: fazendo-o por meio d'uma carta, devemos usar nella o que na práctica costumamos, que é brevidade sem enfeite, clareza sem rodeios, e propriedade sem metaphoras, nem translações. E quando (disse o doutor) faremos breves em uma carta? Quando (respondeu elle) de tal maneira, e com tal artificio a escrevermos, que se intendam della mais cousas, do que tem de palavras. E como pôde ser? (tornou elle.) Por meio dos relativos e subsequentes (disse Leonardo), que, sem nomear as palavras, as repetem; e por ordem das sentenças e adagios, que, sem entender as cousas, as declaram: e nisto se adeantam muito as cartas de práctica familiar, que se escrevem de cuidado, e tem mais tempo de se furtarem palavras, para se subintenderem razões. E que cousa é enfeite ou affectação? (perguntou Solino.) É, disse elle, o cuidado sobrejo de enfeitar as palavras com elegancia, ou por via de epithetos, ou de escolha de logar, para as syllabas fazerem melhor som aos ouvidos. E em favor desta opinião, dizia um homem insigne deste reino, e que teve nelle os melhores logares da républica ecclesiastica e secular, que a carta e a mulher muito enfeitadas, em certo modo erão deshonestas: e eu antes seguira este voto, que o de alguns rhetoricos, que deram á carta missiva cinco partes de oração, convêm a saber: *saudação, exordio, narração, petição, e conclusão*; e se houvessemos de seguir o seu estylo, mudariamos de todo o das cartas. Nunca rhetoricos (disse o estudante) souberam escrever cartas, se as sujeitaram ás leis da oração. Mas parece que o Sr. Leonardo dá a entender, que na carta se não devem usar epithetos ou adjectivos, por evitar o enfeite e sobeja elegancia della; e eu tenho, que sem elles se não pôde escrever.

*Dos epithetos e enfeites na carta.*

Os epithetos (proseguiu Leonardo) ou servem para descripção e declaração das cousas, ou para propriedade, ou para ornamento & enfeite dellas. Os primeiros são necessarios nas cartas, como em tudo; os segundos menos; os terceiros escusados. Para dizer ou escrever: *um homem douto, uma mulher formosa, um cavallo ligeiro, uma arvore alta, um caminho comprido, um peito forte*, são attributos necessarios para declarar o que queremos dizer; porque ha homem, que não é douto; mulher, que é fea; e os mais. Os de propriedade: como: *ferro frio, selva verde, sol claro, calma ardente, areia secca, pedra dura*, estes são pouco necessarios nas cartas; e sómente por comparação, ou em adagios se devem usar nellas, como dizendo: *é duro como pedra*, ou: *é dar em pedra dura*, ou: *é malhar em ferro frio*. Os de elegancia e ornamento, tenho eu, que se hão de degradar das cartas missivas para fóra do termo dellas, como agora: *firme soffrimento, incansavel diligencia, solícito desejo, cuidadoso receio, importuna lembrança, desusada brandura*, e outros, que tem juiz de seu fóro. Assim que, não digo que falem nas cartas epithetos necessários, mas que se escusem os sobejos; nem se andem grangeando as palavras, para fazerem assento em o cabo da sentença, que será ir contra a brevidade, sem enfeite, ou affectação.

Parecia-me a mim (disse Solino) que a carta breve seria a de menos régras; e que não estava a cousa nos epithetos serem proprios, ou necessarios. Uma carta (proseguiu elle) póde ser breve, e levar escriptas muitas paginas de papel; porque póde tractar de tantos negocios ou cousas, que as occupem, mas estarão relatadas de modo, que seja a leitura comprida, e a carta breve.

*Da clareza nas cartas.*

O segundo ponto (perguntou Pindaro), que é clareza sem rodeio, me parece a mim que fica declarado nessa primeira parte; pois, sendo breve a carta, e não

tendo enfeite nas palavras, será clara, e sem rodeios. Não estais no caso (tornou elle); que, posto que a clareza é parte da brevidade, a clareza é das razões, e a brevidade das palavras: e assim pôdo a carta ser breve, mas confusa; e clara, sendo comprida: que muitos para dizerem cousas, querem estrada coimbrã, e caminho direito; buscam rodeios e atalhos, em que se perdem, confundindo o que querem dizer. Em uma minha doença me escreveu um amigo, e dizia: *Disseram-me que a saude de vossa mercê corria perigo na inconveniencia de medicos discrepantes no remedio dos males dessa doença. E fez estas trocas onde podia dizer: Soube que os medicos não se conformavam na cura dos vossos males, e que na dúvida delles corria risco vossa saude.* Outro me escreveu ha muitos dias: *Se vossa mercê não está ausente das lembranças, que suas promessas me asseguravam, de haver de ter muitas deste seu captivo; . . . havendo de dizer: Se vos não esquece que me promettestes de ter lembranças de mim. . .*

#### *Da propriedade das palavras no escrever.*

E porque ainda temos logar de tornar aos particulares das disposições de razões; passando ao terceiro ponto, que é *propriedade sem metaphoras* ou *translações*; a propriedade (disse o doutor) era materia da noite passada, quando falastes das letras e razões em seu logar, sem barbaria, nem impropriedade no escrever: e como isto é parte do exterior da carta, já hoje não tem dia. A propriedade, que vós dizeis (acudio Leonardo), é exterior, mas muito differente a de que eu tracto, e não pouco importante ao falar e escrever, que é a propriedade das palavras na sua propria significação, sem serem emprestadas por via de translações para outros logares, que é termo, que argue nobreza de linguagem; e porque fique mais declarado, sabei que dizemos em portuguez, falando propriamente dos nomes: *Bando de aves, cardume de peixes, rebanho de ovelhas, fato de cabras, vara de porcos, alcatem de lobos, tropel de cavallos, cafila de camelos, récuu*



*de cavalgadas, manga de arcabuzeiros, mó ou roda de homens; e se, trocando isto, disseramos: Um cardume de aves, ou uma alcatúa de ovelhas, ou um fato de porcos, seria impropriedade e desconcerto. Dizemos tambem nos verbos: Chiar de aves, balar de gado, grunhir de porcos, ladrar de cães, rinchar de cavallos, bramir de leões, empolar de mares, encapelar de ondas, assoprar de ventos, etc. E se dissessemos: chiar de porcos, rinchar de leões, e grunhir de cavallos, seria o mesmo erro. E porque ha metaphoras e translações tão usadas e proprias, que parecem nascidas com a mesma lingua, que como adagios andam pegadas a ella, se devem trazer (quando forem taes) nas cartas missivas, do mesmo modo que na practica se costumam. Dizemos dos nomes: folha d'espada, lumè d'espelho, véa d'agua, braço de mar, lingua de fogo, lanço de muro, faza de ferro, e outras semelhantes: e nos verbos, lançar o cavallo, fazer á capa, quebrar a palavra, cospir o pelouro, arripiar a carreira; e outras muitas: e, além destas tão usadas e naturaes, que servem de propriedade á lingua portugueza, ha outras nascidas de proverbios ou adagios, que tem o mesmo logar e antiguidade, como são: furtar o corpo, ir vento em pópa, nadar contra a agua, ficar em sécco, repicar em salvo, tirar barro á parede, etc. E quanto a carta tiver mais destas, será mais breve e cortezã; pois, como primeiro disse, por este modo se intendem da carta mais cousas, do que tem escripto de palavras.*

#### *Modos de falar errados.*

Pelo contrario, usando, em logar destas, outras humildes, populares ou innovadas, será vicio na propriedade da carta; como se nos nomes dissessemos: *um feixe de cuidados, um mar de encomendas, um moio de queixumes, um golpe de razões*; e nos verbos, como: *enfeitar o desejo, tropeçar em cuidados, navegar em desconfiança*, e outras muitas. Esta é a propriedade, de que tracto, e a que me parece que se deve usar no escrever das cartas missivas; porque não soffre o estylo

dellas o que em a práctica, ou em outro genero de escriptura não sómente se permite, mas muitas vezes se deseja.

*Nomes populares.*

Espero (disse D. Julio) que deis alguma limitação, ou declareis a linguagem, que se deve usar neste estylo das cartas; porque encontro muitas muito mal escriptas, cujos erros, a meu ver, nascem de os homens se cansarem muito em quererem parecer singulares. Posto que isso pertence primeiro ao falar, que ao escrever (respondeu Leonardo), pois, como já disse, devemos escrever como practicamos; as palavras da carta hão de ser vulgares, e não já populares, nem exquisitas: vulgares de modo, que todos as intendam; e ao menos, que, a quem se escrevem, não sejam peregrinas: e não já populares, que sejam termos humildes, palavras baixas, que a cortezia não recebe: e que tão pouco, em logar dos adagios e sentenças, tenham anexins. Tambem se deve fugir ao termo exquisito de palavras alatinadas, ou acarretadas d'outras linguas estranhas, que sempre tem o sabor da sua origem.

RODRIG. LOBO, *Côrte na Aldéa*, Dial. 1.º e 3.º

**II.** (\*)

*Sobre o desprezo das riquezas e inconstancia das prosperidades.*

Grande foi (disse o prior) o desprezo, que muitos dos gentios mostráram das riquezas. Grande, disse o Portuguez. Paulo Emilio; Romano, depois que venceu Perso, rei dos Macedonios, todos os despojos, que foram infinitos, repartiu pelos soldados, sem querer para si ouro, nem prata, nem outra cousa alguma. Quiz mais trazer para sua casa honra, que dinheiro, tendo por

---

(\*) Interlocutores — um Portuguez, e o prior d'um mosteiro.

melhor vir mais chéio de gloria , que de riqueza. Destruida e saqueada a cidade de Megara , e perguntado o philosopho Stilpão , que nella vivia , que perdêra ? respondeu que nada ; porque todas suas cousas tinha consigo , porque a guerra não levava despojos da virtude. Assim o conta Plutarcho no livro da criação dos filhos. O que tambem disse Bias na destruição da sua cidade Priene , como o conta Laercio na sua vida , e Cicero nos Paradoxos. Os seus patrimonios foram roubados , e as suas fazendas postas a sacco , e as suas casas entregues ao fogo : e sendo tudo isto perdido , diziam , que não perderam nada ; porque não perderam a sciencia , nem a virtude , nem a constancia : finalmente não perderam cousa , que perdida , ficassem perdidos , pois lhe ficava a philosophia , com que se tinham por ganhados. O mundo não pôde tirar a ninguem , senão o que lhe deu : e como elle a ninguem deu a virtude , nem sabedoria , nem firmeza , está claro que lhe não pôde tirar nenhuma destas cousas. Na destruição daquellas duas cidades , os ricos avarentos perderam suas riquezas , os deliciosos suas delicias , os ambiciosos suas honras : ultimamente os que tractavam em malicia , e nella mettiam seu cabedal , perderam o que elles tinham por seu bem ; mas os philosophos disseram , que nada perderam. As cidades podem-se tomar e destruir , mas a virtude é inexpugnavel. Os altos muros de Babylonia , edificados por Semiramis , como conta Strabo , e Solino , e Diodoro Siculo , e Amiano Marcellino , e Paulo Orosio : os quaes muros , como diz Plinio , tinham em circuito sessenta mil passos , e de altura duzentos pés , e cincoenta de largura , com o qual concorda Julio Solino : pela qual causa foram contados entre as septe maravilhas do mundo : foram derribados , e a cidade tomada por Cyro , como o conta Xenophonté , Herodoto , e Justino. A famosa Carthago , nobre por edificios , rica por commercios e despojos , e grande dominio , espantosa por fôrça d'armas , emula de Roma ; inexpugnavel por bravos e animosos capitães , foi assolada e posta por terra por Scipião , como o conta Tito Livio , e Eutropio. A invencivel Roma , cabeça do mundo , tida por um só

temor e espantò do universo, foi vencida dos Godos, e seu alto Capitolio derribado, e grande parte de sumptuosos edificios queimados, como conta Paulo Diacôno, e Pomponio Leto. E assim o foi a grande Troya na menor Asia, de que está cheio Homero e outros poetas, e infinidade de livros: e a espantosa Numancia em Hespanha, cuja destruição conta Floro, e Entropio, e em nossos tempos Floriano do Campo. E o mesmo fim houveram muitas outras cidades, ao parecer dos homens, inexpugnaveis; porque em fim, quanto nesta vida é sujeito a corrupção, tudo acaba; tudo se consome.

HEITOR PINTO, *Dial. da tranquillidade da vida*, Cap. 13.º

### III. (\*)

#### *Da conquista da India pelos Portuguezes.*

*Antiocho.* A conquista dos mares e terras do Oriente merece maiores louvores, que os que lhe poderá dar a lingua de Marco Tullio, principe da eloquencia romana: mas, por satisfazer a vossos desejos, mostrarei na empresa desta historia a pobreza de minha oração. Indignado o espantoso e immenso Oceano por muitos mil annos, não consentia que lhe descobrissem os homens suas carreiras, reclamando com suas bravas tormentas e ventos encontrados, dando a muitos nobres e valentes preciosas sepulturas no profundo de suas temerosas agnas. Mas em fim por varios casos, com singular fortuna triumpharam delle os Portuguezes. Tentou Trajano ir á India pelo rio Tigre; mas excluíram-no as ondas soberbas do mar indico, que havia de soffrer o imperio da bem fortunada Lusitania, e não o da potentissima Roma. Foram Portuguezes a Calicut a pedir commercio e contractação, offerecendo para isso ouro copioso: e porque lhe negaram o que o direito das gentes lhes concedia; por instrução dos Mouros contractadores; armaram suas mãos direitas, poderosas e inven-

---

(\*) Interlocutores — *Antiocho e Herculano.*

civeis contra elles, e onde lhes impediram a prégão do Evangelho, a introduziram apezar dos infieis. Triumpharam das aguas do mar atlantico, ethiopico, arabico, persico, indico, taprobanico e boreal: e das drogas, perolas, diamantes, elephantes, e rhinocerontes do oriente, e dos tigres ou reimões de Malaca. Revelaram aos sabios da terra muitos segredos da natureza, que jaziam escondidos no profundo, e, como diz o proverbio, no poço de Democrito, ignorados de excellentes philosophos. Chegaram, despregando bandeiras, tomando cidades, sujeitando reinos, aonde nunca o victorioso Alexandre, nem o afamado Hercules (cujas façanhas os antigos tanto admiraram) poderam chegar. Acharam novas estrellas, navegaram mares e climas incognitos, descobriram a ignorancia dos geographos antigos, que o mundo tinha por mestres de verdades occultas. Tomaram o direito a costas, diminuiram e accrescentaram gráus, emendaram as alturas; e sem mais letras especulativas, que as que se praticam em o convés de um navio, gastaram o louvor a muitos, que em celebres universidades haviam gastado seu tempo. Reprovaram as taboas de Ptolemeo, porque, caso que fosse varão doctissimo, não sondou aquelles mares, nem andou por aquellas regiões. Descobriram o sepulcro e martyrio do Apostolo S. Thomé, e ensinaram aos medicos da nossa Europa, que cousa era aloé de Cacotorá, que dista do estreito de Mecha cento e vinte oito leguas; e que era o anbar, anacardo, heñjuim, o calam<sup>o</sup> aromatico, a arvore canfora, o cardamomo, cannafistula, canella, cravo de Meluco, gengibre, linaloes, e a massa do Malayo, o reubarbo da China, e o sandalo vermelho e branco, aquem e além do Ganges. Ouso affirmar, que não ha nação na terra conhecida, a que tanto se deva, como a Portuguezes; e quem delles souber outras muitas cousas, que deixou, confessará que meus louvores ficaram muito aquém, e que disse menos, do que podéra dizer. Poderoso por certo é Deus para fazer grandezas, e mui milagroso se mostra nas cousas pequenas, como disse Plinio, e em breve exalça os baixos, e conturba os conselhos dos grandes, quando lhes quer mudar o

estado. Estando o poder lusitano quasi desbaratado pela ausencia de seu invencivel capitão, D. Nuno Alvares Pereira, estava elle apartado dos seus, posto em oração, pedindo a Deus victoria; e sendo achado, e avisado do perigo, em que os seus estavam, requerendo-lhe que acudisse, para que com a sua presença os esforcasse, respondeu com sancta confiança, que não era ainda tempo, como quem tinha em Deus certeza e segurança da desejada victoria, que logo com grande gloria alcançou. As victorias, que os Portuguezes alcançaram dos Turcos na India oriental, se tomamos o voto da razão humana, attribuir-se-hão a desatino. Pois os nossos nunca foram eguaes delles em numero, forças e apparatus de guerra: como não foram os bisonhos de Pompeio Magno eguaes aos veteranos de Julio Cesar, exercitados nas Gallias dez annos. Mas quiz Deus, que resplandecesse assim mais sua omnipotencia. Com moscos e gafanhotos expugnou o Senhor a altiva dureza de el rei Pharaó. Espanta-se o mundo, e tem inveja á nossa ferocidade, quando vê que puzemos o oriente debaixo de nossas leis e imperio, e mettemos suas riquezas pela barra do delicioso Tejo, e descobrimos o nascimento do Nilo (disputado com contumaz e soberba porfia de ingenhos humanos), e as causas verdadeiras, por que o mar arabico é roxo, cousa, de que os antigos falaram varia e fabulosamente.

*Her.* Com muito gosto ouço o que dizeis, pela parte, que me cabe. Lembra-me, que me disse um Portuguez, terem experimentado os nossos, que os diamantes se quebram facilmente com um martello, e que era fabula dizer, que amolleciam com sangue de bode; e que tambem era fingimento affirmar, que a pedra de cevar não attrahia o ferro, estando presente o diamante. E um medico portuguez, que conversou a India muitos annos, escreve, que a pedra de cevar, comida em certa quantidade, preserva da velhice; e que um rei de Ceilão mandava fazer panellas desta pedra, em que lhe faziam de comer.

*Ant.* Tudo isso é verisimil; mas tornemos á nossa historia, que repetirei de mais longe, por vos fazer a

vontade. Dês que el rei D. João, primeiro deste nome, sendo já velho, conquistou Seuta (a maior e mais fortalecida cidade de toda a Mauritania, sita na praia do estreito de Gibraltar), tiveram os nossos occasião para mais estender a potencia de suas armas, e mostrar, na grandeza e difficuldade de suas empresas, a fortaleza de seus peitos animosos. E assim o infante D. Henrique, filho do dito rei D. João (cujo espirito generoso e esforçado resplandeceu muito na tomada de Seuta), determinou proseguir mais ao longe esta alta pretensão. Dizia Plato, que, depois que a alma despia as perturbações das partes, que carecem de razão, e se conformava com o exemplar de todas as virtudes, produzia de si mesma umas pennas, com que se levantava ao alto, desejosa das cousas do céu. E por ventura tomou isto emprestado do propheta Isaías, quando disse: Quem são estes, que vòam como nuvens? Estas pennas rebentaram do coração magnanimo deste soberano príncipe, para voar por mares e terras desconhecidas, não tanto a fim de esclarecer seu nome, e dilatar os terminos de Portugal, quanto para limpar a religião sanctissima, e manifestar o nome de Christo a barbaras nações, distantissimas da nossa Lusitania. Com este desenho e proposito fez armadas, que correram as praias de Africa, e os mares contra o mar austral. Com esta industria acabou, que pela ousadia de valentissimos homens Portugal se apoderasse de boa parte da Ethiopia, de Africa e de muitas ilhas do oceano atlantico e ethiopico. A elle se deve o descobrimento das seis ilhas Fortunadas, celebradas dos antigos escriptores, que são as Canarias, como Plinio diz, referindo a Juba. E, postoque não falte quem diga, que se chamam assim da abundancia das cannas d'açucar, que ha nellas, todavia Plinio diz, que uma dellas se chamava Canaria, da multidão de grandes cães, que nella se criavam. O que disse Mela da fertilidade destas ilhas, é fabula. Não falo em cousas, que o vulgo sabe, nem na ilha da Madeira, princeza das ilhas do mar occidental, nem da Terceira, e outras muitas. Para mais commoda expedição destes negocios, residia o infante em

o Algarve na villa de Sagres, que dista uma legua do cabo de S. Vicente, donde partiam as frotas a abrir caminho contra as regiões orientaes. Tinha sabido aquillo, que escreveu Pomponio Mela: nos tempos de nossos avós um chamado Eudoxo, fugindo de Jathyco, rei de Alexandria, e saído pelo mar roxo ou arabico, navegou até Cadiz. O mesmo disseram Plinio, Solino, Marciano, Artemidoro e Xenophonte lampsaceno, que a carreira para a India, pelo oceano, foi sabida e navegada antigamente desde as columnas de Hercules. E mais, que em tempo de Caio Cesar se viram no mar roxo pedaços de náos de Hispanha, que fizeram naufragio, estando lá o mesmo Caio Cesar. Herodoto pôz em memoria, que os Gregos foram de parecer, que o mar atlantico se continuava com o mar roxo ou arabico. Em outro lugar disse, que os Gregos, moradores no ponto Euxino, tinham isto por cousa certa e experimentada. Conta mais, segundo antigos annaes de Egypto, que Neco, seu rei, mandou certos Phenices navegar do mar roxo, e correram todo o mar meridional, e, passado o estreito de Hercules, depois de dous annos tornaram a Egypto. Tambem affirmam os Gregos, que no tempo de Xerxes um Sataspes dobrou o cabo da Boa Esperança, donde se tornou, enfadado da longa navegação, ás columnas de Hercules, pelas quaes havia saído ao mar atlantico, e assim veio ter a Egypto. Finalmente Strabo testifica por auctoridade de Aristonico, grammatico do seu tempo, que Menelau navegou de Cadiz até á India. Como quer que seja, tenho por muito certo, que se algum antigo começou ou consummou esta monstruosa navegação, nunca outra vez a tentou. Sós os Portuguêzes, incansaveis, esporeados de seus ousados e ferozes animos, ou constangidos da maldita fome do ouro oriental, facilitaram e frequentaram a carreira desta immensa peregrinação. Não viu o infante D. Henrique, em sua vida, o effeito de seus ardentes desejos, anticipado da morte, no anno do nascimento de Christo de mil quatrocentos e septenta, sendo elle de septenta e septe annos. E ainda que os nossos em sua terra sejam como plantas novas, fóra della no pro-



seguimento destas conquistas se trocaram em arvores tão grossas, que não houve força bastante a lhes dobrar as pontas.

*Do proseguimento da conquista da India pelos reis D. João o II., e D. Manoel de gloriosa memoria.*

*Ant.* Depois fez muito sobre esta empresa el rei D. João II., e insistiu neste negocio, despendendo magnificamente seu thesouro, com tão grande successo, que penetraram os Portuguezes a maior parte da Ethiopia, e chegaram com suas armadas aonde se não esperava poderem chegar. Passaram o circulo equinoccial, e perderam de vista o nosso norte, e descobriram outras estellas contrarias a elle, pelas quaes se começaram a governar. E em fim, com porfiado esforço de seus animos valerosos, indiguando-se contra elles os mares altos e temerosos, dobraram aquelle cabo, o maior que já nas terras se viu; onde foram combatidos com tão estranhas tempestades e tormentas, que perderam muitas vezes a esperança da vida: e por tanto lhe chamaram *cabo das tormentas*; e o rei, tendo este descobrimento por felice prognostico da entrada da India, pôz-lhe nome de *boa esperança*. Por morte deste rei glorioso ficaram estes cuidados e protecções em herança ao bem afortunado e christianissimo rei D. Manoel. E caso que muitos lhe dissuadiam continuar esta porfia, não deixou de a proseguir; que as grandes esperanças são andarem em companhia dos animos altos e generosos. No coração deste rei ferveu sempre tal zêlo da honra de Christo, e amplificação da sua fé, que, não perdoando a muitos gastos de sua fazenda, nem á morte de seus naturaes, fez adorar o precioso sangue de Christo, onde d'antes o dos brutos animaes se sacrificava; e isto tão longe de seus reinos e senhorios, quão perto elle está do paraíso, que por esta empresa mereceu. No seu tempo em Guiné e toda a costa da Ethiopia os negros, que então viviam nas cavernas da terra ao modo de brutos animaes, sem policia humana, sem lei, sem figura de justiça, sem direito humano, nem

divino; deixadas as trévas, em que viviam, levantaram templos a Christo, em que é louvado seu nome, e altares, em que se offerece cada dia seu corpo e sangue sanctissimo. Então os advenas de Tyro, e o povo dos Ethiopios começaram a conhecer o verdadeiro Deus. Passo pelas victorias de Rumes, e pelos tributos, que poderosos reis do oriente lhe começaram a pagar, de que a coroa destes reinos recebe não pequenos proveitos; e por outros muitos triumphos, que em prosa e verso andam espalhados pelo mundo; não só pelos nossos historicos e oradores, mas tambem pelos estrangeiros. Basta que suas forças e armas bem afortunadas venceram muitas vezes os Turcos, tão desacostumados a ser vencidos (como no cerco de Diu, e no destroço de suas galés no estreito de Ofimís), e os levaram até aos fins do estreito do arabico, onde tem seus navios varados, sem ousarem levantar as vélas, que elle com suas grossas armadas tantas vezes amainou. Não se fale jámais nas columnas de Hercules, postas á nossa vista, cuidando elle que as punhá no cabo e fim do mundo. As quaes el rei D. Manoel riscou da memoria dos homens com outras mais altas e bemaventuradas, que arrancou nos ultimos fins do oriente, aos homens mais proveitosas (por serem imagens daquelle, em que Christo nosso Redemptor poz suas espadas), do que foram as de Hercules. Mais tinha que dizer deste rei de gloriosa memoria, mas com o dito vos havei por satisfeito, se quereis que tenha fim esta historia, a que me fizestes dar principio. Todavia darei remate ao que tenho dito, com a comparação, que uma vez li em Sancto Athanasio. Ha um genero de linho chamado asbestino, que se costuma a fazer da pedra amianto. E todas as cousas cubertas e vestidas deste linho, se se lançam no fogo, não padecem detrimento algum. Assim, diz Athanasio, a sacratissima Virgem Maria pariu aquelle Cordeiro innocentissimo, de cujo véllo glorioso se nos fizeram roupas de immortalidade, vestidos das quaes, nem chammas, nem cousa alguma nos pôde tomar o passo, que não passemos para a gloria, por meio de todas as difficuldades e cruezas d'esta vida. Cubertos destas armas

impenetráveis, passaram os Portuguezes por fogo e agua seguros, e aportaram em refrigerio. Cujo inventivel ardor nas armas foi sempre tal, que mais trabalho deram aos capitães em os reger e temperar, que em os animar e incitar. E ride-vos dos arnezes de Mião, e das espadas mouriscas e persicas, tam custosas, e das artilherias, que o diabo inventou para destruição da geração humana.

*Herc.* Escutae, por me fazer meroê, e tirae-me de uma ignorancia, em que vivo ha muitos tempos. Quem foi o inventor primeiro das bombardas e machinas de metal, e do artificio da polvora?

*Ant.* O uso da artilheria começou no anno do nascimento do Senhor de mil e trezentos e oitenta e dois. Não se sabe certo quem foi o primeiro auctor: e foi-lhe bom não se saber seu nome, por não ser execrado, maldito e anathematizado cada momento. Com esta abominavel arte chegou ao ultimo gráu a crueldade humana, e se esmoreceu a gloria da valentia, e o valor e primor da cavallaria. Não bastou ao homem a ira de Deus, que do Céu troveja, e faz espantoso ruido, mas, cumulando a crueldade com sua soberba, troveja tambem da terra. E o raio, que, segundo diz Virgilio, se não póde imitar, o furor e raiva humana o imitou. E o que das nuvens naturalmente se precipita, desda terra sóbe ao ar com ingenhos de madeira, e conquista as altas fortalezas. Alguns cuidam que a inventou em Veneza Bertoldo allemão. Outros dizem que inventou este artificio Archimedes, no tempo que Marcello tinha cercado a Çaragoça de Sicilia; porém se este ingenhoso velho Syracusano (e cuja sepultura se gloria Cicero haver descoberto, estando por Pretor em Sicilia) foi o inventor, tem desculpa, pois o fez para consêrvar a liberdade dos seus cidadãos, e para estorvar ou dilatar a destruição de sua patria. Mas agora usa-se dellé, ou para subjugar, ou para destruir os povos livres. Soía-se n'outro tempo usar tão poucas vezes, que se admirava muito a gente, quando via o seu estrondo: e agora, como os animos estão mais aparelhados para apprender o mal, e se ajudar das suas forças, é já isto

tão commum, como qualquer outro genero de armas. As quaes são signal de animo buliçoso: mas a artilheria é signal de animo covarde, que aos varões pacíficos não é agradável; e aos esforçados guerreiros é aborrecível. E isto podemos ter por certo, que o primeiro, que inventou esta arte diabolica, ou era covarde, ou traidor desejoso de damnar, e temeroso dos inimigos, e por isso machinou artificio, que de longe lançasse os golpes, aonde os ventos os quizessem levar; e o mesmo se póde intender dos mosquetes, e de outros tiros. O forte guerreiro deseja o encontro de seu inimigo, e o bombardeiro e espingardeiro foge d'elle. Prodigos somos da vida, que tanto amamos, pois por tantas partes andamos buscando a morte, que tanto tememos. A mim sempre me pareceu bem a opinião dos que sentiram ser invenção do demonio, pelo odio entranhavel e fignadal, que tem á natureza humana.

*Her.* Maravilhosas conjecturas são essas, e vou-me com ellas. Mas toruemos aos nossos Portuguezes, e a seus feitos de immortal memoria. E queira Deus alongar este dia, que é o melhor de minha vida.

*Aut.* Muito havia que dizer, mas é o tempo de abbreviar. O Vasco da Gama animosissimu offereceu seu nobre peito a infinitos perigos do mar e da terra; despediu de si o amor da vida por obedecer a seu rei, e adquirir coroas e triumphos á sua patria; foi venturoso e ditoso em seus trabalhos, domador do soberbo oceano, e conquistador do imperio oriental; prevaleceu contra o promontorio incognito de Boa Esperança, bombardeando as ondas furiosas, que comiam os seus, e rendendo-as, como se temeram o estrondo da artilheria e a força de seu braço. E por fim triumphando da fortuna, e dos mares tempestuosos, fixou as insignias de nossa fé sobre as correntes dos rios caudalossimos, Indo e Ganges. Foi este feito tão admiravel, que, para se celebrar com devido ornamento de louvores, é necessaria uma trombeta celestial.

*Her.* Concluistes com a conquista da India mais cedo, do que eu quizera; mas nem com isso vos pareça que de todo me tendes satisfeito, passando por muitas

cousas dignas de eterna memoria , que eu em extremo desejo saber , mórmente o descobrimento do Brasil , cujos moradores , dizem , ser os antipodas verdadeiros.

AMADOR ABRAS, Dial. 4.º *Da gloria e triumpho dos Lusitanos*, Cap. 23.º e 24.º

## APOLOGOS DIALOGAES.

### IV. (\*)

#### *Hospital das letras.*

*Auctor.* Onde força ha , direito se perde !

*Bocalino.* E ás vezes onde não ha força ; porque isto de quebrantar a razão é uma das cousas , que se faz tambem por manha , como por força.

*Auct.* Saíu hoje por acordão da relação de Apollo , que vós , Sr. Trajano Bocalino , o Sr. Justo Lipsio , o Sr. D. Francisco de Quevedo e eu , dessemos uma vista a este hospital , onde tambem jazemos como os mais peccadores ; vissemos , ouvíssemos , e remediássemos seus infermos. Já não ha para quem appellar , senão fazel-o.

*Lips.* Uma vez escrevi a minha *Critica* , emendando e melhorando (mais que accusando) aos auctores ; e por uma vez que fiz tal livro , cento me arrependi : oxalá o não tivera feito , porque não ha cousa mais sem proposito , que curar de proposito a quem não quer saude !

*Quev.* Não direi eu outro tanto pelos meus *Sonhos* , dos quaes estou tão satisfeito , que , pois toda a vida é sonho , me pêza agora muito de não haver sonhado toda a minha vida.

*Auct.* Ainda não posso prezar-me , nem entristecer-me de haver escripto os meus *Dialogos* ou *Apologos* ; porque todavia ignoro a fortuna , que os espera.

*Lips.* Finalmente , Senhor , nos quereis dizer , que ,

---

(\*) Interlocutores — *Justo Lipsio* , *Trajano Bocalino* , *D. Francisco de Quevedo* , e o auctor desta obra.

por sermos os presentes, todos quatro, escriptores de de reprehensões e emendas de vicios e costumes da républica, eu com a minha *Critica*, Bocalino com os seus *Regaglios*, Quevedo com os seus *Sonhos*, e vós com os *Dialogos*, nos manda a relação de Apollo, como rei da sabedoria, visitemos esta bibliotheca convertida em hospital, ouçamos os doentes, nos informemos dos males, e lhes consultemos o remedio? Difficil commissão nos é dada!

*Auct.* Sim, Sr. Justo Lipsio, mesmissimamente é o que dizeis.

*Bocal.* Pois não fôra bom ajuntar todos, ou pelo menos os mais dos philosophos gregos e latinos, e admittir os medicos, quer fossem mouros, quer pagãos, e com esta junta dar cura e mézinha a tantos languentos, como ouço gemer por essas estantes?

*Quev.* Medicos e Quevedo não se podem ajuntar em um proprio caso, e menos em uma casa propria: ou eu, ou elles havemos de assistir neste congresso.

*Lips.* Aos principes toca a consideração e medida das pessoas, que elege, e aos eleitos só servir e obedecer; façamos como bons servos e pios. O hospital é do districto deste reino; seja o nosso auctor quem nos inculque, e nos informe á cerca dos que devem ser curados, e dos que não tem cura.

*Bocal.* Se nós houvessemos de observar aquella sentença do rei Egypcio, ou as regras da prudente caridade, por nós mesmos havia começar a barrella. Porém, já que o Senhor Lipsio, sendo nosso mestre, assim o ordena, sua palavra vá adeante.

*Auct.* Perigoso officio me dais; porém, a troco de ser mais de pressa advertido de minhas faltas, mostrarei as alhêas

*Bocal.* Assim dizia um galante bastardo: Nunca sei quem foi minha mãe, senão quando el rei me faz alguma mercê.

*Quev.* Por essa conta o auctor e nós outros, se não saímos honrados da festa, sairemos pelo menos advertidos.

*Lips.* Com elegancia politica disse o phenix de

Africa, S. Agostinho, que mais damno recebêra Roma da victoria, que alcançou de Carthago, que de toda a guerra, que lhe havia feito; porque, tirando-a Roma de defronte dos olhos, vivendo sem inimigos, vivêra sem concerto; donde não só procederam os descuidos, mas os vicios do imperio. Tão saudavel cousa é a reprehensão e emenda, ministrada, como e quando convêm.

*Quev.* Mas quem acertará com o tempo, e com o modo, se são pontos indivisiveis!

*Bocal.* Senhores, para que é agora deter nessas pouquidades? Em tendo idade, logo é tempo de enfrear o potro; que se for por sua vontade, jamais haverá animal, que seja domestico.

*Auct.* Escusae a disputa; porque as lastimas e queixas, que alli está dando um doente, accusam já vossa ponderação por impietosa: oh coitado! como se mostra dolorido!

*Quev.* Vozes soam de grande afflicção; mas se me não engana o echo, portuguezas parecem.

*Bocal.* Pelo menos não são italianas, nem francezas.

*Lips.* Nem flandegãs, nem latinas: e de caminho vos descubro este segredo; como versado n'elle; sahei, que todos os idiomas do mundo tem seu tom particular, sobre que arham sua linguagem; como Latinos, Hispanhoes e Inglezes fazem sobre as letras O N; Francezes sobre E A, como já foram os Gregos; e são mais frequentes, que todos, os Ethiopes na letra E: os barbaros das Indias occidentaes se affeioaram tanto á letra V, que em quasi todas as dicções nella acabam suas clausulas. Donde (se notardes) procedem dous galantes secretos: o primeiro, que, sem comprehensão de palavras, se pôde averiguar, qual seja a lingua, em que se profetem; o segundo, que pela frequencia das letras se decifra qualquer segredo escripto nellas.

*Bocal.* Não lhe faltava mais agora a este Flamengo presumido, senão ensinar-nos o ABC.

*Auct.* A menos custa de prosa eu sei já, Senhores, quem é o doente.

*Lips.* Quem?

*Auct.* É o pobre Luiz de Camões, que está alli lançado a um canto, sem que todos os seus cantos tão nobremente cantados lhe negociassem melhor jazigo!

*Bocal.* De que se queixa o famoso poeta portuguez?

*Quev.* De nós todos se poderá queixar, porque, sendo honra e gloria de Hispanha, tão mal tornamos por elle, que, se são poucos os que o lêem, são menos os que o intendem.

*Bocal.* Cuidei que se queixava de quatro traducções e dous commentadores, que o tem posto na espinha.

*Lips.* Quaes são?

*Auct.* O primeiro é o bispo Fr. Thomé de Faria, que o traduziu em latim, vindo de Targa, seu bispado; porque pela fórma da traducção mais parece romance punico, que romano: mas, se um Faria o não levantou como devia, outro veio, que sobre modo o engrandeceu, como foi Manoel Severim de Faria, na vida, que escreveu deste poeta.

*Lips.* Quem foi o segundo?

*Auct.* O segundo foi Macedo, que, a verso por verso, o quiz trocar em miudos, e no fim o deixou trocado, mas não traduzido. Os mais, é um Castelhão e um Franchinote, que, pois lhe fizeram perder o nome, que tal poeta merece, não é razão que os seus sejam sabidos.

D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO, *Hospital das letrás.*

## EXEMPLOS.

### I.

#### *Exemplo de caridade.*

Fôra um domingo prégar (o arcebispo de Braga, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres), como costumava, a um lugar do termo, e vinha-se recolhendo para o convento: encontrou pelo caminho muitos pobres, que o esperavam em paradas. Depois que despendeu o que trazia (que, quando tinha com que, sempre saia provido para estes assaltos), não o largava uma pobre velha, amon-



toando lastimas, e dizendo que tinha concertada para casar uma filha orfã, e que á mingua de uma pobre camazinha deixava de estar emparada: que por amor de Deus lhe desse ajuda para ella, e, se lh'a dava, fizesse conta que elle a casava. Pouco bastava para mover o arcebispo a similhantes obras: mas tomava-o em tempo, que nem era senhor de dinheiro bastante para esmola crescida como esta, nem o esperava tão cedo. Foi cuidando, que poderia fazer para não perder o lanço de remediar a orfã, e consolar a mãe, que não cessava de o importunar e amesquinhar-se. Em fim mandou-lhe que á bôcca da noite se achasse ao pé da janella da sua cella, que alguma peça lhe buscaria para ajuda do enxoval; e informou-a bem do logar, aonde havia de ir, para se não errarem. Tanto que foram ditas vespervas e completas, recolheu-se na cella a dar ordem ao cumprimento do concerto. Fechou-se por dentro, dobrou a cama inteira, em que dormia, e, sem deixar peça de fóra, linu-a apertadamente. Anoiteceu, poz-se em vigia esperando (digamol-o assim) pela sua Thysbe ou Hero, por cujos amores se apercebiam septenta annos, para dormir aquella noite sobre uma taboa núa, e, para lograr tal mimo, andava naquelles furtos e cautelas. Não foi descuidada a boa velha, que de longe, e muito antes da hora aprazada, estava com olhos de lince na janella; e tanto que reconheceu o arcebispo nella, e viu tempo accommodado para o negocio ter o segredo encommendado, chegou-se ao pé da janella (que ainda então não era o convento cercado), e, feito signal, recebeu a trouxa, que o arcebispo lhe lançou. Levou a pobre mais do que esperava, deu o arcebispo tudo o que possuia: ella foi rica, elle ficou sem ter com que se cubrir.

Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. 4.º cap. 27.º

*Exemplo d'amor da Patria.*

O consul Atilio Regulo, estando preso em Carthago, foi enviado a Roma pelos Carthaginezes, a persuadir ao senado, que entregasse os captivos, que lá tinham: o qual, chegado a Roma, aconselhou com instancia ao senado, que nem captivos entregasse, nem a paz se consentisse; para o que soube dar taes razões, que o senado, movido dellas, outorgou o parecer de Regulo, por o qual, tendo-se os Carthaginezes por escarnecidos, o mataram cruelmente.

Não menos o fez o infante sancto, D. Fernando, filho d'el rei D. João I., que no cerco de Tanger, por salvação dos seus, se deu em refens aos Mouros, os quaes vindo em concerto com el rei D. Duarte seu irmão (que neste tempo reinava), que se entregasse Seuta pela liberdade do infante, elle infante jámais o consentiu, antes da mesma prisão o captivo escrevia a el rei seu irmão, tal não fizesse, nem consentisse; e o desviou sempre com muita instancia de semelhante tracto, dizendo, que nunca Deus quizesse, que cidade, que tanto sangue de christãos tinha eustado, e tanto importara ao bem da christandade, elle fosse salto por ella; e assim escolheu este sancto infante viver antes em tão vil e baixo captivo, e morrer miseravelmente nelle por salvação dos seus e de Hispanha, que dar-se Seuta aos Mouros, que el rei D. João, seu páe, comprára com sangue de tantos e tão bons cavalleiros e fidalgos portuguezes, que na empresa se acharam; e por ella ser chave e segurança de Hispanha. Pelo que escarnecidos os Mouros de suas pretensões, lhe apartaram a prisão, em que morreu, depois de ter espantado toda Mauritania com infinitos milagres, que em sua vida, e por morte, Deus obrou por seus merecimentos.

Similhante tinha d' antes feito Nuno Gonsalves, capitão do castello de Faria, em tempo das guerras d'el rei D. Fernando de Portugal com el rei D. Henrique de Castella, conde de Trastamara. O qual, sendo em

um recoutro pelos Castelhanos vencido e preso, foi por elles levado em ferros, e com homens d'armas ao pé do muro do castello de Pavia, para persuadir ao filho, que o entregasse aos Castelhanos: elle todavia, vindo á fala com o filho, com animo seguro e esforçado, cheio de lealdade e honrosa ousadia, estimando mais perder a vida, que ver menoscabada sua honra, e ser desleal a seu rei e patria, (qual Attilio Regulo) aconselhou e disse ao filho, que, sob pena de sua benção, elle não entregasse o castello senão a el rei seu senhor, e o defendesse até morrer por elle: e ditas estas ultimas palavras, havendo-se os que o levavam, por zombados de seus intentos, em presença do filho, o mataram alli fêa e indecentemente ás punhaladas.

FRANCISCO SOARES TOSSANO, *Parallelos de principes e varões illustres*, cap. 34.

### III.

#### *Exemplo de amor conjugal.*

O imperador Antonino Pio, primeiro do nome, amou sua mulher Faustina com tanta fé e lealdade os dias de sua vida, que depois de sua morte não esquecido do antigo, a quiz honrar, fazendo-lhe muitas honras na sepultura, em que jazia; e, para justificar seu verdadeiro amor, levantou-lhe estatuas e imagens de sua figura, em que dispendeu grande somma de dinheiro.

Em mór gráu sublimou el rei D. Pedro o Cru os quilates de amor, fé e lealdade, que teve a D. Ignez de Castro, morta cruelmente por el rei D. Affonso IV., por dizerem ser amiga do infante D. Pedro, o qual a amou em tanto extremo, que por nõjo de sua crua morte cuidaram perdesse o ziso. E logo que, por morte d'el rei D. Affonso seu pae, tomou posse do reino, procurou vingar (como vingou) sua morte nos que nella eram culpados: e a formosa D. Ignez, quatro annos depois de reinar, confessou publicamente ser sua legitima mulher, e os filhos, que della tinha; legitimos, e

mandou que por taes fossem tidos e hãvidos, e ella venerada como rainha; cujos ossos fez trasladar do mosteiro de Sancta Clara de Coimbra ao real de Alcobaca, com o maior aparato e pompa, que em semelhante caso se viu. Os quaes mandou levar por entre muitos mil homens, que em caminho de dezesepte leguas estavam com tochas e cirios accesos, de uma e doutra parte, nas mãos, e lhes fez mnitas honras, com que foi sepultada em um grande e sumptuosissimo monumento de alabastro, com o vulto e figura de D. Ignez de Castro, da mesma pedra artificiosamente lavrada, com sua corôa na cabeça como rainha, que elle mandou fazer (qual Antonino Pio), porque todos soubessem, que ella o fôra: junto da qual foi sepultado depois el rei. D. Pedro n'outro semelhante monumento, que alli mandou fazer.

O mesmo, cap. 40.º

#### IV.

#### *Exemplo de amor filial.*

O imperador Decio, pelo muito que amava ao principe Decio seu filho, determinou coroa-lo em sua vida, e largar-lhe o imperio: mas o principe com egual amor ao do imperador seu pãe, e como principe avisado e de singular virtude, se escusou da dignidade imperial, por mais que nesta parte o pãe com vivas razões lhe persuadia o contrario de seu grande e leal amor e obediencia: elle por outra, com outras mais urgentes e pias, desviou ao imperador de sua pretensão, dizendo publicamente, que elle seu pãe regesse o imperio; que, quanto elle, o senhorio, de que se mais contentava em sua vida, era obedecer-lhe. E assim obrigou ao pãe ter a corôa e o regimento do imperio, com não menos contentamento seu, do que se já começara a imperar.

Similhante (mas antes com mais vantagem) exemplo de amor e obediencia mostrou o principe D. João com el rei D. Affonso V. seu pãe. Do qual sendo este principe persuadido, e quasi constrangido (quando veio de França, e o principe o fôra receber a Oeiras, logar junto

junto a Lisboa) tomasse a corôa e hereditario sceptro, e se chamasse e fosse rei de Portugal, elle o desviou de seu proposito; e como principe tão excellente, e filho obediente, como elle era, não só não condescendeu ao gosto d'el rei seu páe, mas o titulo de rei, que por seu mandado (estando elle em França com propositos de ir a Jerusalem) tinha cá tomado, lh'o renunciou nas mãos com não pequeno desgosto d'el rei, que por muitas vezes o quizera de todo obrigar, se o prudente principe com outras de igual honestidade aos merecimentos se não escusára; dizendo publicamente (como fez Decio) que o não obrigasse tomar a corôa real, nem seu titulo, em quanto sua alteza fosse vivo; porque em tal caso antes havia desobedecer-lhe, que consentir em seu desejo. E, porque o não poderam demover de sua honrada e louvada constancia, ficou el rei D. Affonso com o plenario poder e dignidade real, e D. João seu filho principe, como d'antes, e em vida d'el rei nunca accrescentou seu nome. O que de todos em geral foi muito louvado e engrandecido.

O mesmo, cap 41.º

## V.

### *Exemplo de amor fraternal.*

Augusto Cesar, captivando em guerra a Adiatrix, principe de Cappadocia, com mulher e dous filhos, os trouxe a Roma (como era costume dos vencedores) em seu glorioso triumpho, onde o mandou matar em companhia do filho mais velho. Querendo os algozes executar o mandado imperial, e não sabendo qual dos dous filhos era o mais velho, em que se havia empregar o rigor do cutello, cada qual, por salvar ao irmão, dizia ser o mais velho, e o affirmava com tanto destemor, segurança e zelo fraternal, que, indeterminados os executores da justiça, por fim mataram ao menor, que se offerecêra em lugar do mais velho, em cujo braço consistia melhor o remedio da princeza sua mãe, que com instancia assim o pedira, consentindo do mal

o menor, em que morresse antes o filho mais pequeno, que o primogenito. O que considerando o imperador, estimou tanto o amor de irmãos, tão estranhos, que ao que ficou vivo com a mãe, teve em boa reputação e estima, louvando tão heroico feito. Em forma que se deixou matar um irmão por salvar o outro mais velho, satisfazendo com sua vida a paixão do imperador.

Não menos caridade e amor mostraram Gaspar Ximenes, e Fernão Ximenes, irmãos, homens honrados, naturaes de Lisboa, em o naufragio, que o anno de 1585 padeceru a nau Sant' Iago (de que era capitão mór Fernão de Mendouça), a qual nau fazendo-se em pedaços, entre as pessoas, que se salvaram no seu batel, foram estes dous irmãos: e, por ser muita a gente e o batel ir mui pesado, houve pareceres que se botassem alguns ao mar. E, pondo-se em execução, tão cruel obra, se consultou que um dos irmãos fosse lansado ao mar: e, pegando os executores em Gaspar Ximenes, mais velho em idade, e de menor corpo que Fernão Ximenes seu irmão, e mais delgado de carnes; Fernão Ximenes, vendo que não havia remedio senão ir um delles ao mar, com amor fraternal, com que o amava, se offereceu para tão miseravel transe, dizendo que ficasse seu irmão, que era mais velho que elle, e pae de suas irmãs, e que o lansassem a elle ao mar. O que dito, o lansaram, ficando com tal animo, que, sendo o golfão de mar de mais de cento e vinte leguas da primeira terra, sem esperança de remedio humano, a pôz tanto em Deus e na Virgem nossa Senhora, que, em pago de tanta caridade, de que usára com seu irmão, ordenou as cousas de maneira, que, nadando por muito tempo, com incomportaveis trabalhos chegou ao mesmo batel, onde o recolheram compadecidos de sua miseria. O que se vê poucas vezes, dar um irmão a vida por outro com tanto animo, zelo e vontade, como este fez, semelhante ao filho mais moço do principe Adiatorix.

O mesmo, cap. 43.º

## VI.

*Exemplo de gratidão.*

Um Italiano chamado Ursino, conta Ravisio Textor na Officina, que teve um criado tão agradecido aos beneficios, que tinha recebido d'elle, e ao amor, com que ó tractava, que, vindo um dia uns soldados buscal-o a sua casa, onde elle estava, para o matarem, o criado se vestiu nos vestidos do senhor, e se lansou sobre a sua cama, para que cuidassem os inimigos, que era elle o Ursino, e o matassem a elle, e o senhor se salvasse, cuja vida elle mais estimava, que a sua. E assim foi, que a um mesmo tempo foram ambos, elle morto, e o senhor acolhido: porque, em quanto estiveram matando o criado, teve o senhor tempo para se pôr em salvo. E em menioria deste feito fez o Ursino uma esttua ao morto, com umas letras, que declaravam seu grande agradecimento e singular lealdade.

HAITOR PINTO, *Dialogo da verdadeira amizade*, cap. 10.º

## VII.

*Exemplo de amizade.*

Estando o imperador Aureliano em Asia na guerra contra a rainha Zenobia, mandou, que ninguem entrasse de noite na sua tenda, sob pena de morte: mas, sem embargo disto, dizem que entrou nella um soldado grego, que logo foi preso da guarda; e, levado ante o imperador, disse, que era dada uma sentença, que acou-tassem ao outro dia uns seus amigos; que vinha pedir a sua majestade, que lhés perdoasse, ainda que bem sabia que nisso aventurava sua vida. O imperador, visto que o que pedia, não era para si, mas para seus amigos, dos quaes tinha recebido boas obras; e, intendendo que havia cousas, em que, por livrar de perigo a nossos amigos, era licito pôr-mo-nos em algum, perdoou ao soldado seu atrevimento.

O mesmo, *ibid.*

## VIII.

*Exemplo de fidelidade.*

Damão e Pithyas, discipulos que foram do grande Pythagoras, abalizaram-se tanto na amizade e lealdade, e agradecimento, que parecia falta de memoria não a fazer aqui delles. Viviam ambos em uma terra, parede meio, mas amavam-se sem meio: as paredes lhes dividiam os corpos, mas o amor lhes ajuntava os corações. E aconteceu, que, tendo Dionysio tyranno preso um delles em Sicilia, o mandou matar: e elle, ouvindo a sentença de sua morte, pediu a el rei com muita instancia, que o deixasse ir á sua terra, que era dahi muito longe; porque lhe importava muito ordenar certas cousas antes de seu fallecimento; e que elle deixaria alli em refens um seu amigo, que se alli então achára, até que elle tornasse; que elle promettia que tornaria certo dia prefixo; e que, se não tornasse, matassem por elle o fiador. Isto concedido, ficou o fiador preso em refens do que se ia; ainda que não era necessario, porque não havia mais certos refens, que sua palavra e promessa: mas basta que elle se foi, e deixou em prendas seu amigo, que folgou de ficar alli por elle. Pelo livrar do perigo, ficou no maior do mundo, sem embargo que elle tinha para si por certissimo, que seu amigo tornaria, como promettêra. Quanto mais que, se não tornasse, não lhe pesaria muito disso, e tinha por cousa facil trocar a vida pela morte, por um bom amigo. E como se já fosse chegando a hora, que estava destinada para o matarem, e o amigo, que se fôra, não viesse, riam-se todos do fiador, tendo-o por temerario, e soberbamente agradecido aos beneficios, que dizia ter de seu amigo recebidos. Mas elle, que confiava na lealdade de seu bom amigo, ria-se de quem se ria delle: eis que nisto chega o amigo, que era ido negociar, á mesma hora a que promettêra vir. Deixando negociadas e postas em ordem suas cousas, partiu de sua terra a muita pressa, porque a palavra, que tinha dado, lh'a dava. De crer é que lhe viessem algumas tentações e



rebates de pensamentos, que não tornasse; mas elle estava mais firme e forté a todos os encontros, que as duras e altas rochas aos continuos golpes do mar. E com esta constancia vinha receber a morte, e livrar a quem se a ella offerecêra por amor d'elle. . . . Espantado a tyranno da lealdade dos dous amigos, os livrou a ambos, e disse lhes que o tivessem por amigo, que elle se mettia na confraria de tal amizade.

O mesmo; *ibid.*

## IX.

### *Exemplo de valor.*

Passado algum espaço, logo que o fumo desassombrou a fortaleza, mandou Rumeção entrar quinhentos Turcos pelas ruinas do baluarte abrazado, seguindo-os de tropel o restante do campo; porém acharam cinco valorosos soldados, que lhes fizeram rosto, sustentando largo espaço o pêsso de tão nova batalha: verdade tão estranha, que necessita de tanto valor para se escrever, como para se obrar; porém qualificada então na confissão dos proprios inimigos, e agora nas cãs de tantos annos. Acudiu logo áquella parte D. João Mascarenhas com quinze companheiros, e viu dous espectaculos, um, que merecia lastima, outro, espanto; e, soccorrendo aos cinco soldados, fizeram todos tão dura resistencia ao inimigo, que bastaram a retardar a furia de um exercito já quasi victorioso: caso, que, referido só com a verdade núa, excede tudo o que escreveram, ou fabularam os Gregos e Romanos.

Corren voz pela fortaleza, que os Turcos estavam já senhores do baluarte abrazado; com o que alguns soldados, que nas outras estancias pelejavam, correram áquella parte, como de mór perigo: e quiçá que este falso rumor salvasse a fortaleza, porque formaram um grosso, que bastou a fazer rosto a treze mil infantess, que tantos contam nossas historias, que commetteram o baluarte da mina. As mulheres, como ensinadas a desprezar as vidas, acudiram a ministrar lansas, pe-

louros e panellas de polvora; e aquella valorosa Isabel Fernandes, com uma chuça nas mãos, ajudava aos soldados com as obras, muito mais com o exemplo, e com as palavras, dizendo em altas vozes: Pelejae por vosso Deus, pelejae por vosso rei, cavalleiros de Christo, porque elle está comvosco. Os inimigos, como o successo da mina lhes havia aberto para a victoria uma tão larga porta, determinaram este dia concluir a empreza, incitados do general e da occasião, pelejando já como favorecidos: os que combatiam no baluarte, pela ambição de primeiros em facção tão illustre, se portavam com mais ardor, que os outros; e como eram Janizaros e Turcos, queriam só para si a gloria deste dia. Rumeção mandou nas outras estancias reforçar o assalto, para com a diversão, em poder tão pequeno, facilitar a entrada.

Esteve por muitas vezes perdida a fortaleza. Os inimigos muitos e descansados; os nossos, sobre tão poucos, vencidos do trabalho de resistencia tão desproporcionada. Aqui acudiu o vigario João Coelbo com um Christo arvorado, dizendo, que aquelle Deus, cuja causa defendiam, era o auctor das victorias; com cuja vista alentados aquelles fieis e fortes companheiros, parecia que obravam com forças mais que humanas; porque nenhum mostrava das feridas fraqueza ou sentimento; durando na batalha com o mesmo ardor e espirito, com que a começaram.

Já declinava o dia, e os Turcos com os nossos, mortalmente abrazados, por umas mesmas feridas vertiam sangue proprio e alheo; e, como um exercito inteiro carregava sobre tão poucos defensores, chegaram os nossos soldados a receber muitas lansadas em uma só ferida. Parecerá exaggeração o que como verdade referimos. Os grandes feitos, que os Portuguezes obraram neste dia, o oriente os diga: eu cuido, que, da illustre Diu, lhes será cada pedra um epitaphio mudo. Porém dos cinco cavalleiros, que havemos referido, não deixaremos com ingrata penna os nomes em silencio. Estes foram Sebastião de Sá, Antonio Peçanha, Bento Barbosa, Bartholomeu Corrêa, Mestre João Cirurgião de nome.

Com a peleja se acabou o dia; mandou Rumeção tocar a recolher, depois de haver perdido neste assalto septecentos soldados, e sem conta os feridos, de que morreram muitos, mal assistidos na cura, porque pela diluidão cansavam os mestres, e faltavam os remédios. Dos cinco cavalleiros, que defenderam o baluarte, morreu só Mestre João, despedaçado de muitas feridas, que deixou bem vingadas, sem querer deixar a briga, nem obedecer aos amigos; que o retiraram, como pessoa tão importante pela arte, pelo valor não menos. Isabel Madeira, sua mulher, acudiu a atar-lhe as feridas mortaes; e, depois de o enterrar por suas mãos com poucas lagrimas e grande sentimento, acudiu ao trabalho das tranqueiras com as outras matronas; valor estranho, ou raras vezes visto, ainda no varão mais constante.

Logo que se retirou o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos, que estavam nas ruinas do baluarte, sendo levados de um sepulcro a outro. Foram enterrados juntos, pela estreiteza do lugar e do tempo; faltando funebres honras, e piedosas lagrimas a tão honradas cinzas: porém dormem com saudade maior da patria em humilde jazigo, que aquelles, que em urnas de alabastro deixaram de uma vida sem nome ociosa memoria. A D. Fernando de Castro depositaram em separado entérro; por se o governador seu pae quizesse trasladar-lhe os ossos a logar differente: lavar-lhe-hia tumulo mais soberbo, porém não mais illustre. Depois que o capitão mór cubriu aos companheiros de piedosa terra, acudiu a reparar o estrago, que deixara o assalto nas paredes; a que ajudaram as mulheres, companheiras do trabalho e perigo, sem reservar tempo e logar para a dor e lagrimas dos filhos e maridos, que viram espirar com seus olhos, e ellas mesmas haviam sepultado, encobriendo o sentimento natural com nunca visto exemplo.

Reparados os baluartes com as pedras ainda quentes do sangue e do incendio, chamou o capitão mór a conselho os poucos companheiros, que sobreviveram ao estrago, representando-lhes o miseravel estado, em que se achavam: a maior parte dos defensores mortos;

os que ficavam infermos e feridos; destroçadas as armas; corrupto o mantimento; as munições gastadas; a fortaleza posta por terra; os mares com os temporaes do inverno cada vez mais cerrados; o inimigo vigilante e socorrido por horas, com a noticia de todas estas faltas: o que considerado, pedia a todos, que, não se lembrando das vidas, o aconselhassem como melhor poderiam salvar a honra de seu rei e as suas; que intendessem que estavam como espectáculo do mundo, e tinham sobre si olhos do oriente todo, expostos a merecer a maior fama, ou a maior infamia; que, se não podiam alcançar a victoria, podiam privar della aos inimigos, pois estava nas mãos de todos o poder acabar gloriosamente, ganhando mais honra déstroçados, que os Mouros victoriosos; que os havia chamado para lhes communicar a resolução, em que estava, esperando, que todos a approvassem; a qual era, que em se gastando esse pouco mantimento e munições, que havia, queimar a roupa, cravar a artilheria, e sair com as espadas nas mãos a buscar o inimigo, para que não podesse chamar victoria aquella, em que não acharia captivos, nem despojos. Ouvido D. João Mascarenhas, não houve soldado, a quem não parecesse que tardava o effeito de resolução tão valorosa. Diga Roma, se acha nos seus annaes escripta uma acção tão illustre dos seus Fabios, Scipiões ou Marcellos.

JACINTHO FERRE, *Vida de D. João de Castro*, liv. 2.º

## PARABOLAS,

ou

### Comparações e similhanças.

As cousas do mundo são como a lua, que nunca permanece d'uma mesma maneira, antes para cada dia tem sua figura.

Assim como a terra, que não é lavrada, cria espinhos e cardos; assim a alma, que não é exercitada na virtude, cria malicia e máos pensamentos.

Assim como os alemos sobem muito para cima, mas não dão fructo; assim as palavras dos vangloriosos sobem em seus louvores, sem aproveitarem em seus costumes.

Assim como a planta, cortada do tronco, logo se sécca; assim a virtude, separada da humildade, não dura.

Assim como o rio nos campos vai rompendo e cavando a terra; assim nos cubiçosos o discurso das riquezas vai roendo e cortando a consciencia, por onde passa.

Assim como o fogo prova o ouro, assim a adversidade o amigo.

Como nuvem ou vento, quando se não seguem chuvas, é o homem, que, promettendo muito, não cumpre suas promessas.

Assim como no echo, quando se bate entre os montes, o tom é n'uma parte, e n'outra a pancada; assim nas adulações do lisongeiro o tom é em vossos louvores, a pancada em seus interesses.

Assim como o cavallo se rege pelo freio, e a náu pelo leme; assim o homem se ha de reger pela razão e pela verdade.

Assim como o ferro se consome com a ferrugem; assim o invejoso se está consumindo com a inveja.

O coração, que despede de si os beneficios, que lhe fizeram, e fica com as lembranças das injurias; é como coadouro, que, deixando passar o limpo licor, retêm as fézes e immundicias.

Assim como não conhecemos a fineza do alambre, senão se o esfregamos; assim não conhecemos a lealdade do amigo, salvo se o experimentamos.

Assim como o ferro se ha com a lima; assim o intendmento com a disputa.

Assim como, no corpo humano, da temperança dos humores resulta a saude; assim, na cidade, da concordia dos homens consta o quieto estado da républica.

HEIT. PINTO, L. DE SOUSA, FREIRE DE ANDRADE.

## GNOMAS,

OU

## Maximas moraes.

A lei divina é o farol, por que nós havemos de reger no mar da vida, para chegarmos ao porto da salvação.

Os preceitos do direito são: viver honestamente, não empecer a outrem, e dar o seu a cada um.

O nascimento em todos é egual, as obras fazem os homens differentes.

Viver é um beneficio da natureza, commum a todos; mas aceitar a morte pela virtude é proprio de grandes animos.

A virtude sempre teve contradicções; e o illustre nome nunca se alcansou sem trabalhos.

A virtude pôde não ser vencida, nem derribada; pois é mais alta, mais forte, mais firme, que todos os castellos, baluartes e fortalezas da terra.

Grande virtude é não empeceres a quem te empecu; grande gloria perdoares a quem podeste fazer damno; nobre genero é de vingança perdoares ao vencido.

O homem entregue a seus vicios e sensualidades, regido pelo appetite, e não pela razão, tendo figura d'homem, vive como irracional.

Não ha cousa mais bella aos olhos de Deus e dos homens, que uma profunda humildade muito valerosa, um alto valor muito humilde; valor sem soberba, humildade sem medo.

Mais valente é o que domina seu animo, que o que vence cidades.

A paciencia é um firme arnez, onde seguramente se recebem os duros golpes da adversidade.

Não está a perfeição em não ter affeições, senão em as ter moderadas e sujeitas á razão.

Esta é no homem uma perfeição, o conhecimento da sua imperfeição. Não é pouco conhecer um homem, que não sabe,

Não ha maior erro, que não conhecer um homem seu erro.

A falsa opinião pôde n'alguns intervallos ter auctoridade, mas em fim a verdade prevalece.

A verdade com sua força não sómente vence as cousas, que o tempo com seu discurso vai extinguindo e annullando; mas ainda triumpho do mesmo tempo.

A cortezia é um laço, que prende as vontades.

O galardão não se mede pelos fructos da seára, senão pelo cuidado e diligencia do lavrador.

Cresce o merecimento á medida de uma boa vontade; quanto quereis, tanto mereceis.

O meio entre a prodigalidade e a avareza, é a liberalidade.

Esconde as esmolas no seio do pobre, favorecendo-o com piedosas entranhas.

Quem quizer ser rico, não augmente na riqueza, mas diminua na cubiça: não é pobre o que tem pouco, mas o que deseja muito.

Melhor é ser reprehendido do sabio, que ser enganado com adulação do nescio.

Não ha cousa, em que melhor se embeba o tempo, depois de se pagar com a oração e serviço a Deus, que na lição dos bons livros.

Todas as boas artes e disciplinas são grande ornamento ao homem; trazem consigo honra, utilidade e veneração.

Nada são os thronos e as riquezas em comparação da sabedoria; todo o ouro, em respeito d'ella é uma pouca d'arêa.

Não ha corpo fraco, onde o coração é forte.

A ousadia sem deliberação as mais das vezes gera arrependimento.

Primeiro se devem considerar os meios e fins das emprêsas, que accometer nenhuma; por quanto val mais sobrestar com siso, antes de começar, que retirar depois com vergonha.

Quem se adeanta a dar conselhos, sem ser rogado, tem obrigação de lançar boas contas, sob pena de ficar sentenciado por duas vezes ignorante.

Se conheceres algum vicio no amigo, amoesta-o em secreto; se te não quizer ouvir, amoesta-o em público; se o vices incorrigivel, deixa sua amizade.

O que descobre os segredos do amigo, perde o que tinha por fiel, e não achará outro, que seja segundo o seu coração.

Havemos de fazer conta que os segredos são pedras lansadas no fundo do mar.

A ingratitude perverte o juizo, perturba a razão, cega o intendimento, e corrompe a vontade.

Os passatempos hão de ser raros, honestos e tão comedidos, que a temperada musica da honesta vida se não destempera.

HEIT. PINTO.

## APOPTHEGMAS,

ou

### Ditos agudos e espirituosos.

Perguntado Agesilau, rei dos Lacedemonios, com que um homem poderia alcansar n'esta vida gloria perpetua? respondeu: Se desprezar a morte.

Perguntado Diogenes, que fructo recebêra da philosophia? respondeu: Que estar preparado para receber com animo constante e sem perturbação qualquer cousa, que lhe sobreviesse.

Perguntado o mesmo philosopho, qual era a cousa, que nos homens mais asinha envelhecia? respondeu: Que as lembranças dos beneficios.

Disse o mesmo: Que não havia cousa mais difficil, que conhecer-se a si: e Demosthenes: Que não havia cousa mais facil, que enganar-se a si mesmo.

Ouvindo uma Lacedemonia, que morrêra um seu filho na guerra, vendendo a vida transitoria a troco da fama immortal, respondeu: Por isso o gerei eu, para haver quem morresse pela patria.

Disse Menandro: Não padeces cousa dura, se não finges que o é.



Tres cousas, dizia Socrates, que queria seus discipulos tivessem: prudencia no animo, vergonha no rosto, silencio na lingua.

Perguntado Xenocrates, por que causa se fazia mudo? respondeu: Porque muitas vezes me pesou d'haver falado, e nunca de me ter calado.

Disse Seneca: Muito aproveita á quietação falar pouco com os outros, e muito comsigo.

Dando o imperador Segismundo uma bofetada n'um lisongeiro, que o louvava sobejamente; e dizendo este: Imperador, porque me feres? respondeu aquelle: Lisongeiro, porque me mordes?

Vendo Alexandre a prompta vontade, com que um philosopho recebia a morte, disse: Este venceu mais fortes inimigos, que eu: eu venci gente mortal; este a mesma morte.

Pittaco de Mitilene, disse: Do prudente é provêr que lhe não venham injurias, e do esforçado soffrel-as, se vierem.

Disse Sallustio: Nem os exercitos, nem os thesouros são os presidios do reino, senão os amigos.

Perguntado Solon, qual era o excellente reino? respondeu: Aquelle, onde os bons são animados com prêmio, e os máos abatidos com pena.

Um philosopho, perguntando-lhe um rei, que cousa era homem? respondeu: É escravo da morte, hospede do logar, caminhante que passa.

O mesmo.



## Segundo Genero.

### DISCURSO EPISTOLAR.

#### CARTAS.

##### I.

##### *Carta de bons annos ao marquez de Gouvêa.*

Ex.<sup>mo</sup> Sr. **C**omeçarei esta por onde acabam todas, desejando a V. Exc.<sup>a</sup> os bons annos. Bem me lembro que esta usança se tinha já exterminado da nossa côrte, e permittido só nos janeiros; mas como o senado de Lisboa se emprega todo em resuscitar antiguidades, em quanto me não consta do que ordena n'esta parte, permitta-me V. Exc.<sup>a</sup> que o affecto, com que desejo a V. Ex.<sup>a</sup> todas as felicidades, siga d'esta vez o ceremonial de Portugal o velho; e verdadeiramente, Senhor, que vão os annos tão estéreis de novidades, que, se o começarem uns e acabarem outros nos não der esta tão ordinaria materia, não haverá, com que encher um quarto de papel, ainda que seja tão pequeno, como este romano.

Os embaixadores de Hispanha se não mudaram ainda, nem o nosso residente, que já começa a andar por casa, teve a primeira audiéncia do papa.

Deus guarde a V. Exc.<sup>a</sup>, como os criados de V. Exc.<sup>a</sup> havemos mister. — Criado da V. Exc.<sup>a</sup> — ANTONIO VIEIRA. — Roma 3 de Janeiro de 1672.

É a 103.<sup>a</sup> do tom. 1.<sup>o</sup>

## O U T R A.

*A certo fidalgo.*

Meu Sr. — Os annos passam , e a eternidade se chega ; e que bom fóra , se os gastassemos todos em amor divino , e logo teriamos a eternidade em sua gloria ! Todos os desejo assim a V. S.<sup>a</sup> , para que em uma e outra parte dê Deus a V. S.<sup>a</sup> o premio grande de suas gloriosas e repetidas emprêsas , militares e politicas , em que V. S.<sup>a</sup> tem dado tantos créditos ao reino , como lições ao mundo .

Em meus sacrificios peço sempre ao mesmo Senhor pela vida e saude de V. S.<sup>a</sup> , cõmo criado , por tantos titulos , da illustrissima casa de V. S.<sup>a</sup> — Criado de V. S.<sup>a</sup> — ANTONIO VIEIRA. — Coimbra 2 de Janeiro de 1665.

É a 33.<sup>a</sup> do tom. 3.<sup>o</sup>

## II.

*Carta de parabens ao arcebispo da Bahia pela sua nomeação.*

Ill.<sup>mo</sup> e Rd.<sup>mo</sup> Sr. — Não dou a V. Ill.<sup>ma</sup> o parabem da que outros chamam promoção , como quem conhece quão digna é ha muitos annos a pessoa , e quão superior o merecimento de V. Ill.<sup>ma</sup> a outros logares , sendo este pela medida , que Deus lhe deu , assim no natural , como no espiritual , o mais estendido da nossa monarchia . Ao mesmo Deus dei logo graças , e lh'as deve dar infinitas todo este estado , por sua divina bondade e providencia haver posto tão benigna e liberalmente os olhos na necessidade , que , provido e sem provimento , ha tantos tempos padece .

Por esta causa , e pelo apostolico espirito tão conhecido , com que V. Ill.<sup>ma</sup> zêla o bem das almas , confio lhe acudirá V. Ill.<sup>ma</sup> sem dilação , que já não soffre seu desamparo ; e só com a brevidade da partida poderá V. Ill.<sup>ma</sup> satisfazer os applausos , com que universalmente

versalmente foi celebrada esta eleição, e os alvoroços e ancias, com que a vinda de V. Ill.<sup>ma</sup> é esperada. A viagem da Bahia está hoje tão facilitada nas melhores monções, que são as de dezembro até março, que se pôde tomar, como quem passa o Têjo; e os achaques de V. Ill.<sup>ma</sup> não podem achar em todo o mundo, nem ares mais benignos, nem clima mais propicio. Assim o tenho experimentado em todos os que lá me molestavam a saude, sendo tão differente a carga dos meus annos. Se elles me não acabarem a vida, aqui achará V. Ill.<sup>ma</sup> em mim não só o maior venerador, como sempre, mas um subdito e servo tão affectuoso e devoto, e tão desejoso de se empregar todo no serviço de V. Ill.<sup>ma</sup>, quanto podem as repetidas obrigações e favores, com que V. Ill.<sup>ma</sup> o tem honrado. Entretanto guarde Deus e conserve a saude e vida a V. Ill.<sup>ma</sup>, como o bem e remedio espiritual d'este estado ha mister, e todos os que o zélam e amam, summamente desejam. — De V. Ill.<sup>ma</sup> — capellão e servo muito obrigado, — ANTONIO VIEIRA. — Bahia 23 de Maio de 1682.

É a 57.<sup>a</sup> do tom. 3.<sup>o</sup>

#### O U T R A.

##### *A D. Rodrigo de Menezes por uma victoria.*

Sr. — Se o contentamento fizera milagres, tivera-me V. S.<sup>a</sup> n'esta hora a seus pés, ajudando a celebrar a nova d'este successo, com que o marquez, que Deus guarde, coroou todas suas felicidades, e Deus nos tornou a dar por sua mão o reino, que tantas vezes nos tem dado por ella. Mas, pois o estado da minha enfermidade me não consente esta pequena demonstração, contento-me com que V. S.<sup>a</sup> tenha conhecido, que, entre todos os criados da casa de V. S.<sup>a</sup>, nenhum tanto tem festejado e estimado este triumpho d'ella, de que dou a V. S.<sup>a</sup> mil vezes o parabem.

Deus guarde a V. S.<sup>a</sup> muitos annos, como desejo e hei mister. — Capellão e menor criado de V. S.<sup>a</sup>, — ANTONIO VIEIRA. — Villa Franca, Sabbado, 22 de Junho de 1685.

É a 68.<sup>a</sup> do tom. 1.<sup>o</sup>

## III.

*Carta de recommendação ao marquez de Gouvêa.*

Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Carlos Bonacosi, gentil-homem florentino, que esta ha de dar a V. Exc.<sup>a</sup>, parte a essa côrte a negocios d'importancia; é muito da obrigação d'um religioso da Companhia, por sua qualidade e postos, uma das maiores pessoas, que ella tem em toda a Italia, a quem eu devo particular affecto e obrigações; e me pediu esta carta de recommendação para V. Exc.<sup>a</sup>, por ser tanta a mercê, que V. Exc.<sup>a</sup> me faz, que a toda a parte onde chegar, se não pôde esconder. Se houver occasião, em que o dito Carlos Bonacosi se valha do patrocínio de V. Exc.<sup>a</sup>, em todo o favor, que V. Exc. for servido fazer-lhe, receberei particular mercê; e conhecerá o mundo, que não sou tão pouco, como meus desterros publicam, pois V. Exc.<sup>a</sup> me conserva no numero de seus criados.

Deus guarde a pessoa de V. Exc.<sup>a</sup> — Criado de V. Exc.<sup>a</sup>, — ANTONIO VIEIRA. — Roma 21 de Fevereiro de 1670.

É a 65.<sup>a</sup> do tom. 1.<sup>o</sup>

## O U T R A.

*Ao marquez mordomo mór.*

Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Manoel de Barros da Franca, um dos principaes fidalgos d'esta cidade, e vereador d'ella, preso, degradado e inhabilitado pelo governador, se vai queixar em nome da mesma cidade, e buscar o remedio d'estas e outras violencias. Tambem vai com elle Gonçalo Ravasco d'Albuquerque, filho do secretario d'estado, o qual deixa seu pae Bernardo Vieira na enxovia, e ao padre Antonio Vieira, seu thio, criminado de mandar matar um homem; que a tanto chega o odio e paixão do dito governador. E posto que as cousas, que os levam aos pés de Sua Alteza, são tão justificadas, que lhes não pôde faltar o patrocínio e amparo de V.

Exc.<sup>o</sup>; o que eu com todo o encarecimento peço a V. Exc.<sup>o</sup>, é que, na attenção e agrado, com que V. Exc.<sup>o</sup> me fará mercê de os ouvir, vejam elles que não está esquecido na memoria de V. Exc.<sup>o</sup> o antigo e particular favor, com que V. Exc.<sup>o</sup>, por sua benignidade e grandeza, me honrou sempre.

Deus guarde a V. Exc.<sup>o</sup> muitos annos, como desejo, e os criados de V. Exc.<sup>o</sup> havemos mister. — Criado de V. Exc.<sup>o</sup>, — ANTONIO VIEIRA. — Bahia 4 de Junho de 1683.

É a 38.<sup>a</sup> do tom. 1.<sup>o</sup>

#### IV.

#### *Carta de empenho a Diogo Marchão Themudo.*

Meu Sr. — Se estas regras chegarem ás mãos de V. Mercê, o portador d'ellas é Antonio de Brito de Castro, cuja culpa será mais conhecida de V. Mercê pelas devassas, em que a parte o quiz encravar, e o Juiz não quiz admitir as razões, que o escusaram. Ellas, nas leis da honra e do mundo, e ainda segundo a natureza da conservação da propria vida, foram as mais justificadas. E esta é a confiança, com que, obedecendo ás ordens de Sua Majestade, se vai livrar a essa côrte, pelo modo com que o possa fazer, sem se expôr ao ultimo perigo. Para o tal caso, peço a V. Mercê, que em tudo o que for conveniente, lhe não falte V. Mercê com o secreto conselho e direcção, na qual elle e seu irmão levam postas suas esperanças.

El rei D. João II. deu occasião ao proverbio: *Mata, que el rei perdoa*, querendo antes aquelle prudentissimo principe servir-se dos homens de valor, que perdel-os: os soldados velhos da guerra do Brasil estão acabados; os dons mestres do campo decrépitos; o presidio não chega a ter ametade da lotação, e essa de meninos e bisonhos; a cidade sem fortificações, sem armas, sem munições, e com a peste presente muito despovoada, e por isso exposta a qualquer invasão de inimigos, de que a poderão defender, e ser de exemplo aos demais os vassallos honrados, poderosos, e d'auctoridade e

valor, que são os d'esta familia, assás castigada com o muito que tem padecido e dispendido. Eu e os meus desejamos, e nos alegraremos summamente com todo o seu bom successo, pela antiga amizade e bôa correspondencia, que sempre a nossa casa teve com as d'estes fidalgos; que por fim recommendo a V. Mercê, como se a causa d'ambos tôra de meu irmão e sobrinho.

Deus guarde a V. Mercê muitos annos, como desejo, e a conservação do nosso reino em seus verdadeiros e zelosos conselhos lá e cá ha mister. — De V. Mercê — capellão e obrigadissimo servo, — ANTONIO VIEIRA. — Bahia 1.º de Julho de 1686.

É a 103.ª do tom. 2.º

## O U T R A.

*Ao mesmo.*

Meu Sr. — Ha de apresentar, ou mandar apresentar a V. Mercê estas regras João Alvares da Cunha, governador que foi de S. Thomé, e vai preso por culpas, muitas das quaes consta serem calumniosas; e porque é pessoa, a quem por outra via devem os ministros da Igreja boas assistencias, que todas não só redundam, mas directamente pertencem ao maior serviço de Sua Majestade, entre as quaes os religiosos da Companhia lhe confessam particulares obrigações, e todos lhe desejamos bom successo no seu livramento; pela singular mercê, que V. Mercê me faz, peço encarecidamente a V. Mercê que, em tudo o que tiver logar a justiça, experimente elle a piedade e podêres do patrocínio de V. Mercê, e tenha eu demais este favor, por que darei a V. Mercê as graças, em que cada dia me vejo mais empenhado.

Deus guarde a V. Mercê muitos annos, como desejo, e todos havemos mister. — Maior captivo, e mais obrigado servo de V. Mercê, — ANTONIO VIEIRA. — Bahia 3o de Maio de 1687.

É a 108.ª do tom. 2.º



*Carta de supplica ao mesmo.*

Meu Sr. — Visitando um dia d'estes a meu irmão no convento, onde já podéra ter professado duas vezes, me leu uma carta, que escreve a V. Mercê, em que diz tudo o que se póde fiar d'um papel. E porque o capitão José Sanches, com quem contrahimos nová affinidade, é carta viva e experimentada, que largamente póde referir o demais; que me fica a mim que podêr dizer a V. Mercê? Pedir a V. Mercê justiça, é aggravar a inteireza, com que V. Mercê a faz, e fez sempre a todos. Pedir favor, ainda seria maior ingratidão e desconhecimento dos que meu sobrinho, meu irmão e eu experimentamos tão continuados e excessivos. Pedir finalmente piedade e compaixão? a causa é tão digna de enternecer e maguar até as pedras, que sem encarecimento posso afirmar a V. Mercê, fica em muito maior miseria a Bahia, depois das devassas do syndicante; que quando a governava N. N.

Em conclusão, Senhor, que não tenho que pedir a V. Mercê, nem a minha dôr, nem o meu desejo, nem o de todos os que tanto padecem, e no voto e efficaz amparo de V. Mercê tem posto em grande parte a sua confiança. Só me resta pedir a Deus, como faço em todos meus sacrificios, nos guarde e conserve um tão singular protector com os annos de vida e felicidades, que todos a V. Mercê devemos desejar. — O mais amante e fiel criado de V. Mercê, — ANTONIO VIEIRA. — Bahia 1.º de Julho de 1685.

É a 100.ª do tom. 3.º

## O U T R A.

*Ao padre Sebastião de Matos.*

Meu Sr. — Já V. Mercê se não queixará de eu lhe não dar occasiões de me fazer as mercês, que V. Mercê

deseja. Faltei este anno e o passado com o que V. Mercê chama costumado tributo; e este tributo era o que me sustentava a mim e a meu companheiro, com que me vejo muito empenhado n'esse reino, donde me vem os principaes soccorros.

Meu sobrinho Gonçalo Ravasco me quer acudir com a sua tença, que tem na alfandega do Porto, que ha quatro annos se lhe não paga; como informará a V. Mercê o padre Balthazar Duarte, procurador geral d'esta provincia. Parece-me, que bastará uma carta, que V. Mercê se sirva escrever a quem tem esta superintendencia; e, quando seja necessaria a firma do duque, meu senhor, tambem creio, que entre as muitas obras de misericordia, com que S. Exc. sustenta tantos necessitados, me sirva ella de despacho, para que esta, que tem nome de mercê dos reis, seja esmola de S. Exc., em que V. Mercê terá tanta parte. Não peço isto com maior encarecimento, por não offender a fé, que devo, ao que em todas as cartas de V. Mercê leio e venero.

Deus guarde a V. Mercê muitos annos, como desejo e hei mister. — De V. Merce muito obrigado criado,  
— ANTONIO VIEIRA. — Bahia 17 de Junho de 1690.

É a 72.<sup>a</sup> do tom, 3.<sup>o</sup>

## VI.

### *Carta d'agradecimento ao duque do Cadaval.*

Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Bem creio, que não por desoccupado me faz V. Exc.<sup>a</sup> mercê de tão larga carta, pois é força que sobre os hombros de V. Exc.<sup>a</sup> carreguem os maiores cuidados da monarchia, quando é tão grande o peso d'elles, que pedem o concurso de toda; mas os affectos de V. Exc.<sup>a</sup> medem-se pela grandeza do animo, e tão impossivel é em V. Exc.<sup>a</sup> o deixar de honrar muito, como em mim natural o merecer pouco.

Pelo bom conceito, que V. Exc.<sup>a</sup> tem do meu coração, dou a V. Exc.<sup>a</sup> as graças com todo elle; mas eu que o conheço de dentro, tenho mui differente opinião do seu valor.

Padecer por força, é fraqueza; não desmaiar no trabalhos, necessidade. A adoração com que amo ao nosso príncipe e meu senhor, nasce dos retratos, que por toda a parte espalha a fama (posto que são os do mais perfeito monarcha, na justiça, na prudencia, no valor, na gentileza, na majestade, e em todos os outros attributos, que póde crear a natureza, e esmaltar a graça); mas é nascida d'uma idéa muito mais antiga, que se não distingue da alma, na qual sempre tive assentado com certissima esperança tudo o que ainda creio por fé, e V. Exc.<sup>a</sup> já logra por vista. Para ella guardo um caso bem particular, que me aconteceu n'esta materia, quando eu não sabia o que passava no mundo. Mil parabens dou a V. Exc.<sup>a</sup> de tudo, e da grande parte, que em tudo V. Exc.<sup>a</sup> teve; e de se haver conseguido, com tanta facilidade e applauso, o que V. Exc.<sup>a</sup> ha tanto tempo, e com todo o desvelo procurava, depois de tão bem traçada e tão bem succedida fabrica. Com razão toma V. Exc.<sup>a</sup> o nome d'architecto; mas só lembro a V. Exc.<sup>a</sup>, que em tão baixa e tão pesada fortuna, como a minha, parece impossivel a toda a arte fazer que dê volta a roda. O passar de Coimbra para a Cotovia, e da profissão para o noviciado, não sei se é ir adeante, se tornar atrás. Ao senhor D. Theodosio digo o mais. V. Exc.<sup>a</sup> me perdôe tanta ignorancia; que, se em outro tempo houve em mim algum juizo, n'esta occasião se perdeu todo; e, se o não perdi, é porque o não tinha. Os golpes que chegam á alma, como ella é immortal, fazem o effeito nas potencias; e das minhas só me ficou a memoria, para nunca a perder do que a V. Exc.<sup>a</sup> devo. Assim que, não escreve a V. Exc.<sup>a</sup> o Antonio Vieira, que foi, senão o que é, ou o que deixou de ser, para que V. Exc.<sup>a</sup> se não admire da differença do seu estylo, e dê V. Exc.<sup>a</sup> por bem empregada toda a piedade, que tem d'elle.

Guarde Deus a V. Exc.<sup>a</sup> muitos annos. — Criado de V. Exc.<sup>a</sup>, — ANTONIO VIEIRA. — Coimbra 16 de Janeiro de 1668.

É a 53.<sup>a</sup> do tom. 2.<sup>o</sup>

## O U T R A.

*A certo fidalgo.*

Ex.<sup>mo</sup> Sr. — V. Exc.<sup>a</sup> não só prova que é valido, mas tão singular no valimento, como em tudo, pois os outros validos recebem, e V. Exc.<sup>a</sup> dá. Em nome de toda a communidade beijo a V. Exc.<sup>a</sup> as mãos pelas bellas camoêzas, que, se foram só para os convalescentes, era necessario que adoecêramos todos; tocando a maior parte d'esta obrigação aos padres mestres, por serem estas as primeiras propinas, que se tiram na universidade de Santo Antão. Por tudo nos viva V. Exc.<sup>a</sup> muitos annos, como este collegio de Exc.<sup>a</sup> deseja, e todos pedimos a Deus. — Criado de V. Exc.<sup>a</sup>, — ANTONIO VIMIRA. — Collegio 3.<sup>a</sup> feira.

É a 46.<sup>a</sup> do tom. 3.<sup>o</sup>

## VII.

*Carta de pezames ao marquez de Gouvêa.*

Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Não sei que diga, nem que hei de escrever a V. Exc.<sup>a</sup> n'esta occasião, porque de quinta feira a esta parte ando fóra de mim, e não se aparta um momento a minha memoria dos pés de V. Exc.<sup>a</sup>; e, posto que na fé e na consideração dos meios, por onde a providencia divina dispõe a predestinação, e na vida e virtudes do Sr. D. Diogo, meu senhor, acho grandes motivos para Deus o querer para o céu, e para apressar tanto o prémio de seus merecimentos, nenhum se me offerece bastante a consolar a dor de V. Exc.<sup>a</sup> em tamanha perda e soledade. Só fio da grandeza do animo de V. Exc.<sup>a</sup> haverá offerecido a Deus este sacrificio, e supportado o rigor d'este golpe com a mesma constancia e valor, com que V. Exc.<sup>a</sup> tem vencido tantos outros desgostos, em que tinha menos parte a mão e vontade de Deus, que sempre ordena o que está melhor, posto que nós não alcansamos as causas de seus decretos. O que só peço a V. Exc.<sup>a</sup> no excesso de tão devido

sentimento, é, que V. Exc.<sup>a</sup> se lembre do damno, que elle pôde causar á saúde de V. Exc.<sup>a</sup> no estado, em que ella se acha, e das razões, que V. Exc.<sup>a</sup> tem para hoje, mais que nunca, amar e conservar a vida, de que tanto depende o bem e augmento da casa e estado de V. Exc.<sup>a</sup>, e todos os que somos criados della, e do mesmo reino, que Deus por tantas vias castiga.

Meu Senhor, guarde Deus muitos annos a V. Exc.<sup>a</sup> com os auxilios de sua graça e consolações do céu, que a V. Exc.<sup>a</sup> desejo. — Capellão e menor criado de V. Exc.<sup>a</sup>, — ANTONIO VIEIRA. — Coimbra 14 de Setembro de 1665.

É a 25.<sup>a</sup> do tom. 3.<sup>o</sup>

## O U T R A.

### *A certo fidalgo.*

Meu Sr. — Uma das maximas, que se deviam evitar entre os politicos, é esta, que mais serve de renovar a dor, que de diminuir a pena; principalmente quando o sentimento, por grande e justo, parece não admitte allivio. Nem eu me atrevo a intimal-o a V. S.<sup>a</sup>, pois conheço não pôde a minha persuasão ser poderosa para desvanecer a que V. S.<sup>a</sup> por todas as razões deve sentir.

Deus, admiravel sempre em suas disposições, guarde a V. S.<sup>a</sup> por muitos annos, e lhe dê na mais resignada conformidade o mais justificado merecimento. — Criado de V. S.<sup>a</sup>, — ANTONIO VIEIRA. — Bahia 19 de Julho de 1691.

É a 83.<sup>a</sup> do tom. 3.<sup>o</sup>

## VIII.

### *Carta de consolação ao marquez de Gouvêa.*

Não posso fazer estas regras senão por mão alhêa; tal é o estado, em que a minha convalescença me tem posto, depois que aos meus achaques se ajuntou o

sentimento do desgosto de V. Exc.<sup>a</sup>: com elle me recolhí para o collegio, que foi o lucto e demonstração, com que meu estado me permittia confessar o fôro de criado da casa de V. Evc.<sup>a</sup> n'esta occasião. Espero que a benignidade divina haja moderado o rigor do golpe passado, com ter dado a V. Exc.<sup>a</sup> a inteireza da perfeita saude, que a V. Exc.<sup>a</sup> desejo, e me tem agora em maior cuidado. Assim continúo em o pedir a Deus em meus sacrificios e orações, e a V. Exc.<sup>a</sup>, meu Senhor, me atrevo já a pedir se sirva V. Exc.<sup>a</sup> de me mandar dizer, que nos tem Deus feito esta mercê, porque na ausencia das pessoas da casa de V. Exc.<sup>a</sup>, que residiam n'esta terra, não tenho quem me dê novas certas, posto que as procuro.

Guarde Deus a V. Exc.<sup>a</sup> muitos annos, como este reino, e os criados de V. Exc.<sup>a</sup> havemos mister. — Capellão e menor criado de V. Exc.<sup>a</sup>, — ANTONIO VIEIRA. — Coimbra 21 de Septembro de 1685.

É a 26.<sup>a</sup> do tom. 3.<sup>o</sup>

## O U T R A .

*Ao mesmo.*

Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Arriscado estive a não escrever a V. Exc.<sup>a</sup> n'aquelle correio, pelas causas, que então disse, e agora as não quero renovar; mas já constará a V. Exc.<sup>a</sup> que escrevi n'elle e no seguinte, e depois que vi a firma de V. Exc.<sup>a</sup>, o faço com maior allivio, posto que não sem grande sentimento, por ver quanto se retarda a convalescença, e que ainda V. Exc.<sup>a</sup> padece tão multiplicadas queixas. A fraqueza, a cabeça e o estomago, tudo são indicações de que as causa o desgosto, e a demasiada apprehensão d'elle, o qual não pôde curar a medicina, nem a natureza, nem ainda a razão, senão acompanhada da fé. Use V. Exc.<sup>a</sup> d'aquelle aphorismo do Anjo Raphael a Tobias, que é só o que n'este sentimento me tem dado algum allivio; « *Quia acceptus eras Deo, necesse fuit, ut tentatio probaret te.* » E

espero eu na bondade do mesmo Senhor, que, se tiroz a V. Exc.<sup>a</sup> umas esperanças, com sua providencia, tem muitos e muito avantajados caminhos, por onde restituir a felicidade. O primeiro effeito d'ella, e pelo qual eu não cesso de o importunar com meus sacrificios e orações, com a maior efficacia que posso, é a perfeita e inteira saude de V. Exc.<sup>a</sup>, de que espero me mande V. Exc.<sup>a</sup> tão melhoradas novas, como desejo.

Guardede Deus, meu Sr.; a V. Exc.<sup>a</sup> muitos annos, como desejo, e havemos mister. — Criado de Exc.<sup>a</sup>, — ANTONIO VIEIRA. — Coimbra 28 de Setembro de 1665.

É a 27.<sup>a</sup> do tom. 3.<sup>o</sup>

## IX.

### *Carta de resignação ao duque do Cadaval.*

Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Conheço quanto devo á grandeza e piedade de V. Exc.<sup>a</sup>, e quanto ella poderia valer, se os decretos da providencia divina se poderam impedir com diligencias humanas.

Os homens escreveram a sentença, o Céu a dictou, e eu a accitei com a paciencia e conformidade, que se deve ás suas ordens. Sobre tanto desengano do mundo estava e estou resoluta a o tractar como elle me tem tractado, e não apparecer mais onde meveja. Debaixo desta condição, que não póde deixar de parecer bem a V. Exc.<sup>a</sup>, irei para onde me mandarem, pois assim V. Exc.<sup>a</sup> o manda; cuja obediencia para mim foi sempre o mais seguro acerto, ainda antes de meus erros estarem tão conhecidos e condemnados.

Eu, Sr, fico sempre aos pés de V. Exc.<sup>a</sup> sem discurso, n'ém juizo, e hoje mais rendido que nunca, porque hoje mais obrigado.

Deus guardede a V. Exc.<sup>a</sup> — Criado de V. Exc.<sup>a</sup>, — ANTONIO VIEIRA. — Coimbra 3 de Janeiro de 1668.

É a 51.<sup>a</sup> do tom. 2.<sup>o</sup>

## X.

*Carta de desengano e escusa a um perdido, a D. Maria da Cunha.*

Sr.<sup>a</sup> D. Maria da Cunha. — Muito sinto a necessidade, que V. Mercê representa, e muito mais não estar em minha mão remedial-a. Eu não tenho poder sobre as acções do procurador de meu irmão, a quem já encommendei este negocio, com o encarecimento, que V. Mercê viu, nem estou em parte, d'onde lhe possa fazer outras instancias. V. Mercê as póde fazer mais efficazmente pela via, que lhe parecer, porque a minha não tem esta efficacia e valia. E digo isto a V. Mercê com toda esta clareza, para que V. Mercê não tome o trabalho inutil de me escrever a este deserto, aonde me recolhi, para tractar só de me apparellhar para morrer, e dar conta de mim a Deus, a quem prometto de encommendar muito particularmente este negocio de V. Mercê, e o remedio da necessidade, em que V. Mercê se acha. Por esta razão torna o papel.

E Deus guarde a V. Mercê muitos annos, e lhe assista com sua graça, como desejo. — ANTONIO VIEIRA.  
— Carcavellos, sexta feira 16 de Agosto de 1680.

É a 52.<sup>a</sup> da tom. 3.<sup>o</sup>

## XI.

*Carta de participação ao duque do Cadaval.*

Ex.<sup>mo</sup> Sr. — A esta hora (que é uma da noite) chego de falar toda a tarde (e esta é a primeira vez) sobre o negocio de V. Exc.<sup>a</sup> com a Sr.<sup>a</sup> duqueza, de cujo amor e affecto para com V. Exc.<sup>a</sup>, e do extremo, com que zéla suas conveniencias como proprias, já dei conta a V. Exc.<sup>a</sup> no correio da semana passada.

Primeiramente, Sr., havendo-se examinado e recorrido tudo o que ha em Roma, Napoles, Milão, e ainda Genova, os grandes senhores por estas partes muito difficoltosamente querem casar suas filhas, por



não diminuir a substancia das casas, cuja conservação e augmento é o seu principal cuidado, querendo-as antes muito grandes e opulentas, que bem aparentadas; e n'este numero entra o principe de Caserta, com se chamar filho da sr.<sup>a</sup> duqueza, e ter tres filhas de nove até quatorze annos, mas destinadas ao convento, como sua irmã. Quando se possa vencer esta difficuldade, e a dos paes quererem apartar de si suas filhas, e ellas desterrar-se a paizes estranhos; onde ha dinheiro, não haqualidade; e, onde ha qualidade, suppõe a sr.<sup>a</sup> duqueza, que não ha dinheiro, nem para a viagem. Com esta condição, em caso que V. Exc.<sup>a</sup> se conforme, ha em Napoles uma senhora de quatorze annos, e bellissimas partes pessoas, filha dos marquezes de Pescara e Basto, duas vezes grandes em Hispanha, e, por sua mãe, da casa Carafa, por todas as vias a melhor cousa d'aquelle reino; tem esta senhora um thio cardeal, que ha de vir necessariamente ao conclave (porque da morte do pontifice não se duvida), e com aviso de V. Exc.<sup>a</sup> falará a sr.<sup>a</sup> duqueza ao cardeal; e tirando este casamento, com suas incertezas, que podem ainda ser maiores, do que agora se representam, de Italia não ha outra cousa que esperar.

Casamento em França de nenhum modo o approva a sr.<sup>a</sup> duqueza, pela experiencia, que tem, de alguns sr.<sup>es</sup> de Italia, que de lá trouxeram mulheres, todos para destruição de suas casas, pela liberdade grande, com que as sr.<sup>as</sup> francezas são criadas, pela largueza excessiva de seus gastos e appetites, e outros inconvenientes de maior reparo, que em França não tiram crédito, e em Portugal não são tão toleraveis; e querendo-se vedar, será sem paz, e em perpetuo desgosto, e muito mais, sendo a pessoa (como se suppõe) de tão relevantes qualidades, como convêm, para satisfacção da patria, a quem vai buscar mulher fóra d'ella.

O que supposto, e ser necessario que V. Exc.<sup>a</sup> case quanto mais de pressa, o que parece á sr.<sup>a</sup> duqueza (eu tambem o julgára, como criado de V. Exc.<sup>a</sup>) é que V. Exc.<sup>a</sup> pelas melhores vias devia apertar o negocio de Carnide, até averiguar o effeito, ou o desengano, e

com este, quando não haja em Portugal, como V. Exc.<sup>a</sup> julgava que não havia, sujeito com quem apparentar commodamente, pedir licença para o fazer em Castella, onde não faltarão conveniências de qualidade e dote, juntas com os da visinhança, sem despesas, que também vem a ser uma boa parte d'elle.

N'este caso a sr.<sup>a</sup> duqueza, que é o melhor mappa das qualidês da Hispanha, se offerece a tractar por vias mui decorosas o que V. Exc.<sup>a</sup> julgar mais conveniente; e como os correios são tão certos e ordinarios, se poderá fazer sem grandes dilações. O que importa é que V. Exc.<sup>a</sup> depois de o resolver, faça os avisos com brevidade; e ainda que seja differindo uma consulta do conselho de estado, não se esqueça V. Exc.<sup>a</sup> de escrever á sr.<sup>a</sup> duqueza, que por todos os titulos o merece a V. Exc.<sup>a</sup>, muito, muito.

O marquez de Astorga, vice-rei que foi de Valença, e agora do conselho de estado, e embaixador de Hispanha, é primo da sr.<sup>a</sup> duqueza, e por consequente thio de V. Exc.<sup>a</sup>, e por algumas consequencias, que podem servir a V. Exc.<sup>a</sup> e ao Sr. D. Theodosio, pareceu á Sr.<sup>a</sup> duqueza, que de parecer d'ambos o visitasse eu, como fiz hontem, e elle estimou muito, e me disse: « Que las obligaciones, que devia al señor duque de Cadaval y al señor Don Theodosio, las tenia muy dentro en las venas, para desearlos servir en tudo. » V. Exc.<sup>a</sup> julgará se convém escrever-lhe; e quando V. Exc.<sup>a</sup> não approve o cumprimento, o zelo de quem o mandou fazer, e de quem o fez, merece desculpa. As novas de Roma dou ao Sr. D. Theodosio, por não tomar mais tempo a V. Exc.<sup>a</sup>, que Deus guarde muitos annos, como Portugal, e seus criados havemos mister. — Criado de V. Exc.<sup>a</sup>, — ANTONJO VIEIRA. — ROMA 6de Outubro de 1669.

É a 58.<sup>a</sup> do tom. 2.<sup>o</sup>

*Carta de despedida ao seu geral João Paulo Oliva ,  
em Roma.*

R.— P. N. Geral. — Quando V. Paternidade Reverendissima se comprazeu de me significar a inestimavel honra, que Sua Magestade de Suecia se dignava fazer-me, em se querer servir de mim n'essa curia, exhortando-me com tanto encarecimento a que na primeira boa occasião emprehendesse esta jornada; depois de representar a V. Paternidade Reverendissima a minha incapacidade para tão soberano ministerio, dei juntamente conta do estado, a que meus annos e infirmitades me tinham reduzido, sem esperanza de poder aturar os rigores do frio em qualquer clima da Europa, e que por essa causa, de consellio dos medicos, estava já então deliberado a me passar aos ares da minha provincia. Offerecendo-me porêem com toda a resignação a ir morrer aos pés de Sua Magestade, e aos de V. Paternidade Reverendissima, sendo este o unico motivo, por que dilatei a partida, não sem alguma confiança, que pelas forças naturaes do desejo, ou pelas superiores da obediencia, me fizesse Deus mercê de que as do corpo se restaurassem. Mas tem succedido tanto pelo contrario no presente inverno, que, sem evidente perigo de vida, não poderei supportar o que resta d'elle, e muito menos aguardar o vindouro, para a frota seguinte, que não parte para o Brasil senão d'anno em anno.

Sendo pois de parecer, que eu me embarcasse com os outros missionarios, em companhia do padre Antonio de Oliveira, assim o mesmo padre, como o padre procurador Francisco de Matos, com beneplacito do padre provincial (pois não posso ter o expresso de V. Paternidade Reverendissima) e com o da consulta d'esta provincia, havendo tambem alcançado o de Sua Alteza, pelo nome, que ainda tenho, de seu prégador, pedindo humilissimamente a benção de V. Paternidade Reverendissima, me parto para a dita minha provincia.

N'ella espero em a divina bondade me succederá o mesmo, que a outros velhos, que pela mesma causa se passaram áquelle clima: e de qualquer modo que sua providencia o disponha, sempre acabarei a vida com a consolação de ser mais religiosamente, do que n'esta provincia, na qual, por ser tractado como hospede, me falta em grande parte o exercicio da obediencia, como tambem o da pobreza, por me sustentar a despesas proprias.

Egualmente é certo, que por esta via poderei muito melhor e mais brevemente satisfazer á expedição dos meus escriptos, que V. Paternidade Reverendissima tanto me encarrega; cessando os forçosos impedimentos e embaraços d'esta côrte, e accrescendo todo o tempo inutil, que perco nos invernos, com que cada anno de vida (se Nosso Senhor for servido conceder-m'a) virá a ser, para este fim, dobradamente maior.

O que só resta é render a V. Paternidade Reverendissima infinitas graças, pelos excessivos favores, que da paternal benignidade de V. Paternidade Reverendissima, em presença e na ausencia, tenho recebido, sendo esta uma particular obrigação de perpetua memoria d'elles, e de em todos meus sacrificios e orações rogar a Nosso Senhor nos conserve por muitos annos a vida de V. Paternidade Reverendissima, como o bem da universal companhia ha de mister.

De V. Paternidade Reverendissima humilissimo, devotissimo e obrigadissimo, — ANTONIO VIEIRA. — Lisboa 21 de Janeiro de 1681.

É a 55.ª do tom. 3.ª

### XIII.

#### *Carta de participação e de queixa ao duque do Cadaval.*

Sr. — Com razão diz V. Exc.ª que andam os trabalhos encadeados. E quanto ao do sr. conde de Soure, não acho outro allivio a tão grande materia de sentimento, mais que a consideração de haver Deus trocado as sentenças, deixando-nos a vida do conde para muitos

tos annos, como havemos mister, e levando para o céu aquelle penhor, cuja saudade se pôde consolar com muitos outros, que Deus ainda lhe dará. Mas applicando a cadêa dos trabalhos aos meus, tem-se ella travado de maneira, que, sendo o meu maior sentimento a ausencia de V. Exc.<sup>a</sup> d'essa côrte, quasi me vem a ser allivio, ou remedio a mesma ausencia, pois seria nova circumstancia de pena faltar-me a communicação de V. Exc.<sup>a</sup>, se V. Exc.<sup>a</sup> faltar de Lisboa.

Narrarei o caso como tem passado, posto que já dei a V. Exc.<sup>a</sup> as primeiras noticias d'elle. Tive aviso, haverá quinze dias, que me estava decretado novo desterro; uma versão diz, que para o Brasil, outra para o Maranhão, outra para Angola; saíu isto d'um dos maiores ministros; e com termos tão effectivos, que se tomou informação dos navios, que havia para aquellas partes. Desejei saber a causa d'esta novidade, e no correio passado me avisaram, ou notificaram, fôra por uma carta ou cartas, que eu escrevêra a V. Exc.<sup>a</sup>, discorrendo sobre as pazes do Minho, a favor da negociação e de quem a obrava, etc.; e que, communicando V. Exc.<sup>a</sup> estas cartas, chegára de mão em mão o que n'ellas se dizia a parte, onde de tudo se fizera (palavras formaes) refinadissima peçonha. Não ha heresia, que se não tirasse da Sagrada Escripura, e com tudo as palavras são dictadas pelo Espirito Sancto; mas não está o mal nas palavras, senão na interpretação, que lhes querem dar: e, como dizem que foram de mão em mão, bem pôde ser que chegassem tão differentes, que totalmente não fossem as minhas; e assim o creio. Mas, de qualquer modo que haja, ou não haja sido, eu estou pela sentença, e irei para onde me mandarem; seja Africa, ou America, que em toda a parte ha terra para o corpo, e Deus para a alma; e lá nos acharemos todos deante d'aquelle tribunal, onde só testemunha a verdade; sentencêa a justiça, e nunca é condemnada a innocencia.

Além d'este castigo, que dizem está decretado, se me notifica outro, posto que me não declararam de que tribunal saíu, em que me ordenam por modo de con-

señho, que me abstenha d'escraver áquella personagem, a quem escreve o sobredito (porque não nomêam a pessoa de V. Exc.<sup>a</sup>), e que só o faça por esta vez, dando satisfação de mim, e conta da occasião. Esta é, Sr., toda a historia, com que entrou o anno de 1663, e se vai declarando por critico contra mim, pois não só desterram a V. Exc.<sup>a</sup> de Lisboa, mas a mim de V. Exc.<sup>a</sup>; da qual sentença o meu coração se ri muito no meio do seu sentimento, appellando dos instrumentos da memoria para a mesma memoria, e dando graças a Deus, porque os que tem jurisdicção sobre o papel, não a tem sobre a alma,

São hoje os vinte, que V. Exc.<sup>a</sup> tem signalado por dia decretorio da partida. O tempo está claro e concertado, ainda que o não esteja o mundo. O que importa é que V. Exc.<sup>a</sup> tenha mui boa viagem, e que V. Exc.<sup>a</sup> a procure fazer com o maior descanso e comodidade; e, se V. Exc.<sup>a</sup> em Gouvéa achar menos Lisboa, também será allivio achal-a menos; e nenhuma coisa faltará a V. Exc.<sup>a</sup> em toda a parte, pois se leva consigo. De mim não tenho que dizer a V. Exc.<sup>a</sup>, porque o mesmo que tenho dito, serve para todos os tempos, pois sou e hei de ser o mesmo em todos. Se com effeito me mandarem embarcar, como na boca da morte não ha reservação, aproveitar-me hei do privilegio para dizer a V. Exc.<sup>a</sup> o *adio*; no entretanto, se me não é licito procurar novas de V. Exc.<sup>a</sup> em direitura, falo-hei por outra via, que não me hão de impedir todos os homens. E quando elles o façam, as de Deus estão fóra da sua jurisdicção, e empregar-se ha o meu affecto todo em orações e sacrificios, rogando ao mesmo Sanhor, como sempre faço, pela felicidade da pessoa e casa de V. Exc.<sup>a</sup>, e sobre tudo pedindo a sua Divina Majestade, tenha a V. Exc.<sup>a</sup> no numero de seus vassallos, conservando sempre a V. Exc.<sup>a</sup> em sua graça com grandes augmentos d'ella, que é o que só ha de durar, e o que só importa.

Guarde Deus a V. Exc.<sup>a</sup> muitos annos, como desejo.

Convém que a noticia d'esta resolução não passe de V. Exc.<sup>a</sup>, por respeito de quem m'a ratificou, prin-

principalmente não se me dizendo donde manou, o que eu procurei saber. — Criado de V. Exc.ª, — ANTONIO VIEIRA.

É a 18.ª de tom- 1.º

#### XIV.

##### *Carta sobre politica a D. Rodrigo de Menezes.*

Sr. — Com excessivo contentamento recebi esta ultima carta, de que V. S.ª me fez mercê, escripta em 11 de Novembro; e tendo n'ella tantos motivos de pouco gosto, que chegam amplificados por outras vias, só os pôde alliviar, saber que passa V. S.ª e o marquez, meu Sr., com saude; de que dou infinitas graças a Deus, confiado de sua Providencia, que, em quanto nos conservar estas duas columnas, nos não tem deixado de todo.

Vindo ao que V. S.ª me manda que eu diga, não sei por onde comece, e se explicára melhor a minha dor com lagrimas e gemidos, que com palavras. Beijo mil vezes a V. S.ª a mão, por perdoar as furias de meu zêlo, e honrar e animar a verdade do coração, d'onde nascem. Portugal, Sr., está no mais miseravel estado, em que nunca o conheci, nem considerei; e a maior miseria é o nosso engano, e a maior guerra a nossa mal intendida paz. Já me contentára, que fôramos a segunda Galliza com segurança; mas esta não sei, nem vejo, sobre que fundamentos nol-a possamos prometter. É necessario governarmo-nos com a espada sempre na cinta, e com a balança na mão, pesando os poderes de todos os príncipes, e fiando-nos só do proprio. Não estamos em tempo d'el rei D. Manoel, ou D. João III., em que só os nossos astrolabios sabiam nevegar, e só os nossos galeões tinham nome. Hollanda, Inglaterra e França se tem feito potentissimas no mar, e por isso nos podem constrear, e outros resistir á fortuna nos maiores apertos d'ella; e porque Hispanhá (cujos erros nós seguimos, devendo apprender d'elles) o não fez, assim se começou a perder, e perderá de todo, se não albrir os olhos, como já parece quer fazer.

A mesma Hispanha é inimiga nossa irreconciliavel, e todos os Castellhanos em nenhuma outra cousa tem posto a mira, que em tornar a ser senhores de Portugal. Assim o ouço nas bôccas de todos, e lh'o vejo muito melhor nos corações, e cada dia saem impressos nas gazettas d'Italia e Allemanha não só indícios d'estes intentos, mas os fins e meios declarados d'elles, entre os quaes andou mui vulgar estes dias o casamento do duque de Yorch com a casa d'Austria, para que Hispanha unida com Inglaterra nos conquistasse, repartindo-se entre os dous o reino e as conquistas, falando-se na legitimidade da nossa princeza, e no direito do príncipe, com termos tão indecentes a nós, como assentados no juizo de muitos.

De Inglaterra não tenho que dizer de novo; e quando falo em Inglaterra, não exceptuo a ninguem; mas Inglaterra, França e Hollanda, todos tem os olhos postos em conquistas, e não tem outras para onde olhar, senão as nossas, que só com armadas promptas no rio de Lisboa se podem defender; e, ainda que ahi se apodreçam, ao parecer inutilmente, só ellas são os muros das conquistas. E não nos envergonhamos de se saber no mundo, que consta a nossa armada de tres fragatas?!

A razão de as nações sobreditas se empregarem com tanto cabedal no poder marítimo, é principalmente a utilidade dos commercios; tendo conhecido todas as corôas e républicas, por experiencia, que só commerciando se pôdem fazer opulentas, e que os fructos das terras proprias apenas bastam ao sustento dos naturaes. O imperador e todos os principes da Italia interior são pobrissimos; e as riquezas de Veneza, Genova e Florença todas lhes vêm de seus portos e commercios, sobre os quaes cuidam e vigiam com tal gelosia, especulam com tal attenção, agudeza e minudencia, que poderam parecer nimiedade, e ainda vileza, se não foram as consequencias de tanta importancia.

Mas, Sr., o nosso caso é este. Não quero que sejamos ricos; quero sómente que conheçamos a nossa fraqueza, e o nosso evidente perigo, e que tractemos



de prevenir o precisamente necessario para conservar a liberdade, o reino e as conquistas: e, supposto que estamos conhecendo e padecendo, com tantos descritos, a impossibilidade dos quatro palmos de terra, que Deus nos deu na Europa, porque nos não havemos de valer da nossa situação, dos nossos portos, dos nossos mares, e dos nossos commercios, em que Deus nos melhorou e avantajou ás nações do mundo? Todas nos invejam esta felicidade, e deixam as suas patrias, para a vir buscar e lograr entre nós; e só nós não sabemos aproveitar d'ella, e enriquecemos as terras estranhas com os instrumentos nascidos e criados na nossa, que a poderam fazer a mais florente e poderosa de todas.

Sobre a liga d'Inglaterra e França tenho as mesmas dúvidas, que V. S.<sup>a</sup>; e cada hora maiores, porque o estado das cousas de Hollanda se vai mudando, e os corsarios crescendo; e sempre tivera por mais util a paz, e alguma boa conveniencia com elles, que uma guerra tão arriscada, como a que nos podem fazer em todas as partes do mar e do mundo. Partilhas com dous companheiros tão poderosos nunca nos podem estar bem, e assim o escrevi a Duarte Ribeiro, não me podendo jámais inclinar a que partamos, com tanto risco, aquelle todo, que foi e pôde ser nosso, se nos quizermos fiar mais do poder proprio, que dos interesses alheios. Na mesma conformidade falo e escrevo aos demais ministros, com quem tenho comunicação; mas como o meu zelo está tão pouco auctorizado, não é muito que se despreze.

Espero com a maior brevidade, que a V. S.<sup>a</sup> for possivel, a resposta da carta, que, ha muitos correios, escrevi a V. S.<sup>a</sup> sobre meus particulares, os quaes V. S.<sup>a</sup> poderá communicar, se for necessario, com o padre João Juzarte, que já deve ser chegado a esse reino. N'elle está tambem agora um meu sobrinho, a quem escrevo se valha do patrocínio de V. S.<sup>a</sup> em seus requerimentos, e a V. S.<sup>a</sup> peço sobre tudo me não falte com a continuação da mercê de novas suas, e do Marquez, meu Sr., que é a unica consolação, que tenho n'este desterro.

E Deus guarde a V. S.<sup>a</sup> muitos annos, como os criados de V. S.<sup>a</sup> havemos mister. — Criado de V. S.<sup>a</sup>, — ANTONIO VIEIRA. — Ultimo de Dezembro de 1672.

É a 75.<sup>a</sup> do tom. 2.<sup>o</sup>

## O U T R A.

### *A el rei D. Sebastião sobre a jornada d' Africa:*

Sr. — Se eu fosse procurador da corôa, e tivesse na mão algum feito, em que, V. Alteza sendo réu, fôra necessario dar-lhe d'elle relação; forçado seria lêr-lhe primeiro o libello, que a contrariedade: o que n'esta carta farei com a verdade e lealdade, que devo. Confio, no ingenho e real espirito de V. Alteza, que terá este por um dos maiores serviços, que lhe posso fazer.

Os reis da Persia tinham muitas ordens de servidores, sem os quaes intendiam que era impossivel o governar bem sua monarchia. Entre elles havia uns, a que chamavam seus olhos, outros suas orelhas, a outros seus amigos. Os muitos olhos serviam de ver muitas cousas, que dous sómente não podem ver: as muitas orelhas, de ouvir muitas querelas, que, com duas só, se não podiam ouvir: os muitos amigos, de falar a verdade, que os falsos amigos encobrem.

Seguindo eu este estylo de bom e leal servidor, quanto minhas forças alcansam, direi o que vejo e o que ouço, com amor tão verdadeiro, como sabe aquelle Senhor, a quem são manifestos os segredos dos corações. Elle nos ensina no Evangelho o que todos havemos de fazer, com esta pergunta: *Quem dicunt homines esse filium hominis?* Bem sabia elle o que d'elle se diria; com tudo, por esta pergunta, nos ensina a sermos curiosos em inquirir a fama de nossas obras e vida: e, ainda que a doutrina seja universal, aos príncipes convém principalmente folgar de saber o que se commummente d'elles diz; porque, á volta de muitos desatinos populares, ouvirão muitas cousas, que, por

ventura nos conselhos, ou por mal sabidas se não dizem, ou por interesses particulares se não descobrem.

Não sei por que não folgará um príncipe da terra (pois d'isso tem tanta necessidade) de fazer o que o Príncipe dos céus, sem necessidade e sómente para nossa doutrina, quiz fazer; e por que não dirá, quando falar com homens amigos da verdade: *Que dizem lá de mim?* Se isto fizesse, quantas verdades saberia!

Em Athenas havia pragas solennes, instituidas com públicas cerimoniaes, e com palavras de grande terror, contra quem, por seu particular intento, aconselhasse sua républica contra o bem commum. N'ellas se pedia a justiça divina, para que os taes fossem destruidos, e toda a sua geração confundida. Se isto se fazia em uma républica, onde havia muitos principes que podiam ser por qualquer outro cidadão desenganados; que se deve fazer em estado soberano de um príncipe, o qual se for enganado, não ha mais em que pôr os olhos?

Graves maleficios commette quem engana, ou não desengana o seu príncipe: um d'elles é traição; o outro, injuria atroz; porque, se é traição não quererem os atalaiaes avisar a seu capitão, dos mouros, que correm; como não será maior traição encobrir a V. Alteza os perigos, que estão armados para ruina de toda a républica, se não for soccorrida com tempo? Pois que diremos da injuria? Pôde ella ser maior, que cuidar alguem, que estima V. Alteza mais o gosto presente das orelhas, que tanto mal faz, que o perpetuo remedio de seus vassallos?

Não terá V. Alteza em seu conselho quem tracte de o enganar; mas, se por nossos peccados houvesse quem tamanha traição, com tão grande injuria de V. Alteza Real, commettesse, muito maiores pragas, que as de Athenas, mereceria.

Eu já, Sr., em quanto poder, fugirei d'ellas com dizer o que sinto; que terei assim de Deus o galardão primeiramente, e depois o de V. Alteza: ainda que, como no principio disse, não direi agora tanto o que intendo, como o que ouço; e, como procurador, darei conta do libello, para logo vir com a defesa.

Dizem primeiramente, que não será bom christão, nem bom portuguez, quem não der muitas graças a Deus, por nos dar um rei tão virtuoso e de tão altos espiritos, que foge de mimos, busca trabalhos, e que se põe em todo o risco pelo accrescentamento da sancta fé catholica, e para destruição da infernal seita de Mafamede. Mas dizem que, como as virtudes andam sempre juntas, não se pôde chamar fortaleza a que não for acompanhada de bom conselho, e que o conselho, que V. Alteza tomou, não se pôde chamar bom, por ser fóra de tempo. O ser fóra de tempo, provam pela falta que ha, de dinheiro, de munições, de mantimentos, e pela grande fome, que ao presente a maior parte do reino padece.

Dizem mais, que este tempo é conveniente para defensão de seu reino, a qual é muito maior obrigação, que a conquista incerta de outro. Ha muita gente perdida em França, Flandes e Inglaterra, da qual podem as terras maritimas de Portugal e de Algarve receber mui grandes damnos; e, segundo fama, todos estão contentes com esta mudança de V. Alteza, por lhe parecer que muito mais a seu salvo usarão de seu officio. Não podemos deixar de nos temer d'estes homens, pelo numero ser grande e governado pelo espirito de *satanás*; porque não ha cousa, que não commetta gente sem fé, se tem algumas forças, quando chega ao estado de desesperação. A isto se ajunta que o *gran' Turco* não dorme; pelo que todo o príncipe christão é obrigado a estar aparelhado para defensão da christandade; pois o perigo é commum.

Dizem tambem, que grandes feitos se não podem commetter sem grandes apercebimentos, os quaes se não podem fazer em pouco tempo: e que além d'isto é necessario esperar uma conjuncção de discordia (que não pôde muito tardar entre Mouros), e não de qualquer discordia, mas de discordia muito ensanguentada; porque a leve com o medo commum se tira, e os inimigos, em perigos que a todos tocam, facilmente se concertam. Mas, quando a rotura d'elles chegar a tanto, que se não possam accordar, de tal maneira pôde V.

Alteza soccorrer os vencidos, que fique senhor dos vencidos e dos vencedores. Esta é uma sorte mui antiga de conquistar, com que se fizeram grandes os mais dos capitães e príncipes de grande nome: esta occasião quizeram os homens que V. Alteza esperasse.

Dizem tambem que nunca guerra foi feita com mais esforço, que conselho, e que mal poderá ter bom fim. Confirmam isto com os accommetimentos sem fructo, e o triste successo dos irmãos infantes, D. Henrique e D. Fernando o sancto, sobre Tangere; e com a primeira passagem d'el rei D. Affonso; por tudo ser tractado com mais esforço, que conselho.

Dê-me V. Alteza licença que diga tudo, pois comecei; e que não encubra nada do que convêm a seu serviço.

Dizem os prudentes, que o officio de bom rei mais consiste em defender os seus, que offender os inimigos: e que tanto é isto verdade, que nenhuma cousa ganhariam os príncipes illustres nas victorias havidas contra os seus inimigos, se d'ellas não resultasse a seguridade de seus vassallos. Neste ponto se lamentam muitos, por que vêm ao presente que toda a guerra, que se ha de fazer a Mouros, se faz antes, sem V. Alteza o saber, a Portuguezes: e por conclusão, não falta quem diga que entre pressa e diligencia ha grande differença; porque a diligencia não perde occasião, e a pressa não espera por ella: e muito maiores inconvenientes se seguem da muita, que da pouca diligencia; porque os muito accelerados choram o que perdem de seu, e os pouco diligentes o que não ganham do alhêo.

Estes são os principaes artigos do libello, que se fôrma contra V. Alteza: agora direi o que por parte de V. Alteza se póde dizer.

Primeiramente digo que os grandes espiritos são acompanhados de grandes esperanças; pelo que, mais cuidam nas grandes empresas, que na facilidade d'ellas; e pela maior parte pensam que aos accommetimentos, quando não vão de todo fóra do caminho da natural razão, não faltam favores divinos. V. Alteza fundado

n'esta opinião, como se determinou, ou com vida honrada, ou com morte gloriosa, dar signal do seu espirito, não pôde soffrer dilação, e crê que a victoria não está nas mãos dos homens, mas na vontade de Deus: pelo que officio de príncipe magnânimo é perder o medo a grandes empresas, por perigosas que sejam; e o successo d'ellas, deixal-o á disposição do Senhor.

Digo tambem, como se não pôde sempre acertar, que são mais toleraveis os erros commettidos com sobre-esforço, que os em que muitos caem por fraqueza: porque, nas cousas grandes, grandes perigos nunca carecem de louvor; e a fraqueza é acompanhada de perpetuo vituperio.

Tambem se pôde dizer que, quando V. Alteza se não possa purgar de algum erro, a culpa se pôde diminuir com o exemplo de grandes príncipes, que com o mesmo espirito caíram em grandes trabalhos. S. Luiz, rei de França, por fazer guerra com mais ardente zelo, que conselho, foi de uma vez captivo, e de outra morreu de peste sobre Tunes. Imitou n'isto o sancto rei Josias, que, por entrar em batalha, que podia mui bem escusar, morreu elle, e com elle toda a esperanza de Jerusalem.

Passo por muitos exemplos antigos, por não enfiar a V. Alteza: dos modernos direi alguns. O imperador Maximiliano, sendo mui illustre príncipe, fez entradas em Italia, e em algumas outras partes, não sómente sem fructo, mas tambem com alguma diminuição dos príncipes do imperio, e do seu crédito. Tenho dito o necessario. Que diremos do imperador, vosso avô? Com tudo não deixou de commetter cousas dignas de reprehensão, e de receber dellas mui graves danos: como foi a entrada, que fez, em Provença: como foi a empresa d'Argel, fóra do tempo: e como foi tambem o cerco de Metz.

Dir-me-hão: De que servem estes exemplos? Responderei: De se ver que, se n'esta passada de V. Alteza houver algum erro, este fica desculpado com o exemplo e auctoridade de tão excellentes príncipes, que, com muito maior experiencia, foram enganados com

os cegar o demasiado desejo de gloria: e não é para espantar de V. Alteza, com muito menos idade, e com o mesmo ardor de espirito, cair em os mesmos inconvenientes: quanto mais que esta passada não será de todo sem fructo; porque haverá visto com os olhos o sitio d'Africa, como n'esta propheticia de trabalhos vê; quanto se deve a homens, que padecem fome, sedes, frios, calmas ardentissimas; e põem a vida todas as horas em risco por serviço de Deus e de V. Alteza: entenderá tambem como se a guerra d'aqui por deante ha de fazer: apprenderá tanta doutrina, que por ella se possa dizer, que foi a jornada mui bem empregada.

Esta a defesa, com que venho por parte de V. Alteza: até aqui chegam minhas letras; se d'aqui por deante V. Alteza insistir em contrastar o tempo, a que a lei de Deus quer obedecemos, busca-se outro melhor letrado; porque não me atrevo a defender a causa: pois, se faltar dinheiro, se faltarem mantimentos, e, não se podendo remediar a gente, que está junta, se ajuntar outra; muito mais, se vier uma grande inverno; se assim pela falta de cousas necessarias, como pela contrariedade do tempo, começarem a morrer as bestas, e depois os homens; veja V. Alteza quão grande será a festa dos Mouros, e quanta a tribulação dos Christãos.

Não tenho os Mouros por tão pouco guerreiros, que esperem batalha campal, vendo que sem lansa e sem espada podem ser desbaratados os nossos. Os frios, as chuvas, as lamas, as serras, o inverno defendem as terras. Marchar ao presente não é possível, estar encerrados nas cidades não é honra: para combater Fez ao presente, não ha tempo nem apparelho; e, ainda que se despejasse, não era prudente tomar uma tão grande cidade, em tempo, que se não podesse logo fortificar.

Pois, Sr., de que servirá logo tanto trabalho e tanta despesa sem fructo? Não falo dos juros, que fidalgos tem vendido, nas joias empenhadas, nas lagrimas das mulheres, na pobreza da gente nobre, na miseria dos que pouco podem. Gastese tudo, e consuma-se por serviço de Deus e de V. Alteza; mas seja em tempo que aproveite: em tempo porém que a perda está tão

manifesta, o ganho tão duvidoso, para que quererá V. Alteza, que, quando o Senhor Deus offerecer uma grande occasião para seu serviço, não haja em Portugal forças para se lansar mão d'ellas.

Da guerra não se desista: haja os fronteiros necessarios: os exercitos vão por deante: haja menos damascos e mais cassoletes: menos perfumes e mais lansas: tenha-se muita conta com a justiça, porque não falte o favor divino; com a fazenda, porque não falte o melhor e mais necessario, e que, com a grande vexação dos pobres, não haja de se offender gravemente a Deus: ajunte-se dinheiro de vagar; o que se poderá mui bem fazer, se a arithmetica for melhor executada, que ora é: cresçam as esperanças para quem as merecer: e sobre tudo os olhos estejam sempre firmes no céu: esperem-se conjuncções, que não poderão muitos annos tardar. D'esta maneira, quem poderá, quando for tempo, resistir a V. Alteza?

Entre tanto vença-se a si mesmo V. Alteza, que é a mais illustre victoria, que póde ser; dóme seu espirito; amanse a grandeza de seu coração. Nas fronteiras se aquente a guerra o melhor que for possivel: o metter de resto se guarde para quando o Senhor Deus offerecer melhor e mais conveniente tempo; por que quem não o espera, não sómente vai contra a regra da prudencia, mas tambem corre grande risco de, com o o pretexto da fé, tentar a Deus.

D'esta maneira alcansará V. Alteza as victorias, que pretende, com glorioso nome seu, e com muito accrescentamento da sancta fé catholica.

Não cuidei que esta carta fosse tão comprida; mas o amor, lealdade e zelo do bem commum me acudiram de maneira que não podesse ter mão em mim.

No que me fica por fazer, não falarei; que será continuamente pedir a nosso Senhor, em minhas orações e sacrificios, que Elle seja o conselheiro, e defenda V. Alteza; e sua vida e real estado guarde e accrescente para seu santo serviço. Amen! — JERONYMO OSORIO.



## XV.

*Carta com offerta ao governador de Diu, D. João de Castro.*

Sr. — Eu soube como as mulheres de Chaul tinham offerecido a V. S.<sup>a</sup> as suas joias para a guerra. Ainda que eu me achasse em Gôa, não quiz perder a parte da honra, que me dahi cabe. Por Catharina, minha filha, mando as minhas joias a V. S.<sup>a</sup> Não julgue, em quáo poucas são, as que póde haver em Chaul, porque lhe certifico, que eu sou a que menos tinha, porque as tenho repartido por minhas filhas. E créa V. S.<sup>a</sup> que, só das joias de Chaul, póde fazer a guerra dez annos, sem se acabarem de gastar. E a mercê, que peço a V. S.<sup>a</sup>, é gastar logo estas minhas na ida do Sr. D. Alvaro, porque eu espero em nossa Senhora, que haja elle tamanhas victorias, que se escuse a ida e trabalhos a V. S.<sup>a</sup> Isto peço em minhas orações, e assim que acrescenta a vida a V. S.<sup>a</sup>, e o deixe ir a Portugal deante dos olhos da Sr.<sup>a</sup> sua mulher e filhas.

Escrepta em Gôa nas casas de D. Maria minha filha, hoje 11 de Junho.

Minha filha Catharina empenharei, se for necessario para o serviço de V. S.<sup>a</sup> — CATHARINA DE SOUSA.

JACINTHO FREIRE, liv. 2.<sup>o</sup>

## XVI.

*Carta, que o governador D. João de Castro escreve de Diu á cidade de Gôa.*

Senhores Vereadores, Juizes, e Povo da muito nobre, e sempre leal cidade de Gôa — Os dias passados vos escrevi por Simão Alvares, cidadão desta cidade, as novas da victoria, que me nosso Senhor deu contra os capitães d'el rei de Cambaia, e calei na carta os trabalhos e grandes necessidades, em que ficava, porque lograsseis mais inteiramente o prazer e contentamento da victoria; mas já agora me pareceu necessario não

dissimular mais tempo, e dar-vos conta dos trabalhos, em que fico, e pedir-vos ajuda para poder supprir e remediar tamanhas cousas, como tenho entre as mãos; porque eu tenho a fortaleza de Diu derribada até o cimento, sem se poder aproveitar um só palmo de parede; de maneira que não sómente é necessario fabrical-a este verão de novo, mas ainda de tal arte e maneira, que perca as esperanças el rei de Cambaia de em nenhum tempo a poder tomar. E com este trabalho tenho outro igual, ou superior a elle, ao demenos para mim muito mais incomportavel de todos, que são as grandes oppressões e continuos achaques, que me dão os Lasquerins por paga, de que lhes eu dou muita certeza, porque doutra maneira se me áriam todos, e ficarei só nesta fortaleza; o que será occasião de me ver em grande perigo; e por esse respeito toda a India; como quer que os capitães d'el rei de Cambaia com a gente, que ficou do desharato, estão em Suna, que é duas leguas desta fortaleza, e el rei lhes manda cada dia engrossar seu campo com gente de pé e de cavallo, fazendo muitas amostras de tornar a tentar a fortuna em querer dar outra batalha: para as quaes cousas me é grandemente necessario certa somma de dinheiro. Pelo que vos peço muito por mercê, que, por quanto isto importa ao serviço d'el rei nosso senhor, e por quanto cumpre a vossas honras e lealdades levardes avante antigo costume e grande virtude, que é acudir-des sempre ás extremas necessidades de Sua Alteza, como bons e leaes vassallos seus, e pelo grande e entra-nhavel amor, que a todos vos tenho, me queirais emprestar vinte mil pardãos, os quaes vos prometto como cavalleiro, e vos faço juramento dos Santos Evangelhos, de vol-os mandar pagar antes de um anno; posto que tenha, e me venham de novo outras oppressões e necessidades maiores, que das que ao presente estou cercado. Eu mandei desenterrar D. Fernando meu filho, que os Mouros mataram nesta fortaleza, pelejando por serviço de Deus, e d'el rei nosso senhor, para vos mandar empregar os seus ossos; mas acharam-no de tal maneira, que não foi licito ainda agora de o tirar

da terra: Pelo que me não ficou outro penher, salvo as minhas próprias barbas, que vos aqui mando por Diogo Rodrigues de Azevedo; porque, como já deveis ter sabido, eu não possuo ouro, nem prata, nem moavel, nem cousa alguma de raiz, por onde vos possa segurar vossas fazendas, sómente uma verdade sêcca e breve, que me nosso Senhor deu. Mas, para que tenhais por mais certo vossos pagamentos, e não pareça a algumas pessoas, que por alguma maneira podem ficar sem elle, como outras vezes aconteceu; vos mando aqui uma provisão para o thesoureiro de Gôa, para que dos rendimentos dos cavallos vos vá pagando, entregando toda a quantia, que forem rendendo, até serdes pagos. E o modo, que neste pagamento se deve ter, o ordenareis lá com elle. Hei por escusado de vos affectar palavras, para vos encarecer mais os trabalhos, em que fico; porque tenho por muito certo, por todos os respeitos, que acima digo, haverdes de fazer nesta parte tudo, e mais do que poderdes, sem intervir para isso outra cousa, salvo vossas virtudes costumadas, e o amor, que todos me tendes, e vos tenho. Encomendo-me, Senhores, em vossas mercês.

De Dia, a 23 de Novembro de 1546. — D. JOÃO DE CASTRO.

JACINTO FREIRE, liv. 3.º

## XVII.

*Carta da camera de Gôa, em resposta da do governador.*

Illustrissimo, e Excellente Capitão Geral, Governador da India, pelo muito alto, muito poderoso, e muito excellente prinçipe el rei nosso senhor — Diogo Rodrigues de Azevedo chegou a esta cidade segunda feira, seis dias do mez de Dezembro, e o dia seguinte deu em camera uma carta de Sua Ill.<sup>ma</sup> S.<sup>a</sup>, que foi lida com muito prazer, e grande contentamento, por sabermos de sua saude; a qual boa nova sempre queriamos saber, e muito melhores lhe desejamos; e por ella a

cidade, e todo este povo em geral, e em especial, damos muitas graças a nosso Senhor, e temos certa esperança em nossa Senhora Virgem Maria Madre de Deus, nossa advogada, que tendo os povos da India a V. S.<sup>a</sup> Ill.<sup>ma</sup> por seu duque e governador, que em nossas affrontas e trabalhos nunca careceremos de ajudas divinaes, por merecimento do seu catholico e modesto viver, e auto e obras de muitas louvadas virtudes; e com esta esperança vivemos em novo repouso, porque a presente e gloriosa victoria, que por seu prudente conselho, e grande esforço, e cavallaria venceu e descercou a fortaleza de Diu, e desbaratar e destruir o poder d'el rei de Cambaia, com mais outros vinte mil homens Mouros, Turcos, Rumes, Corações, e Christãos renegados da fé de nosso Senhor, Allemães, Venezianos, Genovezes, Franceves, e assim d'outras muitas e diversas nações; dos quaes gran' parte delles foram mortos a ferro de lansa e espada, de que a cidade tem certeza de pessoas de bem, que de vista foram presentes: os quaes bons serviços nos mostram claros signaes; que ao diante, prazendo a nosso Senhor, e a seu amparo, não temeremos outros trabalhos, que de futuro se appresentam do proprio rei de Cambaia, com outro novo poder, e outros reis e senhores, nossos comarcãos, e os de toda a India, são de certo inimigos nossos, e de muitas inimizades, além de serem infieis inimigos da nossa santa fé catholica, dos quaes uns e outros não temos segura nem firme paz, antes temos signaes de faltas e enganosas amizades. E quanto ao emprestimo, que em nome d'el rei nosso senhor nos manda pedir, responde a cidade, que os moradores faremos de presente, e sempre que cumprir, servirmos Sua Alteza com as fazendas e vidas, e com as almas. E porque a tenção da cidade, e de todos, é servir V. S.<sup>a</sup> Ill.<sup>ma</sup> S.<sup>a</sup>, havendo respeito, que o tal emprestimo cumpre muito ao serviço d'el rei nosso Senhor, cuja a cidade é, e todos somos, com muita diligencia e cuidado, daquelle dia, que Diogo Rodrigues de Azevedo deu o recado, até o fazer d'esta, que são 27 de Dezembro, se ajuntaram vinte mil cento e quarenta e seis pardãos,

e

é uma tanga, de cinco tangas o pardão; os quaes emprestou esta cidade, a saber cidadãos e povo, e assini as bramenes mercadores, gameares e ourives. E escreve-mos em certo a V. S.<sup>a</sup>, que esta cidade e os honrados moradores, pelo servir, temos obrigação de pôr as vidas e as fazendas com melhor vontade, do que o faremos por nossas proprias honras e interesses. E quanto, Sr., aos penhores, que nós manda, a cidade e moradores, nos temos por aggravados, de V. S.<sup>a</sup> ter tão pouca confiança em nós e em nossas lealdades, que para cousa, que tanto cumpria ao serviço d'el rei nosso senhor, e a seu estado real, não eram necessarios tão honrados e illustres penhores, porque nossa lealdade nos obriga ao serviço d'el rei, e a presente necessidade; e depois disso as obrigações, em que somos, e a grande affeição e muito amor, que V. S.<sup>a</sup> tem a esta cidade e moradores; e por ello, e tudo o mais, que neste caso lhe sentimos, lhe beijamos as mãos, e rogamos a nosso Senhor, que lhe dê perfeita saude, e o prospere de muita honra, e grandes victorias contra os inimigos de nossa Santa Fé. E todavia, Senhor, Diogo Rodrigues de Azevedo lhe torna a levar os seus penhores; e assim lhe levam elle, e Bartholomeu Bispo, procurador da cidade, o dito dinheiro, que lhe a cidade e povo della emprestaram de sua boa e livre vontade. E assim lhe levam mais a provisão, que cá mandou para o thesoureiro pagar o dito dinheiro, e lhe pedem por mercê que tudo acceite, coimo de leaes vassallos, que somos, a el rei nosso senhor, e a V. S.<sup>a</sup> mui obrigados.

Escrepta em camera a 27 de Dezembro de 1547.

JACINTHO FREIRE, liv. 3.<sup>o</sup>



## Terceiro Genero.

### DISCURSO DESCRIPTIVO.

#### VARIAS DESCRIÇÕES.

##### I.

##### *Descripção do convento de Bemfica.*

Porque não pareça estranho aos leitores, gastarmos tempo e papel em descripção de uma pobre casa, e falta das grandezas e mysterio de architecturas, com que outra nos occupou e desculpou: faço-lhes saber, que tenho exemplo em dous grandes Sanctos, que foram o devotissimo Bernardo, e mais atraz o grande Basilio, e ambos occupados em nos pôrem deante dos olhos, não sumptuosidades de edificios, porque nenhuns havia onde viviam; senão riquezas naturaes do ermo, debuxadas com termos quasi poeticos, e tanta brandura, que fazendo musica nos ouvidos, e creando na alma desejos de fugir do povoado, accendem fogo de saudades do céu. Imitaremos os Sanctos na tenção, na obra não pôde ser. — A uma pequena legua da cidade, pela estrada que corre para Cintra, pouco desviado della para a parte do poente, fica, como escondido e furtado á communicação da gente, um pequeno valle, que sendo naturalmente aprazivel por frescura de fontes e arvoredo, mereceu, ao que se pôde crer, o nome que tem, de Bemfica. E daqui, o devia tomar um pequeno logar, que pouco adeante se vê. Fazem o valle dous

outeiros deseguaes em corpo; um humilde, que, servindo só de lhe encobrir a vista da estrada, que dissemos, não lhe tolhe a de muitos, que ao longe fazem dilatado horizonte. O outro levanta muito, extendendo-se pela parte, donde o sol se põe de inverno, e vai rodeando contra o sul, de maneira que ameaça querer fechar o valle, e ir cerrar com o monte contrario: tolhe a determinação um rio, que atravessa o valle, e faz garganta por entre ambos, para enviar seu tributo ao mar.

É o rio pobre de aguas, e quasi sem nome de verão; mas grosso e soberbo de inverno, de sorte que, indignado contra o jugo de duas pontes, que no valle o senhorêam, lansa muitas vezes por cima sua corrente, e depois que daqui sai, vai fazendo abaixo azeugas de bom serviço. Na ladeira do monte maior está situado o convento, e della se estende com sua cerca até ir beber no rio. De uma e outra parte correm quintas, que cercam os outeiros e valle em roda, algumas de bom edificio, outras mais ao natural; todas ricas de bosques e pomares, e cercadas de suas vinhas, com que a mór parte do anno mantêm o valle uma frescura e verdura perpetua. Fica o convento senhoreando tôdas com a capacidade e mais grandeza, e como pagando-lhes com sua sombra o ornamento, que recebe da companhia e boa vizinhança dellas.

Mal se comparam as cousas pequenas com as grandes; mas, se é licito fazer-se, guardando a cada uma sua proporção, quizera comparar a humildade de Bemfica; em Portugal, com a grandeza de Claraval, em França. E acho em ambas estas casas muitas conveniencias, que me obrigam. Se tractamos do espirito, bem conformam em se dar nellas principio á reformação da ordem; que os filhos professavam; e em começarem com uma extraordinaria pobreza, pensando só de Deus, e quasi nada dos homens. Teve Claraval bençãos de dar muitos e grandes Sanctos, como casa grande e famosa. Não criou menos Bemfica em seu tamanho (como pequena e pobre), nem em virtude, nem em numero, como não fazamos comparação com o altissimo monte de sanctidade, Bernardo. Possui Bemfica um particular con-



dão do céu (soffra-se me o termo proprio portuguez) em virtude e mérito, dos que aqui viveram, e hoje tem suas cinzas; que ninguem entra por estes claustros, que se não sinta abalar de um certo affecto de devoção, a que parece estão convidando até as paredes mudas; assim o sentiu e publicou o bom espirito do nosso genl Justiniano, sabio avaliador, como n'outras partes tems mostrado, das cousas, que viu nesta provincia, dizendo: *En domus undique redolens sanctitatem*. O mesmo creio que deve acontecer aos que entram em Claraval, por méritos de S. Bernardo.

Descendo ao material d'estas casas, concordando ambas em estarem afastadas do povoado, differença faz não pequena estar Claraval assentada em um campo raso; e Bemfica arrimada a um monte, e pendurada delle em parte. Claraval servida do rio Alva em todas suas officinas; Bemfica sem nenhum proveito no serviço do seu rio. Mas concertam estas desigualdades com fazer cá o monte o mesmo, que lá faz o campo; cá as aguas, que em grossas fontes brotam do monte, o mesmo que lá as copiosas, que leva o Alva. Se o campo chão serve para se aproveitar o convento da corrente do rio, e o trazer como á mão, visitando e regando a casa toda, e cada officina por si; a altura do monte, com suas entranhas preñhes de ricas fontes, manda cá um rio para cada officina; e tanto com mais graça, quanto vindo a agua cuberta, e por canos occultos, engana os olhos, e faz crer que alli a deu a natureza. Onde se vê borbulhar da terra, e onde mais serve, tantas são as fontes, quantas as officinas. O sacerdote, quando vencendo o sol na madrugada, se levanta a saudar e offerecer sacrificio ao divino Sol de justiça, acha na sacristia um rio de agua viva, com que purificar mãos e rosto, não menos que por quatro bicas offerecida; os que vão ao refeitório, acham defronte delle, e no meio do claustro, outro rio e outra agua; é um formoso tanque de boa pedraria, lavrado em quadro; no meio delle um grande prato de fino jaspe, que criam os montes vizinhos: não tem os reis maior delicia; sobre o prato, a quem se não contenta com o

tanque, lansa agua ás mãos um minino, que se vê no meio, servindo-lhe de gumil uma cornucopia, com que está abraçado, feita por tal arte, que, estando bôca arriba, lansa egualmente a agua por toda, que por vir repartida e espalhada, cái gotteando, e representa semear lagrimas, ou derramar aljofres. E como é grande, fazem as bordas, que voltam, sombreiro ao minino; e é de ver um geito gracioso, que o escultor lhe deu, por estar nú, de que arrecêda molhar-se. Quem demanda a portaria, acha de fóra um grande tanque, que tem sempre cheio para serviço do povo, uma grossa vêa, que sai do meio d'elle. Quem passa da porta, encontra logo dentro com outra fonte, entre flores eervas cheirosas, entre cidreiras, limoeiros e laranjeiras. Debuxam aqui as hervas com arte e lavar a terra, que as cria; e das arvores umas vestem as paredes em roda, trepando arriunadas e apertadas com ellas; outras obrigadas com arte a não passar de uma curta medida, servem ao chão de o dividir e arruar, e ás hervas o boninas de lhe fazer agradável guarda, e juntamente inveja: cêrca e guarda com seus ramos estreitamente travados e tecidos entre si; inveja com grandes fructos pendentes, d'ouro, quando maduros, de prata, quando em flor. Até com o ministro da pobre cozinha foi liberal o monte. Tambem tem sua agua, que lhe enche as pias de seu serviço, e fórra o trabalho de a buscar mais longe. Se Claraval tem formosos viveiros de peixe no seu rio, para proveito e recreação; os mesmos tem Bemfica, e não em uma só parte, nem com um só genero de recreação, e, o que mais é de estimar, dentro da casa: porque passado o claustro, quem busca a horta do convento, dá a poucos passos em uma praça empedrada, que ficando na parte mais alta, e como a meia ladeira da cêrca, descobre grande parte do valle. Aqui saem os religiosos a gozar o fresco da tarde em o verão, e o soalleiro de inverno, depois que deixam o refeitorio. Porque, além da vista desabafada e larga para fóra, tem na mesma praça de uma parte uma graciosa fonte, e da outra um espaçoso tanque; que cada cousa por si alegre e deleita os olhos. A fonte se faz em um arco,

que formado de brutescos varios e vistosos, arremeda uma gruta natural. Dentro parece assentado um grande e bem proporcionado satyro, imitando com propriedade os que finge a poesia. Em toda a sua figura mostra, em rosto risinho e alegre, uma simplicidade montanheza, com que está convidando a beber de uma concha natural, que tem apertada com o braço e mão esquerda, da qual sai um fornoso tonno de agua; e juntamente com a direita acode, como arrependido, a cobril-a; faz geito de a querer retirar, dando com uma, e negando com outra. A agua é, quanto pôde ser, excellente; e de uma qualidade propria das que nascem nas serras, fria e desneveda na maior força do sol do estio; temperada no inverno, como um banho. Acompanham a gruta de um e outro lado, em egual distancia, dois grossos e altos pilastrões, que, sendo feitos de boa cantaria para estribo de uma ahobada, a que se arrimam, foi a natureza cobril-os de uma hera muito espessa e viçosa, que subindo por elles até a môr altura, assim esconde e senhorêa a pedraria, que faz parecer foram fundados mais para honra da fonte, que segurança do edificio; assim ajuda a natureza a arte, e o accidental ao bem cuidado. E porque, entre gente que professa letras, é bem que nem nos satyros se ache rudeza, faz lembrança este nosso, a quem folga de o ver, com um verso latino entalhado em pedaços de marmore negro, que correm a vida e os annos sem parar, nem toruae atraz, ao modo daquelle licor, que lhe sai das mãos: advertencia de sabio, não de rustico; que aguas e annos, se se não aproveitam com bons empregos, perdidos são e pouco de estimar. Cai a agua, por não pejar a praça, em um pequeno tanque, e, deixando-o cheio, sóme-se nelle, e vai por baixo da terra fazer outra fonte na bôcca de um leão. É de ver aquelle rosto fero cuberto de guedelhas crespas e medonhas, que ameaçam sangue e morte, feito ministro de mansas aguas: verdadeiro poder e symbolo da religião, que amansa leões e faz satyros doutos. Estas aguas recebe o lago, que acima dizemos, o qual da parte da praça fica a face da terra, dividido só com um baixo parapetto; e cria, no grande

fundo e largura que tem, muito peixe, tão domestica já com a continuação, que acode ás mãos dos religiosos, e ás migalhas, que cada um lhe guarda, como a pitaça certa e sua; e vindo em cardumes, litigam quasi em esquadrões sobre o pasto, que nesta materia nenhum elemento carece de contendas. O lago, como fica em parte alta, e sempre se vai refazendo de agua fresca da bôcca do leão, além de conservar assim o peixe, serve o convento em varios usos. Faz lavandeira para os habitos e roupa de todos, desaguando parte em grandes pias de uma officina cuberta e contigua, parte em outras da casa de noviços, que é vizinha, para o mesmo effeito, e a tempos de sêcca regar os pomares e laranjaes; e em fim corre até ajudar a pobreza do rio.

Dá entrada na horta e pomares uma comprida rua; da parte do muro cobrem as paredes a espaços crescidas giestas com suas flores amarellas, entresachadas de rosas, em umas partes brancas, n'outras encaroadas; e acompanham os baixos violetas humildes, e goivos de todas cores. Da banda da horta respondem arvores silvestres, verdes e altas, casadas com parreiras, e com seus ramos e fructos graciosamente enfeitadas. Fazem toucas as voltas e frescura das parras; collares de pedraria as uvas, segundo os tempos e as côres dellas; já topazios, já rubis, primeiro esmeraldas. Daqui se vai descendo á horta por diversas partes, sempre por entre arvoredos, um de fructo, outro silvestre; mas o silvestre tão copado e fresco, que nenhuma inveja tem ao fructifero; antes, como queixoso do muito que se estima o proveito, se junta a uma parte da horta; são o mais olaias e loureiros; e tomando companhia de um espesso silvado de mosqueta, se enreda e tece com ella de sorte, que ameaça tolher a entrada de uma graciosa estancia, que aqui ha, aos que a buscam. É retrato de uma camara subterranea, a que se desce por alguns degraus. A fabrica em quadro perfeito, assentos em roda encostados a uma rede de ladrilho, que vestem lheras, entravam mosquetas. No meio um bocal de poço quadrado de boa pedraria, que, cheio d'agua até lansar

por fóra, mostra ser fonte viva, ou pôço de aguas vivas, pela que em continuo movimento está crescendo e cursando. Dos quatro cantos do bocal se levantam columnas de marmore, que sustentam no alto uma meia laranja de perfeita abobada para emparo da agua, como o faz a raniada do arvoredado a toda a camara, que aqui é tão sombrio e denso, que não só lhe tolhe o sol, quando mais sóbe e arde, mas quasi o céu. Assim nos tempos que a natureza esperta ás linguas das aves a louvar com mais harmonia o Creator, é quasi morada continua das que por mais musicas são conhecidas. E é tradição, que, juntando-se nellas uns seculares de boas vozes, e começando a cantar ao som de instrumentos bem acordados, acudiram as que se tinham por senhoras do sitio, a desafiar a melodia humana e artificial, com a sua natural. E isto com tamanha porfia, que, vencidas as vozes dos homens, não cansaram as pobres avezinhas de seguir as violas, que ficaram supprindo por elles; e uma se deixou levar tanto de impeto e affecto de cantar, que veio a desfallecer, e á vista de todos caíu em terra sem alento, como dizendo, que antes queria perder o bem da vida, que a honra de perseverar cantando. Mereceu esta estancia ser estimada de um infante de Portugal, que foi cardeal e rei. E por que no estado de cardeal continuava em a ver e honrar, ficou-lhe o nome de fonte *do cardeal*. Tambem ha quem afirma, que o merece pela vantagem, que o cardeal achava no licor, e porque a essa conta o mandou assim compor.

Assim como esta, por baixa e soterrada, e pelo bosque, que a esconde, se faz estimar; ha outra, que tem tambem sua graça na falta de todo artificio. É uma vêa de agua, que sai no meio da horta por uma telha ordinaria, e formando logo um profundo tanque, que tambem cria muito pescado; rega dous estendidos talhões de horta, em que recréa os olhos a diversidade das hortaliças, o concerto e disposição de todas, misturando-se muitas hervas cheirosas, e flores varias, com o que serve para o refeitório; com seus passêos e ruas, que as dividem. E são barras da divisão,

ou cidreiras, ou limoeiros, ou murta e craveiros, ou tudo junto.

Mas não será razão deixarmos em silencio outra fonte, que em seu genero e estranheza compete com as boas qualidades destas duas.

Desta maneira podemos bem dizer, que fazem aqui as fontes todos os serviços e feitos, que em Claraval faz o rio Alva; e se uma só fonte, de que lá bebe o mosteiro, é louvada de ser visitada dos primeiros raios do sol, quando se levanta (qualidade importante das boas aguas), esta prerogativa se vê em todas as de Bemfica; porque todas tem sua origem no monte do poente, a que o convento se arrima, e ficam nascendo com o rosto no sol da manhã.

O natural de aguas e bosques tinha a casa, quando el rei fez a mercê á ordem: o artificial foram fabricando os frades e devotos, e ajudando os reis, que sempre della mostraram gosto, e tiveram particular cuidado. A egreja em seus principios foi fabrica de pouca substancia, accrescentou-se correndo os annos: mas como obra feita a pedaços, e com defeitos claros de architectura, envelheceu de pressa, e chegou a ameaçar ruina, no tempo que isto escreviamos. O que obrigou os frades a reedificá-la de proposito, e com tanto animo, sendo os tempos assás apertados, que o que já hoje está feito, mostra que será obra perfeitissima, sendo acabada. Das memorias antigas, que nella havia, diremos em outro lugar: eram os religiosos poucos, quando começaram a reformação; e a casa tambem curta, ainda que real; contentavam-se de um dormitorio terreo. Foi mostrando o tempo, que era em demazia humido e pouco sadio, para onde a comida era peixe contínuo. Levantou-se, mas tambem pobremente, e trocou-se no que agora é casa de noviços. Não é para esquecer o que se conta daquelle primeiro e mais humilde. Affirmam os antigos, que, todas as vezes que havia de morrer algum frade, havia nelle signaes manifestos, sentindo-se golpes e rumor de mão invisivel, as mais vezes em tres partes distinctas; era sentença irrevogavel de morte vizinha a terceira. Cessou este prodigio com

a mudança; e seguramente podemos crer, que cessou um grande bem, e indicio de perfeição daquelles primeiros moradores. Não espantam novas de morte aos que andam compostos e apparelhados, e que na religião não buscam mais que bem morrer. Onde falta o apparelho, aqui sobejam medos. E, se a morte subita é o maior mal de todos, grande misericordia era do Senhor o aviso anticipado. Cresceu a casa em renda, depois que pareceu necessario na ordem possuirem-se bens de raiz. Com a renda cresceu o numero dos frades, e foi forçado alargar a vivenda. Lançou-se primeiro uma grande sala com janellas rasgadas sobre o jardim da portaria, e outra no eirado; que cái sobre o mesmo. Logo do meio della um estendido e espaçoso dormitorio, que corre contra o nordeste, até ficar quasi sobre o rio; o forro de estuque; e em fórma que arremeda uma bem lavrada abobada; cellas grandes e bem forradas; portaes e janellas de pedraria: obra toda airosa e bem traçada, se não fizera vista de fóra, como de uma manga estirada e despegada do mais edificio; de que nasce ser frio e desabrigado de inverno. Paga-se este mal com algumas comodidades no restante do anno, que são viver-se nelle, sem se sentir calma na maior força do estio: e não tendo mais que tres degraus de subida da parte do edificio antigo e da egreja, fica em tanta altura, que descobre, goza e senhorêa todo o valle em roda; e, como cortou pelo bosque e pomares, deleita-se a vista na frescura, o olfacto no cheiro dos laranjaes, o ouvido no canto das aves, que ficam tão vizinhas, que ás vezes se afigura, serem hospedes os rouxinoes, ou quererem fazer officio de espectadores com os religiosos para os louvores divinos; ao pé da janella do topo inventou a curiosidade um genero de recreação, que podêra ter muito de proveito, se as leis da casa o permitiram. É um viveiro de muitos coelhos: servem de vista, não de pasto; porque o refeitório não admite aqui carne em nenhum tempo: A obra do dormitorio seguiu outra tambem importante, que foi a da sacristia; e é uma das formosas e bem acabadas casas, que

tem a provincia, por grande e alta, e bem cuberta e servida de uma fonte, que nella corre sobre prato de jaspe, como atraz tocámos. Mas temo-nos detido muito, tornemos á nossa historia.

Fr. Luiz de Sousa, *Hist. de S. Domingos*, 2.<sup>a</sup> part. liv. 2.<sup>o</sup> cap. 3.<sup>o</sup>

## II.

### *Descripção de Santarem.*

A quatorze leguas de Lisboa pelo Tejo acima, em cabo de terras dobradas e montuosas, e principio de grandes mares de campinas, levantou a natureza, como marco entre montanha e campo, uma junta de montes dependurados sobre a margem direita do rio, e tanto mais altos que toda a outra terra, que, de qualquer parte que sejam buscados, se deixam ver muitas leguas ao longe, como se foram uma mui empinada serra. São os montes, bem considerados, septe, todos divididos com profundos valles pelas fraldas, uns mais, outros menos, e cada um com sua differença; mas de maneira juntos nas cabeças, que fazem sobre as corôas um plano equal e commum a todos septe, capaz de uma grande povoação, com largueza de praças, e commodidade para maior povo; e tal é Santarem. Para dar a entender este sitio a quem o não viu, seguiremos o costume dos geographos, que usam da comparação de alguns membros do corpo humano, para se declararem na significação de outros do grande corpo da terra. Representar-nos-ha bem o plano, que temos dito, com suas aberturas de valles, uma mão esquerda, apartada do braço, com a palma e dedos estendidos, e divididos um do outro, quanto naturalmente se podem alargar; se assentarmos a mão de maneira, que o dedo do meio corra directamente contra o sul, e o collo da mão fique ao norte. Assim ficam sendo primeiros montes os dous cantos do collo da mão, e primeira parte do plano sobre elles, a palma até ao meio, que é uma formosa estendida praça deante da porta que chamam de Lei-



ria, que fica ao norte da villa, cercada de mosteiros e casas nobres, e por razão do uso, em que serve muitos dias do anno, tem nome de *chão da feira*. Estes primeiros montes são divididos de um valle, que vai subindo por entre elles, e trazendo a estrada, que vem de Leiria, até dar no plano do *chão da feira*, e primeira parte da palma, e na porta que chamão de *Leiria*. Nos cantos desta grande praça estão situados da parte do poente o mosteiro de S. Domingos, de que de presente havemos de tractar; e no outro do levante o mosteiro da Trindade.

Faz terceiro monte (porque não deixemos a similhaça; com que começámos) o dedo pollegar; e na primeira junta ou raiz d'elle fica assentado o convento de S. Francisco. E logo adeante, quasi no meio do dedo, tem seu assento o grande mosteiro de Sancta Clara, casa muito antiga e nobre, e de grande religião; e na cabeça d'elle a ermida dos Apostolos, que está á conta de religiosos de S. Bento.

Da porta de *Leiria*, que assentámos no meio da palma, dá o muro da villa uma volta larga, em que comprehende um castello antigo e casa real juntamente; e, deixando ainda livre um espaço da palma, vai entestar na raiz do dedo maior; e, estendendo-se por elle até a ponta, abraça desta parte tudo o que é cercado de muro na villa, deixando na mesma raiz outra porta, que chamam de *mansos*; e tanta praça deante; que dá logar a se communicar com a praça maior do *chão da feira*.

Corre a povoação pelo resto da palma, e pelo plano dos dedos, que fazem quarto e quinto montes. A do dedo maior vai direita ao sul, e tem por remate um mosteiro de Capuchos, e um moinho de vento. Aqui teve a casa de Bragança antigamente um bom aposento, que agora está por terra, como estão outros muitos na villa, que foram de nome. O bairro, que toma o index, vai fazer na ponta uma fortaleza guerreira e formosa, e com tanta praça dentro, que a faz a uma boa igreja e algumas casas nobres, e por isso reteim o nome antigo de *alcaçova*. Inclina este monte para o nascente tanto,

como nos representa o mesmo dedo bem afastado do companheiro, e vai heber no rio com um grande e dependurado barrocal, que por tres partes acompanha a fortaleza e a faz inacessivel. Não é para esquecer, que dentro nella a um lado da entrada creou a natureza um outeiro ou tumulo de terra, redondo e como feito á mão, que, crescendo em boa altura, sustenta no alto uma torre, donde em dias claros se divisa a cidade de Lisboa: o devia servir para em tempos de guerra se darem avisos com fogo.

Os vazios entre os dedos, e por fóra delles, são valles profundos, como temos dito, com costas e quebradas mui agras, excepto o valle, que sóbe ao collo da mão, dividindo, segundo fica mostrado, os dous primeiros montes. Porque este vem subindo de longe, e faz a entrada menos custosa.

O primeiro valle, que, seguindo a nossa comparação, abre entre o pollegar e index, assim como na mão se faz maior abertura entre estes dous dedos, que nos outros, assim é muito mais largo e capaz, e comprehende um grande arrabalde, que com a commodidade do rio, que o lava e lhe deu o nome (chama-se *ribeiro*), tem crescido tanto, que faz representação de uma grande villa ornada de boas egrejas e suas praças. Neste valle ao pé do monte dos Apostolos, que desce do pollegar, é o sitio, que atraz dissemos, do nosso recolhimento de *Montijras*.

O segundo valle é entre o index e o maior. E assim como estes dedos naturalmente abrem menos, tambem o valle, que entre elles fica, é mais apertado, sendo igualmente fundo, e um arrebalde, que por elle se estende até o rio, é de menos conta em grandeza o gente, e edificio (chama-se *alfange*.)

Entre o dedo maior e o quarto (que os latinos chamam annular; do costume, que havia, de não pejarrem outro com os aneis, que eram insignia dos nobres) corre outra semelhante quebrada até á porta *de mansos*, e faz o monte *sekte*: pelo lombo do qual corre um espaço a estrada, que sai desta porta para Lisboa, acompanhada de umas ermidas, e de um pequeno arrabal-

de, e logo faz grande quéda para baixo, ficando o septimo monte no deilo minimo, mas muito mais curto, e com menos representação entre os mais montes, da que elle tem entre os dedos: e nelle pegados com a palma assentam juntamente hoje dous mosteiros, um de frades da terceira regra de S. Francisco, sobre o valle do annular: e outro de freiras de S. Domingos, que olha sobre as ladeiras, que descem do dedo minimo da parte de fóra, e do canto da mão. Tal é a fórma, que hoje tem a villa de Santarem. E quadra-lhe bem a comparação, pela simillhança que tem a cidade de Volterra na provincia de Toscana em Italia, chamada na lingua latina *vola terrae*, que é o mesmo que palma da mão da terra. E é de saber, que no tempo que a ella veio a nossa ordem, não tinha mosteiro nenhum. E só se via no mesmo lugar, onde hoje é o nosso convento dos frades, uma pequena eruida da invocação de nossa Senhora da Oliveira, que com elle se extinguiu: e junto aonde é o de freiras, outra, que ainda dura, com titulo e nome de Magdalena.

A estes montes assim juntos, e villa assim situada vem demandar o Têjo por meio de largos campos com impetuosa corrente, e cortando pelas raizes do alto monte da *alcaçova*, faz seu curso direito contra Lisboa. É este lugar insigne por antiguidade, e por abundancia do céu e da terra. Os do céu são duas espantosas memorias, que nelle se conservam ha muitos centenas de annos, dos mysterios de nossa fé. Uma naquelle milagre dos milagres, que por excellencia chamamos o Santo Milagre, onde está Christo Senhor nosso sacramentalmente involto em seu proprio sangue, como nos corporaes de Daroca em Aragão: da qual faremos relação mais particular ao deante, na parte onde pertence a esta historia. A outra memoria a figura de um Christo crucificado, despegado de ambos os braços da cruz, e todo inclinado e dobrado de corpo e cabeça, e sustentado só no cravo dos pés, que se guarda com grande veneração a cargo de religiosos de S. Bento; no oratorio do monte dos Apostolos (caso digno de larga historia, succedido em favor e testemunho de uma

affligida mulher.) Tambem é celestial maravilha o sepulchro da gloriosa Portugueza, virgem e martyr S. Irena (que hoje chamamos Iria), fabricado por mãos de Anjos nas entranhas do rio, defronte do arrabalde da ribeira, e da igreja, em que é venerada, ao longo da agua. Foi morta á espada na villa de Thomar, no anno de Christo de 653, por honra da pureza virginal, e como victima della. E sendo lansada no rio Nabão, veio milagrosamente por elle ao Zezere, e do Zezere ao Têjo, e em fim parar e sepultar-se neste lugar, para honrar com seu nome a villa. Com o de Scalabis foi ella conhecida, muito antes que a conhecessém Romanos: e tanto atraz, que não falta quem queira referir sua origem a um Abydis, rei vigesimo quarto dos que em Hispanha floreceram, logo depois do diluvio, por successão continuada. A ambição romana, que em nome, como em posse, queria fazer tudo seu, lhe poz o de *Praesidium Julium*; e mettendo dentro moradores Romanos, como quem conhecia a força do sitio, honrou-a com titulo e privilegios de colonia romana. E, porque o lugar era capaz de tudo, assentou nelle uma das tres relações ou casas de justiça, com que se governava a Lusitania, a que chamavam *conventos juridicos*.

Faz aqui o rio uma agradavel divisão, deixando á parte direita e occidental, onde fica a villa, tudo o que ha de montuoso, e á esquerda estendidas campinas, que fertiliza com suas enchentes, como faz ao Egypto o seu Nilo. E com tudo tal fertilidade tem os montes, que se atrevem a competir com os campos. Porque, se estes são ricos de todo genero de grão; enriquece os montes um bosque continuo de olivae, que os cobre até os muros da villa. E, da mesma maneira que os campos parecem cheios de formosos caes e instrumentos de lavoura, e povoados de todo genero de criação de gado; assim pelos montes se vêm infinitas quintas de bom edificio, cercadas de vinhas e pomares e hortas, regadas de fontes e arroios de aguas excellentes. E, se o campo é agradavel de inverno, pela caça e muita volateria, que nelle ha; faz ao monte delectoso no verão a frescura e alegria dos bosques, e grande

grande abundancia de fructas de toda sorte. E é bem de espantar, que costumando a terra deliciosa produzir os homens similhantes a si mesma, quero dizer, de corpos e animos pouco varonis; esta pelo contrario tem dado por todas as edades gente de grande valor, como poderamos mostrar com exemplos, se nos deram licença as leis da historia. A villa é morada de mais familias illustres, que todos os mais logares do reino depois de Lisboa, e quasi solar delles, pela magnificencia de casas, que ahi tem de tempos antigos edificadas. Pelo mesmo modo vemos nella muitos e grandes templos; e sustenta mosteiros de quasi todas as ordens, ricos de rendas e edificios, de dourados e pinturas nos altares, e muita prata lavrada, e reliquias sanctas nas sacristias.

O mesmo, 1.<sup>a</sup> parte liv. 2.<sup>o</sup> cap. 1.<sup>o</sup>

### III.

#### *Descripção da egreja da Batalha.*

O primeiro nome, que el rei deu ao convento, quanto ao sitio, foi de *apar da Canoeira*, como parece da doação, por não haver outro lugar mais vizinho; e é uma aldêa distante d'elle pouco mais de meia legoa; o que lhe ficou depois de edificado, foi da causa de sua fundação, chamando-se da Batalha. Os nossos vellos, mais sanctos, que atilados, chamaram-lhe imprópriamente na lingua latina *de Bello*: e não fôra o nome senão mui proprio e acertado (como muitas vezes acontecem a caso grandes acertos), se o tomamos na significação, que tem, sendo adjectivo, por consa *bella* e *formosa*, e não pelo substantivo, que é *guerra*.

Começou a egreja com desmesurada grandeza e sumptuosidade tal, que aos mesmos edificadores fazia impossível o fim da obra, lansando conta ao que convinha subir pelas regras de boa proporção, e ao que era forçado gastar de tempo e dinheiro, pela despesa, que levava. Só o corpo della, desde a porta principal, que abre onde se põe o sol, e corre contra o nascente

segundo a póstura das egrejas antigas, tem trezentos palmos de comprimento até o primeiro degráu da capella mór; aos quaes juntos sessenta, que ha deste degráu até á parede, em que encosta o altar mór, fica todo o comprimento do templo de trezentos e sessenta palmos. A largura é de cem palmos, que vem a ser ao justo a terça parte de todo o comprimento, que dissemos, até o primeiro degráu da capella mór; e a esta medida responde a altura na proporção da arte, que é tal, que um valente braccino chega mal tirando com uma pedra ao alto do tecto; porque, como é abobada, sóbe ainda grande espaço sobre as paredes, tanto quanto requer a distancia, em que estriba. Assim tem de altura, até o ponto mais subido da maior abobada, cento e quarenta e seis palmos.

Das tres naves, em que se divide a igreja, tem a do meio trinta e tres palmos de vão, e as dos lados a vinte e um e meio cada uma. O que falta para encher a conta dos cem palmos, que demos de largura a todo o corpo, é occupado dos pilares, que fazem divisão ás naves, que são oito por banda; cujas bases assentadas em quadro, fazem doze palmos por cada testa. Cada nave tem sua abobada por si. As abobadas, pilares e paredes são tudo cantaria, assentada com tanto primor e cuidado, que quasi querem enleiar os olhos as junturas, mas se se deixam enxergar, porque não podia al ser, é tão sem offensa da arte, que difficulosamente se divisa nella signal de cal. A grossura das paredes é como a das bases dos pilares, de doze palmos por todo. A pedraria é lavrada toda do maior polimento, que a arte usa, salvo de brunido e lustrado. A qualidade da pedra toda uma; e não deve haver em toda Hispanha outra melhor para semelhantes edificios; porque, quanto á cor, tem um extremo de alvura, e, quanto á fortaleza, é bastantemente dura, sem ser demasiado aspera ao lavar. Mostra-se uma e outra cousa, em que, passando já de duzentos annos de edade o edificio, nem a gastam o discurso e injurias do tempo, nem o que lhe tem trocado da alvura, lhe tira muito da primeira graça. E acontece-lhe nesta parte o mesmo, que

do rosto de um homem, que foi muito alvo, que por muito que se queime e curta da força do sol e do ar, nunca no queimado perde de todo o sinal das primeiras côres. Assim esta pedra vai tirando com a antiguidade a um tostado nada desengraçado, e não a pardo, nem escuro ou denegrado, como vemos em outros generos de pedra.

O cruzeiro tem de largo trinta palmos, que responde ao justo á quinta parte de todo o seu comprimento, que é de cento e cincoenta. As paredes do corpo do templo são todas lisas e cheias, não vasadas nem cortadas (como é ordinario em outros) com numero de capellas. Sómente na entrada da porta principal se abre á mão direita um grande arco para uma formosa quadra, da qual diremos a deante. A frontaria do cruzeiro, a um e outro lado da capella mór, está dividida em quatro capellas, duas por cada banda. A primeira e mais vizinha á sacristia é dedicada a sancta Barbara, e jaz nella em uma sepultura baixa um cardeal, de cujo nome e sangue se perdeu a memoria; tem-se por certo seria chegado á casa real. A segunda é de nossa Senhora do Rosario. Vê-se nella um bem lavrado moimento alto, em que el rei D. Affonso V. mandou trasladar a rainha D. Isabel, sua mulher, que falleceu em Evora no anno de 1455. A terceira, que é collateral á capella mór da parte da epistola, tem a vocação de nossa Senhora da Piedade, e nella está depositado o corpo d'el rei D. João II. A quarta deu o auctor de toda a obra ao grande mestre de Christo D. Lopo Dias de Sousa, que nella jaz sepultado, logar bem merecido de seu valor e bons serviços. O conde de Miranda Henrique de Sousa, que hoje vive como successor e herdeiro que é da casa deste mestre, recolheu em nossos dias nella sua mulher D. Mecia. No meio da capella mór, logo abaixo dos degraus do altar, jazem el rei D. Duarte e a rainha D. Leonor, sua mulher, em duas grandes caixas do mesmo marmore, de que é toda a fabrica; as quaes são lisas e sem lavor, e sem letra alguma: só tem em cima os vultos de ambos, lavrados de relevo inteiro em todo o primor da escultu-

fa, e dizem que estão tirados ao natural. O d'el fez com a mão direita travada com a direita da rainha; a esquerda d'el rei sobre uma acha de armas; e a da rainha occupada com um livro. Dos topos do cruzeiro toma um a porta travessa da banda da epistola, o outro enche o altar de Jesus com um grande e formoso retabulo de pedraria, lavrado á moderna. Estas cinco capellas, assim a maior, como as quatro collateraes, podemos dizer que não tem retabulo algum. Porque, dado que na maior, e na do Rosario vejamos hoje retabulos, são ambos cousa tão pequena em corpo, e tão pobre em feitio, que claramente mostram não dizerem com a mais obra do convento, nem com a tenção do fundador, principalmente estando ermas as outras tres; estando em todas cinco aberto em frestas para luz o mesmo sitio, que houveram de cubrir os retabulos, se foram proporcionados com as capellas. Donde se póde colligir, que o animo do fundador não foi tractar de retabulos de pedra nem madeira; porque, se o fôra, ou os fizera desde principio, ou deixára o logar livre para se fazerem ao deante. E assim é meu parecer, que foi sua determinação, como de espirito em tudo grandioso, fazer retabulos de prata, e estes levadiços com tantos corpos de prata de Sanctos, que para qualquer festa ficassem os altares cubertos delles; e fundo-me em que já, quando falleceu, tinha dado á sacristia quinze corpos, como veremos a deante. Em todas cinco capellas tomam o verdadeiro logar dos retabulos umas grandes frestas altas e rasgadas, as quaes todas estão guarnecidas e cerradas de suas vidraças illuminadas de finas cores e varias pinturas de devoção, e tão bem assentadas, que, cursando no sitio grandes ventanias, e sendo maior a bataria das tempestades, quanto mais altas são as paredes; com tudo a maior parte das vidraças está ainda hoje inteira, e com o assento da primeira mão, sem haver mister segunda do reformador dellas, que assiste na casa particularmente assalariado para as fabricar e manter em sua perfeição. A capella mór tem quatorze frestas, das quaes lhe ficam no logar do retabulo dez, a saber, cinco baixas e cinco



altas; e cada uma a quarenta e dous palmos de rasgado de alto a baixo; e, porque ficam directamente umas sobre outras, vem a abrir cada duas em altura oitenta e quatro palmos. E todas dez tem uma mesma largura de tres palmos e meio de vão, cerrada de suas vidraças, sem divisão nenhuma de pedra. Assim vem a dar cada uma das dez frestas cento e quarenta e septe palmos de abertura, e outros tantos de vidraça e de luz.

As outras quatro lhe ficam nos lados, e tão altas que tomam luz sobre as capellas collateraes, a duas por banda. Estas tem vinte palmos de alto e doze de largo, com dous pilares pelo meio, de grossura de um palmo cada pilar, para fortaleza da vidraça. E por boa conta vem a dar cada uma destas frestas duzentos palmos de luz, e outros tantos de vidro.

As quatro capellas collateraes tem cada uma suas tres frestas, com alguma differença entre si. Porém as mais são de quarenta palmos de alto, e tres de largo, com outros tantos de vidraça.

O mesmo, 1.<sup>a</sup> part. liv. 6.<sup>o</sup> esp. 14.<sup>o</sup>

#### IV.

##### *Descripção da batalha na tomada de Seuta.*

Grande e não cuidado pavor caiu sobre toda a costa de Africa, e não menos na de Hispanha, que ainda occupavam Mouros. De uma e outra se via com espanto o mar cuberto de navios, que faziam similhança de um grande bosque, movediço em meio das aguas, que assombrava mar e terra. Quem mais temia, eram as terras de Gibraltar e seu contorno, chéas de Mouros, e sujeitas a el rei de Granada, por se verem abertas e mal fortificadas; mas com mais fundamento estavam attonitos os moradores da grande cidade de Seuta, onde os que bem entendiam, faziam juizo, que tamanho movimento e poder tão crescido não podia denjandar senão cidade real e famosa, qual era a sua. Todos os cosmo-

graphos antigos, assim gregos, como latinos, concordam, que o nome de Seuta teve principio de septemontes, que naquella paragem se deixam ver do mar, tão altos e eguaes entre si, que os Gregos lhe chamaram *eptadelphos*, e os Latinos *septem fratres*, que é o mesmo que *septe irmãos*. Abilavés atabe, com outros auctores de sua nação, escrevendo; que foi a primeira povoação, que houve em Africa, e seu fundador um neto de Noé, a que não dá nome, diz que este lhe chamou *Septa*; porque na lingua chaldæa responde ao mesmo, que *principio de formosura*. E na verdade quadra bem com o sitio; porque levantou aqui a natureza, como com conselho, uma montanha de terra alta e penhascosa no meio do mar, que terá boa meia legua em roda, e esta, como se fôra uma cabeça humana; juntou com o corpo da terra firme por meio de uma estreita ponta, ou pescoço de terra de tal feitiço, que, ficando lavado das águas de uma e outra parte, deu bastante assento para uma grande e formosa povoação. Por maneira, que de um e outro lado chegam suas muralhas a beber quasi no mar; umas no de poente, e outras no de levante; e ficando a cidade senhora da montanha, que dissemos (chamam-lhe Almina), que lhe fica nas costas, faz rosto a toda a Berberia, com uma testa tão estreita, como é a grossura do pescoço, que dissemos. E pelo mesmo caso é praça fortissima, e que com razão já no tempo dos Godos era havida por chave de Hispanha contra os Barbaros; e andava em mãos dos que por melhores della eram havidos. Tal devia ser o assento da cidade de Corintho em Grécia, que pelos respeitos ditos chamavam senhora de dous mares; e por sua fortaleza se temeram os Romanos tanto della, que por decreto commum foi mandada assolar. Era neste tempo senhor da cidade Salabemsala, homem poderoso e rico, a quem obedeciam muitos outros logares da costa; persuadido pelas razões dos seus, que só a elle buscava o poder, que viam, deu rebate na comarca, appellidouse a terra até hem longe; gente, que pela mór parte vive no campo, uso pastoril, com poucas alfaias e pouco que mover. Não tardou em acudir ao mar multidão sem numero.

A segunda feira, que foram doze do mez, poz el rei as prôas das galés sobre a cidade da banda do poente, para começar a desembarcar o exercito; deixou de o fazer, porque, acalmado o vento, foi a corrente e peso das aguas levando os navios d'alto bordo para dentro do estreito, e afastando-os demasiadamente da companhia. Entre tanto quiz el rei ver se teria melhor desembarcação da parte de levante, onde chamam Barbacote; levou-se com as galés, e foi-se a ella em quanto a frota tornava. Junta toda a armada em Barbacote, deu el rei ordem para a desembarcação; começavam alguns mais atrevidos a saltar na praia, e involver-se com os inimigos, que animosamente a defendiam; eis que se levanta um temporal de poente, que sem remedio fez escorver de novo as náos grossas contra Malaga; e as galés com muito trabalho poderam vencer a ponte da Almina, e em fim se tornaram a ajuntar no primeiro porto das Algeiras; daqui saiu el rei em terra de espaço em um cabo, que fica perto, que chamam *punta del Carnero*. Tive conselho, em que houve grande differença de pareceres; affirmando muitos, que era temeridade tentar terceira vez a desembarcação, que duas vezes, como por ordem do céu, estorvára o vento; mas dado que desembarcassem muito a seu salvo, como se haviam de atrever a assentar arraiaes com gente inferna, fraca e necessitada de mezinha e descanso? quando, para levantar vallos e formar trincheiras, convinham animos e forcas dobradas, pois juntamente se havia de trabalhar e pelear, e isto em terra de sua natureza calidissima, que estava certo havia de accender de novo o mal, que traziam. Que o certo era recolher para o reino com boa ordem, antes que a peste os consumisse de todo; e, se todavia por reputação queriam tingir as mãos em sangue inimigo, ali tinham Gibraltar, que custaria menos que Senta, e não faltaria aos valentes em que mostrar esforço, nem ao povo em que satisfazer a cubica. Neste ultimo ponto se affirmavam muitos; mas el rei, que soffria mal conselhos pouco animosos, ajudado dos infantes, resolveu, que em toda o caso se occupettesse a cida-

de, com esperança em Deus, que lhe daria victória e bom successo. Era isto aos 20 do mez; mandou apregoar, que toda a armada se abalasse logo para o mesmo logar, onde primeiro surgira, da parte do poente; e no dia seguinte todo o homem estivesse com suas armas prestes, para seguir suas bandeiras com a primeira luz. A ordeu havia de levar o infante D. Henrique, com os seus á deanteira, que assim o tinha pedido e alcançado d'el rei seu páe, inda antes que fossem de Lisboa. Ganhada a desembarcação, assentaram arraial na montanha de Almina, e fortificaram, para della combaterem a cidade.

Entre tanto o Mouro, ou de pouco practico nas cousas do mar, ou porque todo o homem facilmente dá crédito ao que deseja, se anda favorecido da fortuna, attribuia a medo as duas retiradas dos nossos, e julgava, de os ver afastados e ao parecer quietos no primeiro posto das Algeziras, que desconfiavam da empresa; e cheio de alegria e confiança tractou primeiro de se desobrigar dos hospedes amigos, que o vinham soccorrer, que já lhe pareciam mais pesados, que contrarios, ou por sobejos e desmandados (dizem que eram cem mil Alarves), ou, o que é mais certo da avareza mourisca, por medo de fazer com elles alguma despesa, como era justo, se mais os detivesse; mas não eram bem despedidos os Alarves, quando aos 20 do mez, sobre tarde, se começou a mover toda a armada contra a cidade, como estava assentado. Vivia Salabemçala tão descuidado em seu pensamento do mal que o esperava, e dava-se por tão seguro de todo o perigo, que, vendo tornar os nossos, mandou encher a cidade de luminarias, com desprezo e fanfarrice; como accendendo-lhes faroes para que não errassem o porto. A cidade, grande e alumiada, fazia famosa vista no mar, respondendo no fundo e quietação das aguas e escuridade da noite outros tantos lumes, como em terra ardiam. Mas acontece muitas vezes fazerem os homens por suas mãos, e sem o cuidar, agouro triste contra si mesmos. Visto como é cousa natural revestir-se de nova luz a candêa, que vai acabando; assim foi signal este

fogo demasiado de haver de fenecer de pressa o de Mafamede, que alli durava havia já septecentos annos. Amanheceu o dia 21 de Agosto (era uma quarta feira) mais claro e formoso, ao parecer de todos; e mais quieto do costumado. Metteu-se el rei em uma fusta; vestido em uma cota d'armas, rusto e cabeça descuberta, dava sua boa sombra e alegria certos signaes de victoria; correu a armada; deu suas ordens aos capitães, e advertiu cada um do que havia de fazer, com palavras, que em todos infundiam esforço e confiança. Foi o primeiro a saltar em terra; e investir nos Mouros, que a cobriam, o infante D. Henrique, e junto com elle o príncipe D. Duarte seu irmão; que, tanto que viu a el rei sen pae divertido no officio de general, determinou elle de tomar o de soldado; e, para ser dos primeiros, passou-se a seu irmão. Fazendo-se ambos companhia com até cento e oincoenta soldados, que puzeram em terra, fizeram tal impressão nos inimigos, que abriram larga carreira para os que seguiam. Foi grande o peso, que sustentaram; porque encontraram com os melhores da cidade; mas maior o estrago, que fizeram; gente desarmada e atrevida; cortava o ferro por elles de sorte, que quasi não havia golpe d'aquelles braços vigorosos dos infantes, e dos que os acompanhavam; tudo gente escolhida, que deixasse corpo com vida. Entretanto foi-se enchendo a praia da nossa soldadesca, e havia já nella trezentos homens dos melhores; e os barbaros, escarmentados de tão duro accommettimento, iam largando o campo, e recolhendo-se para a porta da cidade. Reconheceram os infantes desconfiança nos Mouros; e fazendo conta que se succedia fizeram-se senhores da porta, ou entrarem de mistura com os que se retiravam, podiam naquelle dia dar fim á empresa, lançaram mão da occasião, que o caso offerencia, apertam as espadas, e, appellidando S. Jorge e victoria, dão de novo rijamente sobre elles, e fazem-nos apinbar todos sobre as portas. Aqui houve muitas mortes, resistindo alguns Mouros com grande valor, e procurando outros ser primeiros a entrar e salvar-se na cidade; foi grande o aperto, grande a

grita, e tal a matança, que era tudo cheio de corpos despedaçados, e corriam rios de sangue: em fim, por muito que os defensores trabalharam, nem puderam cerrar as portas, nem tolher entrarem os nossos de volta com elles.

Neste tempo Salabemala, arrependido tarde de ter despedido os que o vinham socorrer, e desesperado, com a primeira nova das portas ganhadas, de poder sustentar a cidade contra tamanho poder, tractou de se pôr em salvo com seu thesouro e mulheres; e, sem tentar outro genero de resistencia ou defensão, pôz-se a cavallo, e desemparou a terra. Não o faziam assim muitos dos moradores antigos, que, sem embargo de se verem entrados, animavam-se uns aos outros a morrer pelas casas, em que foram nascidos e criados; e, tomando forças da desesperação, pelejavam como leões. Mas os infantess, vendo-se senhores da porta, e tendo já com sigo um corpo de quinhentos homens, deixada nella bastante guarnição, quizeram proceder com prudencia na entrada da cidade: tomaram um teso, que acharam entrando, e, feitos fortes nelle, foram dando lugar a que acudissem mais companheiros; era já com elles o conde de Barcellos e seu irmão, e recrescia por momentos a soldadesca. Dividiram-se então, e o principe foi subindo aos lugares mais altos, e fazendo-se senhor de todos até chegar ao mais eminente da cidade, que chamavam o *casto*; o que não foi sem grande trabalho e muito sangue; porque achavam tudo cheio de inimigos, e sobre a fadiga de pelear, ferir e matar, era insupportavel a força do sol e da sede, que uma e outra cousa abrazava os membros abafados do peso das armas. O infante D. Henrique e o conde de Barcellos tomaram pelas ruas debaixo, fazendo conta, que o principe, como não tivesse que fazer no alto, desceria a juntar-se com elles. Mas succedeu differentemente; porque, seguindo o infante pela rua direita adiante, foi dar em outro muro, que fazia divisão do resto da cidade; e parecendo-lhe que convinha passar além, achou uma pequena porta junto aonde era a aduana, a qual defendiam tanto numero de

Mouros; e tão inteiros, que por muitas vezes fizeram retirar os nossos, sem bastar a presença do infante para os ter. Mas elle fazendo só por seu braço mais, que muitos homens juntos, era espanto o que soffria e trabalhava. Era este infante filho terceiro d'el rei, e em idade de vinte e um annos, robusto e membrudo; e tão parecido com elle em tudo, que, de rosto e coração, era um retrato do pae; do que nascia ser-lhe grandemente affeioado. Conta a historia, que foi a briga tão porfiada; largando ora os nossos a rua, ora tornando a levar deante de si os Mouros, e matando muitos, que em fim deram com elles pela porta dentro, e entraram de mistura o infante e os seus, que já a este tempo não eram mais que dezesepte; do que era causa serem as ruas tão estreitas, que não podiam pelejar senão mui poucos em fileira; e com tal occasião davam-se uns a roubar, outros a buscar remedio contra o fogo da sede e do sol e das armas. Mas parece que estava guardado todo o péso deste dia para o infante D. Henrique. Franqueada a porta, que dissemos, encontrou logo outra, e não menos numero e esforço, e força de teimosos defensores. Pelejou com todos, e recebeu algumas feridas, até se fazer senhor della; o que foi causa de se publicar que era morto, assim pela braveza, com que se empenhou neste feito; como pela tardança, que houve em apparecer, e por serem mortos alguns homens, de grandes pedras, que os inimigos soltavam dos muros.

El rei entre tanto, tendo posto em terra todo o poder de sua gente, sentou-se na porta da cidade, e mandou fazer alto, até saber se estava a cidade de todo ganhada; porque, não havendo nella resistencia, queria entrar a combater o castello. Era já sobre tarde, quando teve aviso que só o castello restava por conquistar; entrou então até uma mesquita, que depois mandou sagrar, e quiz que tivesse o nome do martyr de sua devoção; S. Jorge. Aqui o vieram demandar, e dar-lhe os parabens da victoria, o principe e infante e conde de Barcellos, quanto podia ser gentis-homens, do pó e suor que os cobria, e de muito sangue, que os tingia, em especial ao infante D. Henrique, que, de

mais de sangue inimigo, vinha banhado em muito proprio de algumas feridas, que trazia, de que as mais eram nas pernas. Começava el rei a dar ordem no que se havia de fazer para o dia seguinte no accommettimento do castello, quando soube que estava sem defensão e despejado. Mandou logo arvorar sobre a mais alta torre o estandarte real, e deu o cargo de guardar a praça ao alferes delle; chama-lhe o chronista a bandeira de S. Vicente. Devia ser por trazer pintado este sancto, de que el rei era muito devoto, ou por ventura por ser a bandeira da gente de Lisboa, e querer fazer esta honra á cidade. E com este ultimo feito ficou el rei D. João I. de Portugal, senhor da mais insigne povoação de todas as provincias de Africa; depois de se contarem septecentos annos, que os Mouros a tinham ganhado ao ultimo rei godo D. Rodrigo,

O mesmo, 2.ª part. liv. 2.ª cap. 20.ª

## V.

### *Descripção da cidade de Nankim na China.*

Sendo-nos dada esta carta, nos partimos ao outro dia antemanhã, presos da mançira que tenho contado; e, continuando nossa viagem por jornadas incertas, por causa da impetuosa corrente e grande força da agua, que naquelle tempo trazia o rio, fomos já quasi sol posto surgir a uma aldêa pequena, que se chamava Minhacutem, donde era natural o mesmo Chifou, ou alcaide, que nos levava, e ali casado com mulher e filhos, na qual esteye trez dias, aviando algumas cousas. E, embarcando elle sua mulher com toda sua casa e familia, seguimos nossa derrota em companhia d'outras muitas embarcações, que por aquelle rio iam para diversas partes dos anchacilados e senhorios daquelle imperio. E, ainda que iamos presos ao banco da lautea, onde remavamos, não deixavam os olhos, de ver cousas muito grandiosas nas cidades, villas e logares, que ao longo deste grande rio estavam situadas; das quaes brevemente direi alguma cousa, desse pouco que vimos;



e começarei logo por esta cidade de Nanquim, d'onde partimos. Esta está em altura de trinta e nove grãos e um terço debaixo do norte, lansada ao longo deste rio por nome Batampina, que na nossa lingua quer dizer *flor do peixe*; o qual rio, segundo então nos disseram, e eu depois vi, sai da Tartaria, de um lago por nome Fãostir; nove leguas da cidade de Lansame, onde o Taborião, rei dos Tartaros, reside o mais do tempo. Deste lago, que é de vinte e oito leguas de comprido, e doze de largo, e de grandissimo fundo, saem os mais poderosos cinco rios caudaes, que ha em todo o descuberto. O primeiro é este, por nome Batampina, que, atravessando pelo meio deste imperio da China trezentas e sessenta leguas, faz sua entrada no mar pela enseada de Nanquim em trinta e seis grãos; o segundo, por nome Lèchune, tem sua evasão com grandissimo impeto ao longo dos montes de Paneruum, que dividem a terra do Cauchim, e o senhorio de Catebenão, que pelo sertão confina com o reino de Champaa em dezeseis grãos. O terceiro rio, por nome Tauquidai, que quer dizer *mãe das aguas*, vem cortando ao oesnoroste pelo reino de Nacataas, que é uma terra, donde antigamente se povoou a China, como adeante direi; este tem sua entrada no mar pelo imperio do Sornau, a que o vulgar chama Sião, pela barra de Cuy, abaixo de Patanê cento e trinta leguas. O quarto rio, por nome Batobasoy, desce pela provincia de Sansim, que é a que se alagou no anno de 1556, como adeante se dirá; este entra no mar pela barra de Cosmim no reino de Pegú. E o quinto rio, por nome Leisacotai, corta, segundo a opinião de todos os Chins, a terra a leste até o anchacilador de Xinxipoti; que confina com os Moscovitas; e dizem que se mette n'um mar innavegavel, por causa de estar o clima em altura de septenta grãos. E tornando a meu proposito, esta cidade do Nanquim está, como já disse, situada ao longo deste rio da Batampina, em um tesó de boa altura, por onde fica a cavalleiro das campinas, que estão em torno della; cujo clima é algum tanto frio, porém muito sadio; tem oito leguas de cerca por todas as partes, sc.,

tres leguas de largo, e uma de comprido por cada parte: a casaria communa é de um só até dous sobrados; porém as casas dos mandarius são todas terreas, e cercadas de muro e cava, em que ha pontes de boa cantaria, que dão serventia para as portas, as quaes todas tem arcos de muito custo e riqueza; com muitas diversidades de invenções nos curuchéus dos telhados, e qual edificio, visto todo por junto, representa aos olhos uma grande majestade. As casas dos chaés, e ançhaeys, e aytas, e tutões, e chumbys, que são senhores que governaram provincias e reinos, tem torres muito altas de seis e septe sobrados, com curuchéus cozidos em ouro, onde tem seus armazens d'armas, suas recamaras, seus thesouros, e seu moavel de seda e de peças muito ricas, com infinidade de porcellanas muito finas, que entre elles é pedraria; a qual porcellana desta sorte não sai fóra do reino, assim porque entre elles val muito mais que entre nós, como por ser defeso, com pena, de morte, vender-se a nenhum estrangeiro, salvo aos Persas do Xatamaas, a que chamam Sofio, os quaes com liceuça, que tem para isso, compram algumas peças por muito grande preço. Afirmaram-nos os Chins, que tem esta cidade oitocentos mil vizinhos, e vinte e quatro mil casas de mandarin, e sessenta e duas praças muito grandes, e cento e trinta casas de acougues, de oitenta talhos cada uma, e oito mil ruas, de que as seiscentas, que são as mais nobres, tem todas ao comprido de uma banda e da outra grades de latão muito grossas, feitas ao torno. Afirmaram-nos mais, que tem duas mil e trezentas casas de seus pagodes, de que as mil são mosteiros de gente professa, e são edificios muito ricos, com torres de sessenta e septenta sinos de metal e de ferro coado, muito grandes, que é cousa horrenda ouvil-os tanger. Tem mais esta cidade trinta prisões muito grandes e fortes, em cada uma das quaes ha dous e tres mil presos, e a cada uma destas prisões responde uma casa como de misericórdia, que provê toda a gente pobre, com seus procuradores ordinarios em todos os tribunaes de civil e crime, e onde se fazem grandes esmolas. Todas estas ruas nobres tem arcos nas entradas, com

snas portas, que se fecham de noite, e as mais dellas tem chafarizes d'agua muito boa, e são em si muito ricas, e de muito grande tracto. Tem, todas as luas novas e cheias, feiras geraes, aonde concorre infinidade de gente de diversas partes, e ha nellas grandissima abundancia de mantimentos, quantos se podem imaginar, assim de fructas, como de carnes. O pescado deste rio é tanto em tanta quantidade, principalmente de tainhas e linguados, que parece impossivel dizer-se; o qual se vende todo vivo, com juncos metidos pelos riarizes, por onde vem dependuradas; e afóra este pescado fresco, o secco e salgado que vem do mar, é tambem infinito. Affirmaram-nos mais os Chins, que tinha dez mil teares de seda, porque daqui vai para todo o reino. A cidade em si é cercada de muro muito forte e de boa cantaria, onde tem cento e trinta portas para a serventia da gente, as quaes todas tem pontes por cima das cavas. A cada porta destas estava um porteiro com dous alabardeiros, para darem razão de tudo o que entra e sai. Tem doze fortalezas roqueiras quasi ao nosso modo, com baluartes e torres muito altas; mas não tem artilheria nenhuma. Tambem nos affirmaram, que rendia esta cidade a el rei todos os dias dous mil taéis de prata, que são tres mil cruzados, como já disse muitas vezes. Dos pagos reaes não direi nada, porque os não vimos senão de fóra, nem delles soubemos mais que o que os Chins nos disseram, o qual é tanto, que é muito para recear contal-o; e por isso não tractarei por agora delles, porque tenho por d' avante contar o que vimos nos da cidade do Pequim; dos quaes confesso que estou já agora receando haver de vir a contar ainda esse pouco, que delles vimos; não porque isto possa parecer estranhio a quem viu as outras grandezas deste reino da China, senão porque temo que os que quizerem medir o muito, que ha pelas terras, que elles não viram, com o pouco, que vem nas terras, em que se criaram, queiram pôr dúvida, ou por ventura negar de todo o crédito áquellas cousas, que se não conformam com o seu intendimento, e com a sua pouca experiencia.

FERNÃO MENDRE, cap. 88.

*Descripção da cidade de Pequim.*

Esta cidade do Pequim, de que prometti dar mais alguma informação da que tenho dada, é de tal maneira, e taes são todas as cousas della, que quasi me arrependo do que tenho promettido, porque realmente não sei por onde comece a cumprir minha promessa; porque se não ha de imaginar que é ella uma Roma, uma Constantinopla, uma Veneza, um Paris, um Londres, uma Sevilha, uma Lisboa, nem nenhuma de quantas cidades insignes ha na Europa, por mais famosas e populosas que sejam; nem fóra da Europa se ha de imaginar que é como o Cairo no Egypto, Tauris na Persia, Amadabad em Cambaia, Bisnaga em Narsinga, o Gouro em Bengala, o Avaa no Chaleu, Timplão no Calaminhan, Martavão e Bagou em Pegú, ou Guimpel e Tinlau no Siammon, Odiaa no Sornau, Passarvão e Demaa na Ilha da Jaoa, Pangør no Lequio, Uzangues no gran' Cauchim, Lansaine na Tartaria, e Miocóo em Japão; as quaes cidades todas são metropolis de grandes reinos; porque ousarei a afirmar que todas estas se não podem comparar com a mais pequena cousa deste grande Pequim, quanto mais com toda a grandeza e sumptuosidade, que tem em todas as suas cousas, como são soberbos edificios, infinita riqueza, sobejissima furtura e abastança de todas as cousas necessarias; gente, tracto, e embarcações sem conto; justiça, governo, cõrte pacifica, estado de tutões, chães, anchacys, aytans, puchancys e bracalões; porque todos estes governam reinos e provincias muito grandes, e com ordenados grossissimos; os quaes residem continuamente nesta cidade, ou outros em seu nome, quando, por casos que succedem, se mandam pelo reino a negocios de importancia. Mas deixando agora isto para se tractar a seu tempo, esta cidade, segundo o que se escreve della, assim no Aquecendoo; de que já fiz menção, como em todas as chronicas dos reis da China, tem em roda trinta leguas, afóra os edificios da outra cerca

de que já tenho dito um pouco, e bem pouco em comparação do muito, que me ficou por dizer; e é (como já disse outra vez) toda fechada com duas cercas de muros muito fortes, e de muito boa cantaria, onde tem trezentas e sessenta portas, a cada uma das quaes está um castello roqueiro de duas torres muito altas, e todos com suas cavas e pontes levadiças nellas. A cada uma destas portas está um escrivão com quatro porteiros de alabardas, para darem razão do que entra e sai por cada uma dellas; as quaes por regimento do tūtão são repartidas por todos os trezentos e sessenta dias do anno, de maneira que, cadá dia por seu gyro, se celebra com muita solemnidade a festa da invocação do idolo de cada uma das portas, de que ella tambem tem o nome; e disto já atrás tractei tambem largamente. Tem mais esta grande cidade dos muros para dentro; segundo os Chins nos affirmaram, tres mil e oitocentas rasas dos seus pagodes, em que continuamente se sacrifica uma muito grande quantidade de aves, e de animaes silvestres, dando por razão que aquelles são mais acceitos a Deus, que os outros domesticos, que a gente cria em casa; e para isto dão os sacerdotes muitas razões ao povo, com que o persuadem a terem esta abusão por artigo de fé. Destes pagodes, que digo, ha muitos edificios muito sumptuosos, principalmente os das religiões, em que vivem os menigrepos, e conquiais, e talagrepos, que são os sacerdotes das quatro seitas de xaca, e amida, e guizon, e canon; as quaes precedem por antiguidade ás outras trinta e duas deste diabolico labyrintho, em que o demonio se lhes mostra algumas vezes em diversas figuras, para os fazer dar mais credito á estes seus enganos e falsidades. As ruas ordinarias desta cidade são todas muito compridas e largas, e de casaria muito nobre de um até dous sobrados, fechadas todas de uma banda e da outra com grades de ferro e de latão; com suas entradas para os hêcos, que nellas entestam; e nos cabos de cada uma destas ruas estão arcos com portas muito ricas, que fecham de noite, e no mais alto destes arcs tem sinos de vigia. Cada rua destas nobres tem seu capitão e quadrilheiros,

que rondam a quartos, e a cada dez dias são obrigados a irem dar relação á camara do que passa nellas, para os ponchacys ou chães do governo proverem no que succeden, conforme á justiça. Tem mais esta grande cidade, segundo conta este livro, com que tenho allegado muitas vezes, que tracta só das grandezas della, cento e vinte esteiros, que os reis e povos antigamente fizeram, de tres braças d'agua de fundo e doze de largo; os quaes todos atravessam toda a largura e comprimento da cidade, com grande somma de pontes feitas sobre arcos de pedraria muito fortes, e nos cabos columnas com suas cadêas atravessadas, e poiaes com encosto para a gente deseansar. E estas pontes, que estão nestes cento e vinte esteiros, se affirma que são mil e oitocentas, e todas a qual melhor e mais rica, assim no feitio, como em todo o mais, que se vê. Affirma tambem este livro, que tem cento e vinte praças nobres, em cada uma das quaes se faz cada mez uma feira, que, feita a conta ao numero dellas, sai a quatro feiras por dia em todo anno; das quaes, nos dous mezes que aqui andámos em nossa liberdade, vimos algumas dez ou doze, em que havia infinita gente, assim de pé, como de cavallo, que n'umas caixas como de bufarinheiros vendiam quantas cousas se podem nomear; a fóra as tendas ordinarias dos mercadores ricos, que em suas ruas particulares estavam postos por muita boa ordem, e com tanta quantidade de peças de sedas, brocados, telas e roupas de linho e de algodão, e de pelles de martas e arminhos, e de ahniscar, aguila, porcellanas finas, peças d'ouro e de prata, aljofre, perolas, ouro em pó e em barras, que nós os nove companheiros andavamos como pasmados. Pois, se quizer falar particularmente de todas as mais cousas de ferro, aço, chumbo, cobre, estanho, latão, coral, alaqueca, crystal, pedra de fogo, azougue, vermelhão, marfim, cravo, noz, maça, gengivre, canella, pimenta, tamarinho, cardamomo, tincal, anil, mel, cera, sandalo, assucar, conservas, mantimento de fructas, farinhas, arrozes, carnes, caças, pescados e hortaliças; disto tudo havia tanto, que parece que faltam palavras

para o encarecer. Affirmaram-nos tambem estes Chins, que tem esta cidade cento e sessenta casas de açougues ordinarios, em cada uma das quaes havia cem talhos de todas as carnes, quantas se criam na terra, porque de todas esta gente comê, vitella, carneiro, bode, porco, cavallo, bufara, bada, tigre, leão, cão, mulatto, burro, zebra, anta, lontra, texugo, e fualmente todo o animal, a que se pôde pôr nome; e em cada talho está logo limitado o preço de cada cousa destas. E alêm do peso, que tem cada marchante, por onde pésa, estão mais a cada porta outras balanças da cidade, em que se torna a repesar, para ver se levam as partes seu peso certo, porque não fique o povo enganado. E afóra estes açougues, que são os communs, não ha rua nenhuma, em que não haja cinco, seis casas como açougues de todas as carnes muito excellentes; e alêm disto ha tambem muitas tabernas, em que se dá tudo guisado com muita limpeza e perfeição. Ha tambem lojas cheias de lacões, marrás e chacinas, e aves, porcos e vacas de fumo; e disto tanta quantidade, que o bom seria não o contar; mas digo-o, porque se saiba, quão liberalmente Deus nosso Senhor partiu com estes cegos dos bens, que elle creou na terra: pelo que o seu nome seja benedito para sempre.

Deixando agora de particularizar miudamente a grande multidão de edificios nobres, grandiosos e ricos, que vimos nesta cidade, sómente de alguns darei relação, que me pareceram mais notaveis, que os outros, que ha nella; e destes se poderá inferir, quaes serão os outros muitos; de que não quiz tractar, por evitar prolixidade. . . . O primeiro edificio dos que disse, que vi mais notaveis e dignos de memoria, foi uma prisão, a que elles chamam xinguibaleu, que quer dizer, *encerramento dos degradados*; cuja cerca será de quasi duas leguas em quadrado, tanto de largo como de comprido, fechada com um muro muito alto, sem ameas nenhuma, senão sómente com seus espigões por cima, os quaes são todos forrados de pastas de chumbo muito largas e grossas; e pôr fóra tem uma cava d'agua muito funda; que a rodêz toda, com suas pontes leva-

diças, que de noite se levantam com cadêas de latão, e se suspendem em umas columnas de ferro coado, muito grossas. Tem um arco de pedraria muito forte, que vai fechar em duas torres, na volta do qual em todo cimo estão seis sinos de vigia muito grandes, aos quaes, quando tangem, respondem todos os outros, que estão dentro, que, segundo os Chins nos affirmaram, são mais de cento, e fazem um estrondo assaz terrivel e espantoso. Nesta prisão ha continuamente, por regimento d'el rei, trezentos mil homens, de dezesepte annos até cincoenta, de que nós recebemos tamanho espanto, quanto n' uma cousa tão nova e tão desacostumada se requeria. E perguntando nós aos Chins pela causa daquelle tamanho edificio, e da grande quantidade de presos, que em si tinha, nos responderam, que, depois que aquelle rei da China, por nome Crisuagol dacotay, acabára de fechar com muro trezentas leguas de distancia, que ha entre este reino da China e o da Tartaria, como já atraz fica contado; ordenára com parecer dos povos, que para isso foram chamados a côrtes, que todos aquelles, que por justiça fossem condemnados em pena de degredo, fossem degradados para a fabrica daquelle muro; aos quaes se daria mantimento sómente, sem el rei lhes ficar por isso obrigado a satisfação nenhuma, pois lhes fôra aquillo dado em pena de seus delictos. E que, servindo seis annos contínuos, se poderiam ir livremente, sem as justiças os constraugerem a servirem o mais tempo; em que fossem condemnados, porque desse lhes fazia el rei mercê em satisfação do que em consciencia lhes podia estar devendo. E que, se, antes do tempo destes seis annos ser acabado, fizessem algum feito notavel, ou cousa, em que se mostrassem avantajados dos outros, ou fossem feridos tres vezes nas saídas, que fizessem, ou matassem algum inimigo; ficariam desobrigados de todo o mais tempo, que lhes ficasse por cumprir, e o chaem lhes passaria certidão, em que declarasse o por que os desobrigára, para que por ella se visse que satisfizeram conforme o estatuto da guerra. Este muro era obrigação ter contínuos duzentos e dez mil homens, que por



regimento d'el rei lhe eram dados, dos quaes se davam de quebra para cada anno a terça parte, nos mortos, nos aleijados, e nos que se livravam, ou por terem cumprido seu tempo, ou pelo merecimento de suas obras; e, porque quando o chaem, que é o superior de toda esta gente, manda pedir esta cópia de homens ao pitaucamay, que é a relação suprema de toda a justiça, se não podiam ajuntar tão de pressa como era necessario, estando divididos por diversos logares do imperio todo, que he tamanho, como já tenho dito, e se passava muito tempo antes que se juntassem; ordenou outro rei, que succedeu a este Crisnagol dacotay, por nome Goxiley aparau, que se fizesse nesta cidade do Pequim esta grande cerca, para que, tanto que os presos fossem condemnados em degrado para o muro, se trouxessem logo a este xinanguibaleu, onde estivessem todos juntos; para que, quando do muro mandassem pedir os homens, que lhe fossem necessarios, os achasse alli, e os dessem logo sem detença nenhuma, como agora se faz. Estes presos, tanto que pela justiça são entregues nesta prisão, de que se passa certidão a quem os leva, os soltam logo das prisões, em que vieram, e andam todos soltos, sem terem mais que uma taboazinha pequena de quasi um palmo de comprido, e quatro dedos de largo, muito delgada, na qual está escripto, *foão de tal logar, condemnado ao degrado geral por tal caso, entrou em tal dia de tal mez e de tal anno.* E este relicario traz cada um ao pescoço por testemunho de suas virtudes, para que se saiba, por que crime foi condemnado, e quando alli entrou, porque todos saem por suas antiguidades conforme ao tempo, em que alli entraram. Os quaes presos se tem por muito bem livrados, quando os levam a trabalhar no muro, porque da prisão do xinanguibaleu não podem por nenhum caso ter remissão, nem se lhes leva nenhum tempo em conta, nem tem outra nenhuma esperança de liberdade, senão a hora, em que lhe couber sair dalli para o muro, por sua successão; porém, como são no muro, tem logo esperança certa de serem livres conforme ao estatuto, que já tenho dito. E já que dei rela-

ção da causa, por que se aqui fez esta tamanha prisão, antes que me saia della, me pareceu que vinha a proposito dar conta de uma feira, que nella vimos, de duas, que dentro nella se costumam fazer cada anno, a que os naturaes chamam guuxinem aparau do xingangabileu, que quer dizer *feira rica da prisão do degredo*. Estas feiras se fazem nos mezes de Junho e Janeiro, com festas notaveis feitas á invocação de seus idolos, onde por seu modo tem seus jubileus plenissimos, em que lhes promettem grandes riquezas de dinheiro na outra vida. São estas feiras ambas francas e livres, sem pagarem nenhum direito; pela qual causa concorre a ellas tanta gente, que se affirma que passa de tres contos de pessoas. E porque, como disse, os trezentos mil homens, que estão em deposito nesta prisão, andam todos soltos, como a propria gente que vem de fóra, tem esta maneira para não haver impedimento na saída. A cada um dos livres, que entra, se põe na taboa do braço direito uma chapa de uma certa confeição de oleos e bitumes de lacre com reubarbo e pedra ume, que, depois que se sécca, não se pôde por nenhum caso tirar, senão com vinagre e sal muito quente. E, para que tanta multidão de gente se possa toda signalar, estão a estas portas de uma banda e da outra uma grande somma de chanipatóes, que com uns sinetes de chumbo molhados naquelle bitume, a cada um dos que chegam, lhe põe logo aquelle signal, e o deixa entrar. E isto se faz aos homens sómente, e não ás mulheres; porque estas não estão obrigadas ao degredo do muro. E, quando vem ao sair destas portas, vem todos com os braços, em que trazem os signaes, arregaçados, para que os mesmos chanipatóes, que são os porteiros e ministros daquelle negocio, os conheçam e os deixem passar; e o que por algum caso foi tão mofino, que acertou de se lhe apagar o signal, bem pôde ter paciencia, e ficar-se com os outros presos, porque nenhum remedio ha para o deixarem sair de dentro, pois não traz o signal, que se lhe poz ao entrar da porta. E anda isto já por todos estes chanipatóes tão corrente, é tanto sem queleio, que numa hora eu

tram e saem cem mil homens, sem haver embaraço em pessoa nenhuma; e desta maneira todos os trezentos mil obrigados ao degredo ficam sempre dentro, sem nenhum poder sair na volta dos outros. Tem esta prisão ou deposito, das cercas para dentro, tres povoações como grandes villas, todas de casas terreas, e ruas muito compridas sem bêcos nenhuns, e nas entradas dellas tem portas muito fortes com seus sinos de vigia em cima, e cada uma tem seu chumbim, e vinte homens de guarda; e destas povoações, obra de um tiro de falcão, estão os aposentos do chaem, que é o superior de toda esta prisão; os quaes são uma grande quantidade de casas muito nobres, com pateos muito grandes, e jardins com muitos tanques d'agua, e salas e camaras de muitas invenções, em que um rei se pôde muito bem agasalhar, por muita gente que traga consigo. Das principaes duas povoações destas atravessam duas ruas, de mais de tiro de falcão cada uma, que chegam até os aposentos do chaem, todas com arcos de pedraria cubertos por cima como os do hospital de Lisboa, senão quanto lhe fazem ainda muita vantagem; nos quaes se vendem continuamente quantas cousas se possam pedir, assim de mantimentos, como de mercadorias muito ricas, onde ha todas as ourivezarias d'ouro e de prata, e lojas de mercadores muito grossos, a quem suas riquezas não aproveitam para deixarem de ir cumprir seus degredos, quando lhe couber por sua successão. E entre estas ruas dos arcos, que é um descampado muito grande, se fazem estas duas feiras cada anno, a que vem esta grande quantidade de gentes que tenho dito. Tem mais esta prisão das cercas para dentro muitos bosques de arvoredos muito altos, com muitos regatos, e tanques d'agua muito boa para o serviço e lavagem de toda esta gente presa, e muitas ermidas, e muitos hospitaes, e doze mosteiros de casas muito sumptuosas e ricas. De maneira que, tudo quanto deve ter uma cidade muito nobre e muito rica, tanto se acha destas cercas para dentro em muita abundancia, e em muitas cousas de muita vantagem; porque os mais destes presos tem aqui consigo suas mu-

lheres e seus filhos, a que el rei dá casa conforme á familia, que cada um tem.

A segunda cousa destas, de que só determino dar relação, é outra cerca, que vimos, quasi tamanha como esta, cercada em roda de muros muito fortes com suas cavas, que se chama muxiparáo, que quer dizer, *thesouro dos mortos*, com muitas torres de cantaria lavrada, e em todas curucheus de diversas pinturas; o qual muro em todo cimo no logar das amêas era fechado todo em roda com grades de ferro, e encostados a ellas grande quantidade de idolos de differentes figuras, de homens, de serpentes, de cavallos, de bois, de elephantes, de peixes, de cobras, e de outras muitas feições monstruosas de bichos e alimarias nunca vistas em nenhuma parte, e todos estes de bronze e de ferro coado, e alguns delles de estanho e de cobre; a qual maquina vista assim toda por junto, no modo e postura em que está, era muito mais notavel e aprazivel para ver, do que ninguem pôde imaginar. E, passando nós por uma ponte, que atravessa a largura da cava, chegámos a um grande terreiro, que estava no recebimento da primeira entrada, todo fechado em roda com grades de latão muito grossas, e lageado todo de lageas brancas e pretas, assentadas á maneira de enxadrez, tão lisas e tão bem lustradas, que se via uma pessoa nellas como n'um espelho. No meio deste terreiro estava uma columna de jaspe de trinta e seis palmos de alto, e toda, ao que parecia, de uma só pedra, em cima da qual estava um idolo de prata em vulto de mulher, que com ambas as mãos estava afogando uma serpente muito bem pintada de verde e preto; e logo mais adeante á entrada da porta, que estava entre duas torres muito altas, armadas sobre vinte e quatro columnas de pedra muito grossas, estavam duas figuras de homens, cada um com sua maça de ferro nas mãos, como que guardavam aquella entrada; cuja estatura e grandezza era de cento e quarenta palmos, com uns rostos tão feios em tanta maneira, que quasi tremiam as carnes a quem os olhava, aos quaes os Chins chamavam *xixip-tau salicão*, que quer dizer, *assopradores da casa do*

*fumo.* A' entrada desta porta estavam doze homens com alabardas, e dous escrivães assentados a uma mesa, que escreviam todo o genero de pessoa, que entrava, aos quaes se davam duas caixas, que eram tres reis da nossa moéda. Entrando nós desta porta para dentro, démos em uma rua muito larga, fechada toda de ambas as partes com arcos muito ricos, assim no feitio, como em tudo o mais, nos quaes havia infinidade de campainhas de latão, que por todas as voltas dos arcos estavam penduradas por cadêas do mesmo, que com o movimento do ar, que dava nellas, faziam um tamanho ruído, e uma tamanha traquinada, que não havia quem pudesse ouvir, por muito alto que se fallasse. Esta rua teria de comprimento quasi meia legua, e destes arcos a dentro, assim de uma parte como da outra, tinha feitas pela proporção dos arcos, duas ordens de casas terreas como grandes egrejas, com seus curuchêus cozidos em ouro, e outras muitas invenções de pinturas. As quaes casas nos affirmaram os Chins que eram tres mil, e todas d'alto abaixo estavam chêas de caveiras, de homens mortos, até os telhados, cousa de tamanho espanto, que, ao que se julgava, nem mil náus, por grandes que fossem, as poderiam carregar. Por detraz destas casas estava uma serra de ossos tão alta, que sobrepujava por cima dos telhados dellas, a qual era do comprimento, d'um cabo e do outro, da mesma meia legua, e muito larga em grande quantidade. E, perguntando nós aos Chins, se tinha aquillo conto, responderam que sim, porque tudo estava escripto por matriculas de tres mil casas, que os talegrafos tinham em seu poder, e que não havia casa daquellas, que não rendesse cada anno de dous mil taéis para cima, de propriedades, que defunctos lhe tinham deixado para descargo de suas almas; o qual rendimento chegava todo a cinco contos d'ouro, dos quaes el rei levava os quatro, e os talegrafos o outro para despesa de toda a fabrica; e os quatro, que el rei como padroeiro levava, se gastavam no mantimento, que se dava aos trezentos mil degradados do xinanguibaleu. Com este espanto do que viamos, começamos a caminhar por esta rua adean-

te, e chegando já quasi ao meio della, fomos dar em um grande terreiro, cercado em roda de duas ordens de grades de latão, no meio do qual estava uma cobra de bronze toda enroscada e armada por peças, que tinha em roda mais de trinta braças; cousa de tamanho espanto, que faltam palavras para o encarecer; a qual alguns dos nossos esmaram em mais de mil quintaes, presuppuesto ser ôca por dentro. E, sem embargo de ser de tão demasiada grandeza, era em tudo tão bem proporcionada, que em nenhuma cousa se lhe enxergava falta. A isto correspondia também o feitio della, porque se via nelle todo o primor e perfeição que se podia desejar. Esta monstruosa cobra, a que os Chins chamavam serpe tragadora da casa do fumo, tinha mettido na cabeça um pelouro de ferro coado de cincoenta e dous palmos, como que lhe tinham tirado com elle. Mais adeante obra de vinte passos estava uma figura de homem do mesmo bronze, a modo de gigante, também assás estranha e desacostumada, assim na grandeza do corpo, como na grossura dos membros, o qual sustentava com ambas as mãos um pelouro de ferro coado, e, olhando para a serpe muito arreganhado a modo de colerico, fazia que tirava com elle. Ao redor desta figura estava uma grande somma de idolos pequenos, todos dourados, postos em joelhos com as mãos levantadas para elle, como que o adoravam, e em quatro tirantes de ferro, que estavam por derredor, estavam cento e sessenta e dous candieiros de prata, com seis, septe e dez torcidas cada um. Este idolo era o da invocação de todo este edificio, e se chamava Mucliparon, o qual diziam os Chins que era thesoureiro de todos os ossos dos mortos, e que vindo aquella serpe, que tinhamos visto, para os roubar, elle lhe tirava com aquelle pelouro, que tinha nas mãos, por onde ella logo com medo fugia para a concava funda da casa do fumo, onde Deus a tinha lansado, por ser muito má. E que já lhe tinha feito um arrempesso havia tres mil annos, e que d'ái a outros tres lhe havia fazer outro, que assim de tres em tres mil annos havia de gastar cinco pelouros, com que a havia

de acabar de matar ; e , como fosse morta , haviam todos aquellos ossos , que alli estavam juntos , de tornar aos corpos , cujos antes foram , para morarem para sempre na casa da lua . E afóra estas bestialidades nos contam outras muitas a este modo , nas quaes estes cegos miseraveis estão tão crentes , que não ha cousa , que lhas possa tirar da cabeça ; porque isso é o que os seus bonzos lhes pregam , e lhes dizem , que não está em mais ser uma alma bemaventurada , que em lhe trazerem alli os seus ossos ; pelo que não ha dia , que alli não venham duas mil ossadas destes malaventurados , e os que não podem trazer os ossos , por ser a distancia de muito caminho , trazem um dente e dous , porque com isso , dando sua esmola , dizem que satisfazem tanto , como se trouxeram tudo o mais . Pelo qual ha por todas estas casas tanta quantidade de dentes em tanta maneira , que me parece que muitas náus os não poderiam carregar .

O rei da China reside o mais do tempo nesta cidade de Pequim , por assim o prometter e jurar no dia da sua coroação , em que lhe mettem na mão o sceptro de todo o governo , do qual aq deante tractarei um pouco . Nesta cidade , em ruas separadas por si de certos bairros , ha umas casas , a que elles chamam *lagnampur* , que quer dizer *ensino de pobres* , nas quaes por ordem da camara se ensina a todos os moços ociosos , a que se não sabe páe , assim a doutrina , como a ler e escrever , e todos os officios mechanicos , até que por suas mãos podem ganhar suas vidas ; e destas casas não ha tão poucas nesta cidade , que não passem de duzentas , e quicá de quinhentas ; e ha outras tantas , em que tambem por ordem da cidade estão muitas mulheres pobres , que são aias , e dão de mammar a todos os engeitados , a que de certo se não sabe páe nem mãe ; porém , antes que estes se acreditem nestas casas , faz a justiça sobre isso grandes exames , e se se vem a saber qual foi o páe ou a mãe do engeitado , os castigam gravemente , e os degradam para certos logares , que elles tem por mais estereis e doentios . E , depois de serem criados estes engeitados , se repartem por estou-

tras casas, que digo, onde são ensinados. E se alguns por defeito da natureza não são para apprender officios, tambem se lhes dá outro remedio de vida, conforme á necessidade de cada um: se são cegos, dão a cada atafoneiro, que tem ingenho de mão, tres; dous para moerem, e um para peneirar; e este é o modo, que as républicas tem para proverem, assim os cegos, como os outros necessitados, que a cidade tem a seu cargo, porque nenhum mechanico póde assentar tenda para official sem licença da camara; e, quando algum faz petição, em que pede esta licença, logo lh'a dão, com obrigação de sustentar ou um ou mais daquelles necessitados, que pertencerem para o seu officio; para que, daquillo de que elle pretende sustentar-se, se remedeê tambem o pobre; porque dizem elles que é isto obra de proximidade mandada por Deus, e muito acceita a elle, e pela qual elle dissimula connosco o castigo de nossos peccados; e á cada um destes tres cegos ha o atafoneiro de dar de comer e vestir e calçar, e seis tostões por anno, para que quando morrer tenha que deixar por sua alma, porque não pereça, por ser pobre, na concava funda da casa do fumo, conforme ao quarto preceito da deusa Amida; que foi a primeira de quem estes cegos tomaram suas superstições e suas erronias, a qual, segundo parece, foi depois do diluvio seiscentos e trinta e seis annos. Esta seita com todas as mais, que se acham neste barbarismo da China, que, segundo eu soube delles, e já disse algumas vezes, são trinta e duas, vieram do reino de Pegú ter a Sião, e d'alli por sacerdotes e cabizondos se espalharam por toda a terra firme de Cambaia, Champaa, Laus, Gucos, Pafuas, Chiammay, imperio de Uzanguee e Cauchenchina, e pelo archipelago das ilhas de Ainão, Lequios e Japão, até aos confins do Miacoo e Bandou; de maneira que a peçonha destes herpes corrompeu tamanha parte do mundo, como a maldita seita de Mafamede. Ha tambem outro remedio de vida para os aleijados não perocerem á fome, o qual é, que os aleijados dos pés, que não podem andar, dão-se aos esparteiros para que torçam tamiças, façam empreitas para seirões, e outras



cousas que as mãos podem fazer. E para os aleijados das mãos, que não podem trabalhar com ellas, dão-lhe umas seiras, para que ás costas acarretem das praças, por dinheiro, carne, pescado, hortaliça e outras cousas, á gente, que nem tem quem lh'os leve, nem o pôde ella levar; e aos que são aleijados de pés e de mãos, com que totalmente carecem de remedio para ganharem por si suas vidas, põem-nos em umas casas muito grandes como mosteiros, em que tambem ha grande quantidade de merceiras, que rezem pelos defunctos, e das offeras dos saimentos de todos os mortos lhes dão ametade, e aos sacerdotes a outra ametade. E se são mudos, tambem se recolhem em outra casa como hospital, e para sua sustentação lhe applicam todas as penas das regateiras e mulheres bravas, que se deshonram em público. Para as mulheres publicas, que na velhice vieram a adoecer de algumas doenças incuraveis, ha tambem outras casas da mesma maneira, em que são curadas e providas muito abastadamente á custa das outras mulheres publicas do mesmo officio; para a qual obra cada uma destas paga de fóro um tanto cada mez, porque tambem cada uma destas pôde vir depois a cair na mesma infirmitade, e então as outras, que forem sãs, pagarão para ella o que ella agora em sã paga ás outras doentes. E para a arrecadação destas rendas ha homens postos pela cidade, a que se dão por isso bons ordenados. Ha tambem outras casas como mosteiros, em que se sustentam muita somma de moças orfãs, as quaes a cidade provê, e casa á custa das fazendas, que perdem aquellas, que seus maridos accusaram por adulterios; e dão a isto por razão, que, já que aquella se quiz perder por sua deshonestidade, que se ampare com o seu uma orfã, pois é virtuosa, porque assim se castiguem umas, e se amparem outras. Ha tambem certos bairros, em que se agasalham homens pobres e de bom viver, que a cidade tambem sustenta á eusta dos procuradores, que sustentam demandas injustas; em que as partes não tem justiça, e de julgadores, que por acceitação de pessoas, ou por peitas não correm com os feitos conforme a justiça; de maneira que em tudo se governa esta gente com muita ordem.

Tambem é razão que se saiba a grandissima ordem, e maravilhoso governo, que tem este Chum, rei gentio, em prover o seu reino de mantimentos, para que a gente pobre não padeça necessidades; e para isso direi o que disto se tracta nas suas chronicas, que em algumas vezes ouvi ler, escriptas em letra de fôrma ao seu modo, que aos reinos e republicas christãs pôde ser exeimplo, assim de caridade, como de bom governo. Contam estas chronicas, que um rei, bisavô deste, que agora reina, por nome Chausirão Panagor; que, por uma grande infirmitade que tivera, perdêra a vista, era grandissimamente amado do seu povo, pela realidade e brandura da sua condição e natureza. Este, desejando de fazer a Deus um grande serviço, e que lhe fosse summamente agradavel, chamou a côrtes, e nellas ordenou que, para remedio de toda a gente pobre, houvesse (como ainda agora ha) em todas as cidades e villas do reino, celleiros de trigo e de arroz; porque, quando por alguma esterilidade a terra não desse fructo, como algumas vezes se acontecia, tivesse a gente mantimento, de que se sustentasse aquelle anno, para que os pobres não perecessem á mingua, e que para isso dava toda a decima parte dos direitos reaes. E mandando passar disso um padrão geral para todas as cidades, que erão cabeças dos anchacilados das comarcas, diz a chronica, que, trazendo lh'o para que o assignasse com um sinete d'ouro, que trazia no braço, com que, por ser cego, o costumava de fazer, logo em o assignando, lhe dera Deus vista perfeita, a qual sempre tivera todo o tempo, que depois viveu, que foram quatorze annos. Pelo qual exemplo (se assim foi) parece que quiz nosso Senhor mostrar, quanto lhe agrada a caridade, que por seu amor se usa com os pobres, ainda entre os infieis, e que o não conhecem. E de então para cá houve sempre em toda esta monarchia um grande numero de celleiros, que, segundo se afirma, são quatorze mil casas. E a ordem, que as camaras do governo tem em os proverem sempre de mantimentos novos, é esta. Tanto que as novidades parece que estão já certas e seguras, se reparte o trigo velho por todos

Os moradores e gente dos logares, conforme á possibilidade de cada um, e lh'o dão a modo de empréstimo, por tempo de dous mezes; os quaes homens, acabado este tempo, que pela justiça lhes foi posto, vem logo todos entregar outro tanto trigo novo, quanto receberam velho, e dão mais de crecença a seis por cento para as quebras, porque nunca se diminua a cópia, que alli se pozer; e quando acerta o anno a ser esteril, se reparte tambem o trigo pelo povo, sem se levar por isso ganho nem interesse algum, e o que se dá a gente pobre, que não tem com que satisfaça o que se lhe empresta, esse todo se contribue das rendas, que as terras pagam a el rei, por ser esmola, que elle por aquelle padrão lhe tem feita, o qual está registado em todas as camaras, para que os anchacys da fazenda o levem em conta. E de toda a mais massa das rendas do reino, que é uma muito grande quantidade de picos de prata, se fazem tres partes, das quaes uma é para a sustentação do estado real e do governo do reino, outra para a defensão das terras, e provimento dos armazens e das armadas, e a outra se põe em thesouro aqui nesta cidade de Pequim, com o qual o rei de poder ordinario não pôde bulir, por estar depositado para a defensão do reino, e para as guerras, que muitas vezes se tem com os Tartaros, e com o rei dos Cauchins, e com outros reis, que confinão com elle, ao qual thesouro elles chamam chidampur, que quer dizer, *muro do reino*; porque dizem elles, que, em quanto aquelle thesouro estiver alli vivo para remedio dos trabalhos, a que de necessidade se ha de acendir, não lansará o rei tributo nem finta sobre os pobres, nem os povos serão vexados, como se faz nas outras terras, em que se não tem estas providencias. Assim que, em todas as cousas, ha neste reino um tão excellento governo, e uma tão prompta execução nas cousas d'elle, que intendendo hem isto no tempo, que lá andou aquelle bemaventurado padre mestre Francisco Xavier, lume no seu tempo de todo o oriente, cuja virtude e sanctidade o fizeram tão conhecido no mundo, que por isso escusarei por agora tractar mais d'elle, espan-

tado, assim destas cousas, como d'outras muitas excellencias, que nesta terra viu, dizia, que, se Deus alguma hora o trouxesse a este reino, havia de pedir de esmola a el rei nosso senhor, que quizesse ver as ordenações, e os estatutos da guerra e da fazenda, por que esta gente se governava; porque tinha por sem d'úvida, que eram muito melhores, que os dos Romanos no tempo de sua felicidade, e que os de todas as outras nações de gentes, de que todos os escriptores antigos tractaram.

O mesmo, capp. 107.º, 108.º, 109.º e 113.º

## XII.

### *Descripção de naufragio.*

Septe dias havia já que faziamos nossa viagem pelo meio da enseada do Nanquim, para com a força da corrente caminhar-mos mais depressa, como quem só nella tinha sua salvação; porém todos tão tristes e descontentes, que, como homens fóra de si, nenhum de nós falava a proposito, quando chegámos a uma aldêa, que se chamava Susoquerim; e, como ainda alli não havia novas de nós, nem donde vinhamos, surgimos no porto della; e, depois de nos provermos de algum mantimento, e nos informarmos dissimuladamente do caminho, que havíamos de levar, nos partimos d' alli a duas horas, e, o mais depressa que podêmos, entrámos em um esteiro menos seguido de gente, que a enseada, por onde vinhamos vindo, que se chamava Xalingau; pelo qual corremos mais nove dias, nos quaes caminhamos cento e quarenta leguas; e, tornando a entrar na mesma enseada do Nanquim, que já aqui era de mais de dez ou doze leguas de largo, velejámos por nossa derrota com ventos oestes de um bordo no outro mais treze dias; e-bem enfadados do muito trabalho e medo, que passavamos, e já com pouco mantimento, e sendo á vista das minas de Conxinacau, que estão em quarenta e um gráu e dous terços, nos deu um tempo do sul, a que os Chins chamam tufão, tão forte de vento, e cerração e chuueiros, que não parecia cousa natural,

natural; e como as nossas embarcações eram de remo, e não muito grandes, e baixas, e fracas e sem marinheiros, nos vimos em tanto aperto, que quasi desconfiados de nos podermos salvar, nos deixámos ir assim rolando á costa, havendo por menos mal morrermos entre os penedos, que afogados no mar: e seguindo nós com este proposito nosso caminho, sem podermos effectuar este miseravel intento, que então escolhiamos por menos máu e menos trabalhoso, nos saltou o vento ao noroeste já sobre a tarde, com que os mares ficaram tão cruzados, e tão altos na vaga do escarcéu, que era cousa medonha de ver. Com este medo começámos a alijar quanto traziamos; e foi tamanho o desatino neste excessivo trabalho, que até o mantimento e os caixões da prata se lansaram ao mar, e após isto cortámos tambem ambos os mastos, porque já a este tempo as embarcações iam abertas, e corremos assim a arvore sêcca o que mais restava do dia; e sendo quasi meia noite; ouvimos na panoura de Antonio de Faria uma grande grita de *Senhor Deus, misericordia!* por onde imaginámos que se perdia, e acudindo-lhe nós da nossa com outra pelo mesmo modo, nos não responderam mais; como que eram já alagados; de que todos ficámos tão pasmados e fóra de nós, que uma grande hora nenhum falou a proposito. Passada nesta afflicção e agonia aquella triste noite, uma hora antes que amanhecesse, nos abriu a nossa embarcação por cima da sobrequilha, com que logo improviso nos cresceram oito palmos d'agua, de modo que sem nenhum remedio nos iamos ao fundo; por onde já então presumimos que era nosso Senhor servido que tivessem alli fim nossas vidas e nossos trabalhos. Tanto que o dia foi de todo claro, e, descobrindo já todo o mar, não vimos Antonio de Faria, acabámos todos de pasmar, de maneira que nenhum de nós teve mais acordo para nada. E continuando neste trabalho e agonia até quasi ás dez horas, com tanto medo e desaventura, quanto me não atrevo a declarar com palavras, viemos a dar á costa; e meios alagados nos foram os mares rolando até uma ponta de pedras, que estava adeante, na qual,

em chegando, com o rolo da mar nos fizemos logo em pedaços, e pegados todos uns nos outros, com grande grita de *Senhor Deus, misericordia!* nos salvámos, dos vinte e cinco Portuguezes que eramos, os quatorze sómente, e os onze ficaram alli logo afogados, com mais dezoito moços christãos e sete Chins marinhheiros; e esta desaventura succedeu uma segunda feira cinco do mez de Agosto de 1542, pelo qual nesso Senhor seja louvado para sempre.

FERNÃO MENDES, cap. 79.

### VIII.

#### *Descripção do bom natural da gente do Japão.*

A gente é branca, e de boas feições, bem apessoada, e que egualmente préza a grandeza da estatura, e a gentileza: os corpos fortes e robustos, soffredores sobre maneira do trabalho, fome, sede, calmas, frios, vigias. Em nascendo, posto que seja no rigor do inverno, levam as crianças aos rios, mais pelas curtir, que para as lavar; deixam o peito da mãe, e entram na caça, criando-se a maior parte do tempo na aspereza dos montes, antes, que nos mimos das cidades, havendo e dizendo, que nenhuma coisa quebranta mais o animo, e escurece o lume da razão, que a criação deliciosa. E assim é em todos o espirito animoso, o ingenho esperto, o juizo repousado. No intendmento, que é tudo no homem, não lhes fazem vantagem os melhores da Europa; e deixa-se bem ver nos moços japões, que em menos tempo, e muito mais facilmente, apprendem a ler e a escrever na nossa letra e lingua, que os nossos proprios Portuguezes. Nem os lavradores, e criados no campo, são entre elles tão rudes e çáfaros, como entre nós, antes todos no bom ensino e policia parecem homens de côrte. Mas o em que mais se mostram capazes e sujeitos á razão, é o estylo, que guardam em tomar a lei de Deus; porque apenas se achará homem, que a receba, até lhe não fizerem por uma parte ver com os olhos, e tocar com as mãos a falsidade

das suas seitas, e lhe não satisfazerem por outra de dúvidas, que propõem sobre os mysterios, que prégamos. Chamam elles a isto fazer intendimento; que depois de bem feito, é após a divina graça o que os sujeita e traz ao suave jugo do evangelho, com a resolução e constancia, que em seu logar diremos. Não pôde menos com os japões a honra, que o intendimento; que ainda que esta nem sempre é bem entendida, só tem preço entre quem se entende. A nenhum de seus idolos adoram, nem estimam, como a ella; nem são por uma via poucos os bens e praveitos, que lhe rende. D'aqui lhes vem serem no extremo cortezes, e comedidos uns com os outros, sem excepção de pessoas, porque até os officiaes mechanicos, que estão trabalhando em serviço dos nobres, levam tão mal não os tractarem com toda a brandura e cortezia, que a lhes ouvirem uma palavra, não digo affrontosa, mas um pouco desentoadada ou cholérica, o menos que farão, será deixarem no mesmo ponto a obra, e partirem-se sem nenhum respeito do jornal. E é cousa maravilhosa a força, que á mesma conta fazem a todas as paixões naturaes, refreando-as, ou, para melhor dizer, dissimulando-as de tal maneira, que é vento o que fingiam os mais obstinados stoicos, para o que ordinariamente se vê nos japões. De maravilha se mostrará um homem agastado, antes, quando o estão mais uns dos outros, então os acham com melhor rosto, e mais cortezes e brandos nas palavras, sem por nenhum caso haver as decomposturas tão ordinarias entre nós. Já blasfemias contra seus Deuses, nem juramentos para dar mais auctoridade á propria palavra, nunca entre elles se ouviram. Lansará o amo ao criado fóra de casa, mandará o senhor desterrar, confiscar a fazenda, e tirar a vida ao vassallo; mas tudo com tanta serenidade, e tão boas palavras, que nem um vai affrontado, posto que vá castigado, nem o outro deixou a voz de Jacob, e mais parece que fingiu; do que tomou, as mãos de Esau. Do mesmo modo se hão os páes com os filhos, os maridos com as mulheres; e os maiores amigos entre si, que, por grandes que sejam os aggravos, nunca se desaggravam com queixumes;

nem alguma significação de sentimento. E, para cortarem de todo as occasiões de o mostrar, é costume geral em Japão, não se tractar negocio grave de rosto a rosto: tudo corre por terceiros e recados, por mais que as partes sejam uma mesma cousa, tendo por muito menor perda a do tempo, que se gasta nestas embaixadas; que a da honra e primor, que elles cuidam se menoscaba muito com qualquer mostra de paixão. Com se estranharem tanto as palavras d'affronta na presença, muito menos se soffre murmurar dos ausentes, porque hão que quem do inimigo fala nas costas, a si mesmo não tem respeito, e a elle tem medo; que é a fraqueza que mais encobrem: tanto que, como em Europa se arman e acompanham dos seus os que tem inimigos, assim andam elles, quantos mais bandos trazem, mais desarmados e menos acompanhados, só por mostrarem, que então menos temem, quando mais se temem. A conta da mesma honra abominam os japões toda a sorte de furto, e com elle o jogo, dizendo que ninguem joga sem cubiça, e que vai muito pouco de cubiçar a furtar. De modo que, se não é o que levam nos sacos dos logares com pretexto de guetra, e o que alguns piratas pescam no mar com a mesma côr, passaram todos os extremos de necessidade, por não descer nesta parte á menor baixaza; e não sómente não roubam, mas primeiro se deixam morrer, que peçam ou esmola ou emprestado, só por não se sujeitarem, pedindo, e se pôrem a risco de faltar, não pagando. E são tão avisados, que nem a pobreza, ou a herdassem ou lhe succedesse, nem outro mal algum dos que não dependem da propria liberdade, tem por affronta, não fiando a honra mais que de si mesmos. Este é o fundamento d'aquella incomparavel constancia, que mostram nos maiores e mais pesados trabalhos da vida; porque acontece muitas vezes a reis e senhores mui poderosos, desapossarem-nos outros de todos seus estados, pondo-os e deixando-os em tanta miseria, que se descalçam, e rapam a cabeça (o mais certo signal entre elles de engeitarem, e serem engeitados do mundo, como o é entre nós cortarem as mulheres os cabellos por morte dos



maridos), vivendo sobre si tão pobremente, como o menor do povo, sem nunca, por todas estas mudanças, fazerem uma só no rosto, nem lhes acharem menos o brio e alivez de coração, paz e repouso antigo. De sorte que, como em Grecia um só Stilpon, quando, saído mal com a vida do incendio da patria, onde lhe ardêra a mulher, filhos e fazenda, e perguntando-lhe Demetrio, o proprio tyranno, que tudo abrazára, se perdêra no fogo alguma cousa, respondeu, *todos meus bens levo comigo*, tam de verdade, que poz (como disse hem o outro) ao rei em dúvida se vencêra, vendo-o a elle tão vencedor da sua propria victoria; assim, no fim de qualquer guerra no Japão, quem pozer os olhos na egualdade do animo, e mostras de alegria de cada uma das partes, mal dirá, quaes sejam os vencidos, e quaes os vencedores.

FR. JOÃO DE LUGENA, liv. 7.º cap. 2.º

## IX.

### *Descripção dos effeitos da necessidade.*

Não ha cousa tão difficultosa, tão ardua, tão repugnante á natureza, a que a não obrigue, a que a não renda, a que a não sujeite, não por vontade, mas por força e violencia, a durissima e inviolavel lei da necessidade.

A necessidade é a que leva o soldado á guerra, e a escalar as muralhas, onde, vendo cair uns a ferro, e voar outros a fogo, avança com tudo, e não desmaia. A necessidade é a que engolfa o marinheiro nas ondas do oceano; ellas com os naufragios á vista, e elle com tal ousadia, que mettido dentro em quatro taboas se atreve não só com os ventos e tempestades, mas com todos os elementos. A necessidade é a que mette, ou precipita o mineiro ao mais profundo das entranhas da terra, e sem temor, que as mesmas montanhas, que tem sobre si, cáiam e o sepultem, elle lhe vai cavando as raizes e sangrando as veias. Finalmente com mais ordinario e geral desprezo da vida e da saúde, quem

faz que o lavrador não tema os regelos do inverno, nem o segador as calmas ardentes do estio, nem o pastor os dentes do lobo e do urso, e em muitas partes as unhas do leão e do tigre, senão a necessidade? E posto que uns e outros tantas vezes perecem em tão conhecidos perigos, a mesma necessidade, com implicação manifesta da propria conservação, é a que, para sustentar a vida, os obriga a perder a mesma vida. Até o pobre e atrevido ladrão, que desde o primeiro passo, com que salteou os caminhos, começou a caminhar para a forca, se ao pé della lhe perguntam, quem o trouxe a tão miseravel estado, responde com o laço na garganta, que a necessidade. E para que ninguem se admire deste grande poder da necessidade sobre todos, a razão é, diz o proverbio, porque todos os outros poderes são sujeitos ás leis, e só a necessidade não tem lei: *Necessitas caret lege.*

VIRIRA, em um sermão do Rosario, part. 10.<sup>a</sup> n.º 285.<sup>o</sup>

## X.

### *Descripção do amor:*

No mundo e entre os homens, isto que vulgarmente se chama amor, não é amor, é ignorancia. Pintaram os antigos ao amor minino; e a razão, dizia eu o anno passado, que era porque nenhum amor dura tanto, que chegue a ser velho. Mas esta interpretação tem contra si o exemplo de Jacob com Rachel, e o de Jonathas com David, e outros grandes, ainda que poucos. Pois se ha tambem amor, que dure muitos annos, porque nol-o pintaram os sabios sempre minino? Desta vez cuido que hei de acertar a causa. Pinta-se o amor sempre minino; porque, ainda que passe de septe annos, como o de Jacob, nunca chega á idade do uso de razão. Usar de razão e amar, são duas cousas que não se ajuntam. A alma de um minino que vem a ser? Uma vontade com affectos, e um entendimento sem uso. Tal é o amor vulgar. Tudo conquista o amor, quando conquista uma alma; porém o primeiro rendi-

do é o intendimento. Ninguém teve a vontade febricitante, que não tivesse o intendimento frenetico. O amor deixará de variar, se for firme; mas não deixará de tresvariar, se é amor. Nunca o fogo abraçou a vontade, que o fumo não cegasse o intendimento. Nunca houve enfermidade no coração, que não houvesse fraqueza no juizo. Por isso os mesmos pintores do amor lhe vendaram os olhos. E, como o primeiro effeito, e a ultima disposição do amor é cegar o intendimento, daqui vem, que isto, que vulgarmente se chama amor, tem mais partes de ignorancia, e quantas partes tem de ignorancia, tantas lhe faltam de amor. Quem ama, porque conhece, é amante; quem ama, porque ignora, é nescio. Assim como a ignorancia na offensa diminue o delicto, assim no amor diminue o merecimento. Quem, ignorando, offendeu, em rigor não é delinquente; quem, ignorando, amou, em rigor não é amante.

VIEIRA, em um sermão do Mandato, part. 2.<sup>a</sup> n.º 405.<sup>o</sup>

## XI.

### *Descripção da formosura.*

Que cousa é a formosura, senão uma caveira bem vestida, a que a menor enfermidade tira a côr, e, antes de a morte a despir de todo, os annos lhe vão mortificando a graça daquella exterior e apparente superficie, de tal sorte, que se os olhos podessem penetrar o interior della, o não poderiam ver sem horror? Ouvi ao mesmo compositor da arte, que ensinou como se havia de amar esta enganadora; *Forma bonum fragile est, quantumque accedit ad annos, fit minor*: A formosura, diz elle, é um bem fragil, e quanto mais se vai chegando aos annos, tanto mais vai diminuindo, e desfazendo em si, e fazendo-se menor. Seja exemplo desta lastimosa fragilidade Helena, aquella famosa e formosa Grega, filha de Tyndaro, rei de Laconia, por cujo roubo foi destruida Troya. Durou a guerra dez annos; e ao passo que ia durando e crescendo a guer-

ra, se ía juntamente com os annos diminuindo a causa della. Era a causa a formosura de Helena, flor em fim da terra, e cada anno cortada com o arado do tempo. Estava já tão murcha, e a mesma Helena tão outra, que, vendo-se ao espelho pelos olhos, que já não tinham a antiga viveza, lhe corriam as lagrimas; e, não achando a causa, por que duas vezes fôra roubada, ao mesmo espelho e a si perguntava por ella:

*Flet quoque, ut in speculo rugas conspexit aniles  
Tyndaris, et secum, cur sit bis rapta, requirit.*

As formosuras mortaes no primeiro dia agradam, no segundo enfastiam; são livros, que uma vez lidos, não tem mais que ler.

VIEIRA, em um sermão de Sancta Iria, part. 6.º n.º 316.º, etc.

## XII.

### *Descripção da fortuna.*

Variamente pintaram os antigos a que elles chamaram fortuna. Uns lhe pozeram na mão o mundo, outros uma cornucopia, outros um leme; uns a formam de ouro, outros de vidro; e todos a fizeram cega, todos em figura de mulher, todos com azas nos pés, e os pés sobre uma roda. Em muitas cousas erraram como gentios, em outras acertaram como experimentados e prudentes. Erraram no nome de *fortuna*, que significa caso ou fado; erraram na cegueira dos olhos; erraram nas insignias e poderes das mãos; porque o governo do mundo, significado no leme, e a distribuição de todas as cousas, significadas na cornucopia, pertence sómente á providencia divina, a qual não cegamente, ou com os olhos tapados, mas com a perspicacia de sua sabedoria, e com a balança de sua justiça na mão, é a que reparte a cada um e a todos o que para os fins da mesma providencia com altissimo conselho tem ordenado e disposto.

Acertaram porém os mesmos gentios na figura, que lhe deram, de mulher, pela inconstancia, nas azas dos pés, pela velocidade, com que se muda; e sobre tudo

em lh'os põem sobre uma roda; porque nem no prospero, nem no adverso, e muito menos no prospero, teve jámais firmeza. Dos que a fizeram de ouro, diremos depois; o que agora sómente me parece dizer, é, que os que a fingiram de vidro pela fragilidade, fingiram e encareceram pouco; porque, ainda que a formassem de bronze, nunca lhe podiam segurar a inconstancia da roda.

VIEIRA, em um sermão de Santa Catharina, part. 11.ª n.º 5.º

### XIII.

#### *Descripção da guerra.*

É a guerra aquelle monstro, que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e, quanto mais come e consome, tanto menos se farta. É a guerra aquella tempestade terrestre, que leva os campos, as casas, as villas, os castellos, as cidades, e talvez em um momento sorve os reinos e monarchias inteiras. É a guerra aquella calamidade composta de todas as calamidades, em que não ha mal algum, que ou se não padeça, ou se não tema; nem bem, que seja proprio e seguro. O pae não tem seguro o filho, o rico não tem segura a fazenda, o pobre não tem seguro o seu suor, o nobre não tem segura a honra, o ecclesiastico não tem segura a immunnidade, o religioso não tem segura a sua cella, e até Deus nos templos e nos sacrarios não está seguro.

VIEIRA, em um sermão panegyrico nos annos da rainha de Portugal, part. 14.ª n.º 7.º

### XIV.

#### *Descripção da estatuaria.*

Arranca o estatuario uma pedra dessas montanhas, tosca, bruta, dura, infôrme; e, depois que desbastou o mais grosso, toma o maço e o cinzel na mão, e começa a formar um homem, primeiro, membro a membro, e depois feição por feição até a mais miuda;

ondea-lhe os cabellos, aliza-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a bôcca, avulta-lhe as faces, tornea-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lansa-lhe os vestidos; aqui desprega, alli arruga, acolá recama: e fica um homem perfeito, e talvez um sancto, que se póde pôr no altar.

VIEIRA, em um sermão do *Espirito Sancto*, pregado no Maranhão, part. 3.<sup>a</sup> n.º 520.

---

## Quarto Genero.

### DISCURSO HISTORICO.

#### VARIAS NARRAÇÕES.

##### I.

##### *Narração da tomada de Malaca.*

**R**ecollido Affonso d'Albuquerque ás náus, mandou logo el rei Mahamed com gran' diligencia reformar suas estancias, e dobral-as em artilharia e resistencia. E porque viu que no dia da entrada dos nossos começaram seguir a rua larga, além de novamente fazer na bôcca della uma tranqueira, mandou minar toda a rua, e enterrar nella umas cannas grossas cheias de polvora, e semeal-a de abrolhos de ferro com peconha, e assim os logares, por onde podiam fazer entrada, para os encravar e queimar. Fez tambem além desta uma cousa mui nova, que em sua vida, em quantas guerras teve, nunca fez, pagar soldo aos Jaos; porque soube que naquella entrada, que os nossos fizeram na cidade, não pelejaram tão bem, como elles costumão e poderam fazer. Mas a causa de não pelejarem, como deviam, não foi por razão de soldo, mas por causa de lhe ter mandado Utimutiraja, que não aventurassem a vida por defensão do alheio; o qual preceito que deu aos seus, foi pelos concertos, em que andava com Affonso d'Albuquerque; e com tudo elle se mandou queixar a elle Utimutiraja desta ajuda, que deu a el rei, sabendo que

a sua gente fôra no dia da entrada. Ao que elle Utimutiraja respondeu, que era verdade da ajuda, que dizia, a qual foi mais apparecer a sua gente no feito, que no pelear; e este pouco, que fazia, não era por sua vontade, mas por ser homem estrangeiro, e viver na terra alhêa; que, se assim o não fizesse, não passaria bem; e por isso não lhe devia estranhar o que tinha feito, que fôra tão pouco, que obrigára a el rei mandar dar soldo a todos os Jaos, vendo que não se chegavam bem a pelear com a sua gente. A qual desculpa lhe Affonso d'Albuquerque recebeu, por ser tempo para dissimular todos estes artificios, que com elle este Mouro usava, até que viesse seu tempo; e mais por saber ser verdade, que a sua gente não se chegava bem, não sabendo se era preceito seu, ou não. Nestes dias mandou Affonso d'Albuquerque recado a todos os mercadores estrangeiros, por lhe ganhar a vontade, que por sua causa não queimou a cidade, nem consentiu fazer-se-lhe mais damno; que, quem se quizesse ir em bôa hora para sua terra, que livremente o podia fazer; e querendo ficar, elle os segurava, não tomando armas contra Portuguezes, por quanto elle não contendia senão com el rei de Malaca e seus naturaes, até lhe darem satisfação do mal que lhe tinham feito. A qual notificação aproveitou muito em nosso favor; cá estes mercadores se ajuntaram, e foram a el rei, requerendo-lhe que acceitasse qualquer condição de paz, e que, se era por dinheiro, já lhe tinham dito, que todos contribuiriam grossamente nisso, que melhor era que o pagasse a fazenda, que perecer tanta gente. Mas como o negocio estava já cevado com furia de vingança, tudo se quiz deixar no juizo das armas, com que todos os mercadores ficaram indignados contra el rei, e diziam entre si, que tinham os nossos causa de fazer todo o mal. Vendo Affonso d'Albuquerque, que de dia e de noite tudo era reparar os logares suspeitosos, e que a ponte estava feita uma fortaleza em artilharia e defensão de dobrada madeira; ordenou um junco, o mais forte que tinha dos que tomou, mui bem armado de artilharia, e com suas arrombadas, que se fosse pôr o



mais que podesse junto da ponte, para d'alli varéjar aos Mouros, que andavam fazendo a obra de a fortalecer. Porque sua tenção era não tanto ir impedir a obra, que os Mouros faziam na ponte, quanto por elle mesmo sondar o lugar, se poderia com outro maior subir tanto acima, que pozesse a barba sobre a ponte: porque, quando houvesse de commetter outra vez a cidade, por elle esperava entrar na ponte, e lhe ficaria em lugar de fortaleza, por ser de bom gasalhado, e a gente ficava emparada da artilharia e frechas. Mandado este junco, por razão de uma corôa, que fazia o rio antes de chegar á ponte, não pôde passar, nem outro navio mais pequeno, que a este fim mandava na sua esteira, e isto por as aguas serem mui quebradas; de maneira que foi necessario esperar que viessem as vivas com a lua nova. No qual tempo os Chins, que tinha junto de si, lhe pediram licença para se ir; e porque, por razão da guerra, estavam mal providos de mantimento, Affonso d'Albuquerque lhe mandou dar muitos fardos de arroz, e algumas peças destas partes da Europa, que elles muito estimaram. E, por fazerem sua viagem para o reino de Sião, segundo elles diziam; Affonso d'Albuquerque lhe pediu houvessem por bem de lhe levar em sua companhia um homem, que queiria mandar com cartas a el rei de Sião; o que elles acceitaram de boa vontade. Pelo qual homem, que era um Duarte Fernandes, alfaiate, que fôra captivo com Rui d'Araujo, e sabia já a lingua malaia, elle Affonso d'Albuquerque fez saber a el rei de Sião o estado, em que Malaca ficava; e que não se havia de partir d'alli com aquella armada d'el rei de Portugal; seu senhor, sem totalmente destruir aquelle tyranno, e quantos Mouros o ajudavam; que elle lh'o fazia saber, tanto que nosso Senhor lhe acabasse de dar victoria delle. Por tanto elle rei poderia mandar povoar a cidade de seus vassallos da nação dos Siames, por ser gente, com quem os Portuguezes haviam muito de folgar; cá sua tenção era não deixar alli Mouro algum. E a causa, por que Affonso d'Albuquerque fazia esta diligencia e cumprimento com el rei de Sião, era por ter

sabido o modo de como este rei Mahamed levantou a obediencia, e com este recado seu entreteria os apparatus da armada, que lhe tinham dito que este rei de Sião fazia contra elle; porque por ventura contentar-se-hia com totalmente o ver destruido por qualquer mão que fosse. Partidos estes Chins, entreteve-se Affonso d'Albuquerque esperando pelas aguas, para mandar levar o junco á ponte; e tambem dava aquelle tempo, para el rei tomar melhor conselho, e vir com algum partido, que elle podesse acceitar, por levar com elle o modo, que tivera com el rei de Ormuz. Cá, segundo lhe dizia Rui d'Araujo, na terra não havia uma só pedra para fazer fortaleza, por ter tudo a maneira de çapal; e para se fazer de madeira, dando-lhe Deus a cidade, havia-se toda de cortar no mato ás lançadas e frachadas. Tambem em as náus não havia tantas munições; e sómente com uma forja, que todo dia estava occupada em reparar as armas dos homens, não se podia fazer tanta obra, como havia mister uma fortaleza de madeira; e mais a terra era tão pestifera, que não poderiam os homens aturar um trabalho tão apressado, como convinha no fazer daquella fortaleza, e, adoecendo-lhe no meio da obra, ficava sem gente e sem fortaleza. D'outra parte contendia, quanto importava ao serviço d'el rei, tomar aquella cidade, e quamanho descredito era do nome, que os Portuguezes tinham naquellas partes, deixar aquelle tyranno sem castigo dos damnos, que d'elle tinham recebido. Tambem tomar a cidade, e tornal-a a deixar, era mui pequeno fructo para tamanha despesa, como se fizera naquella armada; e mais, segundo a cidade se tornava a fortalecer, parecia que não se podia tomar sem custo de muita gente, que não se devia de aventurar para tão leve fim. Finalmente em algumas consultas, que Affonso d'Albuquerque teve com os capitães, assim por parte delles, como sua, occurriram tantas cousas, umas em contrario de outras, até que por derradeiro vieram a concluir, que acabassem de yer o fim desta empresa, que foram buscar por tão comprido caminho. Porque Deus não movêra o animo d'elle Affonso d'Albuquer-

que para acabar no que tinham feito , e nos incontinentes , que punham , mas para fim o gloria de sua sancta fé; porque dalli se fosse estendendo e dilatando por aquellas grandes regiões orientaes tão çafaras dos meritos de sua redempção, e apagar aquelle fogo de Mahamed , que se começava accender por todas aquellas partes, da communicação, que o gentio dellas tinha com os Mouros daquella cidade, a qual era já feita uma casa de abominação de infernal doutrina. Vindo as aguas com a lua nova, que Affonso d'Albuquerque, desejava, por effeito de tomar a ponte com o junco, que para isso ordenava, mandou nelle Antonio d'Abreu, filho de Garcia d'Abreu, um fidalgo morador em Aviz, com todos os mantimentos e munições necessarias para os dias do combate, e gente para sua guarda; e com elle mandou Duarte da Silva em uma galé, e Simão Affonso em uma caravella. O qual junco tanto que passou o banco d'aréa e foi surto um pedaço da ponte, começou a artilharia dos Mouros descarregar nelle; alguma da qual lansava pelouro de chumbo do tamanho de um tiro de estera, que passava ambos os costados do junco, fazendo muito damno na gente; na qual furia de fogo, com um espingardão, foi Antonio d'Abreu ferido pelas queixadas, levando-lhe a maior parte dos dentes, e o queixo, depois que teve saúde, lhe ficou não muito em seu logar. Ao qual logo Affonso d'Albuquerque acudia, mandando Diniz Fernandez de Mello, que como especial cavalleiro que era, soffreu este trabalho nove dias continuos com suas noites, não que Antonio d'Abreu consentisse ser levado dalli ás náus para o curarem; dizendo que, se tinha as forças perdidas para pelejar, e a lingua impedida para mandar; ainda lhe ficava vida para não perder o logar, em que era posto, e com isto ficou Diniz Fernandes em quanto elle havia saúde. E o que mais atormentava a gente, o tempo que esteve neste logar, era o fogo, que lansavam pelo rio abaixo para queimar este junco; porque com a sua artilharia os Mouros não o podiam metter no fundo, por estar afastada um pouco alta, e todo o damno della era pelas obras mortas. O qual fogo, ordi-

nariamente ao descer da maré cada noite, havia de vir em tres barcos mui compridos, carregados de madeira iscada com bren e azeite; e passada por baixo da ponte sem fogo, por a não queimar, ao saír della lhe era posto de maneira, que, quando emparravam com o uosso junco, vinha uma balsa de fogo, que alumiaua toda aquella ribeira. Sobre o qual trabalho de apagar este fogo, tinham outro maior perigo; cá com a claridade grande, que elle fazia, eram vistos nos bateis, em que andavam com goroupezes compridos e harpeus encadeados para governar o fogo pela vêa, que não tocasse com o junco; assim que, se a luz do fogo lhe fazia proveito para verem o que faziam, tambem dava vista a que os Mouros varejassem com sua artilharia nelles. Affonso d'Albuquerque, vendo quanto damno a gente com isto recebia; e quão desvelada e causada andava de tão continuo trabalho, posto que muitos do que ficaram feridos da entrada da cidade, não eram ainda sãos, temendo que, se esta obra daquelle fogo durasse por resguardo daquelle junco, toda a gente lhe ficasse ferida; com esses poucos, que tinha, uma sexta feira oito de Agosto, havendo dezeseis que commettêra a cidade; em amanhecendo, apezar dos Mouros, tomou a ponte, onde o junco naquella preamar estava já posto. O qual junco, em chegando, não fez pequena obra, porque, ainda que levava os castellos damnificados da artilharia, como erão soberbos sobre a ponte, delles e da gavea sómente ás pedradas despejaram a entrada dailharga da ponte da parte da mesquita, por onde Affonso d'Albuquerque queria tomar terra, todo em um corpo, e não em dous, como da primeira vez que lhe succedeu mui bem este conselho. Porque, como a cidade estava repartida em duas partes com o rio pelo meio, cujo serviço de uma e outra era a ponte, e Mouros a tinham fortalecido, cuidando que Affonso d'Albuquerque se havia de querer fazer senhor della, como fez da primeira vez; com a chegada do junco ficou elle senhor daquelle passagem, de maneira que a gente da maior povoação da cidade, que era da parte de Upi, não podia passar á outra, onde el rei vivia, que Affonso d'Albuquerque

d'Albuquerque tomou. E posto que isto estava assim pejado por nós, muito mais pejado achou Affonso d'Albuquerque o caminho, que commetteu com muitas bombardas, espingardões, frechas, zervatanas, e zargunchos de arremesso; com os quaes foi recebido, e na primeira chegada lhe feriram mais de oitenta homens; pelejando os Mouros como gente, que queria defender mulher, filhos, fazenda, por ser mais sujeita a estas cousas, que quantas havia naquellas partes, e sobre isso grande opinião de cavalleiros, e em companhia, onde eram vistos, por se mostrar mui ousados em commetter e constantes em esperar. Mas como os nossos eram costumados áquelle officio de soffrer fogo e ferro, ainda que á custa do seu sangue, quebraram-lhe aquella furia, ferindo nelles tão mortalmente, que lhe fizeram alargar as estancias. As quaes estancias tanto, que lhe foram tomadas, repartiu Affonso d'Albuquerque o corpo da gente em duas partes; elle tomou uma, com que foi tomar posse da ponte, e segurar que da outra parte da cidade não passassem por ella á outra, por acudir á que elle tomou, que era onde el rei vivia; cá esta tinha encommendada a estes quatro capitães, Jorge Nunes de Leão, Diniz Fernandes, Jemes Teixeira, e a Nuno Vaz de Castel-Branco; e mandou-lhes que não passassem da mesquita, e que nella se fizessem fortes até elle tornar a elles. Expedidos estes capitães, foram ferindo e recebendo feridas pelo caminho que iam a tomar a mesquita; a qual lhe os Mouros despejaram, como gente, que os queria metter em cilada; e nella houvera Diniz Fernandes de cair com toda a gente de sua capitania, que o acompanhava, e sómente uma cousa lhe deu a suspeita della. E foi, que abocando elle uma rua larga, que era das principaes serventias, atravessou-se el rei deante d'elle com até mil e quinhentos homens, e deixou-se estar quedo, como que queria que Diniz Fernandes fosse a elle por aquella rua; na qual espera, que el rei fazia, e ver elle Diniz Fernandes uma tão principal rua despejada, entendeu o que era, de que logo viram signal; estar semeada de abrolhos, e estrepes de peçonha, afóra outro maior

damno, que elle não viu, que era minada de pólvora ; com que não ficára homem vivo. Passado desta rua a outra , por que via correr o fio da gente , veio Affonso d'Albuquerque ter a este mesmo lugar ; mas parece que inspirou Deus em um homem , que ia deante , que tornou a elle dizendo : *tende-vos, senhor, não passeis por aqui, porque nesta rua está algum perigo, cá sendo tão principal, não a vejo trilhada de gente.* Affonso d'Albuquerque , quando caiu no caso, porque podia algum dos capitães vir cair naquelle perigo , deixou alli um com gente para dar aviso , e passou a deante , até se ajuntar com os quatro , que tinham já tomado posse da mesquita ; e o mais que se deteve com elles , foi mandar-lhe que entretivessem os Mouros , para que não chegassem á ponte , em quanto elle dava ordem de se fortalecer nella , por não lhe impedirem a obra. Tornando á ponte , achou já muita parte da munição , que tinha no juneo , posta em terra ; que era enxadas , cestos , machados , madeira , e pipas vazias ; com as quaes chêas de terra e madeira das paliçadas , que os Mouros tinham feitas na parte da mesquita , mandou fazer um reparo , que encerrava no seu circuito toda a bôcca da entrada da ponte , e uma serventia , que vinha beber na agua , para lhe ficar o serviço do mar seguro. E ao longo deste reparo da parte de dentro , mandou tambem fazer , de altura de um homem , um lanso de parede ensossa de tijolo , de uma somma delle , que alli estava , por ventura guardado para outra obra de mais contentamento de seu dono , que aquella , em que alli serviu ; a guarda da qual estancia deu a Jorge Nunes de Leão , Ayres Pereira , Bastião de Miranda , Nuno Vaz de Castel-Branco , e Jemes Teixeira , com a gente de suas capitánias. Pelo qual modo na outra parte da ponte , ainda que não foi com tijolo , fez outro tal reparo ; e a guarda della deu a D. João de Lima , Duarte da Silva , Fernão Peres d'Andrade , Simão d'Andrade , seu irmão. Na frontaria das quaes duas estancias mandou estar certos bateis grandes com artilharia , que varejavão pela banda de fóra todo o panno das paliçadas , por os Mouros não virém por entre a madeira de noite

ferir os que as guardavam. E por causa do ardor do sol, que assava os homens, frechas, e zervatanas hervasdas, que os Mouros tiravam de alguns eirados das casas mais visinhas á ponte, mandou-a Affonso d'Albuquerque toldar com velas das náus, que deu vida a todos. Porque não sómente a vela impedia o sol, mas ainda, como a viração, quando corria, vinha enfiada pelo rio, fazia duas obras; refrescar a gente com o movimento e abanar da vela, e mais rebatia as frechas, que não viessem ferir a gente.

JOÃO DE BARROS, decada 2.<sup>a</sup> liv. 6.<sup>o</sup> cap. 5.<sup>o</sup>

## II.

### *Narração da partida de Affonso d'Albuquerque de Malaca para Cochim.*

Entre muitas cousas de grande admiração, que esta nossa conquista oriental tem, e muito para ponderar com discurso de prudencia, é que, além de conhecermos accidentalmente por armas com homens de tão varias nações e seitas, como nella ha, temos perpetua contenda com os elementos, sendo cousa mais bruta, fera e impetuosa, que Deus criou; o que até nosso tempo não temos visto em alguma gente. Porque, se lemos guerras de Persas, Gregos, Romanos, ou de outras nações desta nossa Europa, nas quaes houve grandes perigos no rompimento de exercito com exercito, trabalhos de fome e sede, e vigilia na continuação de algum comprido cerco, frio e ardor do sol na variação dos tempos e climas, grandes enfermidades por corrupção dos ares ou mantimentos, e outros mil generos de accidentes, que chegam a estado da morte; todos estes perigos e trabalhos passa a nossa gente portugueza em suas navegações e conquistas. E sobre tudo peleja com a furia do vento, impeto do mar, dureza da terra, temendo seus baixos e encontros; e finalmente tem posta a vida e morte em tão breve termo, como

são tres dedos de taboa ás vezes comida do busão, e no descuido de cair uma pevide de candêa em logar, onde se possa atear, e em outros mui particulares e miudos casos, de que resulta tão grande cousa, como vemos em tanto numero de náus que são perdidas. Em cada uma das quaes podemos affirmar, que se perde uma mui nobre villa deste reino, em substancia de fazenda, e em nobreza de gente. E o que mais devemos lamentar por parte d'elle, é que vemos os homens daquellas orientaes regiões, salvos do fogo e ferro de tanto Mouro e Gentio, como nellas habitam, trazendo as náus carregadas dos seus despojos; e um tão pequeno perigo, como estes que apontamos, confunde tudo no abysmo do grande oceano, principal sepultura dos Portuguezes depois que começaram seus descobrimentos. Da qual verdade ora veremos um notavel exemplo em Affonso d'Albuquerque; o qual partido de Malaca com as náus carregadas dos triumphos, que houve della, sendo tanto avante como o reino de Aru, onde chamam a ponta de Timia, que é na ilha Sumatra, veio a sua náu uma noite tomar assento sobre uma lagea lavada de agua, onde se logo fez em duas partes, a pôpa a uma e a prôa a outra, por a náu ser mui velha, e os mares grossos. Estando no qual perigo, sem os de uma parte se communicarem em ajuda dos outros, nem terem soccorro das outras náus por ser de noite, e mais cada uma tinha bem que fazer em si; ordenou Diniz Fernandes de Mello uma jangada, em que se recolheram até o outro dia, que com muito trabalho Pero d'Alpõe, que ia na esteira do capitão mór, em um batel o salvou, e aos que com elle se recolheram, com muito trabalho e perigo. No qual tempo Affonso d'Albuquerque, posto que tivesse enfeitos outros commentarios que guardar, como Cesar fez no seu naufragio, sómente salvou uma menina filha de uma escrava sua, que lhe veio ter á mão, dizendo que pois aquella innocente se viera pegar a elle por se salvar, que elle tomava a innocencia della por salvação; e estando sempre em pé, elle a teve nos braços sem salvar outra cousa, de quanto despojo das riquezas de Malaca



vinham naquella náu. E o que elle mais lamentava de todas as perdas daquella náu, eram dous leões de ferro vazados, obra mui prima e natural, que el rei da China enviára de presente a el rei de Malaca; os quaes, por honra, el rei Mahamed tinha á porta dos seus paços; e Affonso d'Albuquerque os trazia por a mais principal peça do seu triumpho daquella cidade, e dizia por elles que em os perder perdéra toda sua honra, porque não quizera em sua sepultura outro letreiro, nem outra memoria de seus trabalhos. Por haver os quaes, nos primeiros navios, que da Índia, depois de elle lá ser, partiram para Malaca, particularmente escreveu a Jorge Botelho, capitão de uma caravella, encommendando-lhe muito que viesse áquelle logar, e visse se por algum modo de mergulho com gente da terra, costumada pescar aljofre, lhe podiam tirar aquelles leões, e que dependesse nisso quanto quizesse, que elle lho mandaria pagar, porque já que perdia fazenda, não queria perder a honra. Mas parece que permittiu Deus, que estes leões, de que elle fazia tanta conta para memoria de seus feitos por serem mudos, e os anneis de diamantes e rubins, que elle mandava a Rui de Pina, chronista mór deste reino (como nós vimos em cartas, que lhe elle escrevia), porque podiam ser suspeitos, não lhe servissem para a memoria, que elle desejava de si; mas que ficassem sumidos os leões nos baixos de Ara, e os anneis no esquecimento d'elle Rui de Pina. E que eu murmurado de muitos, por não ser professo em nome deste officio de escrever, e occupado no de minha profissão, aqui e na chronica d'el rei D. Manoel, a mim imprópriamente commettida, passados trinta annos de seu fallecimento, viesse dar conta dos leões e dos anneis; como se os eu tivera em receita, ou algum premio, que me obrigára soffrer os trabalhos desta escriptura, que segundo me carrega a ingratitude d'elles, não sei se sôra mais justo deixar os leões e os anneis em poder de quem os consumiu. Porém porque os mortos não tem culpa, e aos que estão por vir, pôde ser que lhe seja mais acceto este meu trabalho, que a muitos presentes; não quero que Affonso d'Albuquerque perca

os leões, e a Rui de Pina faça-lhe bôa proli os seus anneis; nos quaes leões e anneis, e assim em todo o mais, que antes desta minha escriptura estava sepultado no descuido de mens naturaes, eu espero ter aquella parte, que tem aquelles, que acham cousa perdida, e a dão a seu dono. Teve Affonso d'Albuquerque, além da perda desta náu, outra, que elle tambem muito sentiu, que foi o junco, que vinha em companhia de Jorge Nunes de Leão; onde (segundo dissemos) vinham treze Portuguezes e trinta Malabares, dos soldados de Cochim; com o qual se alevantaram os Jaos, que o mareavam, vendo a náu *Frol de la mar* perdida, e as outras em trabalho do tempo. E como elles não queriam mais que salvar suas pessoas de captiveiro, não curaram da mareagem do junco, e deram com elle no porto de Aru; onde logo foi roubado por elles e pelos da terra; e os Portuguezes postos em poder dos Mouros, no qual alevantamento morreu Simão Martins e outros. Por haver os quaes, e assim alguns, que do naufragio de *Frol de la mar* a nado em tabuas foram á costa, el rei de Pacém trabalhou muito por ganhar a vontade a Affonso d'Albuquerque, até que havidos lh'os mandou depois em uma náu, que partiu do seu porto para Choromandel. Affonso d'Albuquerque recolhido em a náu *Trindade*, capitão Pero d'Alpõe, fez sua viagem caminho da India; e na travessa daquelle golfão até Ceilão tomou duas náus de Mouros, uma de Dabul, e outra de Chaul, que vinham bem carregadas de Sumatra. E porque na de Chaul teve alguma dívida, por estar naquelle tempo comnosco em amizade, e nos pagar pareas; não se houve por tomada de presa; e mandou recolher consigo as principaes pessoas da náu, e a Simão d'Andrade com quinze Portuguezes que fossem em guarda della, por de noite não se acolher. Mas com todo este resguardo, o piloto e officiaes da náu a metteram nas correntes das ilhas de Maldiva, e foram dar com ella em uma, a que chamam Candaluz; e no porto, com favor de Mouros de Calecut, que alli estavam, tractaram mal os nossos, tomando-lhes o que levavam, sem ousarem de lhes fazer mais damno, com

temor do que poderiam receber em suas pessoas os mercadores, que levava Affonso d'Albuquerque consigo. O qual seguindo sua viagem chegou a Cochim, onde foi recebido com solemnidade, e gran' prazer de todos; porque, além de celebrarem com festas a victoria, que houve na tomada de Malaca, parecia-lhes (segundo os Mouros tinham dito por toda a terra que eram perdidos) que nosso Senhor os resuscitava naquella chegada sua; porque tinha o demonio tanta communicação com o gentio daquellas partes, que geralmente todos diziam que Affonso d'Albuquerque se perdêra na sua náu; parece que, por não perder o crédito este mestre de enganos, sempre se quer salvar em parte de algum aquecimento, como foi a perda da náu. Affonso d'Albuquerque a primeira cousa, em que entendeu, conio poz os pés em Cochim, pelo estado em que Gôa estava (segundo teve nova por patamares, que iam e vinham com assás perigo por terra), porque o tempo não servia para navios grandes; foi mandar gente em oito catures a remo, que em seis dias chegaram a Gôa. A chegada dos quaes deu tanto prazer aos nossos, como tristeza aos Mouros; e muito maior receberam depois que Affonso d'Albuquerque em Cochim mandou soltar dez ou doze Mouros dos captivos, que tomou em Malaca. Parte dos quaes vieram ter ao arraial de Rozto-mocan, que estava sobre Gôa, e como testemunhas de vista, contaram o que passaram naquelle feito, e a fortaleza que lá tinhamos; que lhe quebrou muito os corações de quão soberbos estavam com as más novas, que tinham semeado daquella ida. E por estes catures mandou Affonso d'Albuquerque provisão, em que havia por serviço d'el rei, que Manoel de Lacerda servisse de capitão da fortaleza, e Manoel de Sousa de alcaide mór, e Diogo Ferrandes de Beja ficasse por capitão da armada, que Manoel de Lacerda servia. E porque elle escreveu a estes capitães, e assim á cidade, que logo, como o tempo lhe servisse, seria com elles; responderam-lhe que em nenhuma maneira o fizesse com tão pequena armada como tinha, porque, ainda que sua pessoa importava tanto, como a mesma salvação, aquell

a cidade, ao presente ella ficava com seiscentos homens, e quinhentos piães Canarins, para poder resistir a todo o poder do Hidalcão, ainda que viesse sobre ella. Porém para ir lansar do castello Benestarim um tal inimigo como nelle estava, artilhado e defendido com baluarte, torres, e grande numero de gente, que (segundo tinham sabido) passavam de vinte mil homens; não se podia fazer com tão pouca gente, como então estava na India; que prazeria a Deus que traria a seu sobrinho D. Garcia de Noronha, porque, segundo a esperança, que Christovão de Brito dera, de sua viagem, devia invernar em Moçambique, e assim viria a outra armada daquelle anno, que tambem se esperava do reino, com que lansariam aquelle inimigo soberbo daquelle logar, que tomou, por elle Affonso d'Albuquerque ser ausente.

O mesmo, Decada 2.<sup>a</sup> liv. 7.<sup>o</sup> cap. 1.<sup>o</sup>

### III;

#### *Narração da chegada de Affonso d'Albuquerque á cidade de Gôa.*

Chegado Affonso d'Albuquerque á barra de Gôa com toda sua frota, deixou em baixo as náus grandes de carga, e levou acima ao porto de Gôa as de pequeno porte, que podiam levemente ir pelo rio. Na saída do qual em terra a cidade lhe tinha feito um solemne recebimento; e quando foi á entrada da porta da cidade, um mestre Affonso, homem letrado physico, que servia de juiz ordinario, lhe fez uma oração. A substancia da qual era como elle ganhára aquella cidade aos Mouros, com que ácerca dos reis e príncipes da India, por ella ser uma das mais notaveis daquellas partes, a nação portugueza não sómente tinha ganhado gran nome, mas ainda, em ser sua, era um duro jugo, que cada um destes príncipes tinha sobre seu pescoço. Porque os capitães e príncipes do reino Decan perdiam aquella porta, porque lhe en-

trava e saía todo o essencial, que os sustentava e mantinha em seus estados; el rei de Narsinga senhor de todo o Canará pela mesma maneira não tinha vida, por razão dos cavallos, que eram as principaes armas, com que se defendia dos Mouros. Finalmente assim estes por razão de seus estados, como os outros Mouros de toda a costa da India; por causa de seus commercios, estavam muy assombrados em ver que a gente portugueza, que até alli não fizera conta de habitar na India, com ter tomada aquella cidade, começava de lansar raizes de sua vivenda. A qual cousa, depois que o Hidalção casu nella, assim o atormentou, além de perda de tamanho estado, e de tanta injuria, como nella recebeu por duas vezes, que, partido elle capitão mór para Malaca, mandou cercar aquella cidade, cujos lares ainda estavam quentes da habitação, que nella fizeram alguns dos que alli vinham. A dor e magoa da qual perda vinha tão viva no animo de todos, que, desejando restituir-se nella, muitas vezes com o grande numero da gente que eram, e esterilidade do inverno, por combates, por fome, sede, e continuação de vigílias e trabalhos, todos aquelles fidalgos, cavalleiros e gente d'armas padeceram grandes affrontas. E pois nosso Senhor a todos fizera tanta mercê, que naquelle logar ante seus olhos vissem a elle seu capitão mór, do qual dependia todo o seu governo, forças; industria e victorias; com muito prazer e esperança de tirar aquelle inimigo, que tinham ante de sua face, lhe entregavam a posse daquella cidade, para que a remisse de seus trabalhos, pois por duas vezes a tinha ganhada a Mouros. E em dizendo estas palavras, o capitão da cidade lhe entregou as chaves della, e elle depois lh'as tornou a dar, e de si foi á sé dar graças a Deus da mercê, que lhe tinha feito em o trazer aquella cidade, onde estavam todos seus desejos, e dar a seu aposento. Passados dous dias de sua chegada, começou elle intender nas cousas de sua obrigação e officio, pedindo razão a cada um do que tinha feito; começando primeiro naquelles, a que antes da sua partida tinha mandado alguma cousa, assim como a Diogo Fernandes de Beja,

que mandára desfazer a fortaleza de Socotorá. O qual lhe deu razão d'isso como ficava desfeita, e trazia as pareas de Ormuz, onde tambem o enviára; com todo o mais, que tinha sabido da ida d'el rei á ilha de Bahárem, por estar alevantada contra elle, e assim o que tinha sabido daquelle reino. E com a nova destas cousas lhe entregou tres mil e tantos pardãos, e algumas peças do quinto das presas, que elle Diogo Fernandes fez naquelle caminho (como atrás apontámos); os quaes Affonso d'Albuquerque logo distribuiu por elle Diogo Fernandes, e por outros capitães. Finalmente, depois que perguntou e deu audiencia a outros, de tanto tempo como havia que d'alli era partido, contentando a todos, delles com mercê em nome d'el rei, outros com palavras, e a muitos com esperança de seus requerimentos; começou intender em o modo, que havia de ter no commettimento daquelle fortaleza Benestarim, cá, segundo a informação que teve, era cousa mui dura de commetter. Porque ella era uma fortaleza feita assim por sitio da terra, como pelo trabalho da muita gente, que tinham, quasi até ás anéas por dentro o muro entulhado e macisso, e as torres e baluartes outro tanto; sómente um lanso do muro, ao longo do qual corria um esteiro da parte do passo sêcco, onde elles tinham mettidos alguns barcos, de que se serviam para terra firme, por razão deste esteiro impedir poder-se alli dar bataria, deixaram aquelle pedaço por entulhar. E porque elles sabiam que por mar não havia cousa, que se nos tivesse, temendo que os poderiamos commetter por aquella parte, por a fortaleza ter um lanso grande de muro pegado no mar, e, ainda que por alli não fossem commettidos, podiam-lhe com navios, que se pozessem entre a fortaleza e a terra firme, tomar a serventia della, que era toda sua vida, pois de lá lhes vinha todo o necessario; ordenaram de atravessar o rio com duas estacadas, uma da parte, donde chamam o passo sêcco, e outra de Gôa a velha. Cada uma das quaes estacadas seria de comprimento de um tiro de espingarda, e porém a da parte de Gôa a velha era muito mais forte e dobrada

que a outra, entre as quaes ficava a fortaleza mettida um pouco afastada dellas, com que tinham larga e segura serventia para terra firme, sem alguém li'a poder impedir. Tinham mais nesta banda da estacada contra Gôa a velha um baluarte, onde, além de outra muita artilharia miuda, estava um basilisco de ferro, assim ordenado, que com maré chêa e vazia pescava um batel, por pequeno que fosse. Porque, como desta parte de Gôa a velha, até á sua fortaleza, o rio era largo, e de fundo, que poderia ir a cima uma náu, punham neste logar toda sua defensão e artilharia; e assim na face da terra contra a cidade, e da outra parte contra o passo sêcco, não se temiam tanto por ser tão baixo, principalmente neste passo, que por elle na baixamar se podia passar a pé de uma a outra parte. Affonso d'Albuquerque, posto que logo ao presente não soube parte do que ia dentro do castello, nem de algumas cousas destas, sómente pelo que lhe disse João Machado, do que deixava feito ao tempo que de lá veio; ordenou suas cousas como quem havia de ir pôr cerco á esta fortaleza por terra e por mar, com fundamento que não se havia de levantar de sobre ella, até que a não houvesse ás mãos. Porém, antes que neste negocio fosse ávante, não passaram seis dias de sua chegada, que uma sexta feira, dia que os Mouros solemnizam, como nós o Domingo, vieram correr á cidade obra de duzentos de cavallo, e quatro mil de pé; com tenção que, dando aquella mostra de si, poderia sair gente a elles, com que descobririam o que haveria na cidade, pois nella estava Affonso d'Albuquerque, e ainda de industria correram o campo derramados, em modo que podessem mais convidar os nossos a sair a elles. Affonso d'Albuquerque posto já fóra dos muros, em um logar onde se incorporou com toda a gente, que saiu ao repique, assim de cavallo, como de pé; vendo o modo, em que os Mouros andavam, afastou-se um pouco do corpo da gente, chamando os capitães, e a João Machado, ao qual perguntou, que como andava aquella gente tão mal ordenada, se vinha alli Roztomocan. Ao que João Machado respondeu que, por aquelle dia ser o

que os Mouros solemnizavam , lhe parecia virem elles mais a folgar , que a outra cousa ; e , quanto alli vir Roztomocan , não via bandeira sua ; porém , porque elles costumavam encorporar-se ás duas arvores , tanto que os visse em um corpo , onde se haviam de ajuntar os de cavallo com os de pé , saberia dizer se vinha alli. Estando Affonso d'Albuquerque nesta practica , foi tanta a furia da nossa gente , havendo por injuria aquella soltura dos Mouros em sua face , que com impeto de vingança começou a correr uma voz por todos : *a elles , e elles*. E foi este alvoroço tão solto na bôcca e pés de todos , que , quando Affonso d'Albuquerque acudiu a os entreter , eram já tanto na vista dos Mouros , que , por lhe não dar suspeita que os temiam , largou a trella aos nossos , tomando por signal de victoria o impeto , que nelles via. Os Mouros , como viram a corrida , que levavam , começaram os de cavallo rodear a sua pionaagem , e pôl-a ante si , recolhendo-se em boa ordem ; porém Pero Mascarenhas , capitão da ordenança da gente de pé , da qual ordenança eram capitães João Fidalgo , e Rui Gançalves , começou de os apressar de maneira , que muitos dellés desempararam a pionaagem , e começaram de se recolher apressadamente. Porque , como esta nossa gente iam muitos gentios do Malabar e dos Canarins , homens mui leves em commetter , com o favor dos nossos , que levavam nas costas , derribavam pelo caminho muitos ; até que chegados ao sobpé de um teso , já pegado nos muros da fortaleza , onde os Mouros tinham muitas casas palhaças á maneira de arrabalde , elles mesmos , por entreter os nossos , posezram fogo ás casas. A qual detença deu algum folego aos Mouros para se poder recolher ; porque era tanta a pressa , e o logar , por onde entravam na fortaleza , tão estreito , e o rolo dellas tamanho , que , de não terem os de cavallo logar para entrar , deixavam os cavallo de fóra. E ainda chegou o temor a tanto , que , temendo que os nossos juntamente com elles entrassem , como aconteceu na tomada de Gôa , fecharam a porta um pouco cedo , com que muitos ficaram de fóra. Parte dos quaes , por fugir o ferro dos nossos , que os sangrava ,



se lançaram a uma lagôa a nado; outros se mettiã nos barcos, que tinham no esteiro, que eram do serviço da fortaleza; e muitos subidos em um cubello baixo de cima do muro, que ficava sobre elle, por toucas, que lhe lançavam, se queriam salvar. Ao qual logar (posto que a fortaleza toda foi logo torneada dos nossos buscando entrada), como era o de maior pressa e um pouco estreito, acudiu muita gente nobre dos nossos; e vendo alguns o trabalho, que os Mouros tinham, para se alar pelas toucas ao muro, começaram subir ao baluarte, por ser baixo, com tenção de entreter os Mouros, e ver se teriam modo de poder subir em cima do muro; e o primeiro, que subiu a este baluarte, foi Tristão de Ataide, um fidalgo de Loulé, dando a mão a outros, que o quizeram seguir. E porque no chão deste baluarte, no muro da fortaleza, estava uma porta fechada de pedra e barro, cousa feita de poucos dias, como que se fechára por não haver tantas serventias, aonde concorria muita gente; começaram os Mouros, por o logar ser azado para os entrarem por elle, de cima lançar panellas de polvora, fogo de alcatrão, e quantas cousas achavam para o defender, no qual por ser estreito os nossos receberam assás damno. Ao qual trabalho acudiu Pero Mascarenhas, Duarte de Mello, Ayres da Silva, Lopo Vaz de Sampaio, Manoel de Lacerda, Rui Galvão, e outros fidalgos com João Machado, que, como homem que estivera dentro, daria algum conselho por onde podiam entrar, que ao descer fosse a elle possível. Porém, como na companhia não havia escada, nem cousa mais azada, que aquella porta e o baluarte, para entrar na fortaleza, carregaram os Mouros tanto, que mataram Diogo Corrêa, que fôra capitão de Cananor, e Jorge Nunes de Leão, e feriram Lopo Vaz de Sampaio, Manoel de Lacerda, Rui Galvão, e outros. Na qual porfia de querer trepar e subir, Pero Mascarenhas se mostrou mais desejoso que outro algum, commettendo a subida pelos piques da gente de ordenança; o qual trabalho lhe não fundiu a seu proposito. Affonso d'Albuquerque, vendo que na parte, em que elle estava, e assim nesta, em que morreu a mais gente, todo

o damno era seu, pois estavam por barreira de quantas frechadas e artilharia tiravam os Mouros; mandou recado a Pero Mascarenhas que se recolhesse, o que elle fez com assás perigo; porque, desabrigado do muro, nenhum tiro perderam os Mouros. Finalmente daquella saída ficaram aquellas pessoas principaes; e toda a mais gente, que chegou áquelle logar do muro, o maior damno, que recebeu, foi do fogo e azeite fervente e alcatrão, que lansavam de cima. Passado este perigo dos Mouros, veio Affonso d'Albuquerque cair em outro, que elle mais sentiu; porque, como a natureza do Portuguez é conceder a poucos a gloria do seu braço, acertou Affonso d'Albuquerque, por mostrar quam contente ficou do que Pero Mascarenhas fez na sua chegada ao muro, de o ir beijar na face, chegando a elle com palavras de louvor daquelle feito, que Affonso d'Albuquerque mui sabia dizer, como grande official que era disso. A qual cousa foi em tal hora, que saltou entre toda aquella fidalguia um rumor de palavras, como se todos naquelle louvor de Pero Mascarenhas recebiam alguma injuria. E porque o auctor desta revolta fôra Francisco Pereira Pestana, que nas cousas de cavallaria era de uma condição forte, e lingua aspera pela confiança que tinha de si; viu-se Affonso d'Albuquerque tão agastado, que usou dos seus artificios, com que elle sabia apagar este fogo de paixão entre partes. Arremetendo contra Francisco Pereira, não por modo iroso, e chegando a elle começou rasgar a vestidura dos peitos, dizendo: *que quereis, Francisco Pereira? quereis ver o meu coração? védel-o aqui puro, limpo; todo ehêo de amor; e todo aquelle, que menos parte tem nelle, é quemisso não crê. An oculus tuus nequam est, quia ege bonus sum?* Com o qual modo e palavras, e esta ultima airada da escriptura, metteu toda a murmuração em prazer e festa da victoria; em que (segundo se logo soube) dos Mouros morreram cento e tantos, e perderam alguns cavalloos, que com pressa não poderam recolher, que os nossos trouxeram, e assim muita boiada, que lhe foi bom refresco. E por despedida puzeram fogo ao arrabalde, que os Mouros tinham feito

junto da fortaleza ; e em quanto elle ardia , Affonso d'Albuquerque á vista della se poz a fazer alguns cavalleiros ; acabado o qual acto , se recolheu para a cidade.

O mesmo , decada 2.<sup>a</sup> liv. 7.<sup>o</sup> cap. 4.<sup>o</sup>

#### IV.

#### *Narração da victoria alcançada pelos Portuguezes na defesa de Mazagão.*

Teve a victoria muitas particularidades , que a fizeram famosa e digna desta honra. Uma das que mais se celebravam então pela christandade , era a força de gente , que o Xarife Muley Abdalá ajuntou para a empresa , que João Botero , diligente escriptor italiano , affirma que foram duzentos mil homens. Dos nossos escriptores , um , que fala de vista e com miudeza , e como homem de guerra , sóbe o numero a poucos mais de cento e cincoenta mil. Discorriam os homens de bom juizo o muito a que se obrigava um principe em tal accommettimento , a honra que arriscava , não saíndo com a empresa , razões para fazer o ultimo de potencia (como fez) pela não largar sem victoria , que todas redundavam em gloria dos cercados , e em confirmação de seu valor ; os quaes contra tamanho poder defendêram um logar pequeno posto em campo raso , pouco povoado de defensores , quando começou o cerco , e esses mal providos de mantimentos , antes mortos de fome , e com a fortificação , em que se trabalhava , havia dias , ainda imperfeita. Está a villa de Mazagão situada nas praias do mar atlantico , tão vizinha á cidade real de Marrocos , que lhe fica como mettida nos olhos. Não tem mais ajudas da natureza , que ser fundada sobre uma pedra viva , e ficar-lhe o mar livre , que bate nos muros , e de mar chêa quasi a faz ilha , deixando-lhe nas cavas tres braças de altura d'agua. Teve o Xarife a victoria por certa , quiz dar a gloria della a Muley Hamet , seu filho , moço de vinte annos , brioso e valente ; mandou-o com o campo , dando-lhe por companheiro e conselheiro a el rei de Dará , seu thio , e grande numero

de Turcos e Granadinos por soldados. Alojaram a meia legua do logar, cobrindo-se os campos de gente, como de um dilúvio. Donde trabalhando todo o exercito, foram levantando e levando contra a fortaleza uma montanha de terra, em que fundaram uma grande plataforma, como estiveram a tiro de canhão, e plântaram sua artilharia (eram vinte quatro peças as que vinham no exercito; dez de bater, e todas de desmesurada grandeza, em que havia uma, que jogava pelouro de cinco palmos e meio de roda). Começou a bateria furiosissima, e á sombra della se intendeu em lansar uma grossa trincheira ao longo da cava, que acabaram com estranha brevidade, ficando todo o logar vallado, e terrado de mar a mar. Não estavam os cercados ociosos. Era capitão mór Rui de Sousa de Carvalho em ausencia de seu irmão Alvaro de Carvalho, proprietario do governo; acudiu com diligencia a remediar o que faltava da fortificação, trabalhando com toda a gente incançavelmente dia e noite, e no mesmo tempo fazia jogar toda artilharia contra os trabalhadores do campo, que sem perder tiro executava nelles cruelissima mortandade. E por mostrar ao inimigo os animos, que dentro havia, não havendo por então no logar mais que seis cavallos, fez sair nelles seis determinados cavalleiros, que, esperando conjunção de maré vazia, acommetteram e puzeram em revolta o campo descuidado de tal ousadia, e, matando muitos Mouros, antes de carregar força de gente, se recolheram em salvo; e tal foi o feito, que obrigaram o inimigo a estar com cuidado, e assentar dalli em deante corpo de guarda ao longo d'agua. Soou entretanto no reino a nova do cêrco; e era de ver o alvoroço, com que todo genero de gente se lansava aos navios, para irem ser companheiros de seus naturaes no perigo e no trabalho. Assim chegavam cada dia muitos fidalgos, cavalleiros e soldados; e muitos moços illustres fugidos a seus pais, e embarcados furtadamente; outros, não se contentando de servir sómente com suas pessoas, levavam á sua custa navios chãos de soldadesca e munições, e não foram poucos os que isto fizeram. (A rainha D. Catharina, que governava o reino, despachou

despachou, com o primeiro aviso Alvaro de Carvalho, capitão da força, acompanhado de muita e boa gente, e trás elle alguns fidalgos de experiencia e valor na guerra.) Neste tempo, não cessando o inimigo, de continuar sua bateria contra o baluarte, que havia por mais fraco e sabia que tinha a fortificação interior imperfeita; e, lansando dentro na fortaleza muitos pelouros de espantosa grandeza; com que fazia muito damno, vinha juntamente cegando o fosso com terra e faxina, servindo na obra, além de gastadores e gente vil, todos os melhores do campo, de pé e de cavallo. Mas, como trabalhavam em logar aberto, e era povo confuso e amontoado, não se pôde crer o estrago que faziam nelles os arcabuzeiros e mosqueteiros de dentro, e as infinitas mortes que dava a nossa artilharia; que, não cessando de jogar dia e noite, levava pelos ares corpos, pernas, braços, cabeças, os quaes membros, com a mesma furia que eram arrebatados, faziam officio de pelouros contra os vizinhos e companheiros; e foi tanto o damno e o pavor, que um dia amanheceu a obra, e até a artilharia, desemparada. Era conselho do xarife apertar apressadamente com os cercados, e procurar fazer-se senhor da praça, antes de lhe entrar força de gente; porque, como homem de guerra, não ignorava que raramente se perde logar, que pôde ser soccorrido; e, sabendo que a bateria, que se dava ao baluarte, não era de tanto effeito, como imaginára, mandou voltar todo seu poder não só a entulhar a cava, como tinham começado, senão levantar uma serra de terra, que emparelhasse com a niór altura do baluarte; e não faltou successo ao desenho; (tanto podem muitas mãos juntas!) Era infinito o povo, acudiam os alcaides e capitães, e até os cacizes, que entre elles tem o logar de sacerdotes; e para espartarem ao trabalho, alvoroçavam a todos, promettiam que em esquadrão haviam de entrar por cima do baluarte, e por muitos milhares que caíam mortos, que ficando logo enterrados ajudavam a crescer a obra. Em fim a pozeram em estado, que na altura egualou o baluarte, e na praça recebia cento e vinte homens em fileira. Aqui começa-

ram bravos e temerosos assaltos, e houve de parte a parte grandes feitos e muitas mortes, pelejando-se pé a pé, á espada, e lança varada, como em desafio ou batalha campal. Valia grandemente aos cercados a artilharia dos traquézes, que varejava os acommetedores pelos lados com inacabilhosa continuação; o mesmo fazia toda a soldadesca, que não tinha lugar no baluarte dos combates, com arcabuzes e mosquetes; mas convinha estar cubertos, porque, em apparecendo, logo eram pescados com pelouço, seta, ou pédra, que a gente vil, que não jogava arcabuz, por não perder occasião de offender, usava de foydas a uso pastoril, e despediam nuvens de pedras tão espessas, que aconteceu sair um homem ferido de duas e tres juntas na cabeça. E, porque não ficasse nada por tentar ao inimigo, como estava abarbadado com a muralha, começou a abrir uma mina a grande pressa contra o baluarte dos combates. Foi sentido que se picava o muro; acudiram os engenheiros, fizeram suas diligencias por atinar que caminho levava; logo contraminaram, mas com immenso trabalho, por ser em rocha viva; em fim encontraram-se com os de fóra, houve briga debaixo da terra, foram os inimigos lançados fóra com morte dos que trabalhavam, e ficaram os cercados senhores da obra; mas pagaram logo este bom successo com um custoso desastre. Pelejava-se com o inimigo no baluarte, que nos não dava hora de descanso; estava o baluarte cheio de fidalgos, e dos mais arditos cavalleiros e soldados; que havia no logar, uns que pelejavam, outros que esperavam vagante de logar, por morte ou feridas dos que aquelle dia acertaram ser dianteiros; senão quando se levanta d'entre os pés um subito incendio, com estrondo e labaredas, que parecia arrehear alguma mina, e não ficou nenhum dos que se acharam perto, que não fosse abraçado com muito perigo, e alguns ficaram signalados para toda a vida. E não coube melhor sorte aos afastados, porque, sendo empuxados os vizinhos, dos que se sentiam arder, e estes carregando sobre os que lhe ficavam nas costas, que eram os mais afastados, foi força cair em muitos do baluarte abaixo com novo genero

de perigo e feridas, não menos custosas, que as do fogo, pela altura do salto e peso das armas, que todos vestiam. Occionou-se o fogo de uma cópia de alcanzias de pólvora, e lansas de fogo, que estavam para servirem aos defensores no combate, e pegando acaso nelas, fez temeroso effeito, e todavia maior na representação, que na substancia. Como duravam os assaltos, imaginaram os nossos engenheiros alliviar os cercados, abrindo uma mina pelo entulho e serra, sobre que pelevavam os inimigos; abriram-na com a commodidade da contramina, com que se lhes ganhou a mina, que faziam ao baluarte, como atrás contámos. Deram-lhe fogo na mór força de um combate; estava a serra cuberta de Mouros; foi o trovão e o fogo espantoso; voaram infinitos Mouros. E com tudo, como não era em corpo solido, foi a mina de menos efficacia, ficou ardendo a faxina, e abateu a terra de maneira, que fez suspender os assaltos. Aproveitaram-se os cercados do tempo, reparando o baluarte com as defezas, que a necessidade e a pressa aconselhava. Mas o inimigo prompto em toda occasião de offender, em quanto os seus corriam com novo entulho para encherem o que o fogo abatera, plantaram duas bombardas de travéz, com que não só desbaratavam os reparos do baluarte, mas feriam e matavam muita gente. Aqui se viu a destreza dos artilheiros de dentro, ou a força que tem o prémio; foram as promessas, que os fidalgos lhes faziam de dinheiro e vestidos, tão poderosas, que embocaram uma dellas, com morte dos que governavam ambas. Mas tardou pouco a montanha em tornar a tanta e maior altura. E os alcaldes, como ia correndo o tempo, e sentiam o desgosto, que o xarife tinha da dilação, tornaram apertar com os assaltos com maior braveza que primeiro, e ainda que perdiam muita gente, e da melhor, que estes são sempre os acommettedores, tambem nós tinha mortos muitos e bons soldados, e alguns fidalgos e cavalleiros de muita conta. Fizeram entretanto os engenheiros segunda mina contra o padrao de terra, e acompanhando-a de mais pólvora, teve melhor successo que a primeira; deu mais mortes, e abaixou

muito mais o entulho. Porém contra tamanho numero de gente, nem o allivio era de dura, nem as muitas mortes descobriam falta no serviço; e como tinham assentado não haver outro meio para ganharem a praça, senão entrando o baluarte, com estranha brevidade se tornaram a egualar comnosco, e com terrivel pertinacia acommetter o baluarte. Passava já de mez e meio que durava o cêrco, e, ou fosse vergonha do pouco que tinham feito, ou determinação secreta de se levantarem, se em breves dias não arrematavam a empresa, quando veio aos vinte tres de Abril, deram um assalto tão apertado e aturado, e pelejado com tanta força e esforço, que pareceu estar toda a flor do campo junta sobre o baluarte, e vir conjurada a não se apartar sem victoria. Mas não sabia o barbaro em que dia pelejava, dia do glorioso martyr S. Jorge, advogado nas batalhas dos antigos Portuguezes, que nesta conjuncção os favoreceu tambem de maneira, que depois de longa porfia, foram os inimigos rebatidos com brayo destroço e vergonha, e seguidos de grita e apupadas de todo o muro; ás quaes succederam de noite musicas e folias, ainda que aguadas com mortes e feridas, de muitos e bons companheiros. E, porque ficasse conhecido o favor do sancto, foi cousa averiguada, que no mesmo dia em Lisboa, se appellidou victoria pelos mininos das ruas, sem se saber causa nem razão; parece que movia Deus áquella innocencia, a celebrar o favor, que nos fazia em parte tão distante. Ficaram os Mouros por extremo quebrantados do successo deste dia, e deram signal em um triste e desacostumado silencio, com que passaram a noite, que nem uma só voz se ouviu em toda ella entre tanta gente. E todavia, passados poucos dias, e alguns successos de menos importancia, que deixamos, deram ultimo combate, primeiro dia de Maio, no qual os Turcos e Granadinos, que sempre eram os deanteiros, pelejaram tão valente e denodadamente, que foi o acommettimento violentissimo; em nenhum outro se viu a morte tão barata, nem a vida tão pouco estimada; caíam muitos de ambas as partes, e de nenhuma se via lugar vazio; porque



á competencia havia muitos successores para cada praça, que a morte fazia vagar. Em todo o espaço que a briga durou, que foram muitas horas, não houve homem que fizesse pé atrás; o lugar, que a cada um coube em sorte para defender ou offender, esse sustentou pelejando, ou cobriu morrendo. Lá o sol caíndo, e não havia braço que caísse, ou mostrasse cançar; cerrava-se o dia, e a briga cada vez mais quente e mais accesa, e parecia que por momentos refrescava. Em fim como em ultimo esforço a noite deu fim ao combate, e juntamente ao cerco; porque o inimigo, sem tentar mais a fortuna, sem feito de importancia, levantou o campo, e se tornou para suas terras poucos dias depois. Foi celebrado por toda a christandade, com o valor dos cercados, o animo e alvoroço, com que os Portuguezes, por honra do rei e da patria, corriam a um lugar, que tinha sobre si cento e cincoenta mil Mouros; o qual passou tanto adiante, que, pelos muitos que cada dia entravam, começavam a dar mais pejo, que soccorro; e foi necessario mandar a rainha D. Catharina, que governava o reino, publicar, que se não embarcasse ninguem sem sua especial licença; e, porque não era bastante tal prohibição, fez dar recado nas torres, que não deixassem passar nenhum genero de embarcação sem ordem sua. Succede estarmos trasladando este feito, entrada de Janeiro deste anno de 1618, em conjunção que temos outro deante dos olhos, egual em brio e determinação generosa, se bem menos ajudada do successo; e confesso que me allivia o trabalho do escrever o gosto e porfia, com que vejo no coração do inverno encherem-se navios, e navios pouco fortes, e não menos de desesepte, da gente melhor e mais grada do reino, e de moços nobilissimos, tantos e taes, que ha embarcação, sem ser capitania nem admiranta, em que vão juntos muitos filhos primogénitos, e herdeiros das casas de seus pais, cujos avós administraram os melhores cargos do reino. E a empresa é buscar Turcos, e Turcos victoriosos, e tão soberbos, que, andando desgarrades e correndo tormenta; tiveram animo para saltarem em terra firme de

Hispanha, e assolarem logares. E não é justo deixarmos em silencio, que nos mostrou esta occasião outro exemplo dos tempos mais antigos; sendo assim, que houve fidalgo velho e de bons serviços, que com ser isento da jornada, para o rei ser melhor servido, se embarcou por soldado do filho mancebo e capitão. E isto haste assim em sombra para dar materia aos chronistas; e para abrir os olhos a quem for tão mal advertido, ou tão pouco affeiçãoado á sua patria, que á vista de taes espiritos não confessar, que vive ainda nos Portuguezes aquelle fogo de verdadeiro valor, que por todas as edades os illustrou. Muito quebrantam calamidades e infortunios geraes; mas o fogo cuberto de cinza dissimulado está, não apagado; e o ouro sepultado na terra a côr poderá alguma vez perder, e a fineza nunca. Assim o soube conhecer o rei sabio e benignissimo, e o mandou agradecer aos vassallos com palavras de muita honra e favor.

LUIZ DE SOUSA, *Vida do Arcebispo*, tom. 1.º liv. 2.º cap. 11.º

## V.

*Narracão da visita do arcebispo á devotissima casa de N. Senhora de Monserrate, e da jornada até Saragoça.*

Entrou o arcebispo no mosteiro com sua familia, e foi recebido amorosa e alegremente de todos os religiosos. Desta casa, do sitio della, de seus princípios, e das maravilhas, que nella obra o céu, não se pôde dizer pouco, pois andam livros inteiros de suas grandezas, e ainda não dizem todas. E nós, como vaímos de caminho e com outro intento, bastará dizermos do sitio, e da devoção, bom que é frequentado das gentes, o que Isaias disse por outro monte. E o arcebispo foi o primeiro que o lembrou e referiu, quando posto no mais alto da serra alargou a vista pelos montes, que lhe ficam á roda; os quaes, sendo bem altos, parecem a quem olha de cima pequenos outeirinhos; tanto se empina sobre elles a serra do mosteiro. *Erit*

*præparatus mons Domus Domini in vertice montium, et elevabitur super colles; et fluent ad eum omnes gentes.* Parece que se pôz a natureza a crear, ou a pintar por passatempo um grande castello roqueiro, muito crespo de torres e baluartes, fundado sobre a corba de uma serra; e levantou sobre montes altissimos, que aqui faz a terra, outro monte talhado a pique por toda parte, como obra feita á mão, e com conselho mais que aceno, e tão determinado em se ir ás nuvens, que do lugar debaixo, donde se começa a subir, até o mosteiro, há uma boa legua de costa continua. E cabe-lhe bem o nome de monte serrado ou fechado, se o quizermos toinar neste sentido, pela forma pyramidal, com que cresce junto e apinhado sobre a serra; dado que a razão de lhe chamarem serrado os naturaes procede da abertura, que faz no alto, como se com serra fôra dividido, para dar lugar á igreja e mosteiro. A igreja é pequena e de obra antiga, mas muito devota, e cheia de uma certa majestade, que faz recoher o intendimento e obriga attenção. Tem pouca luz de fóra, e, por muita que tenha de um grande noutevo de alampadas de prata, que ardem deante da Senhora, sempre fica escura. Assim como o ar é occupado de alampadas, são as paredes em roda tomadas de cirios de cera, que, segundo são grandes, melhor diriamos mastos, que cirios; e tal ha que se affirma ter em si cem arrobas de cera. Os vazios entre alampadas e cirios, enchem cadêas, bragas, argolas, correntes e travessas de ferro, pedaços de calabres, retratos de náus, umas em pintura, outras em relevô; offertas de naufragantes e captivos, e ontros argumentos de varias necessidades, e do remedio, que nellas se alcansou por meio desta Senhora. A imagem é pequena e morena, mas nesta côr e tamanho tem uma gravidade e um pêso, que move muito em lhe pondo os olhos, e faz devoção. E, porque tudo quadre, os monges de S. Bento, cuja é a casa e convento, são gente, que vive em notavel observancia. Aqui quiz o arcebispo dar algum allivio ao espirito, como deu em Barcelona ao cansaço corporal, de tantas e tão aturadas jornadas. Viu a casa toda, subiu ás ermidas, que, seguindo a comparação, que co-

meçámos, se ha de considerar ficarem assentadas sobre os curuchés das torres, que é altura medonha; donde dizem que em dias claros se descobre a ilha de Malhorca, distancia de sessenta leguas. As ermidas são treze, todas mui bem ornadas, e com bom aposento em cada uma para os ermitães. Não víra o arcebispo em sua vida outro sitio para a sua arte tão bem assombrado; e bem se lhe enxergava sancta inveja aos moradores d'elle, nas sandades, que fazia, estendendo os olhos, por aquelles picos e rochedos, a outros montes mais altos e mais formosos (montes da eternidade), que sempre trazia deante dos olhos d'alma; e não era em sua mão apartar a vista destes, pela lembrança alegre, que lhe faziam dos outros. Algumas horas gastou com os solitários moradores do alto, em devotos colloquios, que fôra dita e edificação nossa, se nos ficaram escriptos assim como passaram. Em fim despedindo-se dizia: Ah ditosos padres, que possuis e conheceis tão bella estancia, em vida já alevantados do mundo tamanho espaço, e com tantos passos menos para o céu. Isto, padres meus, é já um conversar na patria, uma prelibação da gloria, e um começar a reinar. Bem sei eu queu trocára pelo ermo destes penedos, e pela secura delles, muito concurso de povo, e muita frescura de fontes; e não fizera muito, que tudo o al é sonho de infernos, comparado com o descanso e quietação disto. E abaixando os olhos para onde ficava o mosteiro, acrescentava: Bem podéréis vós, Senhora, receber tambem entre os pêsos de ferro, que pendem em vossa presença, outra braga, que póde ser nenhuma dessas, nem todas juntas, affligiram tanto aos que as arrastavam entre infieis, como esta lastima e desconzola entre christãos a um pobre, que por vós chama e em vós espera. Acudiam lagrimas a estas ultimas palavras; mudou proposito pelas dissimular, e por não intenderem os religiosos que falava de si. Passados tres dias, que ao arcebispo pareceram bem curtos, tornou a seu caminho pela estrada de Saragoça. Em Cerveira entrou no convento de S. Domingos, e visitou a cella, em que morava S. Vicente Ferrer, quando lhe appareceu nosso glorioso patriar-

cha, e de parte de Deus lhe disse o que em sua historia se escreve. Em Belpuche, doze léguas de Monserrate, depois de estar quieto na pousada, entrou já de noite el rei D. Philippe II., que acabára de fazer côrtes em Monçon aquelles tres reinós, em que se comprehende a corôa de Aragão, e passava a Barcelona. Vinha em sua companhia Rui Gomes da Silva, principe de Ebuli, que pela nobreza de seu sangue, e pelas grandes partes, que nelle ajuntou a natureza, de valor, aviso e prudencia, chegou a ter o primeiro logar de valia deante de um rei independente e senhor de si, e em fim sapientissimo; e nelle se soube conservar em quanto viveu, e deixou fundada a casa e dueado de Pastrana, com grossas rendas e titulo de grande; sem embargo de ser nascido em reino estranho, como então era, para com o resto de Hispânia, Portugal, e criado em assás esteiteza de vida, criação dos bons, e do bom tempo de Portugal. Tal é o poder dos reis, que são deuses da terra, e tanto pôde um bom intendimento, se acerta a topar com quem o conheça, e saiba estimar; que do fino diamante ninguem faz tanto caso, como o bom lapidario; nem da pederneira tira grandes faiscas de fogo, senão o fuzil de aço fino. A natureza nunca foi avára em crear grandes talentos; mas falta muitas vezes em dar ao mundo quem os intenda, e esta é a causa de morrerrem inda hoje Scipiões pelas estalagens (como dizia um bom velho antigo). Como a portuguez e valido, foi-lhe logo dado rebate pelos aposentadores reaes, que estava no logar o arcebispo de Braga, de quem tanta fama corria pelas relações do concilio. Avisou a el rei, que não tardou em mostrar que sabia estimar a virtude, e mandou-o visitar, que foi o mesmo que querer vel-o. Dera o arcebispo muito por escusar este encontro, que bastantemente vinha enfasiado de honras e favores de príncipes, e do maior principe de todós, que era o papa. Mas já não havia fogir-lhe. Foi a Sua Majestade; desceu Rui Gomes a rua com outros senhores da côrte a recebê-lo, e levou-o a Sua Majestade, que o recebeu com todas as honras e gasalhados devidos a grande prelado, e prelado estrangeiro, e que já por

informação de seus ministros tinha em grande conta. Não quiz o arcebispo que lhe passasse ociosamente o pouco espaço, que durou a visita, que foi pouco mais de um quarto de hora, e lembrou a el rei a obrigação que tinha, pois a suas instancias e braço se devia o bom successo de uma obra tanto da honra de Deus, e bem universal da Igreja catholica, como fôra o sagra-do concilio tres vezes começado, e em seu tempo con-cluido; de ser Sua Majestade o primeiro e mais rigo-roso zelador dos sanctos decretos, que nelle ficavam acordados; para o que conviinha, que nem quizesse dis-pensação do papa em nenhuma parte delles, ainda que muito lhe tocasse, nem dêsse favor para se dispensar com outrem; que o que estava assentado, tudo era sancto e necessario, e bem ordenado; desordenar se-hia, e descompor-se-hia, se os reis com o poder do respeito, que a Sé apostolica com muita razão lhes tem, por via de dispensações os fizessem alterar. Despedido d'elrei, achou a Rui Gomes, que o tornou a acompanhar, fa-zendo-lhe muita força porque fosse seu hospede. Escu-sou-se o arcebispo com sua humildade, e com a razão, que tinha á mão, de serem todos hospedes, e por tão pouco espaço, como de uma só noite. Não lhe valia nada. Em fim foi força contental-o em parte com accei-tar passar-se para uma boa casa, que, em quanto se deteve com el rei, lhe mandára tomar d'aposento. Foi materia de graça para Rui Gomes, o que não é razão ficar por escrever, porque não foi graça, nem descui-do no arcebispo. Não pôde o religioso prelado acabar comsigo, falar por majestade a um rei da terra; com quanto houve poucos reis no mundo, que tão bem se representassem dignos della. Parecia-lhe que fazia aggra-vo á divina, que sempre trazia presente na alma, se communicasse aquelle tão alto titulo a quem era terra. Assim dizia depois, fallando nestas vistas, que a maje-stade só Deus a tinha; e para os reis, em quanto esta-vam em logar mais alto que os outros homens, sendo todos eguaes em serem mortaes, terrenos e caducos, assás era uma Alteza, como em Portugal se costumava. E bem se sabia da humildade e modestia do arcebispo,

que não interveio aqui ponto de vaidade, como a do outro grego, que por honra e cúmes da sua philosophia se atreveu a reprehender Alexandre de aceitar as adorações da côste persiana. De Belpuche foi o arcebispo á cidade de Lerida, que é universidade do reino de Catalunha. E no dia seguinte entrou por Aragão. E por Fraga veio a Burjalarós, onde ha um passo de terra mactaphosa e despovoada, certa guarida de ladões e bandoleiros. Entrando pela villa, mandou guiar para uma casa de pousadas, que chamavam *dela Sarcota*, nome, com que era conhecida a casa e a dona della, pelo raro termo, com que procedia. É cousa averiguada, que tudo o que esta mulher grangeava noquelle cansado e humilde officio, depois de uma moderada porção, que tirava para sustentação sua, e de uma mãe velha, que tinha entorçada, despendia com pobres e doentes do lugar, e do termo e comarca; e, quando corria bem o ganho, abrangia nos presos da cadeia pública de Saragoça. Não podia saber mal o jantar ao arcebispo em tal casa, onde achava caridade e amor de pobres, combinação com sua natureza; e assim trazia alvoroço para entrar nella, quando foi informado do que temos dito. Houve curiosidade nos da companhia para querer especular, que razão podia obrigar uma mulher, que segundo o nome e outras devia ser espiritual e devota, a occupar-se em um ministerio tão distractivo e em parte sordido. Perguntada respondeu com humilites palavras, e composição de bom espirito, que lhe não ficara por morte de seu pãe mais fazenda, que aquella casa com o movel e alfaias, que serviam para hospedar passageiros; com o que lhe rendiam, se mantinha a si e a sua mãe, que por enfermidade estava inutil de pés e mãos, e o que sobejava não empregava mal; e, se quizesse desfazer-se daquelle cabedal, vendido lhe valeria tão pouco, que ficariam sem remedio de vida, e esta era a causa, que a fazia supportar aquelle trabalho. Alguns annos depois succedeu a quem isto escrevia, que vindo de Roma no anno de 571 pelo mez de Outubro, com outros dous religiosos, um da sua ordem dominica, e outro da

Mercê, com mais vinte e quatro companheiros a cavallo, estando recolhidos todos em uma venda, que chamam de sancta Luzia, foram de subito salteados de oitenta bandoleiros; e, sem poderem fazer defesa, foram despojados de quanto traziam. E o abrigo que depois tiveram, foi ir-se demandar a pousada *dela Sancta*; a qual, quando os viu, como uma sancta recebeu e consolou a todos, primeiro com palavras, que pareciam saídas de peito, em que Deus morava, e depois com boa cêa e boas camas, e bastante provisã para as cavalgadas; sendo o numero dos roubados vinte e septe, e outras cavalgadas, além de muitos moços, que as governavam. Ao outro dia, que se quizeram partir, lhes tinha prestes o almoço com tão boa sombra, que a petição, que sobre elle fez, foi de muitos perdões, por se não achar em tempo e com largueza de poder acudir a cada um com ajuda de custo para o caminho, como fôra seu gosto, naquella adversidade. Particularmente com os religiosos se mostrou mais lastimada, pela impossibilidade, em que estava, de soccorrer com algum dinheiro. E rogava-lhes que se deixassem estar, até lhes vir provimento de alguma parte, que entretanto lhes não faltaria cama e mesa de graça, que era o que abrangia o estado presente de suas forças e fazenda. Esta breve digressão é digna de perdão, visto ser feita por agradecimento, e em memoria de virtude, e paga de beneficio recebido, e em prova da informação, que foi dada ao arcebispo. Ao primeiro de Fevereiro passou o arcebispo o rio Ebro, e entrou em Saragoça, cabeça do reino de Aragão.

O mesino, tom. 1.º liv. 2.º cap. 33.º

## VI.

### *Narração da jornada do arcebispo, visitando as terras de Barroso.*

Tem o arcebispado de Braga muitas igrejas entre montanhas e serras fragosissimas, como se pôde entender do que atrás deixamos escripto. Mas as que estão



nas terras, que chamam de Barroso, tem um sitio tão intractavel de serras e penedias, quasi sempre cubertas de neve, de picos que se vão ás nuvens, de brenhas temerosas, de valles profundissimos e passos perigosos, que mais parecem morada de feras e selvagens, que de homens capazes de razão e juizo. E com tudo são muitas as egrejas, e muito em numero o povo, que se cria por aquellas matas, como formigas em formigueiros. Por tal terra como esta determinou o arcebispo começar este anno a visitação de fóra; que, como estava resolute em andar tudo pessoalmente, quiz começar pelo mais difficultoso, julgando, antes tendo por certo, que haveria em tal posto grande necessidade de sua presença, e tão espessas matas de ignorancia, como havia de arvoredos agreste; e não se enganava, como depois lhe mostrou a experiencia. Na hora, que publicou a jornada, não houve homem dos que lhe podiam dar conselho, que lh'a não encontrasse com muitas razões, affirmando todos a uma, que era genero de tentar a Deus pelos perigos certos, a que se offerencia a si e a todos os seus, em terra sempre invernosa, sempre chã de neve; onde até na força do verão havia tempestades de ventos e frios de cruelissimo inverno; riscos manifestos nas subidas das serras; serras tão ingremes, que por muitas partes era forçado ir a pé, e talvez valer das mãos; maior risco nas descidas ou precipicios dos valles, que só de olhar para o baixo se perdia a vista, tremiam as carnes, pasmava o animo, e todo o encarecimento ficava curto falando de longe, para o que havia de achar de perto. Sobre tudo terra pobre, estéril, falta de mantimentos, e muito mais de gasalhados, e em fim tal, que nunca nenhum prelado se atrevera a subir a ella, senão fóra o grande S. Giraldo (se se pôde dar crédito a uma tradição, que de tempos antiquissimos anda naquella gente), e que todavia lhe custára a vida, acabando aí seus sanctos dias. Não resiste a palma ao peso, nem o diamante ao martello, com mais fortaleza, do que o arcebispo se armava de constancia contra todas as difficultades; antes, quanto mais lh'as exaggravavam, mais lhe accendiam o desejo de se

ver já com elles a braços e como em desafio. E parecendo-lhe tudo pouco a tiro do merecimento, que esperava ganhar com Deus, em acudir aovelhas tão descomparadas em perillitas; mandou fazer prestes e nomeou-lhe, e ent'ão partiu; e outra parecer de todos, alegremente. Entrando pela terra, começou a visitar pelas fraldas dos montes, e pelo menos fragoso. E logo foi vendo que se os que lhe estorvavam a ida; falavam verdade no que diziam da qualidade do sitio, muito mais ao certo lhe adivinhára seu coração o miseravel estado, que achava nas almas e consciências da pobre gente. Podemos bem dizer que não havia christandade mais que no nome. Correu a voz pela serra da vinda do archiepisco. Abalou-se toda; foi o alvorço e alegria sem medida. Juntavam-se a receber-o pelos caminhos com suas danças e folias fudés; que era o extremo de festa; que podiam fazer. E, porque não fossem julgados por mentes agrestes que os seus matos, nas cantigas, que cantavam entre as voltas e saltos dos bailes; publicavam logo a quantos chegava o que sabiam do céu e da fé. Uma dizia assim: *Benta seja a Santa Trindade, irmã de nossa Senhora.* Este mote, com glosas egualmente desparatadas, repetiam muitas vezes, havendo que grandavam com musica sacra um prelado, que trazia fama de sancto, e mostravam fineza de christandade. Que faria um prelado pio e zeloso neste passo? Finavam-se de riso todos os seus. Elle, qual o outro prudente e affligido, de quem o poeta canta:

*Spem vultu simulat, premit altum corde dolorem,*

fingia semblante alegre, porque convinha para contentar, e assim ganhar e remediar aquella rudeza; mas em seu coração chorava lagrimas de sangue, vendo tanto desunpato no geral, que não era niéuds nos particulares, como logo foi descobrindo. Encontrou a um caminhante, chamou-o, perguntou-lhe quantos eram os mandamentos da Lei de Deus, respondeu espiritualmente que eram dez; mandando-lhe que os declarasse, foi a resposta levantar as mãos ambas, e alargar os dedos, fazendo conta que em mostrar o numero nos

dez dedos estava á sciencia, e nenhuma outra cousa soube o pobre dizer. Daqui se pôde inferir, qual estava tudo. Começou o arcebispo a fazer seu officio com grande piedade, officio de verdadeiro pastor e pãe. Como com meninos, assim estava com elles, assim lhes fazia a doutrina, pregava, chismava, rogava, animava, aminava, mais do que reprehendia. Porque a gente de seu natural era inclinada ao bem, e dos males, que havia, os mais procediam de falta de mestres, poucos de malicia. Bem sentia o inimigo infernal que lhe havia de dar muita perda esta jornada, e por isso trabalhava pela estorvar por meio de conselhos piedosos, como atrás contámos; que a cada canto sabe crear procuradões de sua maldade, sem se dar a conhecer. E raivoso do successo, determinou-se em guerra descuberta. Andava já o arcebispo no mais trabalhoso da serra. E passava um dia de Covas de Parroso para onde chamam as Alturas, ou o Salto; era o caminho uma vereda muito estreita, e costa arriba por uma serra íngreme e altissima, e de uma e outra banda quasi como talhada a pique, e os valles tão fundos, que mettiã medo. Caminhavam todos infiaços um tras outro, e com assás pavor, e, como dizem, com o crêdo na bôcca. Deante iam septe azemolas de carga, que levavam camas e mantimento, como se fazia conta que era o caminho por deserto. Seguiam os criados e familia, e os visitadotes, que ajudavam e sempre acompanhavam o arcebispo. Na retaguarda um espaço atrás ficava o arcebispo; acompanhado somente de alguns de pé, que nunca o largavam. Era este o costume do arcebispo. Como saia pela manham da pousada, chamava um capellão, com quem ia rezando as horas menores. Acaçadas, despedia-o dizendo: *agora recolhamo-nos com Deus*; e umas vezes deixava-se ficar detrás de todos, outras, se o tempo era aspero de aguas ou frios, tomava a deanteira; e logo fazia o que dizia, servindo-lhe quantas cousas via pelo caminho de occasião para accender e levantar o espirito em alta contemplação, em que de ordinario ia tão engolfado, que pouco ou nada sentia o trabalho, por larga que fosse a jornada. Com

os braços cruzados e os olhos no céu, e as redeas da mula lançadas em banda, caminhava muitas leguas sem dar fé de nada, e ás vezes por passos bem perigosos. E guarda Deus com tanto cuidado os pés dos que trazem os olhos e coração nelle (segundo o que tem prometido), que affirmavam os que o serviam, espantados da postura e enlevamento, em que sempre ía, que nunca viram cair, nem menos tropeçar ou embicar a mula, em que caminhava. Na ordem, que temos dito, iam caminhando de vagar e com trabalho; senão quando ao tempo que iam no mais alto da costa, e quasi vencendo o cabeça do monte, resvala uma das azemolas de carga, e em resvalando tudo foi um, resvalar e ir em tombos pela costa abaixo. Ia nesta paragem o carreiro ou vereda, que seguiam, em voltas; vinham abaixo as outras azemolas; dá sobre ellas a que vinha em tombos; com o impeto, que trazia, derriba a primeira, que encontrou; esta leva outra, e outra a que a seguia. Assim se foram encontrando, empuxando, e derribando, até darem nos que vinham a cavallo, que sem remedio, como não havia nenhum para se desviarem, vieram quasi todos a terra dando voltas sobre os penedos. Foi grande a grita, que o sobresalto e perigo fez levantar a todos, chamando em altas vozes pelo nome de Jesus e de Nossa Senhora, dando-se por acabados, e havendo que não parariam senão no fundo do valle feitos em pedaços. Foi tal o alarido, que o arcebispo, ainda que vinha muito atrás, o ouviu claramente, como crescia o écho entre os valles e concavidades da serra. Intendendo o que poderia ser, mandou aos de pé, que o acompanhavam, fossem correndo acudir; e elle apeou-se e derribando-se em terra com as mãos e olhos levantados ao céu: *Ah Senhor, disse, como permittis que sejam perturbados passos tanto do vosso serviço, como vós sabeis que estes são? que dirão os que tanto fizeram pelos estorvar, ficando descansados e quietos em suas casas? e como se atreverão estes a passar adeante e acompanhar-me, se os não guardais?* Sem dizer mais, esteve em silencio orando quasi meia hora; e, tornando a cavalgar, disse alegremente ao que  
 lhe

lhe tinha a mula de redea : *Seja Deus para sempre louvado, ninguém perigou.* Entre tanto os caídos se tinham alevantado, e os de pé carregado de novo as azemolas; e juntos todos acharam que em tão evidente perigo nenhum danino se recebera, e, ainda que alguns deram muitas voltas sobre penedos agudos e troncos de arvores, onde só o peso e a força da queda era bastante para matar, nem cavalgadura, nem homem ficou ferido nem mal tractado, excepto um só, que estroncou um pé, cousa muito leve. Assim davam todos o caso por milagroso, e tornaram a caminhar até ganharem o alto da serra e ficarem na estrada larga. Como foram em cima, pararam, juntaram-se, davam-se os parabens uns aos outros de se verem salvos, como se naquelle dia nasceram outra vez; e assim davam a Deus graças sem fim. Mas entraram em cuidado do que seria de seu amo. E logo alguns tornaram pelos mesmos passos em sua busca, temerosos de semelhante successo ao em que se viram. Porém logo ficaram desassombrados e pararam, que o viram de longe que vinha pouco a pouco subindo; e, quando chegou a elles, antes que ninguém falasse, levantou as mãos ao céu, e com rosto ledo e risonho, disse: *Seja o Senhor louvado, que ninguém perigou.* Ficaram todos attonitos, olhando uns para os outros, de ouvirem o que lhes dizia, sabendo certo que elle os não vira cair; e, quando bem lhe chegasse o rumor e a grita, era impossivel ter noticia do successo, e de como cada um ficára, se não fosse por revelação. E então assentavam, que, quem, estando ausente e longe do perigo, alcançara que o haviam passado sem danino, esse mesmo por seus merecimentos lhes negociára com Deus o remedio e livramento. E cuidando depois de vagar na qualidade do sitio, em que caíram, na violencia da queda, e no estado, em que se viram; e trás isto nas palávas do arcebispo, achavam no caso dous milagres. O primeiro, escaparem todos sãos e salvos; e sem lesão nenhuma. O segundo, havel-o adivinhado o arcebispo, estando longe, como se fôra presente. E, se houvera nelles curiosidade para fazerem authenticar ambas as maravilhas,

como houve juizo para as notarem, poderamos dar este successo por tão milagroso, como muitos dos que se contam nas canonizações de sanctos antigos. Mas, ficando entre todos practicado e conhecido por tal, tiveram cuidado de dissimular, respeito de seu amo, a quem sabiam que com nenhuma coisa podiam desgostar tanto, segundo sua grande humildade, como com fallarem, ou fazerem caso de materia, que redundasse em louvor seu.

O mesmo, tom. 1.º liv. 3. cap. 5.º

## VII.

### *Narração do apertado cerco dos Portuguezes no forte do Sirião no Pegú.*

Já tocámos como o maior senhor sem titulo de rei, que havia em Pegú, era o Banha Dalá, sogro do morto Banha Láo. Este, assim por vingar a morte do genro, como por tentar se poderia sair com a corôa do reino destruido, dos que escaparam da barbara crueldade de seu principe, e de alguns soldados, que dos reinos visinhos se lhes aggregaram, ajuntou mais de oito mil homens de guerra, sem outros soccorros, que cada dia lhe vinham; e, providos de petrechos e munições necessarias, sitiou a fortaleza dos Portuguezes, com grande confiança de os passar a cutello, ou pelo menos obrigar-os a desamparar a terra, e tomar por meio de dilatar a vida embarcar-se em alguns navios, que tinham no porto. Para evitar a furia dos continuos rebates, que lhe diziam costumavam dar aos inimigos, se se viam fechados, fabricou outra fortaleza junto á possa, mas muito differente em grandeza, ainda que não menos forte; porque, como tinha grande numero de gente, e cada dia se lhe ajuntava de novo, com mais verdade se podia chamar cidade perfeita, do que presidio de gente de guerra. Havia nella ruas largas, praças formosas, e casas publicas, assim do Banha Dalá, como de outros ximins ou capitães, e outros ministros de guerra e justiça. Era cercado com bastida de ma-

deira muito grôssa, e junta de duas vigas terraplendada, no meio tão forte, que sacudiam as balas da artilharia, com que foi batida, como diremos; tinha funda cava, que por todas as partes a cingia, sobre a qual havia firmes partes, que davam serventia ás portas necessarias ao uso dos moradores; vigiavam-se as portas de dia, e á noite se fechavam, havendo sempre nelas boa e fiel guarda. Os provimentos eram trazidos em abundancia, tanto por estarem na sua terra, quanto pelos naturaes se contentarem com menos guisados, do que usamos em Hispanha, ou na delicio-sissima Gôa. Em resolução o inimigo provêu tudo o melhor, que o tempo e occasião soffriam, e como aquelle que vinha de vagar para não mudar casa. Não foi possível a Salvador Ribeiro impedir aquella fabrica, não mais apartada da sua, do que um tiro de mosquete, e serem seus soldados não mais que trinta, e muitos os do inimigo; o qual, ainda que antes de alojado não deixára de inquietar aos nossos com alguns rebates, depois de o estar, eram continuos os assaltos, que dava, escolhendo de ordinario noites escuras e de tempestades, para que menos damno lhe fizessem as balas das escopetas e alcanzias de pólvora, unico remedio dos Portuguezes no oriente. Não leva encarecimento o trabalho, com que os cercados se defendiam da multidão daquelles inimigos; porque não tinham uma bateria, ou um assalto, como em outros círcos, mas, quasi todas as noites, que não fazia claro, eram porfiadamente combatidos com tanta furia, e multidão de todo o genero de armas, que muitas vezes nem sabiam aonde aedissem, nem podiam evitar ser pregados dos tiros, que de longe lhes atiravam, e feridos das lansas, espadas e crises, de mais perto; e, como os inimigos eram muitos, acommettendo por todas as partes, punham o pequeno castello em termos de se perder, se o poderoso Deus não dava ajuda aos seus, e ao capitão animo e extraordinaria constancia, e ainda parece mais que humana; nem lhe foi possível resistir aquelles barbaros, sem algumas vezes ficar traspassado de perigosas feridas. Os inimigos usavam de todos os

possiveis ardis para fazerem damno aos nossos; ás vezes arremettiam ao forte com grande estrondo de atabales, e outros instrumentos de guerra, vozes, e ruído de arcabuzadas, disparando primeiro treze peças de artillaria, que tinham na sua fortaleza, com que passavam em claro a nossa, se toniavam as balas pelo alto; e logo, amparados com fortes mantas de madeira, e uns como pavezes ou escudos largos, passando a cava não sem muitas mortes da sua parte, subiam aos nossos muros, donde com grande trabalho eram rechaçados. Outras vezes caminhando com silencio, não eram sentidos senão quando com as armas feriam de perto aos poucos soldados, que como generosos leões faziam carniceria nos que os vinham saltar em suas cavas.

Entre outras noites, em que os inimigos deram o assalto, parece que injuriados do pouco que tinham feito, e maltratados do grave damno, que em todas recebiam, em uma, que esperaram fosse mui escura e tempestuosa, accommetteram com tanto silencio e resolução, que não foram sentidos dos nossos, senão depois dos muros estarem tomados, e terem alguns mais ousados ganhado o forte. Acudiu o capitão ao perigoso rebate, e, topando com uma grossa quadrilha de inimigos, os começou a ferir com grande esforço, mas achou o que não imaginava; porque aquelles homens despidos de corpos armados de largas e cortadoras espadas; embraçadas grandes rodellas, de que usam, o receberam tão gallhardamente, que, mal contentes de suas espadas não fazerem presa nas armas do capitão, investindo com elle a braços, o feriram no rosto, desde a orelha esquerda até á bôcca. Sentiu o capitão em extremo a ferida, por ser em tal parte, e, estimulado de honrosa furia, fez maravilhas dignas de mais levantado estylo; desenvincilhou-se delles, que o tinham preso, e com morte de muitos obrigou os outros a precipitarem-se na cava, onde abrazados com alcanzias de polvora, azeite e agua fervendo, fizeram companhia, ainda que menos honrosa, aos que no muro tinham perdido as vidas. Os soldados, sentindo o perigo presente, acudiram valerosamente ao muro, onde, encon-



trando-se com multidão dos inimigos, não lhes era a escuridade da noite impedimento para fazerem presas. Em todas as partes retumbavam vozes, os tambores do forte, e o estrondo das escopetas com a luz das arremecadas alcanzias, no meio da escuridade da noite, causavam horror, ainda nos animos, em que o temor não tinha entrada. Mas, como os barbaros eram tantos, o logar, que os mortos perdiam, occupavam os vivos, a quem as trevas da noite impediam que vissem o ultimo mal dos companheiros. A fortaleza esteve a risco de se perder, se o divino favor a não amparára; porque (conforme os inimigos contaram) um grande cavalleiro, em um cavallo mais branco que os arminhos, os feria e matava tão cruelmente, que, não podendo soffrer o resplendor, que o acompanhava, e obrigados do estrago, que fazia, desistiram do combate, ficando mortos ao redor da pequena fortaleza mais de mil soldados conhecidos, e tidos entre os inimigos por valentes e arrojados. Foram feridos alguns dos Portuguezes, os quaes, galardoando a dor das feridas com a gloria, que lhes resultava de as terem recebido em tão heroica façanha, bem mostravam que lhe servia de dar mais valor ao trabalho e perigo daquella noite, que de dor e sentimento, alheio de animos valerosos, confessando sobre tudo, que suas forças e valor não seriam bastantes para defender a fraca praça, se o divino favor lhes não assistira; porque, quando Deus guarda a cidade, póde a sentinela dormir sem cuidado.

FERNÃO MENDES, *conquista de Pegé*, cap. 6.º



## Quinto Genero.

### DISCURSO ORATORIO.

#### ELOQUENCIA PROFANA.

##### I.

*Discurso exhortatorio de Coge Çofar aos Turcos.*

**C**ompanheiros e amigos, não vos ensinarei a temer, nem a desprezar esses poucos Portuguezes, que dentro daquelles muros estais vendo encerrados, porque não chegam a ser mais que homens, ainda que são soldados. Em todo o oriente atégora os acompanhou ou serviu a fortuna, e a fama das primeiras victorias lhes facilitou as outras. Com um limitado poder fazem guerra ao mundo, não podendo naturalmente durar um imperio sem forças, sustentado na opinião ou fraqueza dos que lhe são sujeitos. Apenas tem quinhentos homens naquella fortaleza, os mais delles soldados de presidio, que sempre costumam ser os pobres, ou os inuteis; por terra não podem ter soccorro, os do mar lhes tem cerrado o inverno. Estão faltos de munições e mantimentos, assegurados na paz ou na soberba, com que desprezam tudo. Como são poucos, sempre naquelle muro hão de assistir os mesmos defensores, sem haver soldado reservado para o logar de outro; falta-lhes peonagem para reparar as ruinas da nossa bateria, e por força os ha de render o trabalho repartido em tão poucos. Estão insolentes com o destroço, que fizeram nas galés do gran' senhor, no cêrco desta mesma for-

taleza. A tão honrados Turcos e valentes Janizaros, como estais presentes, toca acudir pela houora de vossa gente, e de vosso imperio, como causa mais justa da guerra, que fazemos; que, ainda que Cambaya tem exercitos e soldados, não convêm á reputação do gran' senhor vingar suas injurias com as armas alhéas. Com este fim vos trouxe a esta empresa, porque vos não furtassem outros a gloria de tão justa vingança. Esta mesma terra, que agora estais pisando, cobre os ossos de vossos companheiros, parentes e amigos, que a cada um de nós (me parece) estão chamando por seu nome, contando-nos as mortes e as feridas, que destes homicidas receberam, esperando por vosso esforço poderem descansar vingados. Estes mesmos são os matadores de Badur, ingratos aos beneficios, atrevidos á majestade de principe tão grande, cuja vingança será grata a todos os que se chamam reis, precisa a todos os que somos vassallos.

JACINHO FERREZ, liv. 2.  
 II.  
*Outro da D. João de Castro, enviando seu filho D. Fernando com soccorro a Diu.*

Eu vos mando, filho, com este soccorro a Diu, que, pelos avisos, que tenho, hoje estará cercado de multidão de Turcos; pelo que toca á vossa pessoa, não fico com cuidado, porque por cada pedra daquella fortaleza arriscarei um filho. Encommeado-vos, que tenhais lembrança daquelles, de quem vindes, que para a linhagem são vossos avós, e para as obras são vossos exemplos; fazei por merecer o appellido, que herdastes, acordando-vos que o nascimento em todos é igual, as obras fazem os homens differentes; e lembro-vos que, o que vier mais honrado, esse será meu filho. Esta é a benção que nos deixatam nossos maiores, morrer gloriolosamente pela lei, pelo rei, e pela patria. Eu vos ponho no caminho da honra, em vós está agora ganhal-a.

O mesmo, *ibid.*

## III.

*Outro de D. João de Mascarenhas aos soldados em Diu.*

Esses Turcos e Janizaros, que deste lugar estamos vendo, vem a restaurar connosco a honra, que no primeiro cerco perderam; porém nem elles valem mais que os que então foram vencidos, nem nós valemos menos que os vencedores. Eu vos confesso, que me criei sempre com a inveja do melhor soldado, que defendeu esta praça; pois ainda agora a memoria de seu valor honra seus descendentes, que mentes conhecemos pelo appellido, patria ou solar, que por filhos ou netos daquelles, que tão gloriosamente acabaram, ou triumpharam em Diu. Os mais illustres honraram sua familia; os mais humildes deram a ella principio. Touxemos a fortuna esta empresa, aquella nada dissimilhante; não sepultaram consigo aquelles valerosos Portuguezes toda a gloria das armas; ainda nós deixaram esta, que nos fará illustres. Não nos assustibre a desigualdade do poder, porque a fama não se alcança com perigos vulgares. Navegamos cinco mil leguas só a buscar este dia, para nelle ganhar a honra, que nos não podem dar os reis, nem as gentes; porque os reis dão premios, não dão merecimentos. Não nos faltam munições, nem mantimentos para entreter o cerco até chegar o soccorro; e, ainda que andam os mares levantados, por serem os tempos verdes, temos um D. João de Castro, que por debaixo das ondas virá com a espada na bocca a soccorrer-nos, e tantos outros fidalgos e cavalleiros, que terão por injuria ganharmos nós sem elles a honra, que se nos offerece; com a qual não temos que esperar mais da fortuna, pois seremos contados no numero daquelles, que ao rei e á patria fizeram algum memoravel serviço, cuja honra viermos a sustentar do ultimo occidente a tão remotas partes. E, o que mais é que tudo, pelejamos com inimigos de nossa fé, e não nos póde faltar favor para tão justa causa, pois servimos ao Deus das victorias.

O mesmo, *ibid.*

## IV.

*Outro de Rumeção a seus cabos e soldados.*

Aquellas ruínas, que estais vendo, tintas no sangue de nossos companheiros, hão de ser hoje nosso sepulchro, ou nosso alojamento. Cem soldados são os que guardam aquellas estragadas muralhas, aos quaes a fome e as feridas tem tirado as forças, de sorte que só pelejamos com as sombras dos que já foram homens, offerecendo os miseraveis aos nossos alfanjes vidas sem sangue. A honra, que neste cerco tem ganhado com valor infelice, ha de ser toda nossa, porque do fim da guerra tomam nome as empresas; que o mundo julga sempre o valor da parte da ultima fortuna. Acabemos de ganhar aquella fortaleza, subamos a este monte de triumphos; vingaremos infinitas injurias com uma só victoria. Livremos esta escrava da Asia das prisões do tributo; livremos nossos mares, que debaixo de suas armadas violentados gemem. Com este ultimo assalto poremos fim a tão illustre empresa, e se acordará o oriente edades largas com alegre memoria de tão formoso dia.

O mesmo, *ibid.*

## V.

*Discurso deliberativo, ou parecer de D. Diogo d' Almeida sobre o projecto, que o governador havia formado, de ir descercar Diu, e dar batalha a Rumeção.*

As pequenas forças, que hoje temos, são formidaveis a nossos inimigos, em quanto as não conhecem, porque toda a Asia avalia nosso poder pelas victorias, mais que pelos soldados, de sorte que só a fama das cousas passadas nos conserva as presentes. Tem V. S.<sup>a</sup> junto nesta armada todo o poder da India, com que apenas podemos contar com dous mil Portuguezes, e tentamos estremecer o mundo com brado tão pequeno. Esta arvore do estado, de cujas ramas pendem tantos

trophêos ganhados no oriente, tem as raizes apartadas do tronco por infinitas leguas; convêm que a sustentemos, arimada na paz de uns, e no respeito de outros. Nunca podemos responder ao que se espera de nossas forças juntas, porque uma victoria pouco nos accredita, e um só estrago nos acaba. Temos a nossa fortaleza soccorrida; de que serve em uma chaga já curada espediçar o remedio das outras? Que nova prudencia nos ensina aventurar em uma só batalha o que se tem ganhado em tantas victorias? Temos poder para nos conservar inteiros, não temos forças para nos reparar perdidos. Nenhum grande soldado deu batalha campal, senão necessitado, porque o destroço costuma ser igual, só fica com o victorioso o campo, e a fama inutil. De Diu não queremos, nem podemos ter mais, que a fortaleza; pois com que furia cega tornamos a comprar com nosso sangue o mesmo da que somos senhores? Que novos povoadores temos para habitar a ilha? De que parte do mundo podemos trazer outros, que deixem de ser Mouros ou Genticos, de fé tão incerta com o estado, como estes que agora nos offendem? Vamos a pelejar com Turcos e com Mouros, superiores em numero, eguaes em armas e disciplina; se tivermos um successo adverso, não temos salvação, porque a terra é sua; se o alcansarmos próspero, nenhum fructo tiramos da victoria. Com armas naveaes conquistámos a India, com ellas a havemos de conservar, porque temos a vantagem dos vasos e da marinha. Se não queremos vencer, senão em batalhas, arrazemos as nossas fortalezas, derribemos os muros das cidades. Se me dizem que é honra do estado arruinar por offensa um reino, já estivera despovoado o oriente, se todos os que nos fizeram guerra, recebessem o ultimo castigo. Por ventura accusaremos a Affonso de Albuquerque, porque, depois de soffrer tantas hostilidades e enganos dos reis e governadores de Ormuz, o não deixou abraçar? Perderá aquella grande fama, que mereceu na terra, porque nas offensas e cavillações do Samorim não deixou o Malabar destruido? Maculará Nuno da Cunha aquella illustre nome, porque depois das trai-

ções de Badur não fez guerra a Cambaia? Iremos destruir ao Turco pelo atrevimento, com que cercou o baxá a nossa fortaleza? Aprestaremos nossas armadas contra o Achém, porque tantas vezes nos assaltou Malaca? Metteremos a fogo e sangue este Hidalcão, por nos tolher cada dia os mantimentos, e inquietar as terras de Bardés e Salsete? Que desesperação nos arrastra a offerecer a garganta do innocente estado ao cutello inimigo? Esta armada tão espantosa nas apparencias, e no poder tão debil, é freio a Rumeção, aos nossos muros; porêem, desembarcados em terra estes poucos soldados, abrirá o oriente os olhos ao segredo de nossas forças, e todos estes principes trabalharão por romper a fraqueza das prisões, em que os temos atados. Gloria foi do imperio romano vencer muitas batalhas Quinto Fabio Maximo; depois foi salvação escusar uma. Os primeiros conquistadores nos fizeram a casa, a nós só toca o conserval-a. Se na oppugnação de Diu perdeu o inimigo um exercito, que falta a esta facção para victoria? e que para castigo? A offensa intenta-se com forças eguaes; a vingança com muito superiores; porque não se ha de ir satisfazer um aggravado com risco de nova injuria. Mórmente, que em nada tem a fortuna maior imperio, que nas cousas de guerra; alcançam-se muitas vezes as victorias por leves accidentes, e por outros se perdem. Será pois justó deixar na contingencia de um successo o sceptro oriental, com espanto e inveja das gentes, fundado sobre tantas victorias? Se perdemos esta armada, onde está junto todo o poder da India, que thesouros poupados tem Sua Alteza para nos mandar outra? Começaremos a rogar, ou a conquistar, de novo os principes da India; tornaremos á sua infancia este imperio já encanecido; viveremos na cortezia das corôas, que temos offendido, ficando creaturas miseraveis daquelles, de quem somos senhores.

O mesmo, *ibid.*



## VI.

*Discurso laudativo, ou elogio funebre de Fr. Bartholomeu dos Martyres, composto em latim por Fr. Luiz de Sotto Maior, e traduzido por Fr. Luiz de Sousa.*

Eis que é morto o grande Adão, quero dizer, aquelle homem verdadeiramente grande, que juntamente foi grande frade e grande sacerdote, e grande servo e amigo de Deus, com assignalada e singular familiaridade; homem em fim, de quem nunca se disseram tantos louvores; que não ficasse merecendo mais; por isso fôra melhor não dizermos delle nada, que dizer pouco. Este é D. Bartholomeu, não o apóstolo, mas apostolico em virtudes, e, se assim podemos falar, em espirito, valor, e merecimento quasi equal e eniparelhado aos mesmos apóstolos, e aos mais sanctos martyres de Deus; dos quaes tomou tambem o sobrenome, e delle usou toda a vida como de titulo de honra e cousa sua propria, para effeito de trazer sempre consigo quem a mais virtude o espertasse. Este pois, estando ainda dentro dos claustros da religião, que desde minino solememente professou, e depois adeantou e honrou, viveu com tal observancia, e tão sancta e inculpavelmente, que, só por suas partes, e merecimento de sua vida e costumes, de pobre frade de S. Domingos, foi levantado á dignidade primacial da egreja de Braga e das Hispanhas, mais por graça e providência divina, que por favor de printipes, ou outro meio humano; e não só levantado, mas antes á viva força obrigado, e como a rasto subido á cadeira; a uso daquelles sanctos bispos do tempo velho. Tão fôra estãva de pretender, ou grangear a honra do cargo ou carga. O que depois mostrou bem claro, largando a prelacia de sua vontade, cousa nunca esperada, nem cuidada de nenhum homem. Mas, posto nella, de tal maneira se portou no officio pastoral, que, como outro S. João Baptista, se mostrou ao mundo tocha ardente e radiante. Porque foi crescendo em sanctidade e maravilhas, de sorte que para com Deus e com os homens resplandeceu com luz

de incomparavel claridade; e para consigo saíu varão perfeito e consuminado, não só na vida, mas tambem na doutrina, quero dizer, não só em palavras, mas tambem em obras e exemplos, como quem joga d'ambas as mãos. Que na verdade este foi o homem, em quem vimos conformarem as palavras com a vida, e a vida com as palavras, crismo notou bem Eusebio Cesariense em Origenes, segundo aquillo do Evangelho: *Quem fizer e ensinar, este tal será grande no reino de Deus.* Porque não houve Fr. Bartholomeu que bastava fazer officio de excellente prelado, senão ajuntasse tambem guardar inteiramente e cumprir ao justo, e com perseverança e por toda a vida, o officio de perfeito monge, com todas as leis e decoro da observancia. Mas, se é cousa que se possa dizer, ainda excedeu e passou os limites da perfeição monastica; louvor em todas as edades grande e raro, mas na presente rarissimo e grandissimo. Por onde com muita razão lhe damos, e merece, o título não só de grande sacerdote, senão tambem de Adão, e de homem verdadeiramente grande. E com tudo isto inda é maior a honra e o testemunho, que da parte de Deus tem por si; e maiores seus merecimentos, que tudo o que d'elle podemos encarecer e louvar. Porque, na verdade, para resumir em uma palavra o que intendo, se houvermos de fazer comparação deste varão com esses bispos communs e ordinarios, e que cada dia tractamos, podemos fazer conta que elle é a banha e a grossura apartada da carne. Que é a mesma comparação, de que usa a sagrada escriptura nos louvores do sancto rei David, dizendo elle: *Qual é a differença e vantagem, que tem a banha e grossura apartada da carne, tão differente e vantajado foi este de todos os mais filhos de Israel.* E tal poderemos dizer que foi, qual é a luz do sol, quando nasce entre as estrellas; e qual é a fragrancia de uma composição de aguas cheirosas, ou misturas aromaticas de preço, quando se espalha ou derrama, que enche e faz recender tudo de suavissimo cheiro. Assim corre sua fama não só neste reino, patria sua, mas fóra d'elle vda; e é conhecido e celebrado seu nome por toda parte, dando

famoso testemunho de sua sanctidade, não só Portugal e todas as mais províncias de Hispanha, mas em Italia e França; e, o que é mais que tudo, este mesmo testemunho deu delle o concilio universal de Trento, onde assistiu, e não resplandeceu menos, que qualquer dos luzeiros grandes, ou olhos do mundo. E não ha dúvida, que foi elle um daquelles que entre tantos e tão illustres prelados e doutores (para que o digamos com toda a modestia) pareciam ser alguma cousa, e por taes eram honrados e buscados. Pelo que é muito merecedor que de todos seja amado, estimado, venerado e respeitado, e tambem imitado e seguido; ao que principalmente tem mais direito e razão os bons prelados de Braga. Mas com dobrada obrigação os frades dominicos, os quaes como a lume e honra singular da sua ordem, e como um raro traslado de toda virtude e sanctidade, o devem trazer sempre deante dos olhos, para em tudo seguirem suas pisadas. Sendo pois este varão tão grande cousa, razão será crermos que não é menos preciosa, nem de menos valia sua morte e sepultura, e sua memoria, do que foi sua vida, deante da divina majestade, da qual immortalmente já agora está gozando cheio de bemaventurança.

Fr. Luiz de Sousa, *Vid. do Arceb.*, tom. 2.º liv. 5.º cap. 26.º

## VII.

*Discurso suasorio de D. Bernard da Cruz, bispo de S. Thomé, e do provincial Fr. Luiz de Granada, procurando mover o arcebispo a que accrescentasse o estado da sua casa.*

Que quanto (diziam) se fazia na terra, fossem quaes fosseu os meios e os principios, tudo vinha traçado do céu; que, se faltára um provincial religioso e amigo para o nomear, e ainda uma rainha e um rei para lhe dar a mitra, não faltára uma luz do céu para o descobrir, como a S. Gregorio; ou uma pomba, como a S. Petronio; ou outro meio de muitos, que as historias

contam; que em fim a mão de Deus não estava hoje abreviada; e, pois a sua eleição fôra obra da mão de Deus, devia conformar-se com elle, e não usar da dignidade de maneira, que dêsse a intender (como já se ía notando) que a estimava pouco, ou andava com elle desgostado, e, como dizem, de brigas. Que isto dizia, porque nem a trabalhosa vida, que se dava, nem o modo de sua familia e acompanhamento conformava com a grandeza pontifical, e primacia de Hispanha, em que o Deus pozêra, fazendo o successor de tantos e tão famosos arcebispos, e em fim do grande filho do trovão Sanct'Iago, primeiro fundador da igreja e primacia de Braga. Aqui tomou a mão o provincial, e foi proseguindo no mesmo argumento, mostrando-lhe com vivas razões, que o bispo apontára bem, e dizia: Que o seguir extremos sempre fôra estranhado de bons entendimentos; que faustos demasiados, nem os louvava, nem lh'os persuadia; mas fazer-se respeitar com mais casa e melhores atavios, e acompanhamento decente, não sómente não encontrava a virtude, mas era cousa necessaria; que os homens prudentes sempre costumaram conformar-se com os tempos, em que viviam; quando o mundo todo era sancto na primitiva igreja, podiam os prelados só com um bordão na mão governar reinos inteiros, e fazer-se temer, como um Ambrosio do imperador Theodosio, e um Martinho de Valentiniano; mas em idade tão estragada e perdida, como a presente, era forçado aproveitarem-se os prelados d'ambos os gládios, para mostrarem tambem força e poder humano aos que fiados em grossas rendas, e em casas chêas de armas e criados, se deixavam estar encharcados no lodo das maldades, como em banhos suaves á vista e olhos do mundo. Que fosse embora sancto e muito sancto de suas portas a dentro, e para consigo, como fazia, que isso era o certo, e elle lh'o não podia desaconselhar; mas fôra de casa não era indecente, antes convinha muito, mostrar brio, e uma certa majestade de principe (pois elle o era na igreja de Deus); que isto não era pedir-lhe novidades, senão lembrar-lhe, que se accommodasse aos costumes, que achava no mundo,

do, e ao que via usado em toda a Christandade, e na cabeça della e delle, que era Roma; onde o poder humano junto ao divino fazia veneravel e respeitada a suprema cadeira; e por isso o summo pontifice, que a regia, consentia que os cardeaes e principes della possuissem muitos contos de renda, usassem baixellas d'ouro e prata, tivessem coches e ginetes; suas casas e palácios magnificos se auctorizassem com sumptuosas architecturas, e recamaras chêas de sedas e brocados; porque na verdade estas cousas de si não encontravam a virtude, e serviam de accrescentar majestade á egreja. Que seguir e sentir o contrario disto, era (se se havia de falar claro, e como entre amigos) um querer resuscitar vellices e impossibilidades, que por esquecidas e desusadas eram meras novidades; e fazel-as elle, e pretender mantel-as era ser singular, e um genero de fazer seita por si, fiando pertinazmente de sua opinião cousas, de que o mundo já não estava capaz. E que, pois tinha presentes dous amigos, que estimavam e tinham sua honra por propria, assentassem todos tres uma fórmula e ordem tal em sua vida e governo, que, sem chegar a demasias, bastasse para lhe grangear reverencia e auctoridade, e estimação no povo.

O mesmo, *ibid.* tom. 1.º liv. 1.º cap. 22.º

### VIII.

*Resposta do arcebispo, refutando as razões do provincial, produzidas no discurso antecedente.*

De maneira que (dizia) vejo dous prelados da ordem de meu glorioso padre S. Domingos, prelados sanctos e religiosos, convertidos hoje em Platões e Tullios, formando républicas gentlicas com razões e preceitos em todo humanos; républicas até para os mesmos gentios fundadas no ar, ou em sonhos e desejos sómente, vistas nunca, nunca executadas; e isto para me darem methodo no governo de républica espirital e christã. Confesso que tomára ver esta linguagem em toda outra pessoa, antes, que na bôcca dos

que tanto me tocam. Que me faça respeitár dos pobres, gastando com minha pessoa, e tirando aos mesmos pobres aquillo, com que os posso remediar e manter? Que metta em ataviar criados, e dourar baixellas, e ornar paredes mortas, o cabedal, com que posso emparar a orfã, soccorer a viuva, e vestir paredes vivas? Que empregue tempo e cuidado em apparatus de mesa e mestres de cozinha, para que sobejem potagens, que desbaratam a saude, levam a fazenda, e aos pobres não matam a fome? Quem não vê que são isto preceitos gentilicos? Desse modo em vão trabalharam um Hilario, um Martinho, um Nicoláu, por nos deixarem sanctos exemplos, governando suas egrejas, no meio de cidades populosas, com tanta austeridade em suas pessoas e casas, como se moraram na maior pobreza do deserto. Logo mal escreveram os Jeronymos, os Ambrosios, os Agostinhos; já não ha fazer caso das regras de viver, que nos decretaram os sanctos concilios, regras dadas pelo Espirito Sancto, que nelles assiste. E se não, mostre-me alguém na vida destes padres, ou em escriptos seus, que posso eu, sendo mero dispenseiro, e não dono do patrimonio de Christo, que é a renda ecclesiastica, competir á conta della com os principes seculares em pompa e faustos; cruzar-me-hei, se tal me mostrarem. Mas se eu leio, e acho em todos o contrario destas razões, como hei d'acabar comigo deixar-me vencer dellas? Como as não hei de haver por gentilicas? Os sanctos a prégar pobreza, e seguil-a em tudo; e eu que me metta em faustos? Os sanctos a persuadir-me humildade, e metter-se debaixo dos pés de todos, e eu que mostre brios e ufania? Que esteja Christo mandando aos discipulos que caminhem descalços e sem alforjes; e Fr. Bartholomeu, successor delles, que ande cercado de criados, e com acompanhamento e estado de principe? Não é isto, padres reverendissimos, o que eu apprendi nas escholas. O concilio carthaginense quarto, na regra que dá aos bispos, me ensina, que seja a minha mesa pobre, e as alfaias desta casa vis, e de pouco preço; e, se quero auctoridade, que a procure com merecimento de vida e costumes. E S. Basi-

lio, que, por perfeito prelado e perfeito monge, mereceu o nome de Magno, me guia no recato, que estamos obrigados a guardar na distribuição dos bens da igreja, afirmando a Juliano, imperador, que qualquer sacerdote, que se occupa em adquirir e guardar, ou se desmunda em gastar largo, não está sujeito a menos pena, pelo que mal gasta ou enthesoura, que pelo que furta do altar; e em fim resolve, que do altar furtamos tudo o que aos pobres não damos. Não vai longe daqui o lume da igreja, nosso padre S. Thomas. Todos sabemos quão estreitas e quão limitadas são as taxas, que põe á casa, á familia, e a todas as mais despesas dos prelados. Comparemos agora esta doutrina com essoutras razões, ponhamol-a com ellas em balança, vel-as-hemos ir por esses ares, e desaparecer como phantasticas e sophisticas, e sem nenhum pêso. Que razão é que nos envergonhemos de querer ajudar o poder divino com o ouro e com a prata, e com as mais valias da terra, quando cantamos d'elle, que, para confundir essas forças, e mostrar quão pouco montam em sua presença, buscou e escolheu cousas mui fracas, com que as desbarata. Se com fumos e vaidades (que outra cousa não é toda a potencia humana) nos havemos de accreditar os bispos; onde as partes, que deixamos a Deus? onde as partes, que damos á virtude? quando os que melhor sentiram entre esses mesmos gentios, em todas as materias e occasiões á inteireza e valor do animo attribuiram mais, e d'elle fizeram mais conta, que de todas as riquezas e bens corporaes. Olhemos para elles, e veremos a um dar graças á fortuna, quando lhe levou a fazenda com o naufragio, porque ficava mais leve e desembaraçado para se entregar á vida philosophica virtuosa. Acharemos outro, que engeita as offertas do soberbo Alexandre, e se dá por pago com que lhe não tolha os raios do sol, que lhe tomava chegando-se a vel-o; e fez-lhe confessar tão crescida inveja áquelle desprezo do mundo, que affirmou que, a não ser Alexandre, só Diogenes quizera ser. E outro houve, que, tractando-se de uma commodidade sua, fez della tão pouco caso, que respondeu:

• •

*Maior sum, et ad maiora natus, quam ut sim mancipium corporis mei*; sentença digna de um grande christão. Resolvo-me, padres reverendissimos, que, se as rendas desta minha igreja foram de tal qualidade, que as poderamos estirar, quanto se pôde estender a vontade, ainda então houvera de cuidar muito no modo de as repartir. Mas sendo assim, que são tão curtas, que, se as despender comigo, não me fica que dar aos pobres; e, se não dou a pobres, fico sendo senhor e proprietario, e não dispenseiro; cousa, que directamente é contra a opinião dos sanctos: digo chamente, e declaro, que, se os meus prebendados desejam ouvir alvoradas de charamelas, e se os fidalgos de Braga querem ver passeios de ginetes formosos, e mulas gordas e anafadas, e nuvens de pagens enfeitados e rugindo sedas; desenganem-se, que nunca me verão tão desatinado, que despenda com ociosos aquillo, com que posso dar vida a muitos pobres. Sôa-me dentro n'alma, padres reverendissimos, e faz-me retinir ambos os ouvidos aquella voz, que se conta foi ouvida do céu em tempo de Constantino Magno, quando com sancta liberalidade começou a enriquecer a igreja: *Grande nunc venenum in Ecclesia Dei effusum est*. E, considerando a conveniencia, que tem, com a doutrina, que tantos annos antes nos escreveu S. Paulo: *Habentes autem alimenta, et quibus tegamur, his contenti simus*; confesso que não me atrevo, nem posso acabar comigo, despender nem um só real fóra dos termos, que devo á vida monastica, que professei. Isto me lembra que prometti a Vossa Paternidade, padre nosso provincial, o dia que me obrigou com censuras a acceitar este cargo. Isto sei que posso fazer sem escrupulo, e com bom conselho dos sanctos; não farei outra cousa, em quanto tiver o juizo inteiro. Aos usos e costumes do tempo presente, que Vossa Paternidade me allegou; ás permissões e consentimentos, que ha, de quem pôde e sabe; respondo, que tudo é sancto, tudo louvavel, e por tal o tenho. Mas tambem sei que não posso errar, seguindo o farol de Paulo; e, se todavia inda contra isto ha que dizer, e Vossa Paternidade intende que



tenho perdido o norte neste governo, não está longe o remedio; V. Paternidade, que foi o meio de se me lansar esta braga, que não trago só nos pés, como a trazem os captivos, mas tambem sobre o'pescoço e no coração, póde, com m'a fazer tirar, juntamente atalhar meus erros, e usar comigo de grande misericordia.

O mesmo, *ibid.* cap. 23.\*

## IX.

*Discurso, com que os amigos de S. Francisco Xavier procuram dissuadir-o da jornada do Japão.*

Quem deixa (diziam) o que tem certo á porta pelo de longe e duvidoso, se não se egualmente é cubiçoso em demasia do alheio, e prodigo do seu? Que vos desmereceram tantas ilhas e reinos de infieis, nossos vizinhos, para os eugeitardes pelos Japões, que Deus poz d'aqui mais de mil e trezentas leguas? mostrando na ordem, com que assim os lansou a elles, e aos mais gentios, por este oriente, como se os mandára assentar ás mesas d'um grande banquete, a que elle quer que vos guardeis em lhes levar e appresentar, a uns depois dos outros, o prato e iguarias de seu evangelho, com que ainda não chegastes a Sião, nem a Pegú, nem a Bengala. Não tendes alli a ilha de Ceilão, com as portas já quasi abertas á fé? De que serve ir bater ás que por ventura vos não abram? E, se tanta é a sêde de novas conquistas; bem nova será a do grande reino de Narsinga, que temos defronte; onde todavia o apostolo S. Thomé primeiro prégo, que o fosse fazer a China. Mas para que é tractar de Narsinga, nem Ceilão, nem ainda dos vossos Parauás, quanto menos de Japão; em quanto os da terra de Salsete, que temos nos olhos, e as d'esta mesma Gôa, em que temos os pés, estão, como vedes, um bravio por romper, e matos maninhos de tanta infidelidade, sem lhes dardes atégora nem um só ferro de arado evangelico? E, se nestas partes, posto que conquistadas umas, outras assombradas dos Portuguezes, se fez tão pouco em tantos annos, menos

sem dúvida se deve esperar das ilhas do Japão, aonde o poder de Portugal ainda não chegou, e o nome apenas. Cada dia experimentais quanto monta com os infelizes temerem-vos, para que vos ouçam; respeitarem-vos, para que vos créam. Quem lhes ha de pôr em Miaco o temor, nem dar o respeito? Quem ha de fazer costas aos que se baptizarem? Quem os terá para que não tornem atrás ameaçados? Quem os defenderá perseguidos? Mas aonde se retirarão os que lá andam prégando, se um tyranno os obrigar a sair de todas aquellas ilhas? Nós cá, padre M. Francisco, primeiro seguramos um bom porto entre os amigos, que nos recolha vindo com fortuna, que nos determinamos a entrar e tomar os dos inimigos. E, quando passassemos por tudo isto, e vos respondesse em Japão o successo ao zelo; que gente tendes para conservar, e levar adeante a christandade, que se lá fizesse? Se toda a companhia não basta a vos mandar os obreiros necessarios a esta parte da vinha, d'onde esperais de os haver para cultivar aquella, cuja navegação, partindo daqui de Gôa, não ha mister menos tempo, que a de Lisboa á mesma Gôa? sendo em todo o al tanto mais custosa e trabalhosa, que se pôde bem temer não acabem dos vossos mais navegando, que prégando; e, ainda que os Deus sempre levasse, como levará, a salvamento, não perdem pouco as almas, que os esperam na terra, em quanto elles andam por tão compridas viagens espancando o mar. Já tractardes de arriscar nesta do Japão a propria pessoa, nem nós intendemos, como possa ser sem aggravamento de toda a India; nem parece que o soffrerão os padres da mesma companhia. Porque, padre Francisco, sois mais dos vossos, que vosso, e sabeis que todos os somos. Basta o que a nova, que pouco ha corria, causou nesta cidade, para se intender quanto lhe custará perder-vos. E sabido está, que em todos os perigos da vida, em que atégora entrastes, havia muito que temer. São outros os mares da China, e muito outros os que se atravessam d'ella para Japão. Os ventos, por arrebatados que sejam noutras partes, ficam brandas virações em respeito da fúria dos tufões, senhores,

antes, tyrannos d'aquelle golfam. Não o crerão os que o não virem ; nem o sabem bem dizer os que o viram. Como o touro bravo por natureza , e apertado juntamente dos tiros , que lhe fazem , dá primeiro (buscando com grande ligeireza por onde saía) uma e muitas voltas em roda ao corro , até que , sentindo-se cercado e ferido de todas as partes , toma bramindo o meio da praça , que n' um momento despeja , sem lhe parar deante cousa , que não leve a pinchos nas pontas ; assim parece que servem aquelles mares ao furioso tufão d'um estacado cheio de palanques , que , não o deixando saltar da outra banda do horisonte , o obrigam com uma força immensa a rodear todos os rumos ; e , rebatendo-o com grande violencia de cada um d'elles , o vem a metter no meio tão assanhado , que , engrossando e cruzando de todas as partes as ondas , aqui desappareilha os navios , alli os sorve , alli os arremessa e desfaz na costa. De muitas náus , que tome no terreiro , escapará uma por maravilha ; e , sendo este tão cruel cossairo no tempo da tormenta , não faltam outros para o da bonança ; porque em todo o mar do oriente não ha tantos , nem tão deshumanos ladrões , como os d'aquelle costa e travessa , que assim matam e roubam , como quem tem egual fome da fazenda e sêde do sangue ; e , o que peor é , que para alimpar d'estes o mar , são grandes e continuas as armadas , que el rei da China traz por todo elle ; mas , como os Chins tem por inimigos todos os estrangeiros , tão arriscada fica entre elles a liberdade e vida , como se os outros ladrões vos encontraram. Por onde , ainda que em todo o tempo nos espantaria muito tractar vossa reverencia d'esta jornada (que em fim ninguem deixou nunca de colher o que tem semeado , e grado , por ir semear o que não sabe se colherá) , no em que estamos de presente , seria manifesta temeridade não esperar duas cousas : uma , que se apaziguem os Chins comnosco ; outra , que tenham os nossos pilotos e marinheiros mais noticia d'aquelles portos , e experiencia d'aquelles mares , por onde atégora andam mais apalpendo , que navegando.

Fr. João DE LUCEMA , tom, 2.º liv. 6.º cap. 8.º

## X.

*Resposta de S. Francisco Xavier, refutando as razões do discurso antecedente.*

Levam por ventura (os chatins da India) melhor agulha e carta dos baixos e rastingas, ou algum salvo-conducto dos tufões, em que lhe franquêem o passo? Tem outro seguro real dos Cochins ou cartaz dos cos-sairos, para não recearem ser esbulhados e mortos? Mas, ainda que vão a risco de perder com a vida quanto já possuem, é tanto o que succedendo se tira da viagem, que tendes por sisudos, e não por temerarios, os que a compram com dinheiro, e grangêam com serviços todos estes tão grandes perigos e tão incerta ventura. Se assim é, como vos podem ser estranhas as nossas viagens tão lôrras de risco e isentas de ventura, que, vivendo, não póde haver perdas, morrendo, crescem os interesses; se vivemos, enriquecemos as almas de Deus, e ao céu das almas; se morremos, seguramos para nós mesmos os ganhos e depositos do apostolo, que eram, e são corôas de gloria na eterna vida? E isto me bastava, senhores, para vos haver por respondidos a tudo; mas quero ainda seguir esta mesma razão, pois vós m'a déstes. Dizei-me, faltam-vos na India reinos e ilhas de grandes riquezas, em cujo tracto e commercio vos empregueis? Porque não parais naquelle mesmo Sião, Pegú, Bengala? Para que era ir mais longe que a Narsinga, pois nos é fronteira com os seus montes de ouro, e tão perfeitos diamantes? Ainda a canella, pimenta, e rubins de Ceilão não eram vossos, quando passastes a Malaca; entre a qual, e as ilhas de Maluco, quantas mil vos ficam, onde as vossas náus não entram, nem aportam? Pois sabeí, que assim falou o Espirito Sancto das viagens dos pré-gadores do Evangelho, fazendo a igreja semelhante á náu do mercador mais cubiçoso, que, por dobrar os ganhos, deixa as terras vizinlias, e se vai com sua veniaga ás mais estranhas e apartadas, onde venda tudo á mór valia; e assim o vemos que o fez o glbrioso apostolo S. Thomé, com quem me vós

allegaveis, que , deixando no meio outras tantas provincias, veio de Palestina buscar a India; na qual, posto que primeiro prégasse que na China, ainda, quando lá passou, tinha feito bem pouco, que da volta sabemos converteu ao rei de Choromandel, com grande parte de seu povo. E o mesmo estylo guardaram os mais apóstolos e discipulos do Senhor, passando por umas regiões, e detendo-se n'outras, segundo a disposição da infinita providencia do mesmo Deus, e seus divinos juizos; cujos ineffaveis segredos em nenhuma cousa se vêem mais, que na differença, que sempre fez, e ainda hoje faz, das gentes e nações do mundo, para se mandar manifestar a umas, tractando por entre tanto das outras. Que isto é o que S. Paulo chamou, com o propheta, amor de Jacob, e odio de Esaú; e o que elle tão particularmente experimentou, quando, ao passar por Phrygia e Galacia, lhe defendeu o Espirito Sancto, que nam prégasse na Asia, e, pretendendo ir de Mysia a Bethinia, lh'o não permittiu o Espirito de Jesus. E finalmente o avisou o Senhor por uma illustre revelação, estando em Troade ou Antigonía, que se fosse, como logo foi, com as novas do evangelho a Macedonia, sendo-lhe em tudo isto companheiro o mesmo S. Lucas, que o escreve. Deus prestes está para allumiar com a fé de seu Filho, e nosso Redemptor Jesus Christo, a todos os que se conformarem na vida com a pouca ou muita luz da razão natural; que deu a cada um. Por onde não ordenar que se prégue a muitos dos idolatras e infieis, é bem merecido castigo dos grandes peccados, em que vivem, e manifesta justiça, de que nem dos mais cegos pôde ser accusado; e mandal-a prégar a outros não menos ingratos peccadores, é voluntaria mercê e conhecida misericordia, de que o louvam os anjos, e louvem os homens para sempre; mas, por que razão escolha para discipulos de sua fé antes estes, que aquelles, e estes n'um tempo, antes que no outro; é o de que tão mal lhe podem a elle pedir conta suas creaturas, como ao olleiro os vasos, que tirá do mesmo barro, da differença das feições, que lhe dá, e uso, para que os faz. Este é um dos mysterios, cujo

intendimento elle guarda para aquelle dia bemaventurado, em o qual por isso diz que nada perguntaremos, porque tudo veremos. Agora a mesma razão nos obriga a não buscarmos em muitas cousas outra, que sua sanctissima e divina vontade, a qual, posto que algumas vezes seja que se leve o evangelho ás provincias vizinhas, muitas, como já disse, foi, e é que se passe com elle ás mais apartadas, como se isto fôra aquelle saltar dos montes, e traspor dos outeiros, que tanto d'antes cantava e nos mostrava Salomão na bôa vinda do Esposo. E espanto-me como, valendo-vos da ordem, com que é bem se sirvam os convidados, vos não lembraestes, que diz o Senhor, que mandaram dar os primeiros logares aos que ficaram nos derradeiros. Mas, vindo ao particular da viagem de Japão, não engeitamos, senhores, por a christandade, que pretendemos plantar naquelles reinos, a que n'alguns d'esses está já semeada, senão que, havendo tantos annos que colham nestas partes o que elles e nós semeámos, quão pouca falta cá fará o nosso trabalho, tão rendoso o póde lá fazer o Senhor de todas as searas. E, posto que d'estas terras e ilhas vizinhas algumas estejam ainda por abrir, a mesma vizinhança porém, e o poder e favor dos Portuguezes, de que com razão fazeis tanto caso, facilitaram em todo o tempo a empresa da sua conversão aos prégadores, que já são muitos na India, ássim da ordem de S. Francisco, como de S. Domingos, que nos este anno vieram de soccorro. Pelo contrario aquellas difficuldades, com que me vós hoje quereis impossibilitar a jornada de Japão, sempre se porão deante; e bemaventurado quem primeiro as vencer por gloria de Christo e proveito das almas; de sorte que possa o Senhor allegar com elle, e obrigar com os seus trabalhos aos que depois vierem, dizendo-lhe, como dos prophetas aos apostolos: *Outros trabalharam e abriram o caminho, por onde vós agora entraes folgadamente.* Confórme a isto, tudo quanto ajuntaveis para me espantar e deter, é o que mais me convida e apressa. Porque não irei eu ao Japão a passar os mares, para que meus irmãos não duvidem de os navegar? E se quereis que

vos diga, aonde nos retiraremos, quando nos desterrarem? quem defenderá os christãos, quando nos perseguirem? quem nos auctorizará para nos respeitarem? disse-me primeiro, quanto destas cousas humanas levavam consigo aquelles, que foram enviados como ovelhas entre lobos; ou que lhes faltou, por lhe faltarem todas ellas? *Nosso Deus*, dizia o propheta, *é o porto amigo, a que sempre nos podemos retirar, e todo o valor, com que esperamos de vencer.* Mas quantos ficavam em Jerusaleém, para virem todos os annos, como de refresco, a conservar e levar por diante o que os doze, que de lá saíram, fizessem por toda Asia, Africa e Europa? O que eu pergunto, porque vós me não pergunteis mais; Que gente temos na India ou em Europa, para levar a diante o fructo, que no Japão se fizer? O Senhor multiplicará a gente e a virtude; que a elle, e não aos homens, dizia o mesmo Christo, Redemptor nosso, rogássemos mandasse obreiros a sua lavoura. No caso, irmãos e senhores, que fazeis de minha vida e pessoa, vejo e estimo o vosso grande amor; a opinião não posso approvar. Que, quando vos a vós fôra alguma cousa na minha vida, muito mais me vai a mim e a vós, pois tanto me amais, em não deixar por ella meu officio, pelo qual de tal maneira sou mais vosso, que meu, que juntamente o sou dos Japões, e de todo o mundo, se podéra. Se por todo elle morreu Christo na cruz; se deseja que todos os homens se salvem e o conheçam; se igualmente obrigou, e endividou seus apóstolos com a gente mais politica e mais barbara; se, quando os mandou a pregar, não lhes poz termo nas regiões da terra, dizendo: *ide por todo o universo*; nem nas nações e pessoas, ajuntando: *e pregae a toda a creatura*; porque faremos nós ao estreito de Sabão, nem ás illhas de Maluco, raías e limites do evangelho? Ou quem me desendivida a mim mais dos Japões, que dos Parauás? as tormentas dos seus mares? os cossaios da sua costa? as armadas inimigas? as perseguições dos tyrannos? os frios do clima? a carestia da terra? a estranheza da gente? a falta do favor? os perigos, finalmente, e temores de perder a vida? Ora ninguem me

canse mais sobre ella , que assás pouco é podel-a sómente arriscar , e não deixar , pelo Rei da gloria , que sacrificou e deu por mim a sua.

O mesmo , *ibid.* cap. 9.º

## XI.

*Fala do grande Affonso d'Albuquerque aos capitães e gente da armada , para outra vez accommetter a cidade de Malaca.*

Senhores , bem sereis lembrados , que , quando se assentou de commettermos esta cidade , foi com determinação de se fazer fortaleza nella , porque assim pareceu a todos que era necessario ; e , depois de a ter tomada , eu a não quizera largar , e , porque todos m'o aconselhastes , a deixei e me recolhi : e , estando prestes , como vedes , para outra vez lhe tornar a pôr as mãos , soube que estaveis já d'outro parecer ; e isto não deve ser pelos Mouros terem levado a melhor de nós , senão por meus peccados , que merecem não se acabar este feito como eu desejava. E , porque minha vontade e determinação é , em quanto for governador da India , não pelejar , nem aventurar gente em terra , salvo naquelles logares , em que houver de fazer fortaleza para os suster , como vos já tenho dito : peço-vos muito por mercê , que , ainda que já está assentado por todos que se faça , que de novo me deis livremente vossos pareceres , por escripto , do que devo fazer ; porque , como destas cousas hei de dar conta e razão de mim a el rei D. Manuel , nosso senhor , não quero eu só ser culpado nellas. E , posto que haja muitas razões , que vos eu podia dar , para tomarmos esta cidade , e fazermos fortaleza nella para a suster , duas sós vos apresentarei aqui , por onde não deveis de tornar atrás do que tendes assentado. A primeira o grande serviço , que faremos a nosso Senhor em lansarmos os Mouros fóra desta terra , e atalharmos a este fogo da seita de Mafamede , que não passe mais daqui por deante ; e eu espero nelle , que , acabando nós isto , seja caminho para os



Mouros nos deixarem a India de todo , porque a maior parte delles , ou todos , vivem do tracto desta terra , e são feitos grandes , ricos , e senhores de grande thesouro : e de crer é , que , pois o rei de Malaca , sendo já uma vez desbaratado , e tendo experimentado nossas forças , sem esperança de lhe vir soccorro d'outra parte , havendo dezeseis dias que isto é passado , não tenta ter negocio comnosco para segurar seu estado ; que nosso Senhor lhe cerra o intendimento , e endurece seu coração , e quer que este feito de Malaca se acabe ; pois , commettendo nós o caminho do estreito , aonde me el rei por muitas vezes tinha mandado que fosse (por que allí parecia a Sua Alteza que se podia atalhar o commercio , que os Mouros do Cairo , e de Méca , e de Judá , tem nestas partes) , houve por seu serviço de nos trazer aqui , porque com se tomar Malaca ficam as portas do estreito cerradas , por onde elles nunca mais podem metter nenhumaes especiarias .

E a outra razão é o mais serviço , que faremos a el rei D. Manuel em tomarmos esta cidade , por ser fonte de todas as especiarias e drogarias , que os Mouros d'aquí levam cada anno para o estreito , sem lh'as podermos defender ; e , cortando-lhes esta escapula tão antiga , não lhes fica nenhum porto , nem logar tão commodo nestas partes , donde as possam haver ; porque , depois que estamos em posse da pimenta do Malabar , nunca mais o Cairo teve nenhuma , senão a que lhe os Mouros levavam destas partes ; e quarenta ou cincoenta náus , que cada anno daqui vão carregadas de todas as sortes de especiarias para Méca , não se podem tolher sem grandes despesas , e grandes armadas , que continuamente é necessario andarem no golfani do cabo do Comorim ; e a pimenta do Malabar , de que podem ter alguma esperança , por terem o rei de Calicut da sua parte , em nosso poder está , nos olhos do governador da India , donde a os Mouros não podem levar tanto a seu salvo , como elles cuidam ; e eu tenho por muito certo , que , tirando-lhes este tracto de Malaca de suas mãos , que o Cairo e Méca se percam de todo , e a Veneza não vá nenhuma especiaria , senão aquella , que a

Portugal forem comprar. E, se vos parece que, por Malaca ser grande cidade e de muita gente, será trabalhosa de suster, nisto não deve de haver d'úvida, porque, ganhada a cidade, tudo o demais do reino é tão pouca cousa, que não tem o rei donde se possa reformar; e, se receais que, tomando-se a cidade, faça grandes despesas, e pelo tempo não haja onde se a nossa gente e armada possam prover, eu confio na misericórdia de Deus, que, senhoreada Malaca com uma boa fortaleza, se os reis de Portugal tiverem nella quem a bem saiba governar e grangear, que os direitos da terra paguem todas as despesas, que se nella fizerem; e, se os mercadores, que a ella soíam de vir, acostumados a viver debaixo da tyrannia dos Malaioes, gostarem da nossa justiça e verdade, franqueza e brandura, e virem os regimentos d'el rei D. Manuel, nosso senhor, em que manda, que todos os seus vassallos nestas partes sejam mui bem tractados; eu me affirmo, que todos venham viver a ella, e façam as paredes das casas de ouro. E todas estas cousas, que vos aqui apresento, se cerram com esta chave de meia volta, que é fazermos fortaleza nesta cidade de Malaca, e sustela, e esta terra ser senhoreada de Portuguezes, e el rei D. Manuel chamar-se verdadeiro rei della; e por isso peço-vos por mercê que olheis bem a empresa, que tendes nas mãos, e não a deixeis perder.

Commentarios de AFFONSO D'ALBUQUERQUE, part. 3.<sup>a</sup> cap. 26.<sup>o</sup>

## XII.

*Discurso de Camillo Porcio ao papa Leão X. em louvor da tomada de Malaca.*

Se em algum tempo, Beatissimo Padre, teve o povo christão razão de dar graças ao Senhor, e ter em muito o esforço e valentia sua, por cousa esforçadamente commettida, e felicemente acabada; este anno é para isso o mais commodo ensejo, que até agora houve, em o qual o Senhor Deus, pela muita misericordia, que

de seu povo houve, lhe quiz accrescentar prazeres com novos prazeres, e prosperidades com novos contentamentos communs; porque, além de pôr V. Sanctidade este anno na majestade do throno pontifical, mais por universal proveito da christandade, que por particular algum de sua pessoa; pois fez V. Sanctidade com isso unico refugio e remedio para cousas quasi perdidas, e, ardendo todo o mundo em guerras, para que com mais alegria fosse festejada sua nova eleição: neste mesmo tempo deu ao muito poderoso, e muito felice e invictissimo rei D. Manuel de Portugal tantas e taes victorias e triumphos de seus inimigos, que facilmente se pôde crer pelejar o Senhor por nós; e desta insigne batalha, que em seu nome se deu, havernos dado signal, para daqui por deante termos confiança, que nos dará victorias assignaladas, se quizermos usar do esforço naturalmente nosso, tão nomeado e temido entre gentes barbaras.

Por ventura haverá alguém, que possa cuidar serem obras de mãos de homens as novamente feitas pelos Portuguezes na India, tendo por capitão o esforçado Affonso d'Albuquerque? tantas, tão ricas, e fortes cidades entradas por força de armas? tão varias nações vencidas? tantos povos sujeitos em batalha? e com desigual numero de gente, sempre ficando vencedores em todas as cousas, a que pozeram peito; e com isso fizeram tributarios muitos reis, sujeitos com armas portuguezas; e os a que não chegou o perigo da guerra, por de todo estarem seguros d'elle, vieram, ou mandaram por seus embaixadores com muita instancia pedir paz e alliança. E por esta razão é a nobreza destas victorias maior e mais excellente, por não serem nomeadas pelo estrago e mortandade, que se em os inimigos fez sómente, mas pelo esforço notavel portuguez, com que foram ganhadas, a que assim Deus favoreceu, que victorias presentes pozessem em esquecimento as passadas, de maneira que sempre os despojos de uma alcansassem os da outra, e com ellas ficassem vencidos tantos reis, e alliados todos os demais, que não quizerem experimentar a valentia portugueza.

Pelo que, Beatissimo Padre (assim como tudo o mais), faz V. Sanctidade isto com muita prudencia e christão zelo, que por uma victoria como esta (que não sei se se pôde desejar maior), que em tão felices tempos nosso Senhor quiz dar ao christianissimo rei D. Manuel, mandã que se façam solemnes procissões, e pessoalmente as acompanha, para que sejam dadas graças ao Senhor, e a todos os Sanctos, por uma tamanha mercê como esta.

Porque não é esta victoria havida de um povo bellicoso, ou de uma cidade forte e bem defendida, mas daquella grande e nomeada India, em a qual, depois de sujeitos por armas portuguezas os riquissimos reinos de Gôa e Ormuz, e feitos seus tributarios, de maneira que da mão do valeroso capitão Affonso d'Albuquerque, em nome d'el rei de Portugal seu senhor, acceitassem os reinos aquelles, que os houvessem de governar; agora em fim de tantas victorias, assim por mar, como por terra, está vencido aquelle fertilissimo e riquissimo reino de Malaca, a quem os antigos por sua muita riqueza chamaram de ouro, querendo com este nome (que a nenhuma outra terra se deu) mostrar a grandeza de suas muitas riquezas: e não sómente na victoria, destes reinos havida, se interessa a grandeza delles, mas (que nã é pouco proveito para nossos tempos) que barbaros, a quem d'antes a fama nossa não chegou, agora o perigo delles faz temor áquelles, para cujas terras se abriram caminhos, de que até agora não tintamos conhecimento algum. Abriu-se-nos pelo reino de Ormuz caminho para a casa sancta de Jerusalém (terra, em que o Salvador nasceu) poder ser tornada a ganhar, e tirada das mãos d'aquelles infieis, que tyrannica e indevidamente a possuem, em cujos corações tem entrado temor, que lhes faz recear o perigo de seus similhantes. Nas quaes cousas todas não sei a qual mais gabe, se o zelo e felicidade do muito poderoso rei D. Manuel, o qual com tanto trabalho e despesas suas quiz estender o nome christão a tão apartadas provincias, e alhêas gentes de nosso commercio, para que, donde a lei de Christo  
era

era de antes ouvida, aí pozesse a bandeira de sua Sancta Cruz; ou o esforço, saber, e valentia de animos portuguezes, que com ousadia nunca vista, e com desejo intimo de accrescentar a religião christã, hajam passado a tão diversos climas de sua natureza, onde lhes era necessario pelejar, não sómente com crueis e despiadados inimigos, mas com a mesma fome, sede, frios e calmas insoffríveis; e com ella mesma desprezassem todos os trabalhos, que sobrevir podessem, por cumprir com a obrigação, que de mandado de seu rei com animo contente acceitaram.

E em estas cousas verá facilmente a grandeza das mercês do Senhor, quem olhar com quão pouca gente toda a India se ganhou; pois, não havendo na armada toda tres mil homens portuguezes, sobre tantos reinos della tomados por força de armas, tantos reis espantados do nome portuguez virem humildes pedir paz, e os que a não quizeram tomar, acceitarem por força leis da mão de seus vencedores, e alguns, a que o Senhor quiz alumiar, se baptizassem, e acceitassem a fé christã, de maneira que em tão remotas terras se achassem christãos com christãos; e por remate destas victorias, com o mesmo numero de gente, e menos ainda, por ser necessario sustentar com parte della em guarnição os reinos ganhados: vemos Malaca tomada, seu rei vencido e afugentado com muito pequena parte de seu exercito, que o seguir pôde, por a maior ser morta a ferro, e ficar uma tão nobre cidade, cabeça de um rico reino, em poder de christãos. Esta, Beatissimo Padre, é aquella aurea Chersoneso, que está no cabo daquella grande enseada, em que o rio Ganges descarrega suas aguas no mar, tão nomeada pela sua muita riqueza, que assim pelas muitas e mui ricas mercadorias, que se a ella de diferentes partes trazem, como pelas não menos ricas, que della se levam, é tida pela mais nobre escala de toda a India; e com razão, porque nenhuma cousa ha das que na vida se podem desejar, de que não haja nella grandissima abastança.

Tinha Malaca um rei mouro em seita, rico em

thesouros, poderoso em armada de mar, e grandissimo inimigo do nome christão, especialmente de Portuguezes; porque quasi dous annos antes quizera matar á traição um capitão nobre Portuguez, que a seu porto chegára; e havendo o excellente capitão Affonso d'Albuquerque (nome bem merecido por seus illustres feitos), que então em nome do muito poderoso rei D. Manuel governava a India, posto em paz e segurança os outros reinos, e fortaleza delles, que nella á quem do Ganges, a que os Portuguezes chamam do cabo do Comorim para dentro, tinha ganhado: determinou tomar vingança da traição, que o rei de Malaca a Portuguezes fizera, e em satisfação disso tomar-lhe o reino; e, chegado com bom tempo a Malaca, se poz em ordem para combater a cidade, assim por mar, como por terra. O rei della, que nunca tal cousa receára, vendo-se menos apercebido do que havia mister para sua defesa, quiz usar de manha; e mandando recado de paz ao animoso vingador da traição feita a Portuguezes, Affonso d'Albuquerque, começou com dilacões a alargar a conclusão do negocio da paz, que tractava fingidamente, e entretel-o, continuando em fortalecer-se; e, sendo estas cautelas sentidas pelos Portuguezes, se pozeram em ordem para combater a cidade, e embarcando-se em embarcações pequenas, com animoso peito pojaram em terra, e com a artilharia, que levavam, começaram a desviar os Mouros, para que sem perigo podessem entrar a cidade. Vendo-se o rei neste trabalho, e que o chegavam a estado de lhe ser necessario defender-se por armas, e que já o não podia fazer com enganos, ordena a defesa com os seus por suas estancias, e elle sobre um elephante andando entre elles, esforçando-os, e dizendo-lhes que não quizessem faltar áquelle ultimo estado. Já os Portuguezes com uma animosa alegria se chegavam ao muro, e a artilharia da banda do mar disparava, quando os da cidade começaram de enfraquecer, e, deixadas suas estancias (que pouco tempo sustentaram), começaram de fugir; seguindo-os os Portuguezes com esforçados corações, e entrando em seu alcance dentro na cidade,

chegaram ao meio della, onde em uma ponte, que sobre um rio, por onde entram navios, que pelo meio da cidade corre, estava, tinha o rei feito sua defenza, e posto a força de sua gente; e, fortalecendo mais esta estancia, recolheu nella os que fugiam; e, por o rio se não poder passar a váu pelos Portuguezes, se fez forte na ponte. Alli se azedou mais a peleja; todavia os Portuguezes, favorecidos da esperança, e os inimigos cortados do medo das armas portuguezas, tão rijamente apertaram com os infieis, que, não estimando as armas delle, nem seus elephants com castellos de frecheiros, nem a difficuldade do váu, com ferro abriram caminho por meio dos inimigos, dos quaes uns se mettiam com desesperação pelas armas portuguezas, outros se deitavam ao rio para se salvarem; finalmente em cabo de poucas horas fugiram todos, e o rei com elles, indo ferido. Foi entrada a cidade e saqueada, muitos inimigos mortos; foi nella achada muita quantidade de ouro e prata; acharam-se nella apparelhos e munições de guerra, entre as quaes foram duas mil peças de artilharia; foram tomados septe elephants, costumados a guerra, com seus castellos, e encaixados delles tecidos de ouro, e muito ricamente guarnecidos; de maneira que não sómente os homens, mas os brutos daquelle reino, ficaram obedecendo ao imperio portuguez. Oh bom Deus, oh Senhor poderoso, vosso é o poder, vosso é o esforço; a vossa mão direita fez virtude, a vossa mão direita nos levantou: porque como pôde uma tão forte cidade ser entrada, e um tão poderoso rei ser lausado della, se vós não déreis ajuda e favor? Não a vós, Senhor, não a nós, mas ao vosso nome dae gloria. Vós quebrantastes as forças dos inimigos, vós fizestes os povos sujeitos a nós, e os pozestes debaixo de nossos pés. Vós mandastes vossas settas, e os desbarastastes, com vossos relampagos os espantastes, vós fostes o capitão, vós o conselheiro, vós pozestes o medo em nossos inimigos, vós os fizestes fugir. Não para nós, Senhor, mas para gloria do vosso nome.

Mas para que me detenho tanto na tomada de Malaca? pois não é menos o que, depois della tomada, se

fez de suas ruinas. Della e de suas mesquitas se fez logo fortaleza assás forte, para freio daquella inquieta gente, e lhe foram dados governadores cada anno, debaixo de cujo governo vissem, e leis, com que fossem sustentados em justiça; e depois disto foram assentadas pazes com muitos reis vizinhos seus, que foram os reis de Pegú, Sumatra, Pedir, Pacé, Jaos, e finalmente até os ultimos orientaes Chinas, tão nomeados pela mercancia.

E, por não faltar aos Portuguezes occasião de empregar suas forças, e estender com ellas o imperio com ellas ganhado, partido o illustre capitão Affonso d'Albuquerque de Malaca, tornando a Gôa, que direi da victoria que houve? que não parece victoria, mas uma disposição divina que assim o quiz; porque, tendo este illustre capitão a ilha e reino de Gôa, ganhado por força de armas duas vezes, deixando-a á sua partida o mais fortalecida que pôde, fazendo a viagem, que fez a Malaca, e visitar as mais fortalezas da India; o Hídalcão, senhor que fôra della, vendo Affonso d'Albuquerque fôra de a poder defender, com muita gente de pé e de cavallo a veio cercar, e fez perto d'um estreito de agua salgada, que em torno cerca a ilha, uma fortaleza; e, fazendo passar gente á ilha, mandou que com continuas escaramuças e rebates cansassem os Portuguezes, que na fortaleza ficaram, os quaes, cercados de tão poderoso inimigo, se viram em grande aperto e necessidade. E, querendo assim o Senhor Deus, estando elles neste trabalho, appareceu a armada, que com tão insigne victoria vinha de Malaca; com cuja vinda foi tamanho o medo dos inimigos, que, sem esperar que se desembarcassem os Portuguezes, se foram com a maior pressa que poderam.

Lê-se daquelle grande Alexandre, principe de Macedonia, que, chegando ás partes da India, e combatendo um lugar forte, e bem defendido de seus moradores, teve em tanto, e pareceu tamanha cousa haver tomado aquelle lugar, que começaram os seus soldados a dizer, que era mais esforçado que Hercules. Sendo isto assim, que triumphos, que honras soberanas se



devem a el rei D. Manuel, que tem vassallos, por cuja mão e esforço, não sómente venceu por armas uma cidade da India, mas a mesma India (dos Romanos não vista, dos Godos não sabida, e dos famosos Sesostris, rei de Egypto, Cyro, Semiramis, em vão por muitas vezes combatida), quasi andou rodeando com continuação de suas victorias.

Augusto Cesar, com ser monarcha, houve por grande felicidade sua entre as mais, ser visitado dos reis da India com presentes, e mandar-lhe por seus embaixadores pedir amizade.

Quem poderá contar bem os grandes serviços, que pelos reis da India foram mandados ao invictissimo rei D. Manuel? as pareas, que lhe pagaram? as amizades, que lhe requerêram? finalmente a vassalagem, que quasi todos acceitaram por mão e esforço deste illustre capitão? porque, além dos que por força de armas tinha feito tributarios, não ficou rei da India, de quem não fosse servido com serviços de infinito preço; do rei de Cambaia, do poderoso rei de Narsinga, que, sabida a victoria de Malaca, mandou por seus embaixadores um copo de ouro, e uma espada de ouro com um rubim no punho, de grandissimo preço, e lhe mandou pedir, que delle e de seu reino se servisse. Mas para que me detenho em contar de ouro e pedraria, e cousas, que infieis lhe mandaram? Passo-me ao que mais val. Aquelle preste João, senhor de toda a Ethiopia, que está debaixo do Egypto, por o ter por amigo, não lhe mandou ouro nem pedraria, mas mandou-lhe o que em muito mais estima elle tinha, e elle estimou muito mais, que foi uma boa parte do lenho da Vera Cruz; e lhe mandou dizer, que com razão lhe mandava aquella parte da verdadeira Cruz, em que fomos remidos, pois elle levantára por força de armas tão longe da sua patria a bandeira da Sancta Cruz. Escrevem os historiadores, que Demetrio, filho de Antigono, successor que foi de Alexandre no senhorio de Macedonia, por ser muito industrioso no tomar cidades, lhe chamaram Poliorcetes, que em lingua grega significa *tomador de cidades*. Que nome daremos logo ao

excellente capitão Affonso d'Albuquerque, pois taes cidades tomou, taes reinos venceu, tantos exercitos desbaratou? que felicidade ha í, que se possa comparar com a de um rei, senhor de tal vassallo? que por força de armas destruiu Calicut, fortissimo reino? Fez o rei de Narsinga, tão poderoso, com todos seus vassallos e riqueza de reinos, e cópia de elephantes, vir pedir pazes a seu rei? Fez o rei de Cambaia aceitar paz? Restituiu em seus reinos, depois de por armas vencidos, aos reis de Cochim e Cananor? Livrou de grande sujeição aos christãos, que viviam na India? Ganhou o reino de Ormuz? o reino de Gôa e ilha de Ceilão? Finalmente, que, não contente com tantas victorias, mandou-o o poderoso rei D. Manuel fazer guerra ao gran' Sultão do Egypto, passando o mar Roxo? E porque não haja parte, a que suas victorias não cheguem, em Africa tomou a nobre cidade de Çafim? As quaes victorias, e felicissimos successos do invictissimo rei D. Manuel, quanto mais são dignos de louvor e honra, tanto nós somos mais merecedores do odio da gente, porque nenhuma outra cousa trabalha, senão accrescentar pelo mundo a Fé de Christo; nós, deixada tão justa e commum causa, todos estamos embaraçados em vingar particulares injurias; elle peleja com inimigos infieis, nós uns com outros; elle ganha para si novos reinos e provincias, nós por negligencia nossa perdemos o nosso, e havemos de perder cada vez mais, nem ouvimos ao Senhor, que cada dia nos chama e brada, que acordemos. Olhae, senhores, por vossa fé, quantas e quão graves perdas tem recebido a religião christã, de sessenta annos a esta parte! São por ventura cousas, que possam esquecer? nem lembrar-nos sem muita dor? Que é de Constantinopla? que é de Negroponte? que é de Lepanto? que é de Modon? que é de Durazo? que é das outras cidades, que com grande deshonna nossa estão em poder de Turcos? que esperamos? senão que nos tomem dormindo? e descuidados nos destruam? e desapercebidos nos matem? Já entram por Ungria; já fazem guerra em Esclavonia; ja navegam livremente todo o mar; já querem Italia. Ora pois, Beatissimo Padre, pois

viestes a este logar como estrella de salvação em tamanha tormenta, tomae este cuidado, concertae estas discordias dos principes christãos, apague de todo esta desaventurada guerra, que entre elles ha, que nenhum bom successo póde ter; apartae todas as inimizadas, para que, amigos todos, as armas, que uns contra outros apparelhavam, todas juntas vão buscar o commum inimigo; para que, vencido elle, e cobrando nós a Casa Sancta, juntamente com el rei D. Manuel, que manda doze mil homens em companhia do duque de Bragança, seu sobrinho, passar a Africa, ficando nós vencedores, levantemos ao Senhor um tropheu da victoria, que das gentes barbaras nos deu, e sejam confundidos os que adoram idolos, e confiam em seus deuses vãos, e conheçam o nome do Senhor, e saibam, que elle é aó o poderoso em toda a terra. Amen.

O mesmo, cap. 39.

### XIII.

*Práctica, em que D. Aleixo de Menezes dá os ultimos conselhos a el rei D. Sebastião.*

Dez annos ha, Senhor, que por fallecimento d'el rei D. João meu senhor, que Deus tem em gloria, e por voto e nomeação sua, me foi entregue a criação e guarda de V. Alteza, em idade de quatro annos, e com ella os animos e esperanças de todo este reino, que como a unico successor dos reis, que tantos annos o governaram, e o alcansaram por meios de orações e lagrimas, vos ama e venera com maior affecto, que a todos os mais. A vigilancia e cuidado, com que assisti a este cargo, e procurei responder ao péso d'elle, não encareço; porque, por grande que fosse, nunca podia egualar a grandeza do deposito e da confiança, que de mim se fez; e pareceria arguir a V. Alteza de pouco lembrado, referindo-lhe servigos, de que V. Alteza é a maior e mais intima testemunha; dos quaes, e do animo com que os fiz, me mostrou Deus o fructo e satisfac-

ção, que desejava, vendo antes de minha morte a V. Alteza em idade de tomar o governo de seus reinos, e ornado de intendimento, partes e inclinações dignas, não só deste imperio, mas de outros muitos maiores, a que Deus, a grandeza do animo de V. Alteza, e as occasiões abrirão cedo caminho: e, porque os muitos annos, que tenho, e a nova fórma de governo, não darão logar ao deante a tão continuas e particulares advertencias, como atégora soía fazer a V. Alteza, me pareceu que devia ao contentamento deste dia, e ao amor e lealdade, com que criei e servi a V. Alteza, fazer-lhe algumas lembranças, que, por serem feitas em tal tempo, com tal animo e em tal idade, merecem ser bem ouvidas, e estimadas em logar do ultimo e maior serviço, que em minha vida fiz a V. Alteza.

Entrais, Senhor, neste incomportavel trabalho de governar vossos reinos, em idade, que, com o nome de liberdade e supremo senhorio, temo que vos persuadam, que, até não fugirdes da companhia e conselho da rainha, vossa avó, e do cardeal, vosso thio, não sois verdadeiro rei; que é a traça, por onde os que se querem aproveitar de vossa liberdade, fiam abrir caminho na sua privança; e, como estes attendam só á sua grandeza e proveito particular, procuram, approvando por justo qualquer delicto dos principes, não lhe contradizendo cousa licita ou illicita, que intentem, mostrar-lhes, que o tempo, que viviam sujeitos aos bons conselhos de quem com elles procurava sua estimação e acrescentamento, foi uma sujeição e captiveiro indigno de sua dignidade: de donde se seguirá, que, apartados de vós aquelles, que com verdadeiro amor vos podem desenganar das faltas, que ha no governo, e cercado de quem, por se sustentar na privança, approva por justos os erros do vosso gosto, padeça o reino grandes trabalhos, e o animo de vossos vassallos não seja para com V. Alteza o que soía ser para com os reis, vossos antepassados.

E, como Deus dotou a V. Alteza de um animo generoso, inclinado a emprehender cousas grandes, temo que, usando deste bom fundamento, vos inclinem a

empresas (se hem menores que vosso coração) maiores do que permitem as forças de vossos reinos. E, como os que seguem este caminho, medem as cousas, não pelo que que são, senão pelo que querem que ellas pareçam aos reis, encubriendo-vos a industria, trabalho e miudeza, com que vossos antepassados sustentavam com limitada fazenda a reputação do seu estado, vos engrandecerão as riquezas e forças de vossos reinos; donde se seguirá metterem-vos em empresas, de que ou saíreis com pouca honra, ou aventurareis vossos estados e vida, sem conhecerdes o engano, senão quando lhe falte o remedio.

E, porque nem a piedade e animo religioso dos reis está seguro de inconvenientes, lembro a V. Alteza, como quem desde tão pouca idade conhece sua inclinação sancta, e zelo da exaltação da fé catholica, que nunca temí faltas na pessoa de V. Alteza, por costumes e obras viciosas, senão por algum excesso ou demasia, que passasse os limites das virtudes. Porque muitas cousas ha, com que uma pessoa particular pôde ganhar glória, que sirvam de condemnação a um principe. Tanto vai na differença dos estados! E porque em materias semelhantes se não podem dizer maiores particularidades, torno á lembrar a V. Alteza, que, no que se lhe persuadir com pretexto de religião e consciencia, tenha singular attenção; porque (o que Deus não permitta), a haver alguns trabalhos e alterações em sua pessoa e reinos, por este caminho hão de ter entrada.

No tractamento de vossa Real pessoa vos lembro, que não percais um ponto de majestade com os que mais intimamente vos servirem, e seja sempre o favor e privança dentro da veneração devida á vossa grandeza; porque os reis vossos antepassados extenderam o seu imperio pelas mais remotas partes do oriente, sendo páes ao povo, e, aos nobres, principes clementes; porque como dos grandes a el rei ha menos differença, que do rei ao povo, convém dar-se-lhes o favor acompanhado da majestade necessaria para os manter em respeito; o que não milita na gente popular, onde o

excesso da affabilidade não aventura a auctoridade do principe, antes captiva os animos daquelles, que o consideram tão clemente; e evita com isto um erro, com que caíram muitos reis, que entregando suas pessoas e auctoridade nas mãos de seus validos, e guardando o fausto, grandeza, e tracto altivo para seu povo, vieram a ser aborrecidos de uns, e desestimados de outros; que nestes extremos vem a dar os principes, que desaccertão os meios de conservação e auctoridade.

Não vos direi eu, Senhor, que nesta idade, em que estais, deixeis a companhia e communicação dos fidalgos de vossa criação, e de ter com elles os honestos passatempos, que requerem os vossos poucos annos, que isto fôra violentar as condições da natureza; só vos lembro que estes sirvam para as horas da conversação, jogos, caça e passatempos: porém que nas materias de estado, fazenda e governo deis em tudo a mão aos fidalgos antigos, criados nas escholhas dos reis D. Manuel e D. João, de gloriosa memoria, vossos avós, com cuja experiencia e conselho, sustentareis vossos reinos na paz e prosperidade, em que elles vol-os deixaram: porque, assim como será improprio intrometterem-se estes nos exercicios e mocidades, que hoje vê o mundo; assim seria perverter a ordem delles, e expor vosso estado a uma ruina manifesta, mettendo cousas de tanta consideração em mãos de pessoas faltas de annos e experiencia.

E, porque com a nova intrancia no reino pretenderão alguns de V. Alteza mercês exorbitantes, medidas mais pela grandeza de seu animo e condição, que pelo que pede o estylo, e a possibilidade deste reino, e por ventura o merecimento dos pertensores, remediará V. Alteza os inconvenientes de taes pretensões, remetendo tudo a seu conselho, e não despachando petições por via extraordinaria; porque a liberalidade excessiva feita em principio de governo, como se não pôde estender a todos, contenta aos menos, e aggrava aos mais, a que não chega; e serve isto de um contínuo arrependimento aos reis, depois que com o discurso do tempo cáem no erro, que fizeram.

Nas cousas, em que V. Alteza se podér servir de ministros seculares, não dê a mão a ecclesiasticos, tirando-os de seu primeiro instituto, com o supposto de que servem mais, e se lhe paga com menos; porque, demais de não se darem nunca bem cousas profanas tractadas por mãos sagradas, com qualquer das cousas, que o ecclesiastico pretende para sua religião, e com cada uma das mercês, que V. Alteza lhe faz para ella, se poderão pagar os serviços de muitos ministros seculares; porque é muito differente a pretensão de uma comunidade, em cujo respeito o muito parece pouco, do particular de uma pessoa, onde o pouco a satisfaz, e paga grandes serviços.

Se por ventura aconselharem a V. Alteza, que convêm reformar em seu reino trajos e costumes, pêsos e medidas, ou qualquer outra cousa usada, e introduzida de tempo immemoriavel, ainda que o conselho seja justo, e a reformation necessaria, vos peço e conselho, que o não façais nos primeiros annos do vosso governo; porque tem tal acceitação no povo os seus costumes antigos, que até para melhoria sua sentem qualquer alteração, que se faça; e mais em conjuncção de novo governo, a cuja pouca experiencia attribuem antes a novidade, que a virtude; que só a esse fim a ordenam; donde se segue suspirarem pelo tempo e memoria dos reis passados, e começarem a desamar o presente, e a tel-o por estranho.

Muito me alargo, e muito detenho a V. Alteza; mas, como este é o testamento de minha lealdade, e por ventura o ultimo atrevimento de meu amor, conceda V. Alteza perdão á liberdade e extensão de meus conselhos; pois o merecem estas lagrimas de contentamento, e o zelo destas cans, que nasceram em serviço de vossos avós, e vão do vosso á sepultura; deixando-vos em meu lugar tres filhos herdeiros de minha lealdade, em que ficará o meu sangue continuando a servidão, que já não póde a pessoa; e nelles podereis mostrar ao mundo a opinião, em que tivestes os serviços de quem os gerou.

FF. MANOEL DOS SANTOS, *Historia Sebastica*; liv. 1.º cap. 16.º

## ELOQUENCIA SAGRADA.

### I.

*O exordio e a narração do sermão de Sancta Catharina; prégado por Vieira á Universidade de Coimbra em 1663.*

*Quinque autem ex eis, etc.*  
Matth. 25.

A Casa, que edificou para si a sabedoria — *sapientia aedificavit sibi domum*, — era aquella parte mais interior e mais sagrada do templo de Salomão, chamada por outro nome *sancta sanctorum*. Levantavam-se no meio della dous grandes cherubins, cujo nome quer dizer *sabios*, e são entre todos os chóros dos anjos os mais eminentes na sabedoria. Com as asas cobriam estes cherubins a Arca do Testamento, e com os mãos sustentavam o propiciatorio; que eram o thesouro e o assento da sabedoria divina. A Arca era o thesouro da sabedoria divina em letras, porque nella estavam encerradas as Taboas da Lei, primeiro escriptas, e depois dictadas por Deus; e o propiciatorio era o assento da mesma sabedoria em voz, porque nelle era consultado Deus, e respondia vocalmente, que por isso se chamava oraculo. As paredes de toda a casa em roda estavam ornadas com septe palmas, cujos troncos formavam outras tantas columnas, e os ramos de umas para as outras faziam naturalmente seis arcos, debaixo dos quaes se viam em pé seis estatuas tambem de cherubins. Esta era a fôrma e o ornato da casa da sabedoria, edificada por Salomão, porém traçada por Deus; e não se viam em toda ella mais que cherubins



e palmas, em que a mesma sabedoria, como vencedora de tudo, ostentava seus trophes e triumphos.

Mas se Deus naquelle tempo se chamava *Dominus exercituum*, e se prezava de mandar sobre os exercitos e batalhas, e dar ou tirar as victorias; parece que as estatuas, collocadas debaixo dos arcos triumphaes de palmas, não haviam de ser de cherubins sabios, senão de capitães famosos. Não parecêra bem debaixo do primeiro arco a estatua de Abrahão com a espada sacrificadora de seu proprio filho, vencendo a quatro reis só com os guardas das suas ovelhas? Não diria bem debaixo do segundo arco a estatua de Moysés com o bastão da vara prodigiosa, afogando no mar vermelho a Pharaó, e triumphando de todo o Egypto? Não sairia bem debaixo do terceiro arco a estatua de Josué com o sol parado, desfazendo o poder e geração dos Gabaonitas, sem deixar a homem a vida? Não avultaria bem debaixo do quarto arco a estatua de Gedeão com a tocha na mão esquerda, e a trombeta na direita, mettendo em confusão e ruína os exercitos innumeraveis de Madian e Amalech? Não campearia bem debaixo do quinto arco a estatua de Samsão com o leão aos pés, e a queixada do jumento na mão, matando a milhares dos Philisteus? Finalmente não fecharia esta famosa fileira a estatua de David com a funda e a pedra, derrubando o gigante, e cortando-lhe a cabeça com a sua propria espada? Pois se estas seis estatuas famosas ornariam pomposamente a sala do Senhor dos exercitos; porque razão os arcos triumphaes das palmas cobrem antes estatuas de cherubins sabios, que de capitães valerosos? Porque é certo na estimação de Deus (ainda que alguns homens cuidem o contrario), que as victorias da sabedoria são muito mais gloriosas, que as das armas, quanto vai das mãos á cabeça. Por isso quiz o mesmo Deus, que lhe edificasse a casa, não o pae, senão o filho; não David o valente, senão Salomão o sabio.

Supposta esta verdade, que em toda a parte, e muito mais neste emporio das letras, se deve suppor sem controversia; accommodando-me á profissão do au-

ditorio, e á celebridade do dia, só falarei de Sancta Catharina hoje em quanto doutora e sábia. Lá diz Ezechiel, que viu uma roda junto a um cherubim: *Rota una juxta cherub unum*. E que cherubim é aquelle, que tem a roda ao lado, senão Sancta Catharina? Na casa da sabedoria a cada palma respondia um cherubim; nesta, que tambem é da sabedoria, veremos um cherubim com muitas palmas. O assumpto pois do sermão serão as victorias de Catharina, e o titulo, a sábia vencedora. *Ave Maria*.

O mais formoso theatro, que nunca viu o mundo, a mais grave e ostentosa disputa, que nunca ouviram as academias, a mais rara e portentosa victoria, que nunca alcançou da ignorancia douda e presumida a verdadeira sabedoria, é a que hoje teve por defendente um cherubim em habito de mulher, ou um rosto de mulher com intendimento e asas de cherubim, Sancta Catharina. A aula ou theatro desta famosa representação foi o palacio imperial; os ouvintes e assistentes o imperador Maximino, o senado de Alexandria, e toda a côrte e nobreza do oriente; a questão a da verdadeira divindade de um, ou de muitos Deuses, e a fé e religião, que deviam seguir os homens; os defendentes, de uma parte, uma mulher de poucos annos, e da outra cinquenta philosophos, escolhidos de todas as seitas e universidades; e a expectação da disputa e successo da controversia, egual nos animos de todos á grandeza de tão inaudito certame. Em primeiro logar propozeram os philosophos inchados seus argumentos applaudidos e victoriados de todo o theatro, e só da intrepida defendente recebidos com modesto riso. E, depois que todos disseram quanto sabiam em defesa e auctoridade dos Deuses mortos e mudos, que elles chamavam immortaes; então falou Catharina por parte da divindade eterna e sem principio do Creador do céu e da terra, e da humanidade do Verbo tomada em tempo para remedio do mundo. Falou Catharina, e fôï tal o pêsô das suas razões, a subtileza do seu ingenho, e a eloquencia mais que humana, com que orou e perorou, que não só desfez facilmente os fundamen-

tos, ou erros dos enganados philosophos; mas, redarguindo e convertendo contra elles seus proprios argumentos, os confundiu e convenceu com tal evidencia, que, sem haver entre elles quem se atrevesse a responder ou instar, todos confessaram a uma voz a verdade infallivel da fé e religião christã. E que faria com este successo Maximino, imperador, empenhado e cruel? Afrontado de se ver vencido nos mesmos mestres da sua crença, de quem tinha fiado a honra e defesa della; e enfurecido e fóra de si, por ver publicamente demonstrada e conhecida a falsidade dos vãos e infames deuses, a quem attribuia o seu imperio; em lugar de seguir a luz, e docilidade racional dos mesmos philosophos, com sentença barbara e impia mandou que ou sacrificassem logo aos idolos, ou morressem todos a fogo. Todos, sem duvidar nem vacillar algum, acceitaram a morte por Christo, não só constantemente, mas com grande alegria e júbilo; e na mesma hora, e do mesmo theatro, onde tinham intrado philosophos, saíram theologos; onde tinham intrado gentios, saíram christãos; e onde tinham intrado idolatras, saíram martyres. Oh victoria da fé a mais illustre e ostentosa, que antes, nem depois celebraram os seculos da christandade! Oh triumpho de Catharina, não com duas palmas nas mãos, de virgem e martyr, mas com cincoenta palmas aos pés, de subtil, de angelica e de invencivel doutora! Digna por esta inaudita façanha de que no mais alto do monte Sinai, depois de ser throno do supremo legislador, as mesma mãos, que escreveram as primeiras letras divinas, levantassem eterno tropheu á memoria das suas.

Esta foi, senhores, a famosa acção tão propria do dia, como do lugar, sobre que determino discorrer neste breve espaço; e, para ponderar os quilates della nas circumstancias mais particulares e relevantes de tão admiravel victoria, me offereceu o evangelho as palavras, que propuz: *Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes.* Eram as virgens, que saíram a receber o esposo, dez; e destas dez cinco sábias, e cinco nescias. Sábias e nescias, quando saíram: *Exierunt*

*obviam sponso et sponsae*; sábias e nescias, quando se detiveram: *Moram autem faciente sponso*; sábias e nescias, quando umas intraram ás vodas, outras ficaram de fóra: *Et, quae paratae erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua.* O em que agora reparo, é, que, sendo estas duas parellias semelhantes no sexo, eguaes no numero, e differentes no intendimento; semelhantes no sexo, porque todas eram mulheres; eguaes no numero, porque eram cinco e cinco; differentes no intendimento, porque umas eram sábias, outras nescias; nem todas estas nescias, nem parte, nem se quer uma dellas com a companhia, com o tracto, e com a conversação das sábias se emendasse, e deixasse de ser nescia. Se todas as nescias apprendessem, e todas as sábias as ensinassem a o ser, não parece demasiada maravilha de mulheres a mulheres, de cinco a cinco, e de sábias a nescias; mas de mulheres a mulher, de cinco a uma, e de sábias a nescia; que nem esta, uma e unica, se mudasse com a companhia, nem se emendasse com o tracto, nem se convertesse com o exemplo? Assim foi, e assim costuma ser; sendo mais digno de admiração, que as nescias não pervertessem a todas as sábias, que todas as sábias não converterem uma nescia.

Passemos agora a Sancta Catharina, e vejamos estas mesmas parellias no sexo, no numero, e no intendimento, quão diversas foram na sua batalha, e quanto mais admiraveis na sua victoria. Lá o sexo era o mesmo, porque umas e outras eram mulheres; o numero equal, porque umas e outras eram cinco; as armas e a força maior, porque umas eram sábias, e outras nescias: porém na batalha de Catharina com os philosophos, ella era uma, e elles cincoenta; ella mulher, e elles homens; ella sábia, e elles sábios; que é muito mais forte, e muito mais difficultosa opposição. E que uma mulher, ou menos que mulher (porque apenas chegava a dezoito annos), posta em campo contra tantos e taes homens, não só vencesse a um, nem a muitos, senão a todos, e os sujeitasse a defender com a vida a mesma fé, que impugnavam; estas digo que foram

Foram as circumstancias da sua victoria, que a fazem sobre toda a imaginação gloriosa. Vamos agora discorrendo, e ponderando cada uma por si, veremos quão singular foi em cada uma e em todas a nossa sábia vencedora.

O 8.º da 3.ª parte.

## II.

*O exordio abrupto do sermão da primeira domingo do advento., pregado por Vieira na capella real em 1650.*

*Tunc videbunt, etc.*

Luc. 21.

Abrazado finalmente o mundo; e reduzido a um mar de cinzas tudo o que o esquecimento deste dia edificou sobre a terra (dou principio a este sermão sem principio; porque já disse Quintiliano, que as grandes acções não hão mister exordio; ellas por si mesmas ou supõem a attenção, ou a conciliam. Tambem passo em silencio a narração portentosa dos signaes, que precederão ao juizo; porque esta parte do evangelho pertence aos que hão de ser vivos naquelle tempo; e não a nós; e o dia de hoje é muito de tractar cada um só do que lhe pertence.) Abrazado pois o mundo, e consumido pela violencia do fogo tudo o que a soberba dos homens, e o esquecimento deste dia levantou e edificou na terra; quando já não se verão neste formoso e dilatado mappa, senão umas poucas cinzas, reliquias de sua grandeza, e desengano de nossa vaidade; soará no ar uma trombeta espantosa, não metaphórica, mas verdadeira (que isso quer dizer a repetição de S. Paulo: *Canet enim tuba*) E, obedecendo aos imperios daquella voz o céu, o inferno, o purgatorio, o limbo, o mar, a terra; abrir-se-hão em um momento as sepulturas, e apparecerão no mundo os mortos vivos. Parece-vos muito, que a voz de uma trombeta haja de achar obediencia nos mortos? Ora reparae em outro milagre maior, e não vos parecerá grande este.

Entrae pelos desertos do Egypto, da Thebaida, da Palestina, penetrae o mais interior e retirado daquellas soledades; que é o que vedes? Naquelle cova vereis mettido um Hilarião, naquell'outra um Mucario, na outra mais apartada um Pacomio, aqui um Paulo, allí um Jeronymo, acolá um Arsenio, da outra parte uma Maria Egypciaca, uma Thais, uma Pelagia, uma Theodora. Homens, mulheres, que é isto? Quem vos trouxe a esse estado? Quem vos antecipou a morte? Quem vos amortalhou nesses vilícios? Quem vos enterrou em vida? Quem vos metteu nessas sepulturas? Quem? Responderá por todos S. Jeronymo: *Semper mihi videtur insonare tuba illa terribilis: Surgite, mortui, venite ad iudicium.* Sabeis quem nos vestiu destas mortalhas? Sabeis quem nos fechou nestas sepulturas? A lembrança daquella trombeta temerosa, que ha de soar no ultimo dia: *Levante-vos, mortos, e vinde a juizo.* Pois se a voz desta trombeta, só imaginada (pezae bem a consequencia), se a voz desta trombeta, só imaginada, bastou para enterrar os vivos; que muito, que, quando soar verdadeiramente, seja poderosa para desenterrar os mortos? O meu espanto não é este. O que me espanta, e o que deve assombrar a todos, é, que haja de bastar esta trombeta para resuscitar os mortos, e que não baste para espertar os mortaes. Crêdes, mortaes, que ha de haver juizo? Uma de duas é certa; ou o não credes, ou o não tendes. Virá o dia final, e então sentirá nossa insensibilidade sem remedio o que agora poderá ser com proveito. Quanto melhor fôra chorar agora, e arrepende agora, como faziam aquelles e aquellas penitentes do ermo, do que chorar e arrepende depois, quando para as lagrimas não ha de haver misericordia, nem para os arrependimentos perdão! Agora vivemos como queremos; e ainda mal, porque depois haveos de resuscitar como não quizeramos.

O 5.º da 3.ª parte.

## III.

*Um trecho da confirmação do sermão pelo bom successo das armas de Portugal contra as de Hollanda, pregado por Vieira na igreja de Nossa Senhora da Ajuda da cidade da Bahia.*

*Exsurge, quare obdormis, Domine? etc.  
Psalm. 43.*

Bem vejo que me podeis dizer, Senhor, que a propagação de vossa fé, e as obras de vossa gloria não dependem de nós, nem de ninguém, e que sois poderoso, quando faltem homens, para fazerdes das pedras filhos de Abrahão. Mas também a vossa sabedoria, e a experiência de todos os seculos nos tem ensinado, que depois de Adão não creastes homens de novo, que vos servis do que tendes neste mundo, e que nunca admitteis os menos bons, senão em falta dos melhores. Assim o fizestes na parabola do banquete. Mandastes chamar os convidados, que tinheis escolhido, e, porque elles se escusaram e não quizeram vir, então admittistes os cegos e mancos, e os introduzistes em seu logar: *Cæcos et claudos introduc huc*. E se esta é, Deus meu, a regular disposição de vossa providencia divina, como a vemos agora tão trocada em nós, e tão differente comnosco? Quaes foram estes convidados, e quaes são estes cegos e mancos? Os convidados fomos nós, a quem primeiro chamastes para estas terras, e nellas nos puzestes a mesa tão franca e abundante, como de vossa grandeza se podia esperar. Os cegos e mancos são os Lutheranos e Calvinistas, cegos sem fé, e mancos sem obras, na reprovação das quaes consiste o principal erro da sua heresia. Pois se nós, que fomos os convidados, não nos escusámos, nem duvidámos de vir, antes rompemos por muitos inconvenientes, em que poderámos duvidar; se viemos e nos assentámos á mesa; como nos excluís agora e lançais fóra della, e introduzís violentamente os cegos e mancos, e dais os nossos logares ao herege? Quando em tudo o mais

foram elles tão bons , como nós , ou nós tão máus , como elles? Porque nos não ha de valer , pelo menos , o privilegio e prerogativa da fé? Em tudo parece , Senhor , que trocaes os estylos de vossa providencia , e mudais as leis de vossa justiça comnosco.

Aquellas dez virgens do vosso evangelho todas se renderam ao somno , todas adormeceram , todas foram eguaes no mesmo descuido : *Dormitaverunt omnes , et dormierunt*. E com tudo a cinco dellas passou-lhe o esposo por este defeito , e , só porque conservaram as alampadas accêsas , mereceram entrar ás vodas , de que as outras foram excluidas. Se assim é , Senhor meu , se assim o julgastes então (que vós sois aquelle esposo divino) , porque não nos val a nós tambem conservar as alampadas da fé accêsas , que no herege estão tão apagadas e tão mortas? É possível , que haveis de abrir as portas a quem traz as alampadas apagadas , e que as haveis de fechar a quem as tem accêsas? Reparae , Senhor , que não é auctoridade do vosso divino tribunal , que saíam delle no mesmo caso duas sentenças tão encontradas. Se ás que deixaram apagar as alampadas se disse : *Nescio vos* ; se para ellas se fecharam as portas : *Clausus est janua* ; quem merece ouvir de vossa bôcca um *Nescio vos* tremendo , senão o herege , que vos não conhece? E a quem deveis dar com a porta nos olhos , senão ao herege , que os tem tão cegos? Mas eu vejo , que nem esta cegueira , nem este desconhecimento , tão merecedores de vosso rigor , lhe retarda o progresso de suas fortunas , antes a passo largo se vem chegando a nós suas armas victoriosas , e cedo nos baterão ás portas desta vossa cidade. Desta vossa cidade disse ; mas não sei se o nome do Salvador , com que a honrastes , a salvará e defenderá , como já outra vez não defendeu ; nem sei , se estas nossas deprecações , posto que tão repetidas e continuadas , acharão accesso a vósso conspecto divino ; pois ha tantos annos , que está bradando ao céu a nossa justa dor , sem vossa clemencia dar ouvidos a nossos clamores.

Se acaso for assim (o que vós não permittais) , e está determinado em vosso secreto juizo , que entrem



os hereges na Bahia; o que só vos represento humildemente, e muito de veras, é, que antes da execução da sentença repareis bem, Senhor, no que vos pôde succeder depois, e que o consulteis com vosso coração, em quanto é tempo; porque melhor será arrepender agora, que quando o mal passado não tenha remedio. Bem estais na intenção e allusão, com que digo isto, e na razão, fundada em vós mesmo, que tenho para o dizer. Tambem antes do diluvio estaveis vós mui colerico, e irado contra os homens, e, por mais que Noé orava em todos aquelles cem annos, nunca houve remedio para que se aplacasse vossa ira. Romperam-se em finas cataractas do céu; cresceu o mar até os cumes dos montes, alagou-se o mundo todo; já estará satisfeita vossa justiça. Senão quando ao terceiro dia começaram a boiar os corpos mortos, e a surgir e apparecer em multidão infinita aquellas figuras pállidas; e então se representou sobre as ondas a mais triste e funesta tragedia, que nunca viram os anjos; que homens, que a vissem, não os havia. Vistes vós tambem (como se o visseis de novo) aquelle lastimosissimo espectaculo; e, posto que não chorastes, porque ainda não tinheis olhos capazes de lagrimas, enterneceram-se porêem as entranhas de vossa divindade com tão intrinseca dor: *Tactus dolore cordis intrinsecus*; que, do modo que em vós cabe arrependimento, vos arrependestes do que tinheis feito ao mundo; e foi tão inteira a vossa contrição, que não só tivestes pezar do passado, senão proposito firme de nunca mais o fazer: *Nequaquam ultra maledicam terrae propter homines*. Este sois, Senhor, este sois; e, pois sois este, não vos tomeis com vosso coração. Para que é fazer agora valentias contra elle, se o seu sentimento e o vosso as ha de pagar depois? Já que as execuções de vossa justiça custam arrependimentos á vossa bondade, vede o que fazeis antes que o façais, não vos aconteça outra. E, para que o vejais com cores humanas, que já vos não são estranhas, dae-me licença, que eu vos represente primeiro ao vivo as lastimas e miserias deste futuro diluvio; e se esta representação vos não enternecer, e

tiverdes entraulias para o ver sem grande dor, exegutae-o embora.

Finjamos pois (o que até fingido e imaginado faz horror), finjamos que vem a Bahia e o resto do Brasil a mãos dos Hollandezes; que é o que ha de succeder em tal caso? Entrarão por esta cidade com furia de vencedores e de hereges; não perdoarão a estado, a sexo, nem idade; com os fios dos mesmos alfanges medirão a todos. Chorarão as mulheres, vendo que se não guarda decóro á sua modestia; chorarão os velhos, vendo que se não guarda respeito a suas cãs; chorarão os nobres, vendo que se não guarda cortezia á sua qualidade; chorarão os religiosos e veneraveis sacerdotes, vendo que até as corôas sagradas os não defendem: chorarão finalmente todos, e entre todos mais lastimosamente os innocentes, porque nem a esses perdoará (como em outras occasiões não perdoou) a deshumanidade heretica. Sei eu, Senhor, que só por amor dos innocentes dissestes vós algum' hora, que não era hem castigar a Ninive. Mas não sei, que tempos, nem que desgraça é esta nossa, que até a mesma innocencia vos não abranda. Pois tambem a vós, Senhor, vos ha de alcançar parte do castigo (que é o que mais sente a piedade christã), tambem a vós ha de chegar.

Entrarão os hereges nesta egreja e nas outras; arrebatarão essa custodia, em que agora estais adorado dos anjos; tomarão os calices e vasos sagrados, e applical-os-hão a suas nefandas embriaguezes; derrubarão dos altares os vultos e estatuas dos sanctos, deformal-as-hão a cutiladas, e mettel-as-hão no fogo; e não perdoarão as mãos furiosas e sacrilegras nem ás imagens tremendas de Christo crucificado, nem ás da Virgem Maria. Não me admiro tanto, Senhor, de que hajais de consentir similhantes aggravos e affrontas nas vossas imagens, pois já as permittistes em vosso sacratissimo corpo; mas nas da Virgem Maria, nas de vossa sanctissima Mãe, não sei como isto pôde estar com a piedade e amor de filho. No monte calvario esteve esta Senhora sempre ao pé da Cruz; e, com serem aquelles algozes tão descortezes e crueis, nenhum se atreveu

a lhe tocar, nem a lhe perder o respeito. Assim foi, e assim havia de ser, porque assim o tinha a vossa promettido pelo propheta: *Flagellam non appropinquabit tabernaculo tuo*. Pois, Filho da Virgem Maria, se tanto cuidado tivestes então do respeito e decóro de vossa Mãe, como consentis agora que se lhe façam tantos desacatos? Nem me digais, Senhor, que lá era a pessoa, cá a imagem. Imagem sómente da mesma Virgem era a Arca do Testamento; e, só porque Oza a quiz tocar, lhe tirastes a vida. Pois, se então havia tanto rigor para quem offendia a imagem de Maria, porque o não ha tambem agora? Bastava então qualquer dos outros desacatos ás cousas sagradas, para uma severissima demonstração vossa, ainda milagrosa. Se a Jeroboão, porque levantou a mão para um propheta, se lhe seccou logo o braço milagrosamente; como aos hereges, depois de se atreverem a affrontar vossos sanctos, lhe ficam ainda braços para outros delictos? Se a Balthasar, por beber pelos vasos do templo, em que não se consagrava vosso sangue, o privastes da vida e do reino; porque vivem os hereges, que convestem vossos calices a usos profanos? Já não ha tres dedos, que escrevam sentença de morte contra sacrilegos?

Em fim, Senhor, despojados assim os templos, e derrubados os altares, acabar-se-ha no Brasil a christandade catholica; acabar-se-ha o culto divino; nascerá herva nas egzejas, como nos campos; não haverá quem entre nellas. Passará um dia de natal, e não haverá memoria de vosso nascimento; passará a quaresma e a semana sancta, e não se celebrarão os mysterios de vossa paixão. Chorarão as pedras das ruas, como diz Jeremias que choravam as de Jerusalém destruida: *Viae Sion lugent, eo quod non sint, qui veniant ad solemnitatem*; ver-se-hão ermas e solitarias, e que as não piza a devoção dos fieis, como costumava em semelhantes dias. Não haverá missas, nem altares, nem sacerdotes, que as digam; morrerão os catholicos sem confissão nem sacramentos; prégar-se-hão heresias nestes mesmos pulpitos, e, em lugar de S. Jeronymo e Sancto Agostinho, ouvir-se-hão nelles os infames nomes de Calvino e Lutero;

beberão a falsa doutrina os innocentes, que ficarem ; reliquias dos Portuguezes ; e chegaremos a estado, que , se perguntarem aos filhos e netos dos que aqui estão : Minino , de que seita sois ? Um responderá ; Eu sou Calvino ; outro : Eu sou Lutherano. Pois isto se ha de soffrer , Deus meu ? Quando quizestes entregar vossas ovelhas a S. Pedro, examinastel-o tres vezes , se vos amava : *Diligis me ? diligis me ? diligis me ?* E agora as entregais desta maneira , não a pastores, senão aos lobos ? Sois o mesmo , ou sois outro ? Aos hereges o vosso rebanho ? Aos hereges as almas ? Como tenho dito e nomeei *almas*, não vos quero dizer mais. Já sei , Senhor, que vos haveis de eternecer e arrepênder , e que não haveis de ter coração para ver taes lastimas e taes estragos. E , se assim é (que assim o estão prometendo vossas entranhas piedosissimas), se é que ha de haver dor, se é que ha de haver arrependimento depois, cessem as iras, cessem as execuções agora ; que não é justo vos contente antes o de que vos ha de pezar em algum tempo.

Muito honrastes , Senhor, ao homem na criação do mundo , formando-o com vossas proprias mãos, informando-o e animando-o com vosso proprio alento, e imprimindo nelle o character de vossa imagem e similitude. Mas parece, que logo desde aquelle mesmo dia vos não contentastes delle, porque de todas as outras cousas, que creastes, diz a escriptura que vos pareceram bem : *Vidit Deus quod esset bonum*; e só do homem o não diz. Na admiração desta mysteriosa reticencia andou desde então suspenso e vacillando o juizo humano, não podendo penetrar qual fosse a causa, por que, agradando-vos com tão pública demonstração todas as vossas obras, só do homem, que era a mais perfeita de todas, não mostrasseis agrado. Finalmente, passados mais de cem mil e septecentos annos, a mesma escriptura, que tinha calado aquelle mysterio, nos declarou, que vós estaveis arrependido de ter creado o homem : *Poenituit eum, quod hominem fecisset in terra*; e que vós mesmo dissestes, que vós pezava : *Poenitet me fecisse eos*; e então ficou patente e manifesto a todos o segredo, que tantos tempos tiuheis occultado. E vós ;

Senhor, dizeis que vos pêza, e que estais arrependido de ter creado o homem; pois essa é a causa, por que logo desd'o principio de sua creação vos não agradastes d'elle, nem quizestes que se dissesse, que vos parecêra bem; julgando, como era razão, por cousa muito allêa de vossa sabedoria e providencia, que em nenhum tempo vos agradasse, nem parecesse bem aquillo, de que depois vos haveis de arrepender, e ter pezar de ter feito: *Poenitet me fecisse*. Sendo pois esta a condição verdadeiramente divina, e a altíssima razão de estado de vossa providencia, não haver jámais agrado do que ha de haver arrependimento; e sendo tambem certas piedosissimas entranhas de vossa misericordia, que, se permittirdes agora as lastimas, as miserias, os estragoes, que tenho representado, é força que vos ha de pezar depois, e vos haveis de arrepender; arrependei-vos, misericordioso Deus, em quanto estamos em tempo; ponde em nós os olhos de vossa piedade; ide á mão á vossa irritada justiça; quebre vosso amor as settas de vossa ira, e não permittais tantos damnos, e tão irreparaveis. Isto é o que vos pedem tantas vezes, postradas deante de vosso divino acatamento, estas almas tão fielmente catholicas, em nome seu; e de todas as deste estado. E nam vos fazem esta humilde deprecação pelas perdas temporaes, de que cedem, e as podem executar nelles por outras vias; mas pela perda espiritual eterna de tantas almas, pelas injurias de vossos templos e altares, pela exterminação do sacrosancto sacrificio de vosso corpo e sangue, e pela ausencia insoffrivel, pela ausencia e saudades desse Sanctissimo Sacramento, que não sabemos quanto tempo teremos presente.

O 14.º da 3.ª parte.

## IV.

*A peroração do sermão da quarta dominga da quaresma, pregado por Vieira em Lisboa na capella real em 1655.*

*Fugit iterum in montem ipse solus, etc.*  
Joan. 6.

Tenho dado fim ao meu discurso, largo para o tempo, mas muito breve e diminuto para o merecimento da causa. Vejo porém, que não faltaria em todo elle quem estranhasse a materia como impropria do lugar e do auditorio, e mais accommodada para os desertos do Bussaco, ou para as serras da Arrabida, que para a capella real e côrte de Lisboa. Assim julgam os que sabem pouco do mundo, do christianismo e das historias; como se não fossem as côrtes catholicas em todas as edades as que mais illustremente povoaram os ermos, e por isso com melhores e mais qualificados exemplos. No baixo (ou no alto) deste pavimento, e no mais alto de umas e outras tribunas, estou eu vendo muitas almas livres ainda daquellas cadeas, que se não podem quebrar; as quaes se trocassem a vaidade pela verdade, a côrte pelo deserto, o paço pela clausúra, as galas pelo cilicio, e o captivo do mundo pelo jugo suave de Christo, triumphando do mesmo mundo com a fé, e de si mesmos com o entendimento, não só teriam muito de que se gloriar na outra vida, mas tambem de que se não arrepender nesta.

Mas vindo em particular aos que por estado, profissão e officio tem para si, que se não podem retirar do povoado; e deixar o tracto das gentes; saibam, que para satisfazer ás obrigações do mesmo estado, da mesma profissão, e do mesmo officio, tambem elles devem alternar o exercicio com o retiro, e partir os dias e a vida com o deserto; não sempre (que isso é alternar), mas a seus tempos. Todas essas obrigações do estado e do officio ou são ecclesiasticas, ou seculares;

e nenhum homem, por mais capaz que se imagine, as poderá administrar como contém, ou na espiritual, ou na politica, se não for apprendor na escola do deserto e modo justo e acertado, com que as ha de exercitar.

Quanto aos ecclesiasticos, quem mais obrigado ás ovelhas, que o pastor? E que pastores mais obrigados á conta, que Deus lhe ha de pedir dellas, que os superiores? Mas estes, retirados ao deserto com Deus e consigo, se não tomarem a mesma conta, nunca a darão boa. Que pastores mais zelosos e vigilantes, que bispos e arcebispos mais doutos e sanctos, que um Chrysostomo em Constantinoopla, um Basilio em Cesarea, um Ambrosio em Milão, um Athanasio em Alexandria, um Agostinho em Hippona? E todos, se lendes as suas vidas, já os voreja na cadeia, já no deserto, já apachoretas e só, e já cercados de infinito povo, convertendo gentios, confutando hereses, aperfeiçoando christãos, e cultivando de tal modo as suas egrejas e dioceses, que as casas pareciam religiões, e as cidades paraísos. E donde nasciam estes effeitos tão maravilhosos, se não porque os mesmos prelados no deserto recebiam a luz e a graça, e na solidão o espirito e fervor, com que no povoado accendiam as almas, arrancavam os vícios e plantavam as virtudes? Quando Saub foi a Ramá, e perguntou por Samuel, responderam-lhe, que chegára a bom tempo, porque naquelle dia havia de vir á cidade a offerecer sacrificio: *Hodie enim venit in civitatem, quia sacrificium est hodie populi in excelso*. E porque disseram, que naquelle dia havia de vir á cidade? Porque Samuel, que era o sacerdote e prelado do povo, em tal fórma tinha repartido os dias, que parte dellas gastava com Deus no deserto, e parte com os homens na cidade. E nota S. Gregorio, papa, sobre as mesmas palavras, que nesta repartição de tempo a melhor e maior parte era a de estar só com Deus; porque, tanto que tinha satisfeito a obrigação dos sacrificios, e governo espiritual das almas, logo sem se deter um momento no povoado, se tornava a recolher para o deserto: *Quia ipso videbatur in civitate, videlicet,*

*tarde veniens, et cito recedens.* E se isto fazia Samuel antes da vinda, antes da doutrina, e antes do exemplo de Christo; vejã os successores do mesmo Christo o que devem fazer, e o que podem.

No estado secular e politico, parece que tem menos lugar este retiro, pela frequencia e multidão dos negocios, e pela maior necessidade de assistencia das pessoas publicas em materias tantas e de tanto pêsso, como as que ordinariamente occorrem no governo de uma monarchia. Assim o suppõe a politica humana, ou mais verdadeiramente gentilica; como se o acerto dos negocios, por muitos e grandes, necessitára menos da providencia de Deus; e a vista das cousas da terra, ou no claro, ou no escuro; não dependêra toda das luzes do céu? Rei era, e de populosissimo reino; David; gravissimos foram os pontos de estado, que em quarenta annos do seu reinado, assim na paz, como na guerra, assim dentro; como fóra de casa, lhe pozeram em perigo e contingencia a corôa; e aonde ia elle buscar a luz, e consultar as resoluções, senão ao deserto? Ouçamol-o de sua mesma bôcca: *Cor meum conturbatum est in me, et formido mortis cecidit super me: timor, et tremor venerunt super me, et contexerunt me tenebrae.* Oh quantas vezes, diz David, se viu o meu coração confuso e perturbado no meio de perigos e temores mortaes, que o faziam palpitar e tremer; e sobre tudo cercado e coberto de escuridade, sem o menor raio de luz, que me mostrasse o caminho, por onde escapar? E neste tempo e nestas angustias, qual era o meu refugio? *Ecce elongavi fugiens, et mansi in solitudine; expectabam eum, qui salvum me fecit a pusillanimitate spiritus, et tempestate.* O meu refugio e remedio; nos taes casos, não era outro senão fugir muito longe das cidades, e metter-me na solidão dos desertos, e alli, só por só com Deus, esperar d'elle que me alumiasse, e me tirasse a salvamento daquellas tempestades, das quaes eu, como piloto areado, e com a náu quasi perdida, me não sabia, nem podia livrar. E se isto fazia um coração tão animoso e intrepido, e um juizo tam sabio, tão experimentado, e tão prudente, como o de



David; porque cuidarão os outros príncipes (e mais sobre a experiencia de muitos erros), que sent se retirar a seus tempos das côrtes, e sem consultarem sós por sós a Deus, poderão elles por si, e por seus ministros conseguir os acertos do bem público, que talvez não sabem desejar, quanto mais conseguir?

E se me disserem, que não ha tempo para esses tempos, e para esses retiros; ninguém me negará, que ha dias e semanas e mezes para outros retiros; para outros desertos, para outros bosques e para outros montes, e não dentro ou perto das côrtes, senão muito longe dellas; sendo certo que o trabalho (chamado recreação), que se toma para cercar e ferir um javali, e morto o levar em triumpho, fôra mais bem empregado em montar outras feras, que se tornam a trazer da caça tão vivas, como se levam. Aos vícios coroados chama a igreja *vittiorum monstra*, não vícios de qualquer modo, senão monstros; e a montaria destes monstros, e tambem a altenaria delles, é a que se faz nos desertos só por só com Deus. Alli se quebram as gazas á vaidade; alli se dá em terra com a soberba; alli se atallham os passos á cubiça; alli se cortam as mãos á vingança; alli cái em si a injustiça e a semrazão; alli morre e se desfaz escumando a ira; e todos os outros monstros da intemperança poderosa e sem freio ou se matam, ou se afugentam, ou se domam. Do primeiro rei, que houve no mundo, diz a escriptura: *Erac robustus venator coram Domino*; que era valente caçador deante de Deus; e estas caçadas, que se fazem deante de Deus, são as recreações, que devem tomar os principes, e as valentias, de que mais se devem prezar, pois são as verdadeiras valentias. E, se no tempo, que tomam para a caça, ausentando-se das côrtes, não temem perder a bençã e o morgado, como o perdeu Esaú; muito menos devem temer esta perda, ou outro detrimento da monarchia, no tempo, em que se retirarem a tractar com Deus, e receber d'elle a luz, com que só a podem conseryar e reger. Muitos reis na caça perderam desastradamente a vida; porém aquelle, a que a escriptura, não sem mysterio, chamou caçador

deante de Deus, não só reinou sessenta e sete annos, mas fundou uma nova monarchia, que durou mil e duzentos, e se conservou mais que todas as que floreceram no mundo.

Em fim (para convencermos com o maior de todos os exemplos assim o estado ecclesiastico, como o politico) Christo Redemptor e Senhor nosso, que juntamente era supremo rei e summo sacerdote, não só nos tres annos, em que exercitou no mundo uma e outra dignidade, repartiu sempre a vida entre o povoado e o deserto; mas neste mesmo dia, em que com as obras provou que o era, e todos o reconheceram por tal, uma parte do mesmo dia deu ás turbas e ao povo, e a outra parte ao deserto e ao monte: *Fugit in montem ipse solus.*

O 6.º da 3.ª parte.

## V.

*O segunda sermão da cinza, pregado por Vieira em Roma no anno de 1673.*

*Pulvis es, et in pulverem reverteris, etc.*  
Genes. 319.

Duas cousas prega hoje a igreja a todos os mortaes; ambas gratidas, ambas tristes, ambas temerosas, ambas certas. Assim comecei eu o anno passado, quando todos estavaynos mais longe da morte; mas hoje, que tambem estamos todos mais perto della, importa mais tractar do remedio, que encarecer o perigo. Adeantando pois o mesmo pensamento, e sobre as mesmas palavras, digo, senhores, que duas cousas prega hoje a igreja a todos os vivos; uma grande, outra maior; uma triste, outra alegre; uma temerosa, outra segura; uma certa e necessaria, outra contingente e livre. E que duas cousas são estas? Pó e pó. O pó, que somos: *Pulvis es*; e o pó, que havemos de ser: *In pulverem reverteris*. O pó, que havemos de ser, é triste, é temeroso, é certo e necessario; porque ninguém pôde

escapar da morte; o pó, que somos, é alegre, é seguro, é voluntario e livre; porque, se nós o quizermos entender e applicar como convêm, o pó, que somos, será o remedio, será a theriaga, será o correctivo do pó, que havemos de ser.

Notavel foi o caso succedido em tempo do imperador Valente, do qual disse então com elegante juizo o poeta Ausonio aquella tão celebrada sentença: *Et cum fata volunt, bina venena juvant*. Quiz uma inimiga domestica tirar a vida com veneno ao senhor da casa; e, depois de ter medicado a bebida com certos pós venenosos, duvidando ainda se teriam bastante efficacia, para segurar melhor o effeito, mandou buscar outros. Vieram os segundos pós, lança-os na mesma taça a traidora; bebe o innocente marido; mas, quando ella esperava que caísse subitamente morto, elle ficou tão vivo e sem lesão, como d'antes. Admiravel acontecimento! Se os primeiros pós bastavam para matar, e os segundos tambem, ambos juntos porque não mataram? Este homem não era Mithridates, que se alimentasse de veneno. Se bebia só os primeiros pós, morria; se bebia só os segundos, tambem morria; pois porque não morreu, bebendo uns e mais os outros? Porque os segundos pós foram correctivos dos primeiros. A guerra, que haviam de fazer ao coração, fizeram entre si, e em vez de matar, mataram-se. Taes são os dous pós, com que hoje nós ameaça a sentença universal de Adão: *Pulvis es, um pó: In pulverem reverteris*, outro pó; ambos mortos, ambos venenosos; mas, se nós quizermos, não está na mão dos fados, senão na nossa, que um seja a theriaga, e o correctivo do outro. Isto é o que determino prégar hoje. A igreja põe-nos sobre a cabeça uma ciriza feita de palmas; eu hei-vos de metter na mão uma palma feita de cinzas. Havemos de vencer um pó com outro pó; havemos de curar um veneno com outro veneno; havemos de matar uma morte com outra morte; a morte do pó, que havemos de ser, com a morte do pó, que somos: *Pulvis es, et in pulverem reverteris*. Para que eu saiba preparar estes pós, de modo que venham a ter tão grande virtude

e para que vós e eu os saibamos applicar como convém, não por ceremonia (que não é o dia d'isso), senão muito de coração, peçamos a assistencia da divina graça. *Ave Maria.*

*Pulvis es, et in pulvèrem revertèris.* Homem christão, com quem fala a igreja, és pó, e has de ser pó; que remedio? Fazer que um pó seja correctivo do outro. Sê desde logo o pó, que és; e não temerás depois ser o pó, que has de ser. Sabeis, senhores, porque tememos o pó, que havemos de ser? É porque não queremos ser o pó, que somos. Sou pó, e hei de ser pó; pois antes de ser o pó, que hei de ser, quero ser o pó, que sou. Já que hei de ser pó por força, quero ser pó por vontade. Não é melhor que faça desde logo a razão, o que depois ha de fazer a natureza? Se a natureza me ha de resolver em pó, eu quero-me resolver a ser pó; e faça a razão por remedio o que ha de fazer a natureza sem remedio. Não sei se entendestes todos a metaphora. Quer dizer mais claramente, que o remedio unico contra a morte é acabar a vida antes de morrer. Este é o meu pensamento, e envergonho-me, sendo pensamento tão christão, que o dissesse primeiro um gentio: *Considera, quam pulchra res sit consummare vitam ante mortem; deinde expectare securum reliquam temporis sui partem?* Lucilio meu (diz Seneca escrevendo de Roma a Sicilia; o pensamento saíu de Roma, e fôra melhor que não saísse), Lucilio meu, considera com attenção, o que agora te direi, e toma um conselho, que te dou, como mestre, e como amigo: se queres morrer seguro, e viver o que te resta sem temor, acaba a vida antes da morte. Oh grande e profundo conselho, merecedor verdadeiramente de melhor auctor, e digno de ser abraçado de todos os que tiverem fé e intendimento! *Consummare vitam ante mortem*, acabar a vida antes de morrer, e ser pó por eleição, antes de ser pó por necessidade. Isto disse e ensinou um homem gentio, porque para conhecer esta verdade não é necessario ser christão, basta ser homem: *Memento, homo.*

Suba agora a fé sobre a razão, venha a auctoridade divina

divina sobre a humana, e ouçamos o que diz o céu á terra. *Audivi vocem de caelo dicentem mihi: Scribe: Beati mortui, qui in Domino moriuntur.* Ouvi (diz S. João) uma voz do céu, que me dizia, e me mandava escrever esta sentença: Bemaventurados os mortos, que morrem em o Senhor. Celestial oraculo, mas difficiloso! *Quis mortuus mori potest?* Argúe e pergunta S. Ambrosio. Que morto ha, que possa morrer? *Nullus procul dubio:* Nenhum. Tudo acaba a morte; e tudo se acaba com a morte, até a mesma morte. Quem morreu; já não póde morrer. Só os mortos tem este privilegio contra a jurisdicção e imperio universal da morte. São sujeitos á morte os principes, os reis, os monarchas; só os mortos; depois que uma vez lhe pagaram tributo, ficaram isentos de sua juridicção. Por isso Tertulliano chamou judiciosamente á sepultura *mortis asyllum*; asylo e sagrado da morte. Contra a alçada da morte nem o Vaticano é sagrado, mas a sepultura sim; porque os mortos já não podem morrer. Como diz logo a voz do céu a S. João: Bemaventurados os mortos, que morrem em o Senhor? Mortos, que morrem? Que mortos são estes? São aquelles mortos, que acabam a vida antes de morrer. Os que acabam a vida com a morte, são vivos, que morrem; porque os tomou a morte vivos; os que acabam a vida antes de morrer, são mortos, que morrem; porque os achou a morte já mortos. *Illi sunt beati, et illi in Domino moriuntur, qui prius moriuntur mundo; postea carne:* responde o mesmo S. Ambrosio. Sabeis quaes são os mortos, que morrem? São aquelles, que acabaram a vida antes de morrer; aquelles, que morreram ao mundo, antes que a morte os tire do mundo: *Qui prius moriuntur mundo, postea carne.* Estes são os mortos, que morrem; estes são os que morrem em o Senhor; estes são os que a voz do céu canoniza por bemaventurados: *Beati mortui.*

E, se os que morrem mortos, são bemaventurados; os que morrem vivos, que serão? Sem duvida malaventurados. Grande texto de David. *Veniat mors super illos, et descendant in infernum viventes:* venha a morte

sobre elles, e desçam vivos ao inferno. A primeira parte desta sentença faz estranha e difficilissima a segunda. Que possam homens descer vivos ao inferno, exemplo temossem Dathan e Abiron; abriu-se a terra, e enguliu-os o inferno vivos. Mas o caso do nosso texto ainda encerra maior maravilha. Diz que virá a morte sobre elles: *Veniat mors super illos*; e que assim descirão vivos ao inferno: *Et descendant in infernum viventes*. Se a morte veio sobre elles, já os matou; e, se já são mortos, como diz o propheta que descirão ao inferno vivos? Porque esse é o estado, em que os achará a morte. Não fala o propheta do estado, em que hão de chegar ao inferno, senão do estado, em que os achará e tomará a morte, quando lá der com elles. A morte, quando vem, mata a cada um no estado, em que o acha. Aos que acabaram a vida antes de morrer, mata-os já mortos; aos que não quizeram acabar a vida antes da morte, mata-os vivos. Estes taes, vem a morte sobre elles; os outros vão elles sobre a morte. E vai tanta differença de vir a morte sobre vós, ou irdes vós sobre ella; vai tanta differença de morrer assim vivo ou já morto, que os que morrem mortos, são os que tem seguro o céu: *Beati mortui, qui in Domino moriuntur*; e os que morrem vivos, são os que vão ao inferno: *Veniat mors super illos, et descendant in infernum viventes*.

Senhores meus, o dia é de desenganos. Morrer em o Senhor, ou não morrer em o Senhor; haver de ser bemaventurado, ou não haver de ser bemaventurado, é o ponto unico, a que se reduz toda esta vida, e todo este mundo, todas as obras da natureza, e todas as da graça, tudo o que somos, e tudo o que havemos de ser; porque é salvar, ou não salvar. Este é o negocio de todos os negocios, este é o interesse de todos os interesses, esta é a importancia de todas as importancias; e esta é e deve ser na curia, e fóra della, a pretensão de todas as pretensões; porque este é o meio de todos os meios, e o fim de todos os fins; morrer em graça e segurar a bemaventurança. E, se me perguntardes: Essa bemaventurança, e esse seguro, e essa gra-

ta; porque a não promette a voz do céu aos vivos, que morrem, senão aos mortos, que morrem: *Mortui, qui moriuntur?* A razão verdadeira e natural, e provada com a experiencia de todos os que viveram e morreram, é, porque aquelles, que morrem quando morrem, hão de contrastar com todos os perigos, e com todas as difficuldades da morte, que é cousa muito arriscada naquella hora; porém os que morrem antes de morrer, já levam vencidos e superados todos esses perigos, e todas essas difficuldades; porque na primeira morte desarmaram e venceram a segunda.

Tres cousas (dividamos o discurso, para que declaremos e apartemos bem este ponto), tres cousas fazem duvidosa, perigosa e terrível a morte: ser uma; ser certa; ser momentanea. Estas são as tres cabeças horrendas deste Cerbero; estas são as tres gargantas, por onde o inferno engole o mundo. E de todas estas difficuldades e perigos se livra seguramente só, quem? Quem não guarda a morte para a morte; quem acaba a vida antes de morrer; quem se resolve a ser pó antes de ser pó: *Pulvis es.*

Primeiramente é terrível, e terrívelissima condição da morte ser uma: *Statutum est hominibus semel mori.* Hei de morrer; e uma só vez. A lei geral de Adão diz: *Morte morieris*; morrerás. A glossa de S. Paulo acrescenta: *Semel*; uma vez. E, sendo a lei tão temérosa, muito mais terrível é a glossa, que a mesma lei. Os males desta vida, quanto mais se multiplicam, tanto são maiores: *Multiplicabo aerumnas tuas*; disse Deus a Eva. O maior mal da morte é não se poder multiplicar. Se a unidade da morte se multiplicára, e se podéra morrer mais de uma vez, appellára-se de uma para outra. Quando David saiu a desafio com o gigante, metteu cinco pedras no currão, porque, se errasse a primeira pedrada, podesse appellar para as outras pedras. Todos havemos de sair a desafio com este grande gigante, com este Goliath da morte; mas o vencer, ou não vencer, está em um só tiro. Quem disse: *Non licet in bello bis errare*, errou. O que se erra em uma batalha, pôde-se emendar na outra; e o que se perdeu em

uma rota, pôde-se recuperar em uma victoria; só a morte é aquella, em que não é licito errar duas vezes. *Etgo erravimus*; em fim errámos, diziam depois de mortos aquelles, que tinham dito pouco antes: *Coronemus nos rosas, antequam marcescant*; coroemo-nos de rosas, antes que se murchem. Pois se errastes, porque não emendais o erro? Porque já não é tempo, somos mortos. Muito mais temerosa é nesta parte a morte do corpo, que a morte da alma. Para a morte da vida espiritual ha contrição, ha penitencia; para a morte da vida corporal não instituiu Deus sacramento, nem ha remedio. Quem a errou uma vez, errou-a para sempre. A transmigração deste mundo para o outro não é como a transmigração de Pythagoras. Se a alma, depois de viver em um corpo, podéra animar outro; depois de o homem morrer a primeira vez em um ladrão, podéra morrer a segunda em um anachoreta. Mas quem uma vez morreu Judas, não lhe resta outra para morrer Paulo. Uma só morte, ou boa para sempre, ou má para sempre: *Semel*.

Não ha dúvida que é terrivel condição esta da morte; mas para quem terrivel? Para quem morre, quando morre. Porém quem morre antes de morrer, zomba dessa condição, e ri-se dessa terribilidade: *Ridebit in die novissimo*. Que se me dá a mim que a morte seja uma, se eu posso fazer que sejam duas? A morte não tem remedio depois, mas tem remedio antes. *Constituísti terminos ejus, qui praeteriri non poterant*. Nota a palavra *praeteriri*. A morte é um termo, que se não pôde passar da parte d'além; mas pôde-se anticipar da parte d'aquém. Não tem remedio depois, porque depois de uma morte não ha outra morte; mas tem remedio antes, porque antes de uma morte pôde haver outra. Por lei e por estatuto hei de morrer uma vez; mas na minha mão e na miuha eleição está morrer duas; e este é o remedio. Morreu Lazaro; enterraram-no as irmãs; chegou Christo ao sepulchro e chorou. A' vista destas lagrimas e sepultura de Lazaro admirados os circumstantes diziam: *Non poterat hic, qui aperuit oculos caeci nati, facere, ut hic non moreretur?* Este, que chora, não é o



mesmo, que deu vista ao cego de seu nascimento? Sim. Pois como não impediu que morresse Lazaro? Se chorava, é seu amigo; se deu vista ao cego, é poderoso; é amigo e poderoso, e não faz por seu amigo o que póde? Se o podia sarar, porque o deixou morrer, e não fez o que podia? Não fez Christo neste caso o que podia, porque nos quiz ensinar com este caso a fazer o que podemos. Quiz-nos ensinar Christo a morrer duas vezes. Altamente sancto Agostinho: *Ut unus homo semel nasci, et bis mori, disceret.* Deixou Christo morrer a Lazaro, e não o quiz sarar inferno, senão resuscitar morto, para que á vista deste exemplar (morrendo Lazaro agora, e tornando a morrer depois) apprendessem e soubessem os homens, que nascendo uma só vez, podem morrer duas: *Semel nasci, et bis mori.* Oh divino documento do divino Mestre! nascer uma vez, e morrer duas vezes!

Bem creio eu, que haverá não poucos, que quizeram antes trocados estes termos; e poder nascer duas vezes, para escolher nascimento. Mas Deus, que nos fez para a eternidade, e não para o tempo; para a verdade, e não para a vaidade; deixou o nascer á natureza, e o morrer á eleição. No nascer, em que todos somos eguaes, não póde haver erro, e por isso basta nascer uma vez; no morrer, em que o erro ou acerto importa tudo, e ha de durar para sempre, era justo que o homem pudesse morrer duas vezes, para eleger a morte, que mais quizesse, e para aprender, morrendo, a saber morrer. Nenhuma cousa se faz bem da primeira vez, quanto mais a maior de todas, que é morrer bem. Reparo é digno de toda a admiração, que, sendo tantas as meditações da morte, e tantos os espectadores deste desengano, sejam tão poucos os que sabem morrer. Mas a razão desta experiencia e desta desgraça é, porque as artes ou sciencias prácticas não se apprendem só especulando, senão exercitando. Como se apprende a escrever? Escrevendo. Como se apprende a esgrimir? Esgrimindo. Como se apprende a navegar? Navegando. Assim, tambem se ha de aprender a morrer, não só meditando, mas morrendo. Por isso Christo nos ensi-

nou em Lazaro a morrer duas vezes; uma vez para que apprendessemos; outra para que soubessemos morrer. Ao paralytico e a outros, a quem o Senhor deu saude milagrosa, depois de os sarar, pregava-lhes; e aos demais, que resuscitou, nenhum documento lhes deu. E porque? Porque eram homens, que já morreram uma vez, e haviam de morrer outra; e quem morre antes da morte, não ha mister mais doutrina para bem morrer.

O inferno e a condemnação eterna (que é o paradeiro dos que morrem mal) chama-se no Apocalypse morte segunda. E faz menção alli S. João de certas almas, em quem a morte segunda não tem poder: *In his secunda mors non habet potestatem*. E que almas venturosas são estas, em quem não tem poder a morte segunda? Todos, em quanto estamos sujeitos á morte primeira, que é a morte temporal, estamos tambem arriscados á morte segunda, que é a morte eterna; porque todos nos podemos condemnar, e ir ao inferno. Que almas são logo estas tão privilegiadas, que totalmente se isentam do poder e jurisdicção da morte segunda? São as almas daquelles, que com verdadeira resolução e perseverança souberam acabar a vida antes da morte, e morrer antes de morrer. Das mesmas palavras de S. João se colhe, se bem as consideramos. E, se não, pergunto: Porque se chama a morte eterna, precisa e determinadamente, morte segunda, e não mais que segunda? Porque não pôde ser morte, senão daquelles, que morrem uma só vez. Morte segunda refere-se á morte primeira, e suppõe antes de si outra morte, mas uma só, e não mais que uma; porque, se as mortes antecedentes fossem duas, já não seria morte segunda, senão morte terceira. E como os que morrem em vida, morrem duas vezes, uma quando morrem, e outra antes de morrer; já não tem nelles logar morte segunda. Para quem morre uma só vez, ha no inferno morte segunda; para quem morre duas vezes, não ha lá morte terceira. Por isso a que se chama segunda, não tem sobre elles poder: *In his secunda mors non habet potestatem*. Os ditosos aquelles, que para evitar

o perigo da morte segunda, souberem metter outra morte antes da primeira!

Christãos e senhores meus, se quereis morrer bem (como é certo que quereis), não deixeis o morrer para a morte; morrei em vida: não deixeis o morrer para a enfermidade e para a cama; morrei na saúde e em pé. E, se quizerdes para esta grande empresa um corpo, ou jeroglyfico natural, não notado por Plinio ou Marco Varro, senão por auctor divino e canonico, eu vol-o darei. Foi notar S. Judas Thaddeu naquella sua admiravel epistola, que as arvores morrem duas vezes: *Arbores autumnales, infructuosae, bis mortuae*. A primeira vez morrem as arvores em pé, a segunda deitadas; a primeira, quando se seccam; a segunda, quando caem. Platóo disse, que os homens são arvores ás avessas, e eu acrescento, que, se morrerem como as arvores, serão homens ás direitas. Na arvore, em quanto lhe dura a vida ou a verdura, tudo são galas, tudo pompa, tudo novidades; morre finalmente a arvore com o tempo a primeira vez, e daquelle corpo tão formoso e vario, que vestiam as folhas, que guarneciam as flores, que enriqueciam os fructos, não se vê mais que um cada-ver sôcco, triste e destroncado. Neste despojo de tudo o que tinha sido, presa ainda pelas raizes, e sustentando-se na terra (mas não da terra), espera a arvore em pé a ultima caída; e esta é a segunda morte, com que de todo acaba. Assim deve antes acabar quem quer acabar bem. Quantas primaveras tem passado por nós, quantos verões e quantos outonos, e póde ser que com menos fructo, que folha e flores? O que fazem os annos nas arvores, bem o poderam já ter feito em muitos de nós os mesmos annos. E é hem que a razão e o desengano o faça em todos, pois são mais fracas as nossas raizes. Esperemos mortos pela morte, e esperemol-a em pé, antes que ella nos deite na sepultura. Oh ditosa sepultura a daquelles, na qual se possa escrever com verdade o epitaphio vulgar do grande Escoto: *Semel sepultus, bis mortuus*; uma vez sepultado, e duas morto!

Vencida assim esta primeira difficuldade de ser a

morte uma ; segue-se a segunda , não menos perigosa , nem menos terrível , que é o ser incerta. Certa a morte ; porque todos certa e infallivelmente havemos de morrer ; mas , nessa mesma certeza , incerta ; porque ninguém sabe o quando. Repartimos a vida em edades , em annos , em mezes , em dias , em horas ; mas todas estas partes são tão duvidosas e tão incertas , que não ha idade tão florescente , nem saude tão robusta , nem vida tão bem regrada , que tenha um só momento seguro. Perplexo no meio desta incerteza , e temeroso della David , fez esta petição a Deus : *Notum fac mihi, Domine, finem meum, et numerum dierum meorum, ut sciam, quid desit mihi*: Senhor , não vos peço larga vida ; mas esses dias , poucos ou muitos , que hei de viver , peço-vos que me digais quantos são , para saber o que me resta. Assim o pediu David ; mas é a lei da incerteza da morte tão indispensavel , que nem a David o concedeu Deus. Era David aquelle homem , que com verdade dizia de si : *Incerta et occulta sapientiae tuae manifestasti mihi* ; e , manifestando-lhe Deus todos seus segredos , e as outras cousas mais incertas e occultas de sua providencia , só o incerto e occulto de sua morte lhe não quiz revelar. Tão reservado é só para Deus o certo desta incerteza.

Mas , dado caso que Deus revelára a David a certeza da sua morte , ainda depois de revelada e certificada por Deus , digo , que ficaria incerta. Temos o caso em outro rei não menos sancto , nem menos favorecido de Deus , que David. Havendo el rei Josias feito grandes serviços a Deus em observancia e augmento da religião , prometeu-lhe o mesmo Deus em prémio destas boas obras , que morreria em paz : *Idcirco colligam te ad patres tuos, et colligeris ad sepulchrum tuum in pace*. Muito contente Josias com esta revelação , e muito animado com este seguro divino , como mancebo que era de trinta e nove annos , desejoso de gloria ; arma exercito contra os Assyrios , mette-se em campanha ; e , tanto que os dous exercitos estiveram á vista , põe-se na testa dos esquadrões com o bastão na mão , e o cartaz de Deus no peito : *Eu hei de morrer na paz , seguro estou*

na guerra. Cerram nisto os esquadrões ; trava-se a batalha, voam as settas, senão quando uma dellas atravessa pelo coração a Josias ; e cái morto. Morto el rei ? Não pôde ser. Não tinha Josias uma revelação, uma promessa, e um assignado de Deus, que havia de morrer em paz: *Colligeris; ad sepulchrum tuum in pace?* Pois como morre na guerra e na batalha? Aqui vereis, qual é a incerteza da morte. É certo que Josias morreu na guerra ; é certo que Deus tinha promettido que havia de morrer em paz ; é certo que a palavra de Deus não pôde faltar ; e, no meio de todas estas certezaas, foi incerto o dia, incerto o logar, e incerto o genero da morte, de que havia de morrer, e morreu Josias. Mas como pôde estar esta incerteza, e tantas incertezas, com a certeza infallivel da palavra divina? Disse-o David nas mesmas palavras, com que pouco ha fez sua petição: *Loquutus sum in lingua mea: Notum fac mihi, Domine, finem meum.* Quando eu pedi a Deus que me revelasse o fim de minha vida, falei na minha lingua: *Loquutus sum in lingua mea.* É, assim como David falou a Deus na sua lingua, assim Deus falou a Josias na sua. A lingua de Deus não a intendem bem os homens ; porque pôde ter muitos sentidos, E que importa que tenha eu palavra de Deus, e que a palavra de Deus seja certa, se o sentido da mesma palavra de Deus pôde ser incerto, como aqui foi? Por isso fala Deus de proposito com palavras de sentido duvidoso e incerto, ainda quando revela os futuros da morte ; para que a certeza della fique reservada sempre a sua sabedoria sómente, e para nós seja sempre duvidosa, e sempre incerta.

Tal é, senhores, a incerteza da morte ; mas na nossa mão está fazel-a certa, se nos resolvemos a acabar a vida antes de morrer. Que bem vem caíndo neste logar aquelle dito verdadeiramente romano do vosso Catão ! Estava elle na Africa sustentando só, como bom cidadão, as partes da républica contra Cesar ; estava tambem alli o famosissimo oraculo de Jupiter Ammon ; disseram-lhe que o consultasse : e que responderia Catão ? Respondeu mais sabiamente, do que podéra respon-

der o mesmo Jupiter: *Me non oracula certum, sed mors certa facit*: Do meu fim não me certificam os oráculos; o meu oráculo certo é a morte certa. Falou barbaramente, como gentio; mas generosamente, como estoico. Era dogma da seita estoica, nos perigos de morrer indignamente, tirar-se a si mesmos a vida antes da morte. Assim o fez Catão, tomando a morte certa por suas próprias mãos, por antecipar a morte duvidosa, vindo ás mãos de Cesar. Mellhor o christão, que o estoico. O estoico mata-se, para que o não matem; o christão morre para morrer. Morrer mal, para não morrer peor, como faz o estoico, parece valor e prudencia; mas é temeridade e fraqueza. Morrer bem, para morrer melhor, como faz o christão, é valor, e verdadeira prudencia. E, se o estoico morre uma morte certa, o christão morre duas tambem certas; porque na certeza da primeira segura a incerteza da segunda. Que se lhe dá logo ao christão que a morte seja incerta, se elle, morrendo antes, a pôde fazer certa?

Ouvi a S. Paulo: *Ego curro, non quasi in incertum*: Eu passo a carreira da vida, como os outros homens; mas não corro, como elles, ao incerto, senão ao certo. Allude o apóstolo aos jogos daquelle tempo, em que os contendores corriam até certa baliza, ou meta, incertos de quem havia chegar primeiro ou depois. A meta é a morte, a carreira é a vida. E porque diz Paulo que elle corria ao certo, e não ao incerto, como os demais? Porque os demais acabam a carreira, quando chegam á meta; Paulo, antes de chegar á meta, tinha já acabado a carreira. Os demais acabam a vida, quando chegam á morte; Paulo tinha acabado a vida antes de morrer. O mesmo apóstolo o disse, persistindo na mesma metaphora: *Bonum certamen certavi, cursum consummavi*: Já tenho vencido o certame, já tenho acabado a carreira. Já? Para bem vos seja, apóstolo sagrado; mas quando? Aqui está a dúvida. Disse isto S. Paulo na segunda epistola, que escreveu a Timotheo, a qual (como nota o cardeal Baronio) foi escripta no anno quinto de Nero, oito annos antes que o mesmo Nero lhe tirasse a cabeça. Pois se a S. Paulo lhe restavam

ainda tantos annos de vida; e podia viver muitos mais, como diz que já tinha acabado a sua carreira: *Cursum consummavi*? Porque não esperou pela morte, para acabar a vida; já tinha acabado a vida antes de morrer. E como tanto tempo antes podia dizer com verdade: *Cursum consummavi*; por isso disse tambem com a mesma verdade: *Ego curro, non quasi in incertum*, porque já tinha feito certo o incerto da morte. Para quem acaba a carreira da vida, quando morre, é a morte incerta; mas para quem a soube acabar antes de morrer, não é incerta, é certa.

E, para que vejais, quão certa é, notae, que entre todas as mortes certas só esta, com que acabamos a vida antes de morrer, tem infallivel e total certeza. Todas as outras mortes, ou no ser, ou no modo, ou no tempo, tem suas incertezas; só esta em si, e em todas suas circumstancias, é certamente certa. Quando por traça de Aman se publicou edicto de morte contra todos os Hebreus, que viviam nas cento e desesepta provincias sujeitas a el rei Assuero, diz o texto sagrado, que todo o Israel clamou a Deus, vendõ-se condemnados, sem remedio, á morte certa: *Omnis Israel clamavit ad Dominum; eo quod eis certa mors impenderet*. Era certa esta morte, porque estava sentenciada; era certa, porque estava determinado o dia; e sobre tudo era certa, porque os decretos dos reis, por lei inviolavel dos Persas e Medos, eram irrevogaveis. Mas esta mesma morte tão certa, e que por tantas razões carecia de toda a defesa e remedio humano, alfim mostrou o effeito, que não tinha infallivel certeza; porque, descoberto o engano e malidade de Aman pela rainha Esther, Assuero revogou o edicto, e todos os que estavam condemnados, e sujeitos á morte, ficaram livres e vivos. Tão incerta é a morte, ainda quando mais certa.

E se alguem me disser, que era decreto humano e fallivel, e que por isso houve incerteza na morte certa; vamos a outra morte certa por decreto divino, e vereis que tambem nella pôde haver circumstancias de incerteza. *Certus, quod verbum est depositio tabernaculi mei, secundam quod et Dominus noster Jesus Christus*

*significavit mihi*: Estou certo (diz S. Pedro na sua segunda epistola), estou certo que hei de morrer brevemente, porque assim m' o significou o mesmo Christo. Póde haver maior certeza, nem mais bem provada? Não póde. Mas, ainda assim, perguntára eu a S. Pedro: Apostolo e Pontifice Sancto, a brevidade dessa mesma morte, de que estais tão certo, saber-nos-heis dizer quão breve ha de ser? Se será neste anno, ou ño seguinte? Se será neste mez, ou em algum dos outros? Se será neste mesmo dia, e nesta mesma hora, e neste mesmo lugar, em que estais escrevendo? Nada disto podia dizer nem afirmar S. Pedro; porque debaixo daquella certeza particular, significada e declarada por Christo, estava ainda encuberta e duvidosa e egualmente infallivel aquell'outra incerteza geral, pronunçada pelo mesmo Christo: *Quia nescitis diem, neque horam*. De sorte que sabia S. Pedro que havia de morrer brevemente, mas o quando e onde não o sabia; estava certo da morte e da brevidade; mas do dia e da hora não estava, nem podia estar certo; e esta é a certeza da morte, que se acaba com a vida. Porém a morte, em que se acaba a vida antes de morrer, é tão certa em si e em todas as suas circumstancias, que, se eu me resolvo neste ponto (como devo resolver), não só sei com certeza o lugar e o dia, senão com certeza a hora, e com certeza o momento. E a razão desta differença é a que notou Job: *Breves dies hominis sunt: numerus mensuram ejus apud te est*. O quando daquella morte não o posso saber certamente; porque está em Deus: o quando de est'outra morte posso-o saber com toda a certeza, porque está em mim. Aquelle está em Deus, porque depende só da sua vontade; este está em mim, porque com a graça do mesmo Deus, que nunca falta, depende da minha.

Agora me não espanta que Deus não deferisse á petição de David; porque o despacho, se elle quizesse, estava na sua mão. Que dizia David, e que pedia a Deus? Pedia que Deus lhe revelasse o fim de sua vida: *Notum fac mihi, Domine, finem meum*. E para David, ou qualquer outro homem, sem ser propheta, saber o



fim de sua vida, não é necessário que Deus lho revele: Se eu quero saber o fim da minha vida, ponha-lhe eu o fim, e logo o saberei. Então será verdadeiramente fim meu: *Finem meum*; porque será livre, e não necessário; será voluntario, e não forçoso; será da minha eleição e do meu merecimento; será em fim fim da minha vida, e não da vida, que não é minha; porque só é minha a presente, e não a futura. Que mais pedia e queria David? *Et numerum dierum meorum*; queria saber a conta dos seus dias. Inutil desejo, e escusada petição. Pedia o que não importa nada, e deixava o que só importa. Não quero saber a conta aos dias da vida futura, quero fazer conta, e tomar conta aos dias da vida passada; não quero saber de Deus a conta dos dias, que hei de viver; quero saber de mim a conta, que hei de dar a Deus, dos dias, que tenho vivido. Esta é a necessaria e verdadeira conta dos nossos dias. Finalmente a que fim pedia David esta revelação? *Ut sciam, quid desit mihi*: Para saber (diz elle) o que me falta. E que importa saberdes o que vos falta, se é melhor não o saber? Não quero saber da vida o que me falta; quero ignorar o que me sobeja. Quem sabe quando ha de morrer, sabe os dias, que lhe faltam; quem morre antes de morrer, ignora os dias, que lhe sobejam; e esta ignorancia é melhor, que aquella sciencia. Que maior felicidade na incerteza da morte, que sobejar-me a vida? Aos que acabam a vida com a morte, falta-lhes a vida; aos que acabam a vida antes de morrer, sobeja-lhes. E sequer estes sobejos da vida não os daremos de barato a Deus e á alma? Mas vamos á ultima difficuldade.

A ultima difficuldade; e o maior perigo e aperto da morte é ser momentanea. Que cousa é morte? *Momentum, unde pendet aeternitas*; um momento, donde pende a eternidade, ou, por melhor dizer, as eternidades. O momento é um, e as eternidades, que delle pendem, são duas; ou de ver a Deus para sempre, ou de carecer de Deus para sempre. É uma linha indivisivel, que divide este mundo do outro mundo; é um horizonte extremo, donde para cima se vê o hemispherio

do céu, e para baixo o do inferno; é um ponto preciso e resumido, em que se ajunta o fim de tudo o que acaba, e o principio da que não ha de acabar. Oh que terrivel ponto este, e mais terrivel para os que nesta vida se chamam felices! *Ducunt in bonis dies suos, et in puncto ad inferna descendunt.* Se este ponto tivera partes, fôra menos temeroso, porque entre uma e outra podéra caber alguma esperança, alguma consolação, algum recurso, algum remedio; mas este ponto não tem partes, nem ata, ou se ata com partes; porque é o ultimo. O instante da morte não é como os instantes da vida. Os instantes da vida, ainda que não tem partes, unem-se com partes; porque unem a parte do tempo passado com a parte do futuro. O instante da morte é um instante, que se desata do tempo, que foi, e não se ata com o tempo, que ha de ser, porque já não ha de haver tempo: *Et tempus non erit amplius.* Não vos parece que é terrivel cousa ser a morte momentanea? Não vos parece que é terrivel momento este? Pois eu vos digo, que nem é terrivel, nem é momento para quem souber fazer pé-atraz, e acabar a vida antes de morrer; porque, ainda que a morte é momento, e não é tempo, quem acaba a vida antes de morrer, mette tempo entre a vida e a morte.

Não vos quero allegar para isto com auctoridades de Jeronymo ou Agostinho, nem com exemplos dos Hilariões e Pacomios, senão com o exemplo e com a auctoridade de um homem de capa e espada, ou de espada sem capa, que é ainda mais. Entrou um soldado veterano a Carlos V., e pediu-lhe licença com um memorial, para deixar seu serviço, e se retirar das armas. Admirou-se o imperador, e, parecendo-lhe que seria descontentamento e pouca satisfacção do tempo, que havia servido; respondeu-lhe, chamando-o por seu nome, que elle conhecia muito bem o seu valor, e o seu merecimento; que tinha muito na lembrança as batalhas, em que se achára, e as victorias, que lhe ajudára a ganhar; e que as mercês, que lhe determinava fazer, lhas faria logo effectivas com grandes vantagens de posto, de honra, de fazenda. O venturoso soldado com

tal palavra, e de um príncipe, que a sabia guardar! Mas era muito melhor, e muito maior a sua ventura. Sacra e real majestade (disse), não são essas as mercês, que quero, nem essas as vantagens, que pretendo; o que só peço e desejo da grandeza de vossa majestade, é licença para me retirar; porque quero metter tempo entre a morte e a vida: *Inter vitæ negotia et mortis diem oportere spatium intercedere*: diz o vosso e nosso Livio na historia *De Bello Belgico*. E que vos parece que faria o Cesar neste caso? Concedeu enternecido a licença; retirou-se ao gabinete; tornou a ler o memorial do soldado; e despachou-se a si mesmo. Oh soldado mais valente, mais guerreiro, mais generoso, mais prudente, e mais soldado, que eu! Tu atégora foste meu soldado, eu teu capitão; desde este ponto tu serás meu capitão, e eu teu soldado; quero seguir tua bandeira. Assim discorreu consigo Carlos, e assim o fez. Arrimado o bastão, renuncia o imperio, despe a purpura, e, tirando a corôa imperial da cabeça, põe a corôa a todas suas victorias; porque saber morrer é a maior façanha. Resolveu-se animosamente Carlos a acabar elle primeiro a vida, antes que a morte o acabasse a elle. Recolheu-se ou acolheu-se ao convento de Juste, mettu tempo entre a vida e a morte; e, porque a primeira vez soube morrer imperador, a segunda morreu sancto. Oh generoso príncipe e prudente general, que soubeste seguir, e aprender do teu soldado! Oh valente e sabio soldado, que soubeste ensinar e vencer o maior general! Ambos tocaram a recolher a tempo, e por isso seguraram a maior victoria; porque fizeram a seu tempo a retirada.

Estes são os exemplos, senhores, que vos prometti. E se por ventura quereis outros mais antigos e mais sagrados, ouvi o de outro general tambem coroadado, e de outro soldado igualmente valoroso e sabio, a quem elle imitou e seguiu. Desenganado David, como vimos, de não poder alcançar de Deus o numero, que lhe restava, de seus dias, e o fim e termo certo de sua vida, reformou o memorial, e pediu assim nas ultimas palavras do mesmo psalmo: *Remitte mihi, ut refrigerer*,

*priusquam abeam, et amplius non ero.* Já que, Senhor, não sois servido que eu saiba a certeza de minha morte, e os dias, que na vossa providencia me tendes de terminado de vida; ao menos vos peço que me concedais algum espaço de quietação e socego, em que possa metter tempo entre a vida e a morte: *Sine me refrigerari, et quiescere; priusquam moriar, et non existam in vivis; sibi enim postea placide exibo ex hac vita et sine terroribus conscientido, qui tunc exoriri solent;* commenta Genebrardo. De maneira que, desenganado David, mudou e melhorou de pensamento; e a sua ultima resolução foi segurar o estreito passo e momento da morte com metter tempo entre ella e a vida. E de quem apprendeu David, de quem apprendeu o rei, general dos exercitos de Deus, esta lição? Apprendeu-a daquelle famoso soldado, que pela experienciã de suas batalhas dizia: *Militia est vita hominis super terram.* Quasi pelas mesmas palavras de David o tinha já dito e pedido Job: *Nunquid non paucitas dierum meorum finiatur brevi? Dimitte me; ut plangam paululum dolorem meum, antequam vadam, et non revertar.* Os dias da minha vida (diz Job), ou eu queira, ou não queira, hão-se de acabar brevemente. O que pois vos peço, Senhor; é que antes da morte me concedais algum tempo, em que chore meus peccados, em que tracte só de compor a minha consciencia, e apparelhar a minha alma. Vede, quão conformes foram nesta galharda resolução o soldado primeiro, e o general depois. Job tinha dito: *Antequam vadam et non revertar;* David disse: *Priusquam abeam, et amplius non ero;* um diz *Prius*, outro diz *Ante*: e nenhum delles se atreveu a deixar a morte para a morte; ambos tractaram de ter tempo, e metter tempo entre a morte e a vida.

Mas quem era este general, quem era este soldado? Este David e este Job, que homens eram? Oh miseria e confusão de nosso descuido, e de nossa pouca fé! David era aquelle homem, que, sendo ungido por Deus, quiz antes perdoar a seu maior inimigo, que pôr na cabeça a corôa e empunhar os ceptro; era aquelle, que, depois de ser rei, tinha entre noite e dia septe

horas

horas de oração, trazendo debaixo da purpura cingido o cilicio, e domando ou humilhando (como elle dizia) seu corpo com perpetuo jejum; aquelle, que dos despojos de suas victorias ajuntava thesouros, não para si e para a vaidade, senão para a fabrica do templo; aquelle, que, sendo leigo, ordenou o canto ecclesiastico, distinguio os ministros, reformou as ceremonias, e poz em perfeição todo o culto divino e cousas sagradas; aquelle, que, se commetteu um peccado, ainda depois de absoluto e perdoado, o chorou com rios de lagrimas por todos os dias e noites de sua vida; aquelle finalmente, de quem disse o mesmo Deus que tinha achado nelle um homem á medida do seu coração. Este era David. E Job quem era? O espelho da paciencia, a columna da constancia, a regra da conformidade com a vontade divina; aquelle, a quem Deus poz em campo contra todo o poder, astucias e machinas do inferno; aquelle, que na próspera e adversa fortuna, com a mesma egualdade de animo recebia da mão de Deus os bens, e lhe agradecia os males; aquelle, com quem nasceu e crescia juntamente com a idade a compaixão dos trabalhos alheios, a misericordia e piedade com todos; aquelle, que (como elle dizia) era os olhos do cego, os pés do manco, o páe dos orfãos, o amparo das viúvas, o remedio dos necessitados, e que nunca comeu uma fatia de pão, que não partisse della com os pobres; aquelle finalmente, a quem canohezou o mesmo Deus, não só por innocente, mas pelo maior justo e sancto de todo o mundo. Este era Job, e este David; e cada um delles muito mais do que eu tenho dito, e do que se póde dizer. Agora pergunto: *E se qualquer de nós se achára com a vida de um destes homens, não se atrevêra a esperar pela morte muito confiadamente?* Se vivemos como os que vivem, e como os que vemos morrer, certo é que sim. E com tudo nem David, nem Job com tanto cabedal de virtudes, com tantos thesouros de merecimento, e o que é mais, com tantos testemunhos do céu, tiveram confiança para que os tomasse de repente o momento da morte; ambos pediram tempo a Deus para metter tempo entre a morte e a vida.

Mas para que me dilato eu em buscar exemplos estranhos, quando tenho presente em sua casa, e no seu dia o mais nosso e mais admiravel de todos? Aca-  
 bou sancto Antonio a vida em tempo, que a idade lhe promettia ainda muitos annos, porque não tinha mais de trinta e seis. E que fez muitos dias antes? Despede-  
 se de todas as occupações, ainda que tão sanctas e tão suas; deixa a cidade; vai-se a um deserto, e alli só com Deus e consigo se dispoz muito devagar, e muito de proposito para quando o Senhor o chamasse. Verdadeiramente que nenhuma consideração me faz  
 fazer maior conceito da morte, nem me causa maior horror daquelle perigoso momento, que esta ultima acção de sancto Antonio. Que córte sancto Antonio o fio ordinario de sua vida, e que, sendo a sua vida qual era, faça mudança de vida para esperar pela morte! Dizei-me, sancto meu, que vida era a vossa? Não era a mais innocente, a mais pura, a mais rigorosa? O vosso vestido não era um cilício inteiro atado com uma corda? A vossa mesa não era um perpetuo jejum, e uma pobre e continuada abstinencia? A vossa cania não era uma dura taboa, ou a terra nua? Não passaveis a maior parte da noite em oração e contemplação dos mysterios divinos? Os dias não os gastaveis em prégar, em converter peccadores, em reduzir hereges? Os vossos pensamentos não eram sempre do céu e de Deus? As vossas palavras não eram raios de luz e de fogo, com que alumiaveis intendimentos, e abrazaveis corações? As vossas obras não eram saude a enfermos, vista a cegos, vida a mortos, finalmente prodigios e milagres estupendos, em testemunhos da fé, que prégameis? Pois com esta vida ainda fugís do mundo para um deserto? Com esta vida ainda vos retirais de vós para vós, e para vos unirdes mais com Deus? Com esta vida ainda vos não atreveis a morrer? Ainda quereis acabar esta vida, e fazer outra? Ainda quereis metter tempo entre esta vida e a morte? Pare o discurso nesta admiracção, porque nem eu sei como ir por deante; nem haverá quem deseje maior, mais apertada, e mais temerosa, prova de quão necessaria seja esta anticipada prevençáo para quem sabe que ha de morrer, e o que é morrer.

Este é o unico antidoto contra o venenô da morte; este é o unico e só efficaz remedio contra todos seus perigos e difficuldades, acabar a vida antes que a vida se acabe. Se a morte é terrivel por ser uma, com esta prevençãõ serão duas; se é terrivel por ser incerta, com esta prevençãõ será certa; se é terrivel por ser momentanea, com esta prevençãõ será tempo e dará tempo. Desta maneira faremos da mesma vibora a theriãga; e o mesmo pó, que somos, será o correctivo do pó, que havemos de ser: *Pulvis es, et in pulverem reverteris.*

Parece-me, senhores meus, que tenho satisfeito ao meu argumento, e, tanto em commum, como em cada uma das suas partes, dẽmostrado a verdade d'elle; mais pela evidencia da materia, que pela força das razões, menos necessarias a um auditorio de tanto juizo e letras. Para o que se deve colher desta demonstraçãõ, quizera eu que subisse agora a este logar quem com differente espirito e efficacia a perorasse. Mas, já que hei de ser eu, ajudae-me a pedir de novo á divina bondade o favor e auxilio de sua graça, que para materia de tanto pẽso nos é necessario:

Tudo o que temos dito e ouvido, é o que nos ensina nas escripturas a fé; nos sanctos o exemplo; e ainda nos gentios o lume e razão natural. Mas, quando eu vejo e considero o modo, com que commummente vivem os christãos, e o modo, com que morrem; acho que, em vez de acabarmos a vida antes da morte, ainda depois da morte continuamos a vida. Parece paradoxo, mas é experiencia de cada dia. Que morto ha nessas sepulturas, e mais nas mais altas, em quem a morte se não anticipasse á vida? Que morto ha, que não esperasse e presumisse que havia de viver mais do que viveu? *Dum adhuc ordiret, succidit me.* Nós ordimos a tẽa, a vida a tece, a morte a corta; e quem ha ou quem houve, a quem não sobejasse depois da morte muita parte da ordidura? É possivel (dizia Ezechias, quando o propheta o avisou para morrer), é possivel que hei de acabar a vida no meio dos meus dias: *In dimidio dierum meorum vadam ad portas inferi?* E quem lhe disse a este enganado rei, que aquelle era o meio, e não o fim de seus dias? Disse-lho a sua imaginaçãõ e

a sua esperança. Cuidava que havia de viver oitenta annos, e a morte veio aos quarenta. Eis aqui como continuava e estendia a vida quarenta annos além da morte. Quantos estão já debaixo da terra, que ainda lhes faltam por viver muitos annos? Ouçamos a um destes: *Anima mea, habes multa bona in annis plurimos*: Alma minha, tens muitos bens para muitos annos: *Comede, bibe, epulare*: Leva-te boa vida, regala-te, gasta largamente, e a teu prazer, já que tiveste tão boa fortuna. Não tinha acabado de pronunciar estas palavras, quando ouviu uma voz, que lhe dizia: *Stulte, hac nocte animam tuam repetent a te*: Nescio, ignorante, insensato, este dia, que passou, foi o ultimo de tua vida, e nesta mesma noite has de morrer. Morreu naquella mesma noite; e os muitos annos, que se promettia de vida, *In annis plurimos*, que foi feito delles? Ainda se continuaram, e foram correndo em vão depois da sua morte. Verdadeiramente nescio, e peor que nescio, *Stulte*. Os annos, de que fazias conta, não eram teus; e os bens, que eram teus, serão de outrem. Mas, ainda que os annos não foram teus para a vida, serão teus para a conta; porque has de dar conta a Deus do modo, com que fazias conta de os viver. Quanto melhor conselho fôra acabar antes da morte os annos, que viveste, para o remedio, que continuar depois da morte os annos, que não viveste, para o castigo!

Agora acabo eu de intender aquelle difficilissimo conselho do Espirito Sancto: *Ne moriaris in tempore non tuo*: Não morras no tempo, que não é teu. *Ne moriaris?* Não morras? Logo na minha mão está o morrer. *In tempore non tuo?* No tempo que não é teu? Logo ha tempo que é meu, e tempo que não é meu. Assim é. Mas qual é o tempo meu, em que é bem que morra, e qual o tempo não meu, em que é bem que não morra? O tempo meu é o tempo antes da morte; o tempo não meu é o tempo depois da morte. E guardar ou esperar a morte para o tempo depois da morte, que não é tempo meu, é ignorancia, é loucura, é estulticia, como a deste nescio: *Stulte*; mas anticipar a a morte, e morrer antes de se acabar a vida, que é o tempo meu, esse é o prudente e o sabio, e o bem



intendido morrer. E isto é o que nos aconselha quem só tem na sua mão a morte e a vida: *Ne moriaris in tempore non tuo.*

Quem haverá logo, se tem juízo, que se não persuada a um tão justo, tão necessario, e tão util partido, como acabar a vida antes da morte? Faça a nossa alma com o nosso corpo, e o nosso corpo com a nossa alma o concerto, que fez Elias. Já Elias fugindo pelo deserto á perseguição da rainha Isabel, que o queria matar; e vendo quão difficultosa cousa era escapar á furia de uma mulher poderosa e irada, diz o texto que pediu a morte a sua alma: *Petivit animae suae, ut moreretur.* Alma minha, morramos: já que se ha de morrer por força, morramos por vontade. Isto pedia o corpo á alma; e isto deve tambem pedir a alma ao corpo, porque ambos vão igualmente interessados no mesmo partido: Alma minha, (diga o corpo á alma); corpo meu, (diga a alma ao corpo); se havemos de morrer depois por força, e com perigo, morramos agora e logo, de grado, e com segurança. Eu bem vejo que o vir facilmente neste concerto, é mais para os desertos, que para as côrtes. Na côrte fugia Elias da morte, no deserto chamava por ella. Mas se uma tal resolução no deserto é mais facil, na côrte é mais necessaria; porque nas côrtes é muito mais arriscado o esperar pela morte para acabar a vida.

Supposto pois que o dictame é certo, conveniente e forçoso; desçamos á practica d'elle, sem a qual tudo o demais é nada. Isto de acabar a vida antes da morte como se ha de fazer? Respondo, que fazendo resolutamente por propria eleição na morte anticipada e voluntaria tudo aquillo, que se faz prudente e christãmente na morte forçosa e precisa. Que faz um christão, quando o avisam para morrer? Primeiramente (que isto deve de ser o primeiro) confessa-se geralmente de toda sua vida, arrepende-se de seus peccados, compõe, do melhor modo que pôde, suas dividas, faz seu testamento, deixa suffragios pela sua alma, põe-na inteiramente nas mãos do padre espiritual, abraça-se com um Christo crucificado, e, dizendo como elle: *Consummatum est*, espera pela morte. Este é o mais feliz modo da

morrer, que se usa. Mas como é forçoso, e não voluntario, e aquelles poucos e perturbados actos, que então se fazem, não bastam para desfazer os máos habitos da vida passada; assim como a contrição é pouco verdadeira, e pouco firme, e as tentações então mais fortes; assim a morte é pouco segura e muito arriscada. A contrição (diz sancto Agostinho) na enfermidade é inferna, e na morte (diz o mesmo sancto) temo muito que seja morta. Deixemos logo os peccados, quando nós os deixamos, e não quando elles nos deixam a nós; e acabemos a vida, quando ainda podemos viver, e não quando ella se tem acabado. Que damos a Deus, quando elle nol-a tira? Demos a vida a Deus, em quanto elle nol-a dá; demos a Deus o tempo, que sempre é seu, em quanto é tambem nosso, e não quando já não temos parte nelle. Que propositos são aquelles de não offender mais a Deus, se eu já não tenho logar de o offender? A confissão nos tractos não é juridica, ha-se de ratificar fóra delles para fazer fé; e, pois se não póde ratificar depois, ratifique-se antes. A fazenda, que se ha de alijar ao mar das tempestades, não é mais sã conselho que fique no porto, e com ganancia? Se eu posso ser o testador do meu, e mais o testamenteiro, porque o não serei? Se o meu testamento ha de dizer: *Item deixo*; porque não dirá: *Item levo*? Não é melhor levar obras pias, que deixar demandas? Se se ha de dizer de mim em dâvida: *Fulano que Deus tem*; não é melhor que seja desde logo, e com certeza?

Para a outra vida ninguém haverá (se crê que ha outra vida), que não tenha por bom este conselho, e que só elle no negocio de maior importancia é o verdadeiro, o sólido, o seguro. Mas que diremos ao amor deste mundo, a que tão pegados estamos? É possível que de um golpe hei de cortar por todos os gostos e interesses da vida? Aquelles meus pensamentos, aquelles meus desenhos, aquellas minhas esperanças; com tudo isto hei de acabar desde logo e para sempre, e por minha vontade; e que hei de tomar a morte por minhas mãos, antes que ella me mate, e quando ainda podéra lograr o mundo, e da mesma vida muitos annos? Sobre tudo tenho muitos negocios em aberto,

muitas dependencias, muitos embarços; comporei primeiro minhas cousas, e, depois que tiver acabado com ellas, então tomarei esse conselho, e tractarei de acabar a vida antes da morte. Eis aqui o engano e a tenção, com que o demonio nos vence depois de convencidos, e com que o inferno está cheio de bons propositos.

Primeiramente esses vossos negocios e embarços não devem de ser tão grandes e de tanto pêso, como os de Carlos V.; mas, dado que o fossem, e ainda maiores, se no meio de todos elles, e neste mesmo dia viesse a febre maligna, que haviéis de fazer? Não haviéis de cortar por tudo, e tractar de vossa alma? Pois o que havia de fazer a febre, não o fará a razão? Se hoje tendes muitos embarços, á manhã haviéis de ter muito mais; e ninguem se desembarçou nunca desta meada, senão cortando-a. E quanto aos annos, que ainda podeis ter e lograr de vida; perguntê-se cada um a si mesmo, quantos annos tem? Eu quantos annos tenho vivido? Sessenta; e quantos morreram de quarenta? Quantos annos tenho vivido? Quarenta; e quantos morreram de vinte? Quantos annos tenho vivido? Vinte; e quantos morreram de dez, e de dous, e de um, e de nenhum: *De utero translatus ad tumulum?* E se eu tenho vivido mais que tantos, que injuria faço a minha vida em a querer acabar; que injuria faço aos mesmos annos em renunciar os poucos e duvidosos, pelos seguros e eternos? Finalmente se tanto amo, e tão pegado estou aos dias da vida presente, por isso mesmo os devo dar a Deus, para que elle me não tire os que ainda naturalmente posso viver, segundo aquella regra geral de sua providencia, e aquelle justo castigo dos que os gastam mal: *Viri sanguinum, et dolosi, non dimidiabunt dies suos.*

Só resta o mais difficultoso laço de desatar ou cortar, que são os que vós chamais gostos da vida, os quaes, se ella se acaba, tambem se acabam: *Past mortem nulla voluptas.* Ajude me Deus a vos desenganar neste ponto, e seja elle, como é, o ultimo. Se nesta vida (vede o que digo), se nesta vida, e neste miseravel mundo, cheio para todos os estados de tantos pezares, pãde

haver gosto algum puro e sincero, só os que acabam a vida antes de morrer, o gozam. Para todos os outros é a vida e o mundo valle de lágrimas, só para os que acabaram a vida antes da morte, é paraíso na terra. Dous homens houve só neste mundo, que verdadeira e realmente acabaram a vida antes de morrer, Henoch e Elias. Ambos acabaram esta vida ha muitos annos, e ambos hão de morrer ainda no fim do mundo. E onde estão estes dous homens, que acabaram a vida antes de morrer? Ambos, e só elles, estão no paraíso terreal, e com grande mysterio. Porque, se ha e pôde haver paraíso na terra; se ha, e pôde haver paraíso neste mundo e nesta vida; só os que acabam a vida antes de morrer, o logram. Oh que vida tão quieta! Oh que vida tão descansada! Oh que vida tão felice, e tão livre de todas as perturbações, de todos os desgostos, de todos os infortunios do mundo! Depois que Henoch acabou a vida do mundo, succedeu logo nelle a maior calamidade, que nunca se viu, nem verá, o diluvião universal. O mundo granda estava já todo afogado debaixo daquelle immenso mar sem porto, nem ribeira: o mundo pequeno mettido em uma arca, já subindo ás estrellas, já descendo aos abyssos sem piloto, sem leme, sem luz, fluctuava attonitamente naquella tempestade de tempestades. Os montes soçobrados, as cidades sumidas, o céu de todas as partes chovendo lansas, e fulminando raios. E só Henoch, no meio de tudo isto, como estava? Sem perigo, sem temor, sem cuidado. Porque, ainda que lhe chegassem lá os échos dos trovões, e o ruido da tormenta, nada disto lhe tocava. Eu já acabei com o mundo, o mundo já acabou para mim; que importa que se acabe para os outros? Lá se aventham com os seus trabalhos, pois vivem, que eu já acabei a vida. Neste tempo não era ainda nascido Elias. Nasceu Elias, viveu annos, e antes de morrer, acabou a vida do mesmo modo. Mas que não padeceu o mundo, e a terra, onde Elias vivia, depois deste seu apartamento? Veio contra Samaria Senacherib, e Salmanazar; veio contra Jerusalém Nabuchodonosor; tudo guerras, tudo fomes, tudo batalhas, ruinas, incendios, captiveiros, desterros. As dez tribus de Israel levadas aos Assy-

rios, donde nunca tornaram; as duas tribus de Judá e Benjamin transmigradas a Babylonia; donde voltaram despedaçadas depois de septenta annos. Porém Elias, que n'outro tempo o comia tanto o zelo e amor da patria, estava-se no seu paraíso em summa paz, em summa quietação, em summo socego, em summa felicidade. Volte-se o mundo debaixo para cima; reine Joachim, ou reine Salmanazar; reine Nabucho, ou reine Cyro; vença Jerusalém, ou vença Babylonia; vão uns, e tornem, e vão outros para não tornar; que se lhe dá disso a Elias? Quem tem acabado a vida, de todos estes vaivens da fortuna, está seguro.

O mesmo acontece, senhores meus, e o mesmo experimenta todo aquelle, que de veras se resolve a deixar o mundo ao mundo, e acabar a vida antes da morte. Não são necessarios para isso arrebatamentos, como os de Henoch, nem carros de fogo, como o de Elias, senão uma valente resolução. Quem assim se resolveu, goza como Henoch, e Elias, todos os privilegios de morto. Corra o mundo por onde correr, nenhuma cousa lhe empeco, nem lhe dá cuidado. Um dos professores deste estado foi (como vimos) S. Paulo, e por isso ainda vivo dizia: *Vivo autem, jam non ego*. E que quer dizer: Eu vivo, mas já não sou eu? Quer dizer (diz S. Bernardo): *Ad alia quidem omnia mortuus sum, non sentio, non attendo, non curo*. Todas as cousas deste mundo são para mim, como para os mortos: nem as sinto, nem me dão cuidado, nem faço mais caso dellas, que se não foram; porque se ellas ainda são, eu já não sou. Considerae as imunidades dos mortos, e vereis o descanso de que gozam, e os trabalhos, de que se livram, os que anticipam a morte. Vieram ao calvario os executores de Pilatos, para quebrar as canellas aos crucificados, e assim o fizeram a Dymas e Gestas, com as grandes dores daquelle tormento; porque estavam ainda vivos. *Ad Josum autem cum venissent*: Mas quando chegaram a Christo: *Ut viderunt eum jam mortuum, non fregerunt ejus erura*: Como viram que estava já morto, não executaram nelle aquella crueldade. De quantos quebrantamentos, de quantas molestias, de quantas semrazões se livra, quem está já

morto? O epitaphio, que eu pozera a um morto destes; é aquelle verso de David?

*Inter mortuos liber:*

Entre os mortos livre. Livre dos cuidados do mundo; porque já está fóra do mundo. Livre de emulações e invejas; porque a ninguem faz opposição. Livre de esperanças e temores; porque nenhuma cousa deseja. Livre de contingencias e mudanças; porque se isentou da jurisdicção da fortuna. Livre dos homens, que é a mais difficullosa liberdade; porque se descaptivou de si mesmo. Livre finalmente de todos os pezares, molestias e inquietações da vida; porque já é morto.

A todos os mortos se canta piamente por costume: *Requiescant in pace*. Mas esta paz e este descanso, só o logram seguramente os que morreram antes de morrer. Vede-o no mesmo texto de David, donde a igreja tomou aquellas palavras: *In pace in id ipsum dormiam, et requiescam*: Morrerei, e descansarei em paz para isso mesmo: *In id ipsum*. Nesta clausula, *In id ipsum*, está o mysterio, que, sendo a sentença tão clara, a faz difficullosa, mas admiravel. Que quer dizer: Morrerei, e descansarei em paz para isso mesmo? Se dissera: Morrerei para descansar em paz, bem se intendia: mas: Morrerei, e descansarei em paz para isso mesmo? Se ha de morrer, e descansar em paz para isso mesmo, ha de morrer, e descansar em paz, para morrer, e descansar em paz? Assim é; e esse foi o profundo pensamento de David. Como se dissera: Eu quero morrer e descansar em paz na vida. E porque, ou para que? Para isso mesmo; para morrer e descansar em paz na morte: *In pace in id ipsum dormiam, et requiescam*. Por isso com grande propriedade significou o morrer pela phrase de dormir: *Dormiam*; porque o somno é morte em vida. Daqui se seguem duas consequencias ultimas, ambas notaveis e de grande consolação para os que morrem antes de morrer. A primeira, que só elles (como pouco ha dissemos) gozam seguramente de paz e descanso. A segunda, que da paz e descanso desta morte se segue tambem seguramente a paz e descanso da outra, que é o argumento de todo o nosso discurso. Os que morrem, quando morrem, perdem o

descanço da vida, e não conseguem ordinariamente a da eternidade; porque passam de uns trabalhos a outros maiores. Assim diziam no inferno aquelles miseraveis, que já tinham sido felices: *Lassati sumus in via triquitatis*: Chegámos cansados ao inferno. Ao inferno; e cansados; porque lá não tivemos descanso, e cá teremos tormentos eternos. Pelo contrario os que morrem antes de morrer, morrem descansados, e morrem para descansar: *In pace in id ipsum dormiam, et requiescam*. Oh que paz! oh que descanso para a vida, e para a morte! Creio que ninguem haverá, se tem juizo, que se não resolva desde logo a viver e morrer assim; ou a morrer assim para morrer assim. Acabando desta maneira a vida, esperaremos confiadamente a morte, e por beneficio do pó que somos: *Pulvis es*; não temeremos o pó que havemos de ser: *In pulverem revertetis*.

## VI.

*A peroração do sermão de Vieira pelo bom successo das armas de Portugal contra as de Hollanda, já acima citado.*

Chegado a este ponto, de que não sei, nem se pôde passar, parece-me que nos está dizendo vossa divina e humana bondade, Senhor, que o fizereis assim facilmente, e vos deixariais persuadir e convencer destas nossas razões; senão que está clamando por outra parte vossa divina justiça; e como sois igualmente justo e misericordioso, que não podeis deixar de castigar; sendo os peccados do Brasil tantos e tão grandes. Confesso, Deus meu, que assim é, e todos confessamos que somos grandissimos peccadores. Mas tão longe estou de me aquietar com esta resposta, que antes esses mesmos peccados, muitos e grandes, são um novo e poderoso motivo dado por vós mesmo para mais convencer vossa bondade.

A maior força dos meus argumentos não consistiu em outro fundamento atégora, que no crédito, na honra, e na gloria de vosso sanctissimo nome: *Propter nomen tuum*. E que motivo posso eu offerecer mais

glorioso ao mesmo nome, que serem muitos e grandes os nossos peccados? *Propter nomen tuum, Domine, propitiaberis peccato meo: multum est enim.* Por amor de vosso nome, Senhor, estou certo (dizia David) que me haveis de perdoar meus peccados, porque não são quaesquer peccados, senão muitos e grandes: *Multum est enim.* Oh motivo digno só do peito de Deus! Oh consequencia, que só na summa bondade póde ser forçosa! De maneira que para lhe serem perdoados seus peccados, allegou um peccador a Deus, que são muitos e grandes. Sim; e não por amor do peccador, nem por amor dos peccados, senão por amor da honra e gloria do mesmo Deus, a qual quanto mais e maiores são os peccados, que perdôa, tanto maior é, e mais engrandece e exalta seu sanctissimo nome: *Propter nomen tuum, Domine, propitiaberis peccato meo: multum est enim.* O mesmo David distingue na misericordia de Deus grandeza e multidão; a grandeza: *Secundum magnam misericordiam tuam;* a multidão: *Et secundum multitudinem miserationum tuarum.* E como a grandeza da misericordia divina é immensa, e a multidão de suas misericordias infinita; e o immenso não se póde medir, nem o infinito contar; para que uma e outra, de algum modo, tenha proporcionada materia de gloria, importa á mesma grandeza da misericordia, que os peccados sejam grandes, e á mesma multidão das misericordias, que sejam muitos: *Multum est enim.* Razão tenho eu logo, Senhor, de me não render á razão de serem muitos e grandes nossos peccados. E razão tenho tambem de instar em vos pedir a razão, por que não desistis de os castigar: *Quare obdormis? Quare faciem tuam avertis? Quare oblivisceris inopias nostrae, et tribulationis nostrae?*

Esta mesma razão vos pediu Job, quando disse: *Cur non tollis peccatum meum, et quare non auferis iniquitatem meam?* E posto que não faltou um grande interprete de vossas escripturas, que o arguisse por vossa parte, em fim se deu por vencido, e confessou, que tinha razão Job em vol-a pedir: *Criminis in loco Deo impingis, quod ejus, qui deliquit, non miseretur?* diz São Cyrillo Alexandrino. Basta, Job, que crimi-



nais, e accusais a Deus de que castiga vossos peccados? Nas mesmas palavras confessais, que comettestes peccados e maldades; e com as mesmas palavras pedis razão a Deus, por que as castiga? Isto é dar a razão, e mais pedil-a. Os peccados, que não occultais, são a razão do castigo; pois se dais a razão, porque a pedis? Porque, ainda que Deus, para castigar os peccados, tem a razão de sua justiça; para os perdoar e desistir do castigo, tem outra razão maior, que é a da sua gloria: *Qui enim misereri consuevit, et non vulgarem in eo gloriam habet, ob quam causam mel non miseretur?* Pede razão Job a Deus, e tem muita razão de a pedit (responde por elle o mesmo sancto, que o arguiu), porque, se é condição de Deus usar de misericordia, e é grande e não vulgar a gloria, que acquire em perdoar peccados, que razão tem, ou pôde dar bastante de os não perdoar? O mesmo Job tinha já declarado a força deste seu argumento nas palavras antecedentes, com energia para Deus muito forte: *Peccavi; quid faciam tibi?* Como se dissera: Se eu fiz, Senhor, como homem em peccar, que razão tendes vós para não fazer como Deus em me perdoar? Ainda disse, e quiz dizer mais: *Peccavi; quid faciam tibi?* Pequei; que mais vos posso fazer? E que fizestes vós, Job, a Deus em peccar? Não lhe fiz pouco; porque lhe dei occasião a me perdoar, e, perdoando-me, ganhar muita gloria. Eu dever-lhe-hei a elle, como a causa, a graça, que me fizer; e elle dever-me-ha a mim, como a occasião, a gloria, que alcançar.

É se é assim, Senhor, sem licença, nem encarecimento; se é assim, misericordioso Deus, que em perdoar peccados se augmenta a vossa gloria, que é o fim de todas vossas acções; não digais que nós não perdoais, porque são muitos e grandes os nossos peccados; que antes, porque são muitos e grandes, deveis dar essa grande gloria á grandeza e multidão de vossas misericordias. Perdoando-nos e tendo piedade de nós, é que haveis de ostentar a soberania de vossa Majestade, e não castigando-nos, em que mais se abate vosso poder, do que se accredita. Vede-o neste ultimo castigo, em que contra toda a esperança do mundo e de

tempo, fizestes que se derrotasse a nossa armada, a maior, que nunca passou a equinoccial. Podestes, Senhor, derrotal-a; e que grande gloria foi de vossa omnipotencia poder o que póde o vento? *Contra folium, quod vento rapitur, ostendis potentiam.* Desplantar uma nação, como nos ides desplantando, e plantar outra, tambem é poder, que vós commettestes a um homemzinho de Anathoth: *Ecce constitui te super gentes, et super regna, ut evellas, et destruas, et dissipes, et aedifices, et plantes.* O em que se manifesta a majestade, a grandeza e a gloria da vossa infinita omnipotencia, é em perdoar e usar de misericordia: *Qui omnipotentiam tuam, parcendo maxime et miserando, manifestas.* Em castigar venceis-nos a nós, que sois creaturas fracas; mas em perdoar, venceis-vos a vós mesmo, que sois todo-poderoso e infinito. Só esta victoria é digna de vós, porque só vossa justiça póde pelejar com armas eguaes contra vossa misericordia; e, sendo infinito o vencido, infinita fica a gloria do vencer. Perdoae pois, benignissimo Senhor, por esta grande gloria vossa: *Propter magnam gloriam tuam;* perdoae por esta gloria immensa de vosso sanctissimo nome: *Propter nomen tuum.*

E, se acaso ainda reclama vossa divina justiça, por certo, não já misericordioso, senão justissimo Deus, que tambem a mesma justiça se poderá dar por satisfeita com os rigores e castigos de tantos annos. Não sois vós, em quanto justo, aquelle justo juiz, de quem canta o vosso propheta: *Deus iudex justus, fortis, et patiens, nunquid irascitur per singulos dies?* Pois se a vossa ira, ainda como de justo juiz, não é de todos os dias, nem de muitos; porque se não dará por satisfeita com rigores de annos, e tantos annos? Sei eu, legislador supremo, que nos casos de ira, posto que justificada, nos manda vossa sanctissima lei, que não passe de um dia, e qua, antes de se pôr o sol, tenhamos perdoado: *Sol non occidat super iracundiam vestram.* Pois, se da fraqueza humana, e tão sensitiva, espera tal moderação nos aggravos vossa mesma lei, e lhe manda que perdôe, e se aplaque em termo tão breve e tão preciso; vós, que sois Deus infinito, e tendes um coração tão dilatado como vossa immensidade, e em materia de per-

clão vos propondes aos homens por exemplo; como é possível, que os rigores de vossa ira se não abrandem em tantos annos, e que se ponha, e torne a nascer o sol tantas e tantas vezes, vendo sempre desembainhada, e correndo sangue, a espada de vossa vingança? Sol de justiça cuidei eu que vos chamavam as escripturas, porque, ainda quando mais fogoso e ardente, dentro do breve espaço de doze horas passava o rigor de vossos raios; mas não o dirá assim este sol material, que nos alumia e rodeia; pois ha tantos dias, e tantos annos, que, passando duas vezes sobre nós de um tropico a outro, sempre vos vê irado.

Já vos não allego, Senhor, com o que dirá a terra e os homens, mas com o que dirá o céu e o mesmo sol. Quando Josué mandou parar o sol, as palavras da lingua hebraica, em que lhe falou, foram, não que parasse, senão que se calasse: *Sol, tace contra Gabaon*. Calar mandou ao sol o valente capitão, porque aquelles resplendores amortecidos, com que se ia sepultar no occaso, eram umas linguas mudas, com que o mesmo sol o murmurava de demasiadamente vingativo; eram umas vozes altissimas, com que desd' o céu lhe lembrava a lei de Deus, e lhe pregava, que não podia continuar a vingança; pois elle se ia metter no occidente: *Sol non occidat super iracundiam vestram*. E se Deus, como auctor da mesma lei, ordenou que o sol parasse, e aquelle dia (o maior que viu o mundo) excedesse os termos da natureza por muitas horas, e fosse o maior; foi para que, concordando a justa lei com a justa vingança, nem por uma parte se deixasse de executar o rigor do castigo, nem por outra se dispensasse no rigor do preceito. Castigue-se o Gabaonita, pois é justo castigal-o; mas esteja o sol parado, até que se acabe o castigo; para que a ira, posto que justa, do vencedor não passe os limites de um dia. Pois se este é, Senhor, o termo prescripto de vossa Lei; se fazeis milagres, e taes milagres, para que ella se conserve inteira; e se Josué manda calar e emmudecer o sol, porque se não queixe, e dê vozes contra a continuação de sua ira; que quereis que diga o mesmo sol, não parado, nem emmudecido? Que quereis que diga a lua e

estrellas, já cansadas de ver nossas miserias? Que queis reis que digam todos esses céus creados, não para apregoar vossas justicas, senão para cantar vossas glorias: *Coeli enarrant gloriam Dei?*

Finalmente, benignissimo Jesu, verdadeiro Josué, e verdadeiro sol, seja o epilogo e conclusão de todas as nossas razões o vosso mesmo nome: *Propter nomen tuum*. Se o sol estranha a Josué rigores de mais de um dia, e Josué manda calar o sol, porque lh'os não estranhe; como pôde estranhar vossa divina justiça, que useis connosco de misericordia depois da execução de tantos e tão rigorosos castigos, continuados, não por um dia, ou muitos dias de doze horas, senão por tantos e tão compridos, que cedo serão doze? Se sois Jesu, que quer dizer *salvador*, sêde Jesu, e sêde salvador nosso. Se sois sol, e sol de justiça, antes que seponha o deste dia, deponde os rigores da vossa. Deixae já o signo rigoroso de Leão, e dae um passo ao signo de Virgem, signo propicio e benefico. Recebei influencias humanas de quem recebestes a humanidade. Perdoae-nos, Senhor, pelos merecimentos da Virgem Santissima. Perdoae-nos por seus rogos; ou perdoae-nos por seus imperios; que, se como creatura vos pede por nós o perdão, como mãe vos pôde mandar, e vos manda, que nos perdoeis. Perdoae-nos em fim, para que a vosso exemplo perdoemos; e perdoae-nos tambem a exemplo nosso; que todos desde esta hora perdoamos a todos por vosso amor: *Dimitte nobis debita nostra, sicut et nos dimittimus debitoribus nostris. Amen.*

F I M.

# INDICE.

## PRIMEIRO GENERO.

### DISCURSO FAMILIAR.

	Pag.
DIALOGOS . . . . .	7
I.	
<i>Dos louvores da lingua portugueza . . . . .</i>	<i>ib.</i>
II.	
<i>Sobre o desprezo das riquezas e inconstancia das prosperidades . . . . .</i>	<i>14</i>
III.	
<i>Da conquista da India pelos Portuguezes . . . . .</i>	<i>16</i>
APOLOGOS DIALOGAES	25
<i>Hospital das letras . . . . .</i>	<i>ib.</i>
EXEMPLOS	26
I.	
<i>Exemplo de caridade . . . . .</i>	<i>ib.</i>
II.	
<i>— de amor da patria . . . . .</i>	<i>30</i>
III.	
<i>— de amor conjugal . . . . .</i>	<i>31</i>
IV.	
<i>— de amor filial . . . . .</i>	<i>32</i>
V.	
<i>— de amor fraternal . . . . .</i>	<i>33</i>
VI.	
<i>— de gratidão . . . . .</i>	<i>35</i>
VII.	
<i>— de amizade . . . . .</i>	<i>ib.</i>

	VIII.	
<i>Exemplo de fidelidade</i>		36
	IX.	
— <i>de valor</i> . . . . .		37
PARABOLAS . . . . .		40
GNOMAS . . . . .		42
APOPHTHEGMAS . . . . .		44

## SEGUNDO GENERO.

### DISCURSO EPISTOLAR.

CARTAS . . . . .		47
	I.	
<i>Carta de bons annos</i> . . . . .		ib.
— <i>dita</i> — . . . . .		48
	II.	
<i>Carta de parabens</i> . . . . .		ib.
— <i>dita</i> — . . . . .		49
	III.	
<i>Carta de recommendação</i> . . . . .		50
— <i>dita</i> — . . . . .		ib.
	IV.	
<i>Carta de empenho</i> . . . . .		51
— <i>dita</i> — . . . . .		52
	V.	
<i>Carta de supplica</i> . . . . .		53
— <i>dita</i> — . . . . .		ib.
	VI.	
<i>Carta de agradecimento</i> . . . . .		54
— <i>dita</i> — . . . . .		56
	VII.	
<i>Carta de pezames</i> . . . . .		ib.
— <i>dita</i> — . . . . .		57

Carta de  
— dita  
Carta de  
Carta de  
Carta de  
Carta d  
Carta  
Carta  
—  
Carta  
Carta  
Carta  
Desc  
—  
—  
—  
—

	VIII.	Pag.
<i>Carta de consolação</i> . . . . .		ib.
<i>— dita —</i> . . . . .		58
	IX.	
<i>Carta de resignação</i> . . . . .		59
	X.	
<i>Carta de desengano e escusa a um pedido</i> . . . . .		60
	XI.	
<i>Carta de participação</i> . . . . .		ib.
	XII.	
<i>Carta de despedida</i> . . . . .		63
	XIII.	
<i>Carta de participação e queixa</i> . . . . .		64
	XIV.	
<i>Carta sobre politica</i> . . . . .		67
<i>— dita —</i> . . . . .		70
	XV.	
<i>Carta com offerta</i> . . . . .		77
	XVI.	
<i>Carta do governador de Diu á camára de Góá</i> . . . . .		ib.
	XVII.	
<i>Carta em resposta á antecedente</i> . . . . .		79

## TERCEIRO GENERO.

### DISCURSO DESCRIPTIVO.

VARIAS DESCRIPÇÕES . . . . .	83
I.	
<i>Descripção do convento de Bomfeca</i> . . . . .	ib.
II.	
<i>— de Santarem</i> . . . . .	92
III.	
<i>— da igreja da Batalha</i> . . . . .	97
IV.	
<i>— da batalha na tomada de Ceuta</i> . . . . .	101
V.	
<i>— da cidade de Nanquim</i> . . . . .	108

	Pag.
VI.	
<i>Descripção da cidade de Pequim . . . . .</i>	112
VII.	
——— <i>d'um naufragio . . . . .</i>	128
VIII.	
——— <i>do bom natural da gente do Japão . . . . .</i>	130
IX.	
——— <i>dos effeitos da necessidade . . . . .</i>	133
X.	
——— <i>dó amor . . . . .</i>	134
XI.	
——— <i>da formosura . . . . .</i>	135
XII.	
——— <i>da fortuna . . . . .</i>	136
XIII.	
——— <i>da guerra . . . . .</i>	176
XIV.	
——— <i>da estatuaría . . . . .</i>	ib.

## QUARTO GENERO.

### DISCURSO HISTORICO.

VARIAS NARRAÇÕES . . . . .	139
I.	
<i>Narração da tomada de Malaca . . . . .</i>	ib
II.	
——— <i>da partida de Affonso d'Albuquerque para Cochim . . . . .</i>	147
III.	
——— <i>da chegada de Affonso d'Albuquerque a Góa . . . . .</i>	152
IV.	
——— <i>da victoria dos Portuguezes na defesa de Mazagão . . . . .</i>	152
V.	
——— <i>da visita do arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres á devotissima casa de N. Senhora de Monserrate . . . . .</i>	166



VI.

*Narração da jornada do arcebispo, visitando as terras de Barroso . . . . . 172*

VII.

*do cerco dos Portuguezes no forte do Sibrião no Pegú . . . . . 178*

QUINTO GENERO.

DISCURSO ORATORIO.

ELOQUENCIA PROFANA . . . . . 183

I.

*Discurso exhortatorio de Coge Çofar aos Turcos . . . . . ib.*

II.

*dito de D. João de Castro, enviando seu filho com soccorro a Diu . . . . . 184*

III.

*dito de D. João de Mascarenhas aos soldados em Diu . . . . . 185*

IV.

*dito de Rumeção a seus cabos e soldados 186*

V.

*deliberativo de D. Diogo d'Almeida, dissuadindo a batalha contra Rumeção . . . . . ib.*

VI.

*laudativo, ou elogio funebre a Fr. Bartholomeu dos Martyres . . . . . 189*

VII.

*suasorio de D. Bernardo da Cruz, e Fr. Luiz de Granada ao arcebispo . . . . . 191*

VIII.

*Resposta do arcebispo, refutando as razões produzidas no discurso antecedente . . . . . 193*

IX.

*Discurso dos amigos de S. Francisco Xavier, dissuadindo-o da jornada do Japão . . . . . 197*

X.	
<i>Resposta de S. Francisco Xavier , refutando as razões do discurso antecedente . . . . .</i>	200
XI.	
<i>Fala de Affonso d'Albuquerque aos capitães e gente da armada . . . . .</i>	204
XII.	
<i>Discurso de Camillo Porcio ao papa Leão X. . . . .</i>	206
XIII.	
<i>Práctica de D. Aleixo de Menezes a el rei D. Sebastião . . . . .</i>	215
ELOQUENCIA SAGRADA . . . . .	220
I.	
<i>O exordio e a narração do sermão de S. Catharina , pregado por Vieira á Universidade de Coimbra em 1663. . . . .</i>	ib.
II.	
<i>O exordio abrupto do sermão da primeira domingo do advento , pregado por Vieira na capella real em 1650 . . . . .</i>	225
III.	
<i>Um trecho da confirmação do sermão de Vieira pelo bom successo das armas de Portugal contra as de Hollanda . . . . .</i>	227
IV.	
<i>A peroração do sermão da quarta domingo da quaresma , pregado por Vieira em 1655 . . . . .</i>	234
V.	
<i>O segundo sermão da cinza , pregado por Vieira em Roma no anno de 1673 . . . . .</i>	238
VI.	
<i>A peroração do sermão de Vieira pelo bom successo das armas de Portugal contra as de Hollanda , já acima citado . . . . .</i>	267

FIM DO INDICE.